

SHEIKH AMINUDDIN MOHAMAD

المأثرة في الإسلام

«بالغة البرقة البينة»

تأليف فضيلة الشيخ
أمين الدين محمد بن أبي
عيسى المجلس الإسلامي، بدولة تونس

A mulher no Islam

VOL. II

Publicação do:
Instituto Islâmico Hamza
Cidade da Matola
Moçambique

Sheikh Aminuddin Mohamad

A MULHER NO ISSLAM

VOLUME II

*À minha esposa Munira e às minhas filhas, Aissa,
Warda, Raissa, Yussrá, Nawal e Fátima, dedico este
livro, com carinho e amor.*

Publicação do
INSTITUTO ISSLÂMICO HAMZA

INDICE

VOLUME II

CAPÍTULO III

A POLIGAMIA	1
O CONTROLO DA NATALIDADE	27
O ponto de vista Islâmico	37
A contracepção	40
Métodos Reversíveis	48
Métodos Irreversíveis	48
As consequências fatais da adopção do controlo de natalidade como uma política nacional	60
A INFERTILIDADE	66
A clonagem	73
Mãe de aluguer, mãe portadora ou mãe gestativa	79
A fertilização da esposa após a morte do marido (fertilização póstuma)	86
O ABORTO	87
Opiniões das quatro escolas de jurisprudência à cerca do aborto	93
Formas de compensação	98
Quem deve pagar o Al-Gurrah	99
Ad-Diyah	100
Al-Kaffárah	101
O aborto devido a defeitos no feto	103

CAPÍTULO IV

A FEMINILIDADE	107
Alguns assuntos íntimos femininos	107
A mulher e o período menstrual	115

O Nifáss	118
A gravidez e o parto	125
A amamentação e o seu período	127
A excisão feminina (circuncisão)	129
Miscelâneas	129
A MULHER MUÇULMANA NA HISTÓRIA	131
O papel da mulher muçulmana contemporânea	144
A QUESTÃO DA LIDERANÇA	156
A questão da mulher como juiz nos tribunais	162
Será que a mulher pode liderar o Salat?	163
A participação da mulher no exército ou na polícia	171
SERÁ QUE A MULHER É IGUAL AO HOMEM?	175
O HIJAB	203
A história do Hijab	220
Escravidão mental	221
A mulher e o Massjid	226
A voz da mulher	229
O véu noutras religiões	231

CAPÍTULO III

A POLIGAMIA

Apesar de a palavra “poligamia” ser a mais comumente usada para designar a prática de um homem dispôr de mais de uma mulher, o termo mais correcto é “poliginia”.

Não foi o Isslam que introduziu a poligamia, pois ela já existia na Arábia e noutras sociedades. Desde os primórdios da Humanidade que a poligamia foi sempre uma prática instituída e reconhecida em quase todas as sociedades humanas, e fez sempre parte integrante das civilizações humanas conhecidas.

De acordo com Will Durant no seu livro “The Story of Civilization – Volume I”, os teólogos medievais julgavam que Muhammad S.A.W. implantara a poligamia. Mas, esta antecederá já o ressurgimento do Isslam por alguns anos, sendo a forma de casamento predominante no mundo primitivo.

Muitas são as causas que estão por detrás da sua generalização.

A sua prática era mais comum entre a realeza, mas às vezes era também praticada por pessoas vulgares.

Entre os hindus na Índia, a poligamia existia desde tempos antigos, e aparentemente não havia restrição alguma no número de mulheres que um homem podia ter.

No Rig Veda e noutras escrituras hindus mencionam-se muitos casos de reis e heróis que tinham várias mulheres.

Um Brahmin, pertence a uma alta casta, mesmo nos nossos tempos modernos, tem o privilégio de casar quantas mulheres ele desejar.

(Ameer Ali)

Os Babilónios, os Africanos, e outros povos, praticavam a poligamia.

Na era Bíblica a poligamia era comum, e a maior parte dos famosos profetas tinham várias mulheres. Abraão (Ibrahim A.S.) tinha duas mulheres, Jacob (Yaqub A.S.) e Moisés (Mussa A.S.), tinha cada um deles quatro mulheres.

O rei David (Dawud A.S.) tinha noventa e nove mulheres e

concubinas (2, *Samuel*, 5:13), o rei Salomão (Suleiman A.S.) tinha setecentas mulheres e trezentas concubinas.

(I, *Reis*, 11:3).

Gedeão, um dos profetas do povo de Israel, tinha 70 filhos próprios, porque possuía numerosas mulheres, para além de concubinas.

(*Juízes*, Cap.9, Vers. 30 e 31).

De acordo com a Lei Talmúdica, a poligamia é permitida no judaísmo.

(*A Guide to Jewish Religion Practice*, New York, 1979).

A lei Mosaica não impunha nenhuma restrição no número de mulheres que um judeu podia ter. Mas mais tarde, o Talmud de Jerusalém limitou o seu número à capacidade de o marido conseguir mantê-las condignamente.

Gustav Le Bon diz: “A prática de poligamia era muito comum entre o povo de Israel, não havendo nenhuma lei civil ou religiosa que a ela se opusesse”.

Jesus Cristo nunca se pronunciou contra a poligamia, antes pelo contrário, ele confirmou a Lei de Moisés, e nesta a poligamia é formalmente reconhecida. Jesus disse:

“Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas. Não vim revogá-la mas completá-la.”

(*S. Mateus* 5-17)

Eminentes teólogos cristãos, como Lutero, Melancton, Bucer e outros (*Dictionaire de La Bible e Polygamie*) não teriam hesitado em considerar a poligamia legal a partir da parábola das dez virgens contida no Evangelho de Mateus (25:1-2) na qual Jesus Cristo prevê a possibilidade de um homem casar-se com até dez moças em simultâneo. Se a poligamia fosse proibida no Cristianismo, Jesus Cristo não teria apresentado a Parábola da “Felicidade no Reino do Céu” recorrendo ao exemplo de algo proibido. Portanto, a lei não pode ser alterada por os cristãos não quererem beneficiar da autorização que Jesus Cristo lhes transmitiu.

Não há nada no Novo Testamento que abroge ou retire essa permissão. O muito citado texto de S. Mateus, 19, Vers.

9: “Ora eu digo-vos, se alguém repudiar sua mulher, excepto em caso de adultério, e casar-se com outra, cometeu adultério”. Este versículo proíbe o divórcio, mas não a poligamia. O homem que deixa a sua mulher sem nenhuma razão válida, casando-se com outra, está cometendo adultério contra a sua primeira mulher. Portanto, a ofensa pode ser evitada mantendo o casamento com a primeira mulher. Mesmo assim as igrejas actualmente toleram o adultério e a fornicção, mas no seu conceito não há maior pecado do que casar-se com uma outra mulher. Os padres da igreja europeia começaram a opôr-se à poligamia desde pelo menos o ano 600 DC. Mas antes disso os reis cristãos e imperadores na Europa – Valentinian, Lothair da França, Papin, Carlos Magno e Barba Rossa – praticaram e permitiram a prática da poligamia ilimitada. O rei Henrique VIII da Inglaterra (1491 – 1547), tinha seis mulheres. O imperador Luis VI tinha três mulheres, e teve a quarta que deu à luz um varão chamado Constantin, que reinou depois do pai o Império Romano do Oriente.

Assim, pode-se dizer que na religião cristã original, a poligamia era permitida, e é por isso que os antigos cristãos tinham várias mulheres.

A Lei Islâmica não aboliu a poligamia, permitiu-a como recurso em caso de necessidade, sendo preferível do que outras alternativas. Contudo, restringiu o número máximo de mulheres em simultâneo à quatro, e na condição de se ser justo no tratamento a dispensar a todas elas.

O único versículo do Alcorão que se refere à poligamia é o seguinte:

“E se receais que não podereis ser justos com as órfãs, então casai-vos além delas com as mulheres que vos agradam, duas, três, ou quatro; contudo, se receais que não podereis manter justiça e igualdade entre (todas) elas, então casai só com uma, ou contentai-vos com as escravas que possuíis. Isso é mais adequado, para evitar que cometais injustiças.”

Cap. 4, Vers. 3

Este versículo foi revelado imediatamente após a batalha de Uhud, quando a comunidade islâmica ficou com muitos órfãos, viúvas e algumas prisioneiras de guerra. Não se limitava apenas às órfãs, tinha e tem aplicação nas leis de casamento

no Isslam.

O texto Alcorânico impôs condicionantes na permissão da poligamia, pois se o simples receio de não se poder ser justo para com todas as esposas, já torna harâm (proibido) casar-se com mais de uma mulher, e para esses é obrigatório limitar-se a apenas uma. O Profeta S.A.W. disse: “Quem tem duas mulheres e tende a dedicar-se mais a uma delas, i.é, não as trata por igual, no Dia da Ressurreição ele surgirá com uma parte (flanco) inclinado”. *(At-Tirmizi, Abu Daud, An-Nassai)*

E diz: “O homem que se casa com mais de uma mulher e não as trata por igual, i.é, com justiça, será ressuscitado com metade das suas faculdades paralisadas. *(Al-Bukhari)*

Naufal Bin Muawiyah narra que: “Quando eu abracei o Isslam, tinha cinco mulheres. Perguntei ao Profeta acerca disso e ele disse: deixa uma e mantenha quatro”. *(Sharhus-Sunnat)*

Umeira Al-Assad diz que quando eu abracei o Isslam, tinha oito mulheres, mencionei isso ao Profeta SAW e ele me disse: escolha de entre elas quatro. *(Relato de Abu Daud)*

Ibn Omar narra que Gailan Bin Salamah As-Saqafi quando abraçou o Isslam tinha dez mulheres, desposadas nos tempos de jahiliyah. Elas também abraçaram o Isslam na mesma altura. Então, o Profeta S.A.W. disse: “Mantenha quatro mulheres e deixa as restantes”.

(Ahmad, At-Tirmizi, Ibn Majah, Al-Bukhari)

Os comentadores do Alcorão enumeraram as circunstâncias excepcionais que não só justificam a poligamia como até a tornam necessária. Eis aqui alguns problemas difíceis e complexos que podem ser resolvidos através da poligamia, e para os quais os defensores acérrimos da monogamia não têm soluções. Por exemplo:

1 - Nos casos de guerra

Nos casos de guerra, o maior número de mortes regista-se nos homens, criando assim o desequilíbrio, pois o número de

mulheres viúvas e orfãs, ultrapassa o dos homens.

Segundo as estatísticas, só no Afeganistão devido a guerra prolongada, existem quase cem mil viúvas.

Se a poligamia não fosse permitida como forma de apoiar as orfãs, as viúvas, e também para unir em casamento as solteiras, não só resultaria na miséria económica de muitas famílias, mas também resultaria em práticas imorais como a prostituição, adultério, anarquia sexual, etc. Tal desintegração social só pode ser travada se por lei um homem puder casar-se com mais de uma mulher.

O semanário "Record" de Lagos, de 20/04/1901, citava um artigo da "Truth" Londrina, escrito por uma senhora inglesa: "O número de raparigas vagabundas aumentou, tendo causado perturbação na nossa sociedade. Como mulher, olho para estas jovens com pena. Mas será que a minha piedade e simpatia fazem alguma coisa para modificar tal situação, ou ajuda a curar tal mal"? O que Thomas disse foi excelente. Ele diagnosticou o mal e prescreveu-lhe um remédio. Afirmou que a única solução era permitir ao homem contrair casamento com mais de uma mulher, pois assim a calamidade seria erradicada, uma vez que dessa forma as jovens serão esposas. O postulado europeu "um homem, uma esposa", revela-se desastroso para um homem que de um lado é casado com uma única mulher, mas de outro, tem filhos ilegítimos que se transformam numa grande chaga e um grande fardo para a sociedade. Se a poligamia fosse permitida, nada disso aconteceria. A Poligamia deve ser considerada natural e legítima.

Portanto, a opção não é entre a poligamia e a monogamia, mas sim entre a poligamia oficial e as relações sexuais promíscuas, cujas consequências dispensam comentários.

2 – Incapacidade de procriação por parte da mulher

Pode dar-se o caso de a mulher ser estéril e a sua cura revelar-se impossível, e o desejo natural de ter filhos que é o objectivo principal do casamento, e uma das felicidades da vida, levar o homem a contrair outro casamento, sem se querer divorciar da primeira mulher por ainda se amarem.

3 – Virilidade anormal por parte do homem

Está cientificamente provado que alguns homens são por

natureza dotados de uma virilidade anormal, sendo por isso demasiado fogosos, não se conseguindo saciar com apenas uma mulher. Se a esse tipo de homens não for permitida a poligamia, decerto que na tentativa de satisfazer o seu ímpeto sexual acabará inflingindo maus tratos, e até uma certa crueldade à mulher, isto sem pôr de lado a satisfação sexual com recurso à prática do adultério e nalguns casos com violação e estupro.

A excitação sexual no homem é contínua, mas nem sempre a mulher está disponível para o coito.

Por isso, pode não ser capaz de satisfazer os desejos do marido devido ao período menstrual que dura quase uma semana, todos os meses. O estado avançado de gravidez também constitui impedimento na maior parte dos casos. Há o impedimento derivado do corrimento pós-parto, pois nesse período ela não pode satisfazer as necessidades biológicas do seu marido por ser proibido pela Lei Islâmica sendo prejudicial à saúde.

Por isso o marido pode necessitar de desposar uma outra mulher. Para este tipo de homem a solução é a pologamia.

4 – Indisponibilidade curta ou prolongada para a actividade sexual por parte da mulher

A mulher pode estar sofrendo de uma doença grave e crónica, como a paralisia, a epilepsia, ou outra doença contagiosa ou estar mentalmente insana, não podendo satisfazer o desejo sexual do seu marido devido a abstinência e frieza sexuais prolongadas, que fazem com que algumas mulheres detestem o acto sexual.

O que é que o marido deve fazer nesse caso? Divorciá-la e desposar uma outra mulher? Na monogamia, em nenhuma circunstância ele pode ter mais de uma mulher. Continuará, ele aparentemente agarrado à monogamia praticando relações sexuais ilícitas? Isso é um grande pecado, além de desperdício de dinheiro e energia fora de casa, e com risco de contrair doenças venéreas.

A poligamia é sem dúvidas a única saída, pois desposando outra mulher, esta pode cuidar do marido, e eventualmente ajudar a cuidar da esposa doente.

5 – Incapacidade contínua de assumpção do papel de dona de casa

Pode haver casos em que a mulher tem crianças pequenas, e padece de doença incurável, não sendo capaz de fazer os trabalhos de casa e de outro lado o marido não ter meios para contratar uma empregada para fazer esses trabalhos, para além das necessidades naturais da vida conjugal. Para esses casos é preferível casar-se do que recorrer à imoralidade.

6 – Desencorajamento da prostituição, adultério e fornicação

A prostituição, o adultério, a fornicação, etc. também podem ser controlados e desencorajados ao se assumir a poligamia, pois esta preservará a sociedade dos prejuízos decorrentes do sexo ilícito. O Dr. Gustav Le Bon, um intelectual francês diz: “O regresso à poligamia, à relação natural entre os sexos, curará muitos males como a prostituição, as doenças venéreas, a sida, o aborto, a miséria provocada pela proliferação de filhos ilegítimos, a desgraça de milhões de mulheres solteiras, resultado da desproporção entre homens e mulheres, o adultério e mesmo a inveja, pois a mulher desconsiderada encontrará consolação no seu conhecimento de que não foi enganada secretamente pelo seu marido”.

7 – Concessão de filhas em casamento a maridos virtuosos

Os pais, naturalmente desejam um marido virtuoso para concederem às suas filhas em casamento. Se não encontrarem, preferem dar em casamento as suas filhas a bons maridos, mesmo que já sejam casados. Na monogamia, estas meninas inocentes acabam casando-se com homens solteiros, mas depravados, transformando as suas vidas num inferno, ou então condenam-se ao celibato ficando solteiras toda a vida. Para escapar a estas duas situações a alternativa é a poligamia.

8 – A menopausa e o desinteresse sexual por parte da mulher

Geralmente as mulheres envelhecem mais cedo do que os homens, pois a partir dos 45/50 anos entram na menopausa, e algumas desinteressam-se da actividade sexual. Mas há

homens cuja actividade sexual se prolonga-se para além dos 75 anos. Neste caso, como é que o homem se irá satisfazer sexualmente? DEUS dotou a mulher de atractivos físicos, garantindo assim uma relativa paixão no casal. Quando essa paixão esmorece, o relacionamento entre marido e mulher fica afectado. Nesse caso, se se não permitir que o homem se case com outra mulher, ele tentará formas de se livrar dela, enveredando eventualmente pela via do adultério, pois ele já não encontra o prazer natural na sua mulher, procurando por isso obtê-lo junto a outras mulheres mais atractivas. A poligamia será a melhor solução para estes casos.

9 – A gravidez de risco e o desinteresse sexual por parte da mulher

O Dr. Westmark acrescenta um outro motivo à limitação da prática de relações sexuais: durante a gravidez. Algumas mulheres desinteressam-se da prática de relações sexuais durante o período de gravidez optando pela abstinência, devido ao desconforto que sentem.

Alguns médicos especialistas em obstetrícia consideram as relações sexuais durante o período de gravidez prejudiciais à saúde da mulher bem como do feto.

10 – A desobediência e o mau comportamento da mulher

Se a mulher for mal criada e desobediente, revelando-se difícil a mudança do seu comportamento, pode também levar o homem a desposar outra mulher.

11 – A propensão natural do homem para a diversificação na experiência sexual

Ainda de acordo com o Dr. Westmark, “outro argumento básico para a poligamia, é o natural e forte instinto polígamo do homem comparativamente à mulher, que por natureza é monógama”.

Na verdade o homem é mais propenso à diversificação na experiência sexual do que a mulher e isto leva esta a afirmar repetidamente que o homem é por instinto polígamo.

Para além destas, pode haver outras circunstâncias que justificam a poligamia.

A poligamia no sistema Islâmico, foi permitida assim como

foi referido como solução às grandes doenças (prostituição, corrupção, crimes e doenças sexuais, etc.).

No sistema ocidental, a poligamia é encarrada como algo reprovável, próprio de um mundo não civilizado, fazendo-se vista grossa à situação actual das sociedades, onde tende a imperar o homossexualismo, a prostituição, a pedofilia, a corrupção de menores, etc.. Por isso é que hoje, segundo este sistema, não é permitido a celebração do casamento de alguém com outrém quando o seu anterior não tenha sido dissolvido, impedimento absoluto que é também consagrado na Lei Moçambicana (artigo 1601º, Al.c) do Código Civil; esta lei foi instituída no tempo colonial e está em vigor até hoje, estranhamente não havendo a preocupação por parte dos moçambicanos (e dos africanos em geral) de adaptá-la à sua realidade social – onde a poligamia é considerada parte dos seus usos e costumes.

Isto prova que o sistema ocidental, que foi imposto na era das colonizações, está hoje de tal forma incutido nos africanos que acabaram perdendo aquilo que eram os seus valores sociais (tradicionais).

Em África a poligamia é uma questão sociológica e tradicional, não tendo nada a ver com a religião.

No conceito do homem africano, o principal objectivo do casamento é a procriação, pois para ele a glória reside na procriação, e quando da união com uma mulher não nascem filhos, ele desposa outra mulher, sem contudo se divorciar da mulher supostamente estéril.

Na sociedade tradicional africana, o número de mulheres e crianças, constituía a medida do seu sucesso na vida, e as crianças eram consideradas a garantia de protecção e segurança social para o homem quando atingisse a velhice. A posse de muitas mulheres e filhos era considerada sinónimo de riqueza e nobreza, sendo comum o homem ter dezenas de filhos.

A poligamia era um costume antigo, e para um africano isso não era apenas razoável, mas quase uma instituição essencial. Por exemplo, na Iboland (Nigéria), África Ocidental, constitui tradição obrigatória um homem casar-se com mais de uma mulher, pois caso contrário será considerado uma criatura

fraca na comunidade e junto aos outros homens da sua idade. Mesmo as esposas de um homem não se opõem que o marido despose mais uma, pois concebem isso como um acréscimo de mão obra, aliviando o trabalho de cada uma tanto no lar como na lavoura.

A maior parte dos africanos acha que a monogamia é uma instituição trazida pelos missionários cristãos, e encaram-na como parte da cultura europeia imposta aos africanos recém-convertidos. Portanto, a monogamia é considerada uma instituição, quando a poligamia é aceite como parte da tradição africana. Se um cristão se tornasse polígamo, era excomungado da igreja, não sendo batizado.

O encontro da "International Missionary Council" em Tambaram em 1938, emitiu o seguinte comunicado acerca da atitude cristã em relação à poligamia: "A igreja tem de manter a sua insistência na monogamia. Este não é um assunto que pode ser resolvido pela consciência individual, o critério é a vontade de Deus para as pessoas que Ele salvou e glorificou em Cristo. A monogamia não é apenas um factor de civilização, mas também é vital para a vida da igreja".

Contudo, as provas indicam que actualmente essas regras já não são estritamente aplicadas, especialmente no que respeita à Igreja Anglicana, pois muitos dos seus membros são polígamos e nada foi feito para expulsá-los da congregação de fiéis, e as suas esposas continuam sendo membros da congregação, apesar de a lei oficial não ter sido revogada.

A Igreja Católica continua ainda muito apegada à monogamia, sendo prática oficial dos seus membros. A poligamia é estritamente proibida, e os polígamos não podem ser batizados enquanto não renunciarem a todas as mulheres, excepto a uma. As suas mulheres não podem ser baptizadas enquanto estiverem na sua companhia. No que respeita à Igreja Católica, essas mulheres não são suas esposas no sentido real do termo, mas sim suas concubinas. Por isso elas estão privadas de receber o sagrada eucaristia que outros cristãos praticantes recebem.

Eles estão privados de um enterro cristão, e as suas oferendas são rejeitadas.

Não há dúvidas que a Igreja Católica tomou todas as medidas enérgicas para extirpar completamente a poligamia da

sua congregação, tornando todos os seus membros monógamos.

G. R. Scott também diz que “O homem é essencialmente polígamo e o desenvolvimento da civilização alastrou esta poligamia inata.”

O direito ao casamento é o direito humano mais natural. Sob pretexto algum ninguém deve ser privado deste direito. É um direito a que todos podem reclamar, tal como o direito ao trabalho, ao sustento, à habitação, à educação e à liberdade são considerados parte dos direitos básicos e fundamentais de Ser Humano. E toda a mulher deseja ter descendentes próprios, isto é, filhos, e como o número de mulheres excede o dos homens, só a poligamia pode dar esse direito a todas elas. Proibir a poligamia é uma traição à Humanidade, pois é retirar um direito natural que as mulheres têm de se quererem casar.

Portanto, a monogamia é a regra, mas a poligamia é uma exceção e é condicional, limitada às circunstâncias acima mencionadas. E porque no Islã não se pode obrigar nenhuma mulher a casar-se sem o seu consentimento, se ela contudo aceitar casar-se com um homem que já tem mulher, a sua opção é legítima.

Embora de acordo com alguns juristas, essa cláusula não seja vinculativa, tem até certo ponto um impacto psicológico no marido. Se ela for muito sensível pode tomar o poder de Talaq nas suas mãos caso ele (o marido), venha a desposar outra mulher, ou pode incluir num acordo de casamento a celebrar previamente, a cláusula do direito ao divórcio ou indemnização monetária, caso ele venha a casar-se com outra mulher. Contudo, não é muito aconselhável que ela imponha este tipo de condições, por contrariar o que DEUS permitiu no Alcorão.

Nas palavras de uma eminente intelectual, a Dra. Annie Besant, “No ocidente há uma pretensa monogamia, mas na realidade o que lá existe é a poligamia irresponsável. A amante é abandonada quando o homem se farta dela, e afunda-se gradualmente passando a ser mulher da rua, pois o primeiro namorado não lhe garante nenhum futuro, sendo centenas de vezes pior que a mulher abrigada (amparada) e mãe, numa situação polígama. Sem dúvidas é melhor, mais feliz, mais respeitável e mais digno para a mulher, viver uma situação

polígama, unida a um só um homem, com uma criança legítima nos seus braços, e rodeada de respeito, do que ser humilhada e lançada na rua da amargura, sem abrigo e sem cuidados, não raras vezes com uma criança ilegítima, sem a protecção da lei, sem acesso a uma maternidade normal, sem abrigo e sem cuidados primários, desprezada e sujeita a tornar-se vítima de qualquer noctívago”.

(Position of Woman in Isslam, Khurshid Ahmad)

Aqui, alguns críticos podem eventualmente levantar uma questão:

Porque é que o Isslam permite a poligamia e não a poliandria (uma mulher ter mais que um marido)? A resposta é simples: Não obstante o factor espiritual de amor que influencia as relações entre o homem e a mulher, a razão biológica determinante para a excitação sexual nos dois sexos é a procriação. E enquanto que uma mulher só pode conceber de cada vez uma criança de um só homem, e tem que carregá-la nove meses antes de ela poder conceber de novo, o homem pode gerar uma criança cada vez que coabita com a mulher. Portanto, a inclinação polígama no homem é biologicamente justificável. Se uma mulher se casasse com vários homens, no fim do ano haveria grandes confusões , pois seria impossível determinar o paternidade da criança, pois cada um reivindicaria o direito a tal criança.

Consta que um grupo de quarenta mulheres se juntou e se apresentou perante Ali R.T.A., perguntando-lhe: Porque é que o Isslam permite a poligamia e não permite a poliandria? Não é isso uma discriminação injusta?

Ali R.T.A. mandou que trouxessem pequenos copos de água entregando a seguir um a cada uma daquelas mulheres. Depois pediu-lhes para que despejassem a água contida nos copos numa grande bacia que fora colocada no centro da assembleia. As mulheres deitaram a água na bacia e então Ali R.T.A. pediu que cada uma voltasse a encher o seu copo com água, mas estipulou que cada uma deveria recolher a mesma água que tivera anteriormente no copo e que tinha lançado na bacia.

Elas perguntaram como isso seria possível, pois a água tinha-se misturado e a separação era impossível. Ali R.T.A.

disse-lhes então, que se uma mulher tivesse vários maridos, manteria necessariamente relações sexuais com todos eles e ficaria grávida. Nessa altura, perguntou ele, como seria possível distinguir o filho de cada um?

Portanto, se o homem se mantiver fiel a todas as suas esposas, a estrutura familiar manter-se-á intacta. Mas se se permitir a uma mulher ter mais do que um marido, a estrutura familiar desintegrar-se-á, pois ninguém poderá determinar com exactidão a paternidade biológica das crianças que forem nascendo.

Para além disso, as estatísticas revelam um elevado número de casos de cancro de útero em mulheres que praticam a prostituição na Europa e América, devido à diversidade de esperma que lhes é depositada no útero.

Em países onde a prostituição é permitida, os respectivos governos obrigam por lei que as prostitutas se submetam a exames médicos periódicos, não só para se protegerem a si mesmas, mas também aos homens, das vulgo DTS – Doenças de Transmissão Sexual, evitando assim a sua expansão. Mesmo com a tomada destas medidas sanitárias, aparecem casos de DTS. Porém, nunca ouvimos falar da obrigatoriedade de exames médicos periódicos para mulheres casadas, pois em condições normais, estas não estão expostas às mesmas infecções a que estão as prostitutas, e se eventualmente acontecer, tal deve-se à infidelidade com prostitutas, pois as bactérias causadoras das DTS só se propagam quando as mulheres são visitadas sexualmente por vários homens. Por isso o Isslam não permite a poliandria.

Na Arábia, antes da chegada do Isslam, a poligamia era praticada sem restrições, pois um homem podia-se casar com quantas mulheres quisesse. Com o ressurgimento do Isslam, este problema social foi sendo paulatinamente resolvido. Primeiro limitou-se para quatro o número máximo de mulheres em simultâneo que um homem poderia desposar. À seguir, o Isslam impôs como condição para um homem desposar mais de uma mulher, que ele se sentisse em condições de ser na generalidade justo para com todas as suas esposas, isto é, suprir todas elas por igual, tanto em termos materiais como espirituais e carnavais.

De facto, ao autorizar a poligamia condicionada, o Isslam

salvaguardou a honra da mulher e incumbiu o homem de cuidar dela, evitando também a sua humilhação e sujeição às várias doenças de origem sexual que atingem a sociedade.

A Enciclopédia Americana escreve: “Embora a monogamia seja a forma mais prevalecente de casamento, estudos mostram que ela não é considerada a mais ideal e preferida. Numa investigação feita em 565 sociedades do mundo, 75% preferem a poligamia, ligeiramente menos de 25% preferem a monogamia, e menos de 1% preferem a poliandria. Todavia, maior parte dos casamentos nessas sociedades são monógamos”.

Quem meditar no Sharia, encontrará algumas coisas decretadas Halal e outras Harám. No capítulo da Poligamia, DEUS não a tornou obrigatória (Fardh) para o homem, mas declarou-a halal, deixando a sua adopção ao critério de cada um. Portanto, quem quiser que se case com mais de uma, e quem não quiser que se limite a uma, cada um conforme a sua capacidade. Porém para se evitarem confusões e anarquia no seio da família o Sharia impôs condições e regras para a prática da poligamia.

Portanto, quem quiser usufruir da autorização tem que tomar em consideração todos os aspectos ligados a essa lei.

Não se deve beneficiar da permissão da poligamia em prejuízo da prática de justiça, pois esta é que está ligada e condiciona aquela. Caso contrário surgirão muitos males na terra, que poderão pôr em causa a própria religião Islâmica.

Actualmente, as mulheres não aceitam que o seu marido se case com uma outra mulher, isto porque ela receia que o seu marido ao assim proceder, se incline mais para a nova mulher, abandonando-a por completo.

A autorização da poligamia está condicionada à justiça, portanto não se pode beneficiar apenas de uma parte da lei (a autorização da poligamia) deixando outra (a justiça) sendo por isso que as pessoas, comentem que: “o fulano casou-se com uma outra mulher, mas já não liga a primeira, ou não liga aos filhos da primeira e só está inclinado para a segunda mulher”.

Quem reaar não poder ser justo com as duas então não lhe é permitido (é Haram) casar-se com outra, devendo obrigatoriamente limitar-se a uma.

A outra condição para a prática da poligamia é o homem ter posses (meios financeiros), para dar provisão e sustento a

todas suas mulheres, e essa obrigação mantém-se enquanto a mulher é sua esposa, não ficando isento dessa responsabilidade ao casar-se com outra, pelo contrário, a obrigatoriedade aumenta.

Portanto, quem não tem capacidade financeira de sustentar a segunda mulher em paridade com a primeira, então não lhe é permitido casar-se com a segunda, e sobre isso DEUS diz:

“Aqueles que não possuem recursos para se casarem, que se mantenham castos, até que DEUS os enriqueça de Sua graça.”

Cap. 24, Vers. 33

Neste versículo, DEUS diz que quem não tem capacidade de sustentar uma mulher e pagar o Mahr (dote), deve-se abster de casar, seja esse o seu primeiro casamento ou o segundo. Alguns Hadices também confirmam isso.

Os que criticam o Islã não vêem que actualmente a monogamia forçada é a principal causa de múltiplos males na sociedade, como a prostituição, as discussões odiosas, a inveja excessiva da mulher e a mera relação física muitas vezes sem amor. A inveja natural feminina não se deve ao facto de o homem amar outra mulher, mas sim ao facto de ela se sentir abandonada.

O professor Dunlop acha que pode haver alguns indivíduos que não conseguem alcançar a completa satisfação na monogamia, e possam talvez atingir a plenitude no casamento poligâmico, e que os sistemas futuros deixarão os indivíduos livres para formarem e optarem pelo tipo de casamento que é mais vantajoso para eles.

Apesar de o Islã permitir a poligamia, geralmente uma pequena minoria de homens muçulmanos a pratica. A maioria vive na monogamia, pois a poligamia não é obrigatória e ninguém diz que o polígamo é melhor muçulmano que o monógamo. Portanto, é errado pensar-se que todo o muçulmano é polígamo.

Sem dúvidas que não há homem que pertença a qualquer grau de virtude, que não tenha, pelo menos na imaginação ou no sonho possuído mais de uma mulher. Todos os homens passaram por essa fase, pois, enquanto um homem normal, por

regra, é atraído para o coito, por quase todas as mulheres jovens e saudáveis, a mulher em relação ao homem já é diferente. Ela pode ser muito mais constante que o homem do ponto de vista sexual.

No Ocidente a monogamia é por lei, obrigatória, mas na prática os homens vivem à maneira poligâmica. E com a liberdade sexual e de ajuntamento de ambos os sexos em praças, escolas e locais de trabalho, são raros os homens, talvez um em mil, que possam jurar no leito de morte que nunca conheceram mais do que uma mulher durante toda a sua vida.

O Dr. Mercier diz que “A mulher, é por natureza monogâmica e o homem contém em si próprio o elemento da poligamia”.

Portanto, é óbvio que se por natureza o homem é mais polígamo, então a lei do casamento não pode perder a visão deste facto importante, e algumas providências devem ser tomadas para homens que têm o seu instinto sexual mais forte, caso contrário as relações sexuais ilegítimas tornar-se-ão mais frequentes.

Um sistema social que em nenhuma circunstância permita a poligamia, está constantemente ameaçado por tendências destrutivas devido a frequentes aberrações sexuais.

A poligamia deve ser permitida condicionalmente assim como recomenda o Islã, mas não há justificação para proibi-la terminantemente por lei, pois a proibição sem ter em conta estas circunstâncias, pode levar o homem a cometer o adultério, especialmente em sociedades que toleram o misticismo e a prostituição.

Devido à várias razões, algumas das quais aqui mencionadas, o Islã não aboliu completamente a instituição da poligamia. Mas restringiu-a, impondo que se deva ser justo para com as mulheres, e se o homem recluir não poder ser justo no tratamento e na provisão do sustento económico, espiritual e carnal com todas elas, então deve limitar-se à apenas uma mulher.

A mulher muçulmana moderna, que está se agitando pela abolição da poligamia, tem de perceber e valorizar a posição tomada pelo Islã para satisfazer as exigências do tempo e da natureza humana.

Tentar lutar contra a corrente da natureza é muito prejudicial e acarreta graves consequências. Mas os que combatem a

poligamia não vêm estas coisas que afectam negativamente à sociedade inteira. Para eles, a “ansiedade sexual” é uma necessidade meramente biológica que pode ser realizada sem se sujeitar a severas restrições familiares e do casamento. Mudam frequentemente de namoradas sem formalidades de dotes, pensão, alimento, ou divórcio. Têm sempre uma secretária ao seu lado, que lhes serve de mulher.

“É inegável que a poligamia, ou mais concretamente, o princípio que lhe é subjacente, não está confinado aos muçulmanos. Pondo-se o assunto mais claramente, quem pode honestamente afirmar que a moral sexual do Ocidente é superior à do Oriente”?

The Sphere, London, May, 22, 1928 – Lancelot Lawton

Ao banir a poligamia e tolerar o sexo permissivo, o ocidente e os seus seguidores, estão à beira de uma grande crise social e sexual. A lacuna criada pela abolição da poligamia foi preenchida pela prostituição. Segundo Ben Lindesy, “existem cinquenta mil concubinas e praticam-se anualmente quinze milhões de abortos só na cidade de Nova Yorque, para além dos incidentes com raptos e violação, que ocorrem, um em cada minuto.

(Revolt of Modern Youth)

Instalando nas mentes das mulheres modernas o falso conceito de igualdade e liberdade, esses arruinadores da moral tornaram-na cega, não só em termos de justiça mas também em termos de razão e de consideração pragmática, pois as mulheres permitiram que as suas emoções fossem exploradas e a sua honra fosse lançada ao ar.

As mulheres só encontrarão a verdade descobrindo as razões que se escondem por detrás da propaganda viciosa quando fizerem uma análise despida de quaisquer emoções, Não há dúvidas que DEUS permite a poligamia. Proibi-la é para nós recusar aquilo que Ele e o Seu Mensageiro nos permitiram. Deus legislou para nós e pronunciou as Suas ordens em termos bem claros. Determinar o que é lícito e o que é ilícito não é trabalho do homem mas sim de Deus. Portanto declarar a poligamia ilegal equivale a rebelar-se contra DEUS e Seu Mensageiro. E DEUS diz:

“Ó vós que credes! Não deveis proibir as boas coisas que Deus vos tornou lícitas. E não deveis ultrapassar a medida (limite), pois Deus não ama os que ultrapassam a medida (os limites)”

Cap. 5, Vers. 87

O ser humano tem de saber que o Islã é uma religião prática e não ordena algo impossível aos seus adeptos e seguidores. E se fosse impossível ser-se justo para com duas, três ou quatro mulheres, uma proibição clara poder-nos-ia ter chegado acerca da poligamia.

Os primeiros muçulmanos praticavam a poligamia assim como foi permitida. Se eles não tivessem sido justos, o Profeta tê-los-ia admoestado.

O Profeta S.A.W. ia ter com as suas esposas alternadamente e era justo para com elas.

A justiça e a igualdade exigidas, é a aparente, o que está na capacidade humana, e isso só pode ser na provisão e na dormida. Quanto ao amor, isso não está na capacidade humana e ninguém o pode controlar. E por isso Deus perdoa, desde que não afecte as outras obrigações. E DEUS diz:

“E não vos inclineis totalmente para uma delas”. Isto é, para uma mulher.

Cap. 4, Vers. 129

O Sheikh Abu Bakr Ibn-Al-Arabi diz: Ninguém pode controlar o seu coração, pois ele está inteiramente nas Mãos de DEUS.

Aisha R.T.A. narra que o Profeta S.A.W., costumava dizer: “Ó DEUS, esta é a minha divisão naquilo que eu posso controlar. (coisas materiais, mundanas). Portanto, não me censure naquilo que está nas Tuas Mãos e que eu não posso controlar (assuntos sentimentais, do coração)”.

(At-Tirmizi, Abu Daud, Ibn Majah).

É uma alusão àquilo que está no seguinte versículo:

“E Jamais podereis ser justos (no amor e no sentimento) com vossas mulheres embora vos esforceis nisso. Pelo menos não vos inclineis completamente para uma delas deixando a outra suspensa como se estivesse abandonada, porém, se

estabelecerdes a concórdia e temerdes (a DEUS), sabeis que Deus é Indulgente e Misericordioso”.

Cap. 4, Vers. 129

Um homem que tem várias mulheres, pode viajar com quem quiser, pois não lhe é obrigatório praticar a igualdade nas viagens (isto é, se se fez acompanhar de uma esposa numa viagem, não tem que se fazer acompanhar de outra na viagem seguinte). Porém, é sempre melhor sortear, fazendo-se acompanhar daquela cujo nome sair, pois o Profeta S.A.W. assim costumava proceder. E para que nenhuma se sinta prejudicada ou preterida, assim também devemos proceder. Isto porque para casos de viagem não foi instituído nenhum direito para a mulher. O homem pode viajar sem se fazer acompanhar de nenhuma delas. Portanto, se ele quiser-se fazer acompanhar de quem quiser, pode fazê-lo, e esse período não é contado na partilha dos dias que deve passar com cada uma. *(Al-Hidayah)*.

É permitido a uma mulher ceder o seu dia a favor de outra mulher companheira sua, na poligamia assim como fez a Sauda Bint Zamaa, uma das esposas do Profeta, que cedeu o seu dia a favor da Aisha R.T.A, ou deixar ao critério do marido escolher onde quer passar o dia. A esposa que cedeu o seu dia, se quiser mais tarde pode retirar a sua cedência e exigir o seu direito de volta na rotatividade.

O Imamo Shafih diz que se um homem casar-se com uma virgem quando ele já tem outra mulher (uma ou mais), então ele deve ficar com a virgem após o casamento sete dias, e depois de decorrido este período de tempo, pode retomar a rotatividade dos seus dias entre elas. Porém, se a nova mulher já era casada (divorciada ou viúva), então ele passará com ela três dias e depois retomar o sistema de rotatividade entre todas.

Porém, o Imamo Abu Hanifa discorda disso e diz que não há diferença entre a nova e a antiga mulher. O marido tem que tratá-las por igual em tudo e não discriminá-las em nada.

(Al-Hidayah)

As mulheres também não devem invejar desnecessariamente as suas irmãs ou tramar algo contra elas. Infelizmente algumas mulheres muçulmanas, devido à

ignorância actuam erradamente, quando o seu marido contrai um outro casamento. Algumas delas expulsam-nos da casa, privando-os dos seus haveres e instigando os seus filhos contra os próprios pais. Tudo isso é um grande pecado e é desafiar o Alcorão e Hadice. Não é digno para uma mulher, que reivindique ser muçulmana fazer isso. As instruções do Islã são em benefício da raça Humana em todos os tempos e climas. O Islã conseguiu livrar a mulher de uma posição subalterna, elevando-a a uma posição de respeito e dignidade.

O homem é por natureza polígamo e a mulher monógama, e a razão disso é que no homem geram-se milhões de espermatozoides, enquanto que na mulher, no período de evolução o ovário fornece apenas um óvulo para ser fecundado.

Will Durant diz:

“O homem é polígamo por natureza e só uma sanção moral muito forte, um conveniente grau de pobreza e de trabalho árduo e a vigilância ininterrupta da esposa o pode persuadir (e impor) a monogamia”.

(The Story of Civilization, Part V, P.575)

Henri De Montherlant da França escreve: “Ser fiel não é difícil para o homem. É, antes, impossível. Uma mulher é feita para um homem e um homem é feito para a vida e para todas as mulheres”.

A poligamia é prática natural de alguns homens em todos os países, e de todos os homens em alguns países. É uma instituição excelente que eleva o nível moral dos que a praticam. Confere estabilidade à família, e como resultado final, torna a mulher infinitamente mais respeitada e mais feliz.

A poligamia legal é melhor do que a monogamia hipócrita que alguns praticam. Muitos julgam que a poligamia faz parte dos direitos dos homens e que a poliandria faz parte dos direitos da mulher, quando de facto, a poligamia faz parte dos direitos da mulher e a poliandria nem faz parte dos direitos dos homens nem das mulheres. É contra o interesse e vantagens dos homens e é por essa razão que a poliandria, tal como a prostituição foi sempre algo repugnante para a mulher.

O que nos parece bastante estranho é que o ocidente proíbe a poligamia, mas permite o homossexualismo pois está legalizado, privando ainda mais as mulheres de arranjar maridos.

Portanto, para eles, é proibido um homem trazer para esposa uma rival do sexo feminino, mas se trouxer um rival do sexo masculino, já não há mal nenhum, i.é., se a rival da esposa tiver barba e bigode então a poligamia não é um mal, já é um acto digno e humano, e adaptado às exigências do mundo civilizado. Essa é a solução que eles encontraram.

A revista "The Demographic Annual" de 1962, publicada pela O.N.U. relata o número alarmante de crianças ilegítimas que é de 60% na América Latina e 75% na Guiana Britânica. A santidade do casamento quase que desapareceu, os jovens de ambos os sexos vivem juntos sem se casarem. Mas os mesmos peritos da O.N.U. quando foram para o Egipto, que é considerado o mais avançado e moderno país árabe, para recolher informações sobre demografia, ficaram espantados ao deparar com uma percentagem de crianças ilegítimas que era inferior a 10%. E quando investigaram as razões para esta percentagem insignificante de crianças ilegítimas na sociedade Egípcia, verificaram que tal devia-se à poligamia e ao hijab.

O Islã permitiu a poligamia para ajudar a criar nos seus adeptos a virtude da castidade, pureza de carácter, temor a Deus e auto-disciplina. Decerto que o coração e os olhos do polígamo não se sentirão atraídos ao ver outras mulheres. E assim ele conseguirá proteger-se do adultério, das doenças venéreas, da prostituição, e a santidade da instituição do casamento continuará intacta.

Deve ficar bem claro que as mulheres também são humanas como os homens e elas também são sensíveis aos desejos carnis, e se durante um longo período não forem satisfeitas, podem acabar cometendo alguma transgressão. Um governo pode dar todo o tipo de assistência e apoio às viúvas, cujos maridos morreram na guerra na defesa da pátria, mas para satisfazer as suas necessidades sexuais elas terão que recorrer a um novo casamento, pois de outra forma teriam que pecar.

Imagine-se que numa guerra morresse um milhão de homens, o que seria das suas esposas viúvas e jovens que eles deixaram? Como irão satisfazer às suas necessidades sexuais?

Bertrand Russel diz:

"E, em todos os países onde há um excesso de mulheres, é uma injustiça óbvia, que aquelas que, por uma necessidade aritmética, se vêm forçadas a continuar solteiras, sejam

obrigadas ao afastamento de uma experiência sexual.”

Foi para manter a pureza da sociedade que o Islã permitiu a poligamia condicional. O homem deve ser forte fisicamente para conseguir satisfazer as necessidades sexuais das suas esposas, e financeiramente capaz de suportar equitativamente as despesas de todas elas. Se ele não tiver essas capacidades, então deve contentar-se com apenas uma mulher, não podendo casar com outras enquanto esta vive for viva.

A questão da poligamia surge porque o número das mulheres ultrapassa o dos homens, pois se o número existente de mulheres fosse igual ao dos homens, e cada um casasse com a mulher a ele destinada, não se colocaria a questão da poligamia. Segundo a predição do Profeta Muhammad SAW, chegará altura em que a proporção será de cinquenta mulheres para um homem.

(An-Nassai)

Não só nos seres humanos, mas até mesmo nos animais, o número de fêmeas é superior ao dos machos. Portanto, se isto é um facto comprovado, o que devemos fazer com as mulheres excedentes que não conseguem um homem só para si? Se as deixarmos solteiras como é que irão satisfazer as suas necessidades carnis? Não poderão vir a recorrer a métodos ilícitos corrompendo a sociedade com todas as consequências nefastas daí decorrentes?

Em muitas sociedades humanas, o número de mulheres ultrapassa o dos homens. Por exemplo, nos Estados Unidos da América, o excedente de mulheres é de pelo menos oito milhões. Num país como a Guiné, existem 122 mulheres para cada 100 homens). O que é que a sociedade deveria fazer perante este desequilíbrio entre o número de homens e mulheres? Uns podem pensar que a solução seria o celibato, outros sugerem o infanticídio feminino, outros ainda podem achar que a solução é tolerar todo o tipo de actividade sexual: a prostituição, a prática do sexo fora do casamento, homossexualismo, lesbianismo, etc. O problema de desequilíbrio entre os sexos torna-se grave em tempo de guerra. Depois da segunda guerra mundial, havia um excedente de mais 7.300.000 mulheres na Alemanha, (de entre elas, 3,3 milhões eram viúvas).

Existiam para cada 167 mulheres com idades entre os 20 e os 30 anos, 100 homens da mesma faixa etária.

Consta num Hadice que o Profeta S.A.W. disse:

"De entre os sinais de Quiyamat, está a morte de homens e a sobrevivência de mulheres até que a proporção numérica atingirá 50 mulheres por cada homem."

(Relato de Al-Bukhari, Musslim, At-Tirmizi, An-Nassai e Ibn Majah)

E consta na Bíblia: Naquele dia, sete mulheres lançarão mão de um só homem.

(Isaías 4 Vers. 1)

Perguntemo-nos, o que seria melhor e mais dignificante para mulher. Ser uma segunda mulher, com respeito e dignidade, continuar solteira, ou prostituir-se?

É interessante aqui mencionar a realização em 1948 de uma conferência juvenil internacional para se discutir o desequilíbrio entre os sexos na Alemanha. Quando se tornou claro que nenhuma solução era unânime, alguns participantes sugeriram a poligamia. A reacção inicial da congregação foi uma mistura de choque e desgosto. Contudo, após um cuidadoso estudo da proposta, os participantes concordaram que essa seria a única solução. Consequentemente a poligamia foi incluída entre as recomendações finais da conferência.

(Sabiq, op. Cit. P.191)

Hoje o mundo possui muito mais armamentos de destruição massiva do que no passado (as armas químicas, nucleares e biológicas), o que pode provocar um acentuado desequilíbrio entre os sexos, fazendo com que a poligamia se torne uma prática indispensável à sobrevivência de muitas mulheres.

Gostaria de exortar as mulheres que ainda são solteiras a manterem-se castas, não perdendo esperanças de um dia virem a casar-se, procriar e ter uma vida feliz, mesmo que já tenham ultrapassado a idade dos trinta ou quarenta anos, pois há muitas que se casam depois dessa idade. Não adianta entristecer-se ou entregar-se ao desespero, pois este é inimigo do bom senso e da razão. Deve-se sempre manter a fé e a convicção de que aquilo que DEUS destinou, acabará

acontecendo, pois Ele melhor conhece a situação de cada uma. O Profeta S.A.W. diz: “O caso do crente é admirável, e isto é exclusivo a ele. Em todas as situações ele está bem, e se algo agradável o atinge, ele faz Shukr (é grato), e se é atingido por algo desagradável, ele faz Sabr (é paciente), e nos dois casos ele só ganha”.

(Relato de Musslim)

Uma mulher por não se ter casado e estar conformada com o seu destino, pode estar ganhando grandes recompensas, o que pode não estar acontecendo com uma mulher casada, por exemplo, se for desobediente ao seu marido. Portanto, a paciência é uma virtude, e DEUS promete aos pacientes, generosas recompensas. E no Akhirat Ele estará satisfeito com elas. Este mundo é passageiro, para poucos dias.

A Bíblia por outro lado, por vezes recorre a poligamia forçada, pois diz que uma viúva que não tem filhos tem que se casar com o irmão do marido falecido, mesmo que ele já seja casado, e independentemente do consentimento dela. (*Gênesis 38:8-10*). Se o cunhado for muito novo para casar, então ela terá que esperar até que ele se torne apto para o casamento. Ela só tornar-se-á livre se o cunhado se recusar a casar com ela. Esta lei Bíblica é praticada ainda hoje em Israel. (*Hazleton, op. Cit. PP45-46*)

De salientar que actualmente, em muitas sociedades islâmicas a prática da poligamia é rara, porque a diferença no número de homens e mulheres é pequena. Pode-se dizer seguramente que o número de casamentos polígamos no mundo islâmico é menor relativamente ao número de relações extra-maritais no ocidente. Portanto, os homens no mundo islâmico são muito mais monógamos que os homens no ocidente. Citemos aqui o que diz Billy Graham, famoso evangelista cristão, sobre a poligamia: “Se o Cristianismo não consegue fazer isso, o prejuízo é dele. O Islam permitiu a poligamia como solução para os males sociais, e autorizou um certo grau de latitude à natureza humana, mas apenas estritamente dentro do quadro da lei”. Os países cristãos aparentemente fazem um grande “show off” de monogamia. Mas actualmente eles praticam a poligamia. Todos sabemos o papel que desempenha o amantismo na sociedade ocidental.

Neste aspecto, o Islã é uma religião fundamentalmente honesta, permitindo ao muçulmano casar-se com uma segunda mulher se de facto ele tiver necessidade, mas proíbe terminantemente todas as relações amorosas clandestinas, para salvaguardar a moral da sociedade.

Napoleão constatou que embora apenas um entre doze muçulmanos tivesse mais de uma mulher, a poligamia contribuía na mistura de raças e cor, e estabelecia a união geral e a igualdade.

Os que não consentem a poligamia, acham que é completamente legítimo pela lei, enganar a sua mulher, sem o seu conhecimento ou consentimento. Qual é então a prudência legal por detrás desta contradição? Será que essa lei foi feita para premiar a depravação e castigar a honestidade? Este é sem dúvidas um dos grandes paradoxos da nossa civilização moderna.

Mariyam Jamila, uma americana de origem judaica que abraçou o Islã e é uma acérrima defensora da sua causa, diz o seguinte sobre a poligamia:

“A poligamia é permitida no Islã porque todas as relações sexuais fora do casamento são terminantemente proibidas. No Shari'a não há dois pesos e duas medidas, pois o pesado castigo, tanto para o adúltero como para a adúltera é o mesmo. Por isso, se o homem não está satisfeito com uma mulher, insistindo na relação com uma outra mulher, deve-se casar com ela, assumindo toda responsabilidade, tanto do sustento das suas esposas como a paternal para com as crianças. De facto o homem é polígamo por instinto. Portanto, as duas únicas alternativas à poligamia limitada permitida no Islã são:

a) divorciar a primeira mulher atirando-a juntamente com os filhos para fora de casa, sem protecção nem provisão; ou,

b) manter em segredo as relações ilícitas com outra mulher à revelia da sua esposa.

Decerto que nenhuma mulher aceita que o seu marido tome uma rival permanente para partilhar a sua cama, mas as alternativas do divórcio ou do sexo ilícito são piores males”.

The Criterion, Vol. 13. Mariyam Jamila Answer Questions. January – February 1978

O Profeta Muhammad S.A.W. praticou a poligamia, mas tal não tinha em vista a busca do prazer carnal, como os inimigos do Islã dizem, pois vejamos:

1- Quando ele era jovem foi casto e modesto, como então poderia ser luxurioso e lascivo na idade mais avançada e na velhice?

2- Ele trabalhou longos anos para Khadija R.T.A. antes de se casar, e ela, face ao seu bom comportamento propôs-lhe casamento. Não foi o Profeta S.A.W. que lhe propôs casamento.

3- Se ele fosse luxurioso, após a morte de Khadija, depois de ter herdado toda a riqueza poder-se-ia ter casado com outras raparigas virgens e bonitas. Mas a seguir pensou em casar-se com Sauda R.T.A. e outras que tinham uma idade avançada e já tinham sido casadas.

4- Fez "ILÁ" com as suas esposas por um período de um mês, i.é, jurou não se aproximar delas. Um luxurioso pode suportar tão longo período de abstinência sexual?

5- Ele deu a opção as suas esposas, entre manterem-se junto dele naquelas difíceis condições ou divorciar-se delas dando-lhes provisão. Como é que um luxurioso pode ter a coragem de se arriscar assim? Imagine-se se elas optassem por se separarem dele, o que é que ele faria?

6- Ele tinha ocupado a maior parte do seu tempo na propagação do Islã, fazendo Ibadat durante as noites, com tanto fervor que os pés se lhe inchavam. E então onde é que lhe restava tempo para estar junto delas?

7- A vida era-lhe difícil, pois às vezes não tinha nada para comer de manhã, e então ele fazia intenção de jejum. Sabendo-se que o jejum limita o ímpeto sexual, como é que poderia dar-se ao desfrute com tantas mulheres?

8- Muitas mulheres ofereciam-se para se casar com ele, mas ele não aceitava. Um luxurioso faria isso?

Portanto, ele casou-se com várias mulheres, mas por motivos religiosos, humanos e políticos.

Se um homem káfir, com mais de quatro mulheres abraçar o Islã, terá que escolher d'entre elas quatro, divorciando-se das restantes.

O CONTROLE DE NATALIDADE

OS MOTIVOS QUE LEVARAM OS EUROPEUS AO CONTROLE DE NATALIDADE

Quando em 1492 se “descobriu” o continente americano e em 1498 Vasco da Gama “descobriu” o caminho marítimo para a Índia, a Europa conheceu um desenvolvimento comercial assinalável, surgindo então uma nova classe: a dos comerciantes e dos empresários. Quando as pessoas viram as suas atenções desviadas da agricultura para o comércio, a revolução industrial ganhou espaço, e a Europa entrou na era da chamada economia industrial moderna. Construíram-se grandes fábricas e as camadas populacionais dos meios rurais abandonaram as suas casas, imigrando para as cidades onde as oportunidades de trabalho e os padrões de vida eram atractivos. Assim, as cidades tornaram-se densamente povoadas em detrimento das zonas rurais que foram ficando cada vez mais desertas. Milhões de pessoas apinhavam-se em áreas muito pequenas. Este afluxo de gente do campo para as cidades criou problemas económicos e sociais bastante complexos. A luta pela sobrevivência tornou-se mais forte, a concorrência aumentou, os padrões morais e os valores sociais degradaram-se, surgindo um novo estilo de vida.

A habitação escasseou e consequentemente as rendas de casa subiram, com todos os problemas de acomodação daí decorrentes.

Os membros da família que trabalhavam ganhando assim o sustento, desenvolviam alguma aversão em relação aos que só consumiam sem poder dar qualquer contributo financeiro. Criar os filhos e manter as esposas tornou-se um fardo para os pais e maridos.

Todos ambicionavam o máximo de benefícios das receitas e não queriam partilhar isso com ninguém, tentando reduzir ao mínimo os seus dependentes.

Surgiram então circunstâncias que favoreceram oportunidades para que as mulheres também ganhassem a vida trabalhando. Tiveram que abandonar as suas responsabilidades domésticas e procurar emprego em fábricas

e escritórios, constituindo assim mão de obra barata e abundante, o que favorecia os interesses capitalistas. Tendo elas assumido o fardo económico de auto-sustento, tornou-se difícil conciliarem a actividade profissional e a função de procriação e de cuidados a dispensar às crianças, pois era difícil para uma mulher que passava todo o dia a trabalhar contribuindo com a sua porção para os gastos da família, cumprir cabalmente com a função maternal, desde a gravidez, ao parto, à amamentação do seu bebé, etc., o que requeria alguns anos.

Assim, as mulheres no ocidente encaravam um dilema. Se optassem por cumprir com a sua função maternal, estariam ausentes do emprego durante um longo período, tornando-se “parasitas” aos olhos dos seus maridos, o que elas queriam evitar. De outro lado as longas ausências no emprego atentavam contra os interesses do patrão. Portanto, surgia assim uma oportunidade para os médicos que foram em seu socorro propondo-lhes métodos anti-conceptivos, lançando assim as fundações para a chamada “Emancipação da Mulher”. E decorrido todo este tempo a mulher torna-se agora vítima de um processo vicioso contra o seu próprio feminismo, pois acha uma estupidez renunciar aos prazeres que a vida fora de casa supostamente proporciona, a favor de uma vida alegadamente monótona da mulher doméstica.

O desconforto da gravidez e o aturado trabalho de cuidar de crianças, aparentemente prejudica outros afazeres e prazeres da vida. A mulher pensa assim, porque tenta apresentar-se charmosa, bela, elegante, atraente, fina, jovial e sexy perante os homens. Está disposta a gastar sem olhar a custos no vestuário e nos cosméticos, mas em contrapartida não se predispõe a gastar a favor dos seus filhos, o que é condenável.

Da mesma forma, a mentalidade materialista fez do homem um ser extremamente ganancioso e egoísta. Nos dias que correm a maior parte dos homens tentam acumular o máximo de riquezas para o seu bem-estar e conforto pessoal. Ninguém deseja que alguém reivindique uma porção nos seus rendimentos, seja o pai, a mãe, os irmãos ou mesmo os seus próprios filhos.

Os ricos criaram um estilo de vida próprio, porém a classe média também tenta concorrer com o padrão de vida dos ricos.

Arraigaram-se de tal maneira aos luxos supérfluos que a vida para eles se tornou sem significado, e portanto, um homem com um baixo rendimento acha extremamente difícil sustentar-se a si mesmo, e muito menos providenciar o essencial aos seus filhos, e por isso recorre ao controlo de natalidade.

Portanto, podemos concluir que eles é que no início cometeram o erro ao mudarem o seu estilo de vida, concentrando-se nos prazeres e no materialismo e depois quando caíram nas dificuldades cometeram outro erro, ao quererem manter esse estilo de vida e praticar o controlo de natalidade. E o resultado foi o declínio no crescimento populacional no ocidente.

A 3 de Março de 1944 o Rei George VI da Inglaterra, estabeleceu formalmente um painel de peritos para estudarem o impacto do declínio na taxa de natalidade neste país. No relatório final divulgado cinco anos mais tarde, estes peritos concluíram que a fertilidade dos ingleses decara, sendo o nível de reposição da população frequentemente mais baixo, enquanto que nos povos orientais o nível conheceu um aumento notável. A tendência geral para a baixa fertilidade na Inglaterra foi, segundo os peritos, um fenómeno comum com a maior parte dos seguidores da civilização ocidental, virtualmente confinada a ela. Mais ainda, os mesmos especialistas determinaram que a diminuição do número de integrantes de famílias do país resultou da prática generalizada de controlo de natalidade, estando convencidos que a situação indiciava o declínio moral da nação.

Há muito a dizer no que respeita ao declínio de uma sociedade na sua reprodução, o que indica que alguma coisa está mal na sua atitude para com a vida, podendo possivelmente envolver outras formas de decadência.

Os peritos notaram também que o rápido crescimento da população durante os séculos XVIII e XIX, tornara possível o domínio da região no mundo.

Porque a situação de declínio dos níveis de reprodução no ocidente, relativamente aos países menos industrializados poderia alterar substancialmente a correlação de forças, o que por seu lado poderia eventualmente constituir ameaça a alguns países do ocidente, os líderes europeus e norte americanos decidiram que a única resposta ao dilema do declínio da

fertilidade no ocidente seria tomar medidas tendentes a reduzir a taxa de natalidade nos países subdesenvolvidos.

Por outras palavras, só quando os europeus se revelaram incapazes de competir no “jogo de números” é que surgiu o conceito de “explosão demográfica”.

Mas será que a explosão demográfica é real ou é um mito?

O objectivo continua sendo a persuassão a outros países a seguirem políticas conducentes à mesma decadência que custou à Inglaterra a sua fertilidade. Os movimentos modernos de controlo de natalidade nasceram logo após a II Guerra Mundial, pois uma Europa enfraquecida, com os níveis de crescimento populacional extremamente baixos, facilmente poderia ser conquistada por outros povos. Em 1905 o governo dos EUA apelou aos americanos brancos a aumentarem a taxa de natalidade.

Entretanto são os mesmos países ocidentais que através da ONU pressionam sistematicamente outras nações a travarem o crescimento da população sob o pretexto de que o aumento da taxa de natalidade trava o seu desenvolvimento. Porém, o facto é que eles mesmos não estão convictos do que dizem, pois quando se trata dos seus países criam até incentivos ao aumento da taxa de natalidade. E a história de cem anos de intervenção activa para aumentar a fertilidade na Europa, revela-nos a importância extraordinária que a questão da natalidade merecia e continua a merecer no Ocidente.

A França é um dos países ocidentais que tenta muito activamente aumentar a taxa de natalidade. A educação e difusão do controlo de natalidade é proibida por lei. Irónicamente, é neste país onde a intervenção oficial para encorajar a formação de grandes famílias começou desde o século XIV, sendo um dos primeiros países em que a tendência para famílias pouco numerosas se tornou moda. O governo francês oferece assistência social gratuita com o objectivo explícito de encorajar e estimular os pais a aumentarem o número de integrantes de uma família, considerando a procriação um dever patriótico de todo o cidadão francês. Para encorajar a mulher francesa a dar à luz, o governo francês chega a pagar pensões de maternidade que atingem o valor mensal de oitocentos dólares. Estabeleceram outros incentivos como a redução de taxas, aumento de sordenado, etc., não só para os pais biológicos,

mas também para os que adoptam crianças.

Várias propostas, muitas delas tomando eventualmente a forma de leis, procuravam penalizar os adultos que se mantivessem solteiros, com o intuito de inibir a expansão de controlo de natalidade. Com essas medidas de encorajamento começou-se a aumentar a taxa de natalidade. Simultâneamente eram formadas comissões legislativas especiais para estudarem a questão do despovoamento na França.

Na Alemanha, segundo peritos, o governo terá que incentivar a imigração de cidadãos estrangeiros que tenham filhos, pois um terço das mulheres alemãs recusam-se a procriar. O governo alemão decidiu que após 2004 como incentivo aos pais que têm filhos, aliviará os impostos, não o fazendo porém em relação aos que não procriam ou não se casam.

*(Revista Al-Kawthar, Kuwait, nº 24,
Outubro de 2001)*

Actualmente na Europa a taxa de natalidade é muito baixa, continuando em declínio, mas os ocidentais estão desenvolvendo todo o tipo de campanhas além fronteiras, nos países do Terceiro Mundo, para o controlo de natalidade.

Em 1984 o Parlamento Europeu emitiu um apelo a todos os estados membros no sentido de adoptarem “medidas práticas” tendentes a aumentar o crescimento da população doméstica. A declaração advertiu que já em 1950 a percentagem da Europa na população mundial era de 8,8%, e que até 2025 seria de pouco menos de 2% caso até lá a taxa de natalidade não sofresse um aumento. No apelo acrescentava-se ainda que a tendência de crescimento populacional teria um efeito decisivo no desenvolvimento da Europa e determinaria o significado do papel que a Europa desempenharia no mundo nas décadas subsequentes.

Muitas nações no mundo, enfrentam um rápido declínio como consequência da diminuição do número de nascimentos. Segundo Steve Moore, da Cato Institute de Washington, “Se o catastrófico número de nascimentos no Japão não for elevado, dentro de 500 anos só restarão no planeta alguns 15 japoneses”.

Portanto nós, os países do Terceiro Mundo, devemos tomar lição daquilo que os europeus passaram.

Entretanto a Europa e os EUA têm como prioridade na sua

agenda exterior, a continuação da imposição de restrições nas taxas de natalidade em regiões em desenvolvimento a longo prazo. Promovem e recorrem a várias formas, até mesmo a esterilização forçada. Os fazedores da política ocidental estão constantemente a apelar para uma maior vigilância na batalha contra o crescimento populacional que ocorre maioritariamente nas nações do Terceiro Mundo.

Comparemos as estatísticas sobre a densidade populacional entre o ocidente e os países do Terceiro Mundo, para vermos se nestes há de facto explosão demográfica ou não.

Por exemplo, na França a densidade populacional é de 107 habitantes por Km². Na Inglaterra é de 242, na Holanda é de 387, em Israel é de 291, na Alemanha é de 230 e em Portugal é de 107,8 habitantes por Km².

No Japão é de 336, quase igual à da Bélgica que é de 335 habitantes por Km². Na Coreia do Sul a densidade populacional é de 476, em Taiwan é de 607, em Hong Kong e Singapura é de 6.428 e 6.450 respectivamente.

Olhemos agora para a outra face da moeda.

O Zimbabwe, onde está sendo feita uma grande campanha de esterilização, a sua densidade populacional é de 29 habitantes por Km². A Nigéria que é o país mais populoso de África tem 96 habitantes por Km², o Gana tem 83, o Irão 41, o Kénia 50 e a República dos Camarões 32.

Ainda que por artes mágicas a população do Irão quadruplicasse numa noite, o país continuaria tendo menos que metade da densidade populacional do Japão. A República dos Camarões necessitaria de aumentar onze vezes a sua população actual para igualar à da Bélgica.

No Peru a densidade populacional é de 21 habitantes por Km² e no Brasil que é um país com enormes recursos naturais é de 20 habitantes por Km². Na República Democrática do Congo (Ex-Zaire) a densidade populacional é de 22, na Somália é de 11, no Congo Brazaville e no Níger de 8, na Líbia, Botswana e Mauritânia é de 3 e na Namíbia é de escassos 2 habitantes por Km² e Moçambique 18,3 habitantes por Km².

Na Mongólia, que é o país com mais baixa densidade populacional no mundo, vive em cada Km² uma média de 1,6 pessoas.

A zona com maior densidade populacional no mundo, Macau,

ex-colónia Portuguesa na China, vivem 27000 pessoas por cada Km².

A China, considerado o país mais populoso do mundo, que pratica a política anti-natalidade mais repressiva do mundo, só tem 131 habitantes por Km², o que o torna 46% menos populoso comparativamente à Inglaterra, e um terço da da Holanda.

A Índia que é o segundo país mais populoso do mundo tem a densidade de 286 habitantes por Km², portanto, menos que o Japão que tem 336.

Se a sua densidade populacional aumentasse atingindo a de Taiwan, poderia albergar mais de dois biliões de habitantes.

Se o Sudão quisesse atingir a alta densidade populacional da Coreia do Sul, teria que adicionar à sua actual população que é de 28,5 milhões, a de toda a China.

Se os supostos seis biliões de habitantes, que se acredita constituírem a população mundial, vivessem todos no Brasil, cuja superfície é de 8.5 biliões de Km², a densidade populacional seria exactamente de 702, e isso não seria nem o dobro da densidade populacional de Holanda, sendo um nono da de Hong Kong ou Singapura. O resto da terra, estaria completamente vazia.

Os países que rapidamente se industrializaram desde meados do século XX, como é o caso do Taiwan e da Coreia do Sul, são dos mais densamente povoados na terra, enquanto que outros como o Congo e o Gabão, que possuem recursos naturais abundantes, têm a densidade populacional acentuadamente mais baixa, mas mantêm-se relativamente pobres.

Esta concentração de esforços por parte dos ocidentais tem como meta o desencorajamento do surgimento de indústrias no Terceiro Mundo. Recorrem ao falso argumento de preservação do meio ambiente e a contenção do crescimento populacional, fundamentandos nos objectivos da chamada "segurança global". Porém, a tendência nos países do Terceiro Mundo aponta para o crescimento e a industrialização, enquanto que a população do ocidente (norte) está envelhecendo e a sua economia, em declínio.

As potências ocidentais raramente são sinceras com os países do Terceiro Mundo e as suas ex-colónias. Suscita-nos sempre dúvidas, se com estas campanhas de combate ao

crescimento populacional de facto desejam o bem estar dos outros.

O controlo de natalidade tem dois aspectos:

- 1 - Planeamento familiar, isto é, a limitação do nascimento de crianças a um número específico.
- 2 - Controlo da população, isto é, a regulação do crescimento da população de tal modo que isso não exceda um determinado limite.

O conceito de “Controlo de Natalidade” baseia-se na “Teoria Malthusiana” segundo a qual “enquanto a acomodação na terra e a colheita de terras acessíveis é limitada e os recursos económicos para sustentar o Homem também são escassos, a proporção do crescimento da população humana não é. Consequentemente isso continuará a aumentar descontroladamente chegando eventualmente a proporções explosivas de não restar espaço e em que a terra acessível não poderá suportar essa expansão populacional, e a maior parte da humanidade sofrerá e morrerá de fome”.

O Reverendo F.R. Malthus, um clérigo anglicano e reputado economista inglês dos finais do século XVIII (1766-1834) diz que o marido e a mulher devem exercer o auto-controlo para limitar o crescimento da população. Contudo, ele não recomendou o uso de contraceptivos actuais, mas prescreveu a receita antiga de abstinência, isto é, casar-se tarde e sujeitar-se à auto-restrição na vida matrimonial. É com base nessa teoria que hoje para se alcançar tal objectivo se permitem todos os métodos incluindo o aborto.

A “Teoria Malthusiana” está ultrapassada, pois baseava-se na tese de que “cada país terá que produzir alimentos para o seu consumo”.

Hoje o mundo está muito desenvolvido, já foram inventados meios de transporte sofisticados, que facilitam a deslocação de homens e bens. Através de camions, comboios, barcos e e até aviões, já se podem transportar para países longínquos alimentos e outros bens em grandes quantidades. Hoje um país pode importar toda a sua alimentação desde que tenha meios para o fazer, havendo disso exemplos tanto na Europa como no Médio Oriente.

Além disso, já não há necessidade de se controlar a

natalidade para impedir o crescimento populacional, porque ocorreram factores que contribuem para o abaixamento do crescimento populacional, senão vejamos:

O aumento da riqueza reduziu o crescimento populacional, pois geralmente os ricos, magnatas, médicos, advogados etc., devido ao seu padrão de vida têm famílias pequenas, o mesmo não se verificando entre os pobres e as classes médias.

O desejo sexual em pessoas com formação superior enfraquece devido ao seu esforço intelectual intenso, abstendo-se muitos deles de contrair casamento. Portanto o aumento da educação também trava de certa forma o aumento da população.

Em países desenvolvidos, as mulheres evitam o casamento porque preferem uma vida folgada e sem compromissos matrimoniais. Têm aversão às crianças, pois no seu conceito, criar filhos é maçador. Devido à imoralidade, e às DTS, o vigor sexual também enfraquece. As guerras proliferam por todo o lado, com toda a sua sanha mortífera, dizimando milhares de inocentes. As duas grandes guerras mundiais travadas no século vinte, vitimaram mais vidas do que as perdas totais em guerras travadas em mais de cinquenta séculos passados. Se o custo humano na primeira guerra mundial (1914-1918) foi de aproximadamente quinze milhões de pessoas (civis e militares), o número de mortes infligido pela segunda guerra mundial (1939-1945) excedeu cinquenta e um milhões. Mais de 128 guerras civis e regionais, depois da segunda guerra mundial, consumiram mais outros trinta milhões de seres humanos não se vislumbrando um fim a este reino de terror e destruição. Os armamentos de destruição nos EUA e Rússia, são suficientes para destruir o mundo mais de quinze vezes. Só Israel tem um arsenal que pode destruir metade do mundo. E não há fim a expansão da sofisticação da máquina de guerra. Além disso, são as epidemias, doenças, terremotos, desastres, etc. que vão reduzindo a população mundana.

Portanto, não há razão para a prevalência do receio de explosão demográfica e a subseqüentemente falta de alimentos..

De salientar que a verdadeira comparação não é entre a população e a alimentação, mas sim entre a população e a riqueza. Pois se a população aumentar e a riqueza mantiver-se no seu estado ou diminuir então haverá crise, mas se com o aumento da população simultâneamente houver aumento de

riqueza, então o nível da vida da população poderá até melhorar. Portanto, a teoria de Malthus está ultrapassada, pois quando ele sugeriu as medidas de controlo de natalidade a situação do mundo era uma, e agora é outra.

Depois de Malthus, apareceu Marshal que também abordou este tema da população, dizendo que o seu aumento ocorre devido a dois motivos:

1 - Mais nascimentos em relação às mortes, portanto um aumento natural. Porém isto está relacionado com costumes ligados a casamentos, mas mesmo esses costumes estão sendo afectados pelos seguintes factores:

a. Climáticos

Os que vivem em países quentes casam-se cedo e os que vivem em países frios casam-se tarde;

b. Dificuldades nos cuidados a dispensar às crianças

Verifica-se que a idade de casamento varia em função das classes sociais, por exemplo, os membros da classe média casam-se tarde, os trabalhadores profissionais casam-se um pouco mais cedo que eles, e os trabalhadores sem profissão, de entre este grupo são os que mais cedo se casam. O motivo disso está claro, pois os membros de classe média para manterem o seu respeito e honra na sociedade precisam de gastar muito dinheiro, por isso só se casam quando acham que já ganharam o suficiente para manter e satisfazer as necessidades da família.

O caso dos trabalhadores é diferente, pois quando eles atingem a idade entre os vinte e os vinte e cinco anos, julgam que já ganharam o máximo, acabando por se casarem, e os membros da classe baixa, neste aspecto são diferentes, pois quando atingem a idade de dezoito anos, se tiverem ganho algo, acabam casando-se.

c. Os usos e costumes

Para além dos impedimentos de ordem natural, estes também afectam o crescimento populacional.

2 - Imigração:

Verifica-se que muita gente, devido a dificuldades financeiras emigram para outros países, o que afecta profundamente a população desse país.

Portanto na base daquilo que Marshal diz, também não há necessidades de controlo de natalidade, pois a própria situação do mundo e as suas alterações estão a servir para o controlo de natalidade.

Em alguns países são as condições climatéricas, noutros são os usos e costumes, noutros são as dificuldades financeiras da população, e noutros é a imigração para o exterior que diminui a população.

O PONTO DE VISTA ISLÂMICO

Antes de procurarmos saber se o Islam aprova os métodos artificiais para a limitação e o controlo de natalidade devemos dirigir a nós próprios as seguintes perguntas:

1. Como muçulmanos, qual é o nosso conceito de crença em Deus?
2. Não estará a prática do controlo de natalidade contra os princípios islâmicos que nos orientam em todos os ramos da vida?
3. Que lugar é que ocupamos aqui na terra?
4. Qual é o princípio económico básico no Islam?
5. Será que o controlo de natalidade tem lógica?
6. Qual foi o resultado dos que o praticaram?

Nós acreditamos que DEUS, Todo Poderoso é "*Rabbul-Ālamina*", isto é, Nutridor dos mundos. Ele é o Criador, o Nutridor, o Sustentador, o Protector, o Preservador, e o Senhor de tudo o que está no Universo. Nós cremos que DEUS criou-nos e ao Universo e colocou nele antes de nos criar tudo o que necessitaríamos para viver. DEUS tomou a responsabilidade de sustentar todas as criaturas da terra:

"Não existe ser vivo na terra cujo sustento não dependa de

Deus. Ele conhece a sua estância temporal e permanente, porque tudo está registado num livro claro”.

Cap. 11, Vers. 6

Neste versículo Deus diz claramente que todas as almas que Ele cria neste mundo, Ele próprio garante também as suas necessidades. Ele conhece bem o local delas, temporário ou permanente e faz-lhes chegar a provisão. Se Deus já tomou a responsabilidade de suprir a todas as criaturas vivas, então com que direito o ser humano, que é fraco, quer interferir no sistema de Deus?

E noutro versículo diz:

“E no céu, está vosso sustento e tudo quanto vos foi prometido. Pelo Senhor do céu e da terra! Tudo isto é tão certo quanto é certo que falais”.

Cap. 51 Vers. 22-23

Aqui Deus jura, para nos tranquilizar, que o sustento de todos está garantido.

DEUS criou tudo numa forma equilibrada e proporcional. As fontes de todas as forças potenciais e energéticas estão com DEUS, e são inesgotáveis e ilimitadas:

“E não há coisa alguma cujos tesouros não estejam Connosco. E não a fazemos descer senão na medida determinada”.

Cap. 15, Vers. 21

Os que creem nestes versículos são obrigados a acreditar que Deus não criou as pessoas sem planear e não deixou para outros a preocupação de tratarem do seu sustento. Não é possível que Ele não saiba que as Suas criaturas estão aumentando e que a comida é limitada.

Antes de criar qualquer criatura, Ele tratou da sua alimentação. O bebé antes de chegar ao mundo já tem a sua alimentação no ventre da mãe, depois de nascer tem no peito da mãe. A medida que vai crescendo e a capacidade do estômago vai mudando a alimentação também vai se alterando. Isto não só acontece com pessoas, pois até mesmo com os animais.

A falta de alimentos no mundo não é real mas sim aparente,

baseando-se em pressupostos fictícios.

É um facto reconhecido que o potencial de produção de fruta, cereais e hortaliças duma parcela de terreno, não está limitado por DEUS a uma quantidade específica. Os métodos modernos de irrigação e cultivo são responsáveis pelo aumento extraordinário do rendimento e produção da mesma parcela de terreno que no passado produzia uma percentagem limitada de cereais, ou que era árida e deserta.

Pensar que o mundo está abandonado e que poderá ocorrer uma explosão demográfica em que as pessoas morrerão à fome, é um ponto de vista dos que não acreditam em Deus.

A “Teoria Malthusiana” não é nova, pois o mesmo conceito já existia no período de jahiliyah (era pré-islâmica).

O Islã encoraja o casamento considerando-o obrigatório, e reprova o celibato. Esta posição do Islã tem a sua origem, pois após Deus ter criado Adão, este viveu algum tempo sózinho no Paraíso, mas apesar de ter tudo, não tinha o sossego e a tranquilidade de que necessitava, e então Deus decidiu criar uma companheira, para ser sua esposa e a quem foi dado o nome de Eva (Hawwa).

Não há dúvidas que o principal objectivo do casamento é a procriação para assim se proteger a espécie humana, e também para a satisfação sexual. O controlo de natalidade é diametralmente oposto a esse objectivo, pois o Profeta S.A.W. diz: “Casai com mulheres afectuosas e fecundas, pois eu orgulhar-me-ei do vosso grande número perante as outras comunidades”.

(Relato Abu Daud, An-Nissai)

O sexo é um desejo natural, assim como é a alimentação, e só através do casamento é que se satisfaz este desejo natural, pois fora dele é considerado pecado e crime. É natural que quando o homem se casa com uma mulher o resultado natural dessa união seja a procriação. E porque a satisfação sexual também é um dos objectivos do casamento, permite-se o “Az”, em que ambos satisfazem a sua paixão carnal, evitando a concepção.

Quando a união entre marido e mulher não resulta em progénie, causa muitas vezes a infelicidade. Portanto a procriação garante o amor entre os dois. O controlo reprodutivo

é contrário a isso. A contracepção significa a tomada de medidas para evitar a possibilidade de se dar à luz, e isso implica o não cumprimento do objectivo do casamento, que é a procriação.

A CONTRACEPÇÃO

O Alcorão que é a principal fonte de jurisdição islâmica não faz nenhuma alusão categórica, se a contracepção é permitida ou não. Contudo, consta no Al-Bukhari e Musslim um Hadice em que, Jabir R.T.A. narra que se praticava o “Azl” (interrupção do coito) no tempo do Profeta S.A.W., quando o Alcorão estava sendo revelado, e o Profeta tinha sido informado disso, não tendo contudo proibido tal prática.

Na base deste Hadice todos os Imamos são unânimes na permissibilidade do “Azl”, contanto que seja feito com o consentimento da mulher, pois Omar Ibn Al-Khatib narra que o Profeta S.A.W. proibira a prática do “Azl” com uma mulher livre sem a sua permissão e consentimento. *(Ibn Majah)*

Ibn Taimiyah diz no seu livro Mukhtassar Al-Fatawa, pág. 426, “quanto a “Azl”, alguns proibem, mas os quatro grandes Imames permitem-no com o consentimento mulher.

Ibn Al-Qayim no seu livro Zádul-Maád Vol. 4, pág. 16, dá preferência à opinião que permite o “Azl”. Ele menciona vários Hadices que declaram isso permissível e conclui dizendo dizendo: “Esses Hadices são claros no que diz respeito o “Azl”

No Nailul Autar o Imam Shaukani diz: “não há divergências entre os teólogos na permissão de “Azl” desde que a mulher dê o seu consentimento.

O Imamo Gazali no seu livro “Ihyá Ulum El-Din” diz que é permitido evitar a gravidez, pois a proibição depende do texto ou da analogia textual, porém, não há nenhum texto relacionado a este problema e nem há analogia semelhante a ser seguida.

O termo “Azl” deriva da palavra árabe “Azala” que literalmente significa “pôr de lado”, “separar” ou “remover”, e na prática “Azl” consiste na prática de sexo com interrupção momentos antes da ejaculação, para evitar que o esperma penetre no útero. Portanto, é uma relação sexual incompleta. E isso

corresponde ao ponto de vista islâmico segundo o qual o homem e a mulher são companheiros de vida, pois um conforta o outro, sendo que, gerar e procriar é direito dos dois. Há motivos pessoais válidos e justificativos para o Azl, como por exemplo:

- 1 - Nos casos em que a saúde física ou mental da mulher for susceptível de ser ameaçada, caso conceba ou se as repetidas gestações enfraquecerem o seu organismo perigando a sua vida, como por exemplo se sofre de alguma doença cardíaca ou renal, anemia ou algum desequilíbrio psíquico e temer não poder dedicar os devidos cuidados à criança, então devido à necessidade de salvaguarda da sua saúde, pode-se praticar o Azl se um médico muçulmano o recomendar, pois em caso de extrema necessidade o Sharia permite coisas que em circunstâncias normais não permite. Por exemplo, consumir carne de animal morto (de morte natural) ou de porco é harám, mas em caso de fome, não existindo qualquer outro alimento, então não só é permitido como também se torna necessário para salvar a vida.
- 2 - Quando a mulher precisa de observar um intervalo entre as gestações para que o seu organismo se possa recuperar, permitindo que se possa prestar a cada criança a atenção e o cuidado na nutrição e na educação, pode-se praticar o Azl, pois se em cada ano nascer um bebé será muito difícil dar a atenção e o cuidado adequados que cada um requiere. O intervalo desejável entre as gestações atinge-se quando de acordo com o Alcorão:

“As mães amamentarão os seus filhos (com leite de peito) durante dois anos completos”.

Cap. 2, Vers. 233

Na base deste versículo, alguns Álimos acham que tal implica que o intervalo mínimo entre o nascimento de crianças deve ser de 33 meses, sendo nove meses de gravidez e vinte e quatro de lactação, pois a ciência moderna já provou que

nada pode substituir o leite materno. Neste período, conceber pode ser prejudicial tanto para a mãe como para o seu bebé.

Do versículo que se segue alguns Álimos concluíram que o período mínimo entre o nascimento de crianças é de 30 meses, sendo 24 para o desmame e o mínimo de 6 de gestação para que se forme um feto com relativa garantia de sobrevivência. O Alcorão diz:

“Com dores sua mãe o carrega durante a sua gestação, e posteriormente sofre as dores do seu parto. E da sua concepção até ao desmame há um período de trinta meses”.

Cap. 46, Vers. 15

De acordo com uma advertência do Profeta S.A.W., durante este período não é aconselhável uma nova gravidez. Ele era contra o facto de uma mulher conceber durante o período de amamentação, chamando isso de “Al-Ghailah”, isto é, assalto à criança, assim como consta no Hadice de Assmá Bin’t Zaid, narrado por Abu Daud.

Portanto, como é que se deve nesse período evitar a gravidez? Abster-se de relações sexuais? Tal revela-se extremamente difícil, pois o período de abstenção de 2 anos é bastante longo, e a solução é a contracepção.

É igualmente permitido recorrer a métodos anticonceptivos quando se achar que os tempos são maus e impera a corrupção.
(Raddal-Mukhtar)

É também permitido quando as relações entre o casal não são boas e há a probabilidade ou intenção de separação entre eles.

- 3 - Outra razão que pode justificar o Azl é a eventualidade de algum dos parceiros ou os dois sofrerem de alguma doença contagiosa ou defeito genético que por hereditariedade possa ser transmissível, temendo-se portanto gerar uma criança deformada, com mongolismo, hemofilia ou sífilis. Outro motivo que pode legitimar a prática do Azl é quando a mulher é muito nova e o seu desenvolvimento físico e dos órgãos reprodutivos não tiver atingido ainda a robustez necessária, temendo-se a ocorrência de alguma doença

ou a incontinência, ou mesmo qualquer outra doença que devido à gravidez possa piorar provocando eventualmente a morte da gestante. Nestes casos podem-se tomar medidas de precaução através da contracepção para evitar tais nascimentos.

E isso é diferente do aborto a que se recorre para matar os fetos deformados depois de a concepção já ter ocorrido.

Disto depreende-se portanto que o médico muçulmano tem um papel muito importante a desempenhar no aconselhamento sobre os aspectos genéticos da gravidez.

O Azl foi o único método contraceptivo usado em tempos remotos, praticado no tempo do Profeta S.A.W, embora não tão efectivo como os métodos modernos como a pílula ou o D.I.U. Porém, hoje a medicina já desenvolveu novos métodos de contracepção cujo objectivo é prolongar o intervalo entre os nascimentos dos seus filhos, ou evitar a gravidez até o tempo desejado para reduzir o número de crianças na família. Esses métodos são de dois tipos: reversíveis e irreversíveis, sendo alguns usados pelos homens e outros pelas mulheres. Os juristas muçulmanos já haviam abordado a questão relativa aos contraceptivos usados pelas mulheres.

É interessante referir que já no século XIV da era cristã, o grande Imam e Jurista, Ibn Taimiyah Al-Hambali, (falecido no ano de 728 de Hijra), foi uma ocasião interrogado a cerca dos meios contraceptivos, se à mulher era permitido ou não inserir um “medicamento” no momento do coito para evitar que o esperma chegasse ao útero, e se caso tal “medicamento” não fosse retirado após as relações sexuais lhe era ou não permitido fazer o Salat obrigatório e jejuar após o indispensável banho de purificação.

Respondeu que, no que dizia respeito ao cumprimento do Salat obrigatório e ao Jejum, os dois eram válidos, apesar de o tal “medicamento” permanecer dentro do seu organismo, mas quanto à permissibilidade do seu uso, havia uma diferença de opiniões entre os Álimos, pelo que seria mais prudente não recorrer ao tal método.

(Fatawa Ibn Taymiyah)

Ibn Abedin Ash-Shami também considera permissível selar a abertura do útero.

(Raddal - Mukhtar Maa Addurrul - Mukhtar)

Por outro lado, Ibn Nujaim, o Jurista Hanafi, do século XV da era cristã, diz que “selar a abertura do útero” em analogia ao Azl, deve-se sujeitar ao consentimento do marido.

Portanto, na mesma base, não há nenhuma objecção religiosa aos métodos contraceptivos modernos, dependendo do Niyat (intenção). Contudo, o uso de métodos contraceptivos é prejudicial à saúde assim como afirmam famosos médicos de craveira internacional. Por exemplo, o Dr. Amand Routh, M.D., F.R.C.P. disse perante uma comissão de investigação: “Eu não tenho dúvidas que a prevenção da maternidade por métodos artificiais produz invariavelmente danos físicos, mentais e morais aos que recorrem ao seu uso”.

Os que acham que praticam os métodos contraceptivos para evitar a gravidez para se manter a beleza da mulher, devem saber que o uso de métodos contraceptivos é muita prejudicial à saúde da mulher.

Consta na “Enciclopaedia Britannica”: “Investigações sugerem que pode haver vários riscos no uso de comprimidos para o controlo de natalidade. Há indicações de uma possível relação entre o uso dessas pílulas e o cancro da mama e do útero. Há também algumas provas de aumento da hipertensão, tolerância anormal de glucose e outras alterações bioquímicas, para além da possibilidade de alguns danos ligeiros genéticos ao ovo do ovário. A pílula pode também agravar as alergias associadas à asma, eczema e enxaqueca, e outras doenças como a alopecia, psoríase, epilepsia, esclerose múltipla, otosclerose e porfírio. O risco mais grave parece estar ligado ao aumento nupcial na desordem tromboembólica, (envolvendo o coagulamento de sangue ou plasma).

Os medicamentos contraceptivos causam sérios problemas no sangue, favorecendo não só a sua coagulação como também a trombose, a embolia, a endometrite e até mesmo o cancro nalguns doentes.

Estas drogas podem causar roturas e sangria devido a alguns tumores de fígado. Contudo, a grande publicidade feita às pílulas contraceptivas e às injecções não faz alusão aos

sérios riscos em que incorrem as mulheres que os tomam. Ministras estas drogas sem esclarecer aos seus utentes sobre o potencial perigo que correm, é um crime e violação dos mais básicos do homem.

Portanto, qualquer contraceptivo, exceptuando a esterilização, que seja seguro ao seu utente é permitido se a ele se recorrer por razões pessoais e não como uma política nacional, pois a concepção e o número de filhos que se pretende ter são uma questão de foro íntimo.

Quanto às razões económicas, isto é, se devido à pobreza, é permitido evitar a gravidez ou não, alguns teólogos acham que sim e outros acham que não. Os que acham que não, argumentam que tal contraria a fé no destino, enquanto os que acham que sim argumentam que os planos para organizar a provisão e medidas precautivas não atentam contra a fé no destino, senão, não escapariam disso muitos outros esforços obrigatórios de sobrevivência. Dizem que na contracepção não há matança nenhuma, pois a suposta criatura ainda não existe e ninguém chama a uma gota de esperma uma criança, cuja matança foi nos proibida. Pelo contrário, é para garantir o cuidado à boa saúde e maior atenção aos pais. Acrescentam que durante o processo de acasalamento apenas um espermatozóide logra êxito na corrida para a fertilização do óvulo. Será que isso implica que os milhões de espermatozoides que acabam por morrer são crianças assassinadas? Portanto, a contracepção só evita a gravidez e não envolve a matança. E o versículo 31 do capítulo 17 não pode ser aplicado ao método moderno de controlo de natalidade cujo objectivo é a prevenção da concepção e não a matança da criança.

Consta que alguém queria casar-se mas não tinha possibilidades de sustentar a mulher, então o Profeta S.A.W. aconselhou-o a jejuar ao invés de casar.

E o Alcorão diz:

“Se forem pobres, Deus os enriquecerá com a Sua graça”.

Cap. 24, Vers. 32

“Aqueles que não possuem recursos para se casar que se mantenham castos, até que DEUS os enriqueça de Sua graça”.

Cap. 24 Vers. 33

E o Profeta S.A.W. diz: “Esse que não tem capacidade

(financeira) para se casar, que jejeue”.

Isto indica que a preocupação económica não atenta contra a fé no destino.

DEUS ordena no Alcorão:

“Espalhai-vos pela terra procurando da graça (favor) de DEUS”.

Cap. 62, Vers. 28

Alguns comentadores estão de acordo que a expressão “Graça de DEUS”, refere-se a coisas mundanas, tais como riqueza, comida e coisas materiais. Portanto o planeamento familiar não atenta contra a fé na providência de DEUS.

E o Profeta S.A.W. disse: “é melhor deixar os teus filhos ricos do que deixá-los pobres a mendigarem”.

(Al-Bukhari)

Dizem ainda os comentadores que não há dúvidas que DEUS assumiu a responsabilidade de sustentar todas as suas criaturas:

“Não existe ser vivo na terra que não dependa de Deus para o seu sustento”.

Cap. 11 Vers. 6

Isto significa que o verdadeiro Provedor de toda a comida, água e outras necessidades de vida é DEUS. Tudo isso provém d’Ele, pois é o Criador e Dono. Mas todas as criaturas têm que fazer um esforço para conseguir o seu sustento. Quem se esforçar, DEUS ajudá-lo-á e quem ficar parado claro que nada ganhará.

DEUS diz:

“Não existe coisa alguma cujos tesouros não estejam em Nosso poder”.

Cap. 15 Vers. 21

Não há crise nos Seus tesouros. Contudo, é um facto que neste mundo o Sharia reponsabilizou os pais pelas necessidades dos filhos na sua educação, alimentação, tratamento médico, etc. E sabemos também que DEUS aumenta as provisões a quem Ele quer e restringe-as a quem Ele quer.

Não é raro vermos gente sem o mínimo para se alimentar, outros morrendo à fome e outros ainda suicidando-se devido à pobreza. Nessas condições, e para os que nada têm para sustentar os filhos que já têm, como poderemos incumbí-los da tarefa de sustentar ainda mais filhos?

Muitos pais pobres esforçam-se ao máximo mas não conseguem ganhar mais por forma a conseguirem educar e sustentar folgadoamente os filhos e nem mesmo satisfazer as suas necessidades básicas. Mau grado o seu esforço, a sua situação não melhora, contraem doenças físicas e nervosas, e depois acabam não distinguindo entre o halal e o harám, desgraçando ainda mais os filhos que sofrem os consequências dessa situação. Portanto a este tipo de gente permite-se evitar a gravidez.

Se um pai achar que não reúne condições para preparar adequadamente o nascimento dos seus filhos, ou teme não lhes dispensar os devidos cuidados, ou acha que o comportamento da esposa é tão imoral que se pode recusar a tratar dos próprios filhos, então é lhe permitida a prática de contracepção, pois no Isslam é desejável que os filhos sejam bem gerados e bem criados para que deles possam surgir gerações saudáveis, bem educadas e piedosas, que defendam o Isslam contra os seus inimigos.

Os que são contra a prática da contracepção contra-argumentam que devemos entender na base do sistema de DEUS segundo o qual, quando alguns pecados se tornam comuns, então ocorrem a fome e a seca, sendo essas calamidades o resultado das nossas acções, e por isso DEUS diz:

“E todo o infortúnio que vos aflige deve-se àquilo que as vossas mãos cometeram, não obstante Ele perdoar muitas coisas”.

Cap. 42 Vers. 36

Argumentam que até mesmo o aumento dos preços dos alimentos é resultado das nossas acções.

Porém, algumas áreas de seca não afectam a regra geral de abundância no fornecimento existente em todas as outras regiões. E o que dizer das toneledas de alimentos, sejam cereais, ovos, leite, manteiga, etc. que são atirados ao mar por

muitos países ricos, como forma de regular os preços e as constantes notícias de má administração na distribuição de ajudas que nunca chegam aos seus destinatários nos países do Terceiro Mundo?

MÉTODOS REVERSÍVEIS

Há vários métodos de contracepção reversíveis, sendo alguns deles o Azl, os comprimidos, as injeções, o preservativo, (vulgo camisinha ou camisa de vénus ou condom), o D.I.U. (dispositivo intra-uterino, ou aparelho) etc. Portanto, basicamente existem três formas de contracepção:

- Físico - Coito interrompido (Azl)
- Mecânico - Inserção de aparelho no útero. (D.I.U. - Dispositivo Intra-Uterino)
- Químico - Método injectável ou ingestão de comprimidos, etc., (antes ou depois das relações sexuais).

O objectivo de qualquer destes métodos é evitar que os espermatozóides cheguem ao útero, ou chegando, sejam esterilizados devido ao efeito químico das injeções ou dos comprimidos, evitando-se assim a fertilização do óvulo. Porém, actualmente há um outro problema decorrente da prática sexual ilícita que ameaça a estabilidade do lar e da família, pois com o recurso aos métodos anti-conceptivos já não há o perigo de se ser descoberto, porque evita-se a gravidez. A prática de relações sexuais tornou-se actualmente numa actividade de prazer sem qualquer responsabilidade e o resultado são os lares quebrados e o elevado número de casos de fornicação e adultério.

MÉTODOS IRREVERSÍVEIS

Os cientistas são unânimes em considerar que no controlo de natalidade não há método seguro excepto a operação cirúrgica, havendo por isso pessoas (homens e mulheres) que recorrem a alguns métodos irreversíveis com intervenções por

vezes arriscadas que as tornam estéreis. E estas intervenções tornam-nas permanentemente incapazes de se reproduzirem biologicamente. Os Álimos são unânimes na não permissão do recurso a qualquer meio que possa incapacitar permanentemente o homem ou a mulher de se procriarem.

No Hadice consta uma narração de AbdDeus Ibn Massud que diz: “Nós estávamos numa expedição com o Profeta S.A.W. e não tínhamos levado connosco as nossas esposas, então dissemos: “Não seria melhor castrarmo-nos”? O Profeta S.A.W. proibiu-nos tal prática”. E recitou o Versículo 87 do Cap. 5 do Alcorão: *“Ó crentes! Não deveis proibir as boas coisas que Deus vos permitiu, tal como não deveis ultrapassar os limites, pois Deus não ama os que ultrapassam os limites”*.

(Kitabun Nikah, Musslim e Bukhari)

Depreende-se deste Hadice e do Versículo citado que a castração é proibida e é considerada um excesso para além do permitido.

O Profeta proibiu a castração, pois isso elimina a masculinidade do homem, tornando-o permanentemente incapaz de ter relações sexuais, não podendo por isso procriar. Castrar-se é alterar a criatura de DEUS, e é nessa base que os teólogos declararam tal prática harám, sendo-o também os métodos irreversíveis de contracepção. E a tentativa de alterar a criação de Deus esterilizando o homem ou a mulher atenta contra o objectivo do casamento.

Alguns Sahabas pediram autorização para se castrarem a fim de poderem dedicar todo o seu tempo ao Ibadat e à recordação a DEUS, e o Profeta S.A.W. proibiu-os de recorrerem à tal prática dizendo: “A castração no meu Ummat é o jejum e o Quiyamul-Lail”. (Passar a noite no Salat)

(Relato de Ahmad)

Abu Huraira R.T.A. era de tal forma tão pobre que não possuía nada para se poder casar, e então pediu autorização ao Profeta S.A.W. para se castrar para assim não ter preocupações sexuais e não correr o risco de cometer o pecado, e o Profeta proibiu-lhe tal acção. (Al-Bukhari)

An-Nawawi mencionou no Sharah de Musslim que a castração de qualquer pessoa é harám, seja ela pequena ou

grande. Allama Badruddin Aini no seu Sharah de Bukhari diz que a castração é unânimamente considerada harâm.

A castração e a esterilização são o resultado da influência satânica, assim como consta no Alcorão:

“Em verdade, (satanás dizendo a DEUS) ordenar-lhes-ei (às pessoas) a alterar (interferir e transformar) a criação de DEUS. (isto é, interferir e alterar as formas e capacidades físicas e naturais com que DEUS dotou a Sua criatura)”.

Cap. 4, Vers. 119

Embora os Sahabas tivessem motivos válidos e fortes, o Profeta S.A.W. proibiu-lhes tal prática.

Por isso o muçulmano deve manifestar repugnância por todas as tentativas tendentes a impedir o processo natural de criação.

O jejum que o Profeta S.A.W. recomenda é um calmante temporário que não destrói a capacidade de procriação. Contudo, as emergências são excepções e elas trazem concessões. Se a saúde da mulher estiver debilitada ou se estiver em risco de vida, seja devido à gravidez, ou à contracção de câncer nos órgãos reprodutivos, esterilizá-la recorrendo à ligação tubular ou à histerectomia total será obrigatório, na base da lei da necessidade, que atribui prioridade à vida existente.

O controlo de natalidade na forma moderna que conhecemos, não era praticado nos primeiros tempos do ressurgimento do Islam.

Porém, o infanticídio, o aborto e outros métodos de se descartar de crianças indesejadas especialmente as meninas, era o que se praticava na Arábia e noutras partes do mundo. O Alcorão proibiu terminantemente tais práticas, dizendo:

“E não mateis os vossos filhos com receio de cair na pobreza, pois Nós os sustentaremos bem como a vós. Por certo, matá-los é um grande pecado”.

Cap. 17, Vers. 31

E diz:

“Por certo Nós criamos todas as coisas, na justa medida”.

Cap. 55, Vers. 49

Os que advogam o recurso aos métodos artificiais com o objectivo de evitar a chamada explosão demográfica esquecem-se ou ignoram os recursos ilimitados que Deus colocou à disposição do Homem. A capacidade produtiva do homem aumentou de forma mais rápida que o crescimento populacional e se alguma coisa falhou na intenção de tornar o homem mais feliz, decerto que não é devido ao crescimento populacional mas sim ao uso indevido da capacidade produtiva que o homem ganhou, pois colocou essa capacidade no desenvolvimento de meios destrutivos, na manutenção de guerras infinitas e na corrida desenfreada pela obtenção do poder e da riqueza, etc.

À medida que a ciência se desenvolve, a terra poderá aumentar a sua capacidade de suportar maior número de habitantes, se a espiritualidade e a visão do Homem também se expandirem na direcção correcta, e ele não se desarraigar da parte espiritual da sua vida e não afundar no materialismo mais degradante.

No mundo, existem extensões de terra ainda virgens, abertas à exploração, pois são ricas em recursos que podem ser cientificamente utilizadas. Por exemplo a bacia do Amazonas, a Islândia o Ártico, o Alaska e tantas outras extensões que existem por esse mundo fora.

O exemplo destas zonas indica a existência de espaço abundante para a habitação humana e que os vastos e ricos recursos que Deus criou no mundo são suficientes para suportar o número crescente de Humanos na Terra.

Por exemplo, nós que vivemos em África, será que sabemos qual é a percentagem total da terra aproveitada no continente?

R. Buckminster escreve no seu livro "Critical Path" que a terra tem capacidade para suportar 55 biliões de habitantes, todos eles vivendo faustosamente como bilionários, se deixassem sómente a usura.

Portanto, aplicar o controlo da natalidade por medo de superpovoamento da terra, é preocupar-se com um medo irreal, e revela falta de fé e confiança no Poder Divino, pois quem providencia o alimento a todos nós é Deus.

E Ele diz:

"E não estamos desatentos às criaturas".

Cap. 23, Vers. 17

E diz:

“Ele criou todas as coisas e determinou-as na medida certa”.

Cap. 25, Vers. 2

Os muçulmanos devem manter-se atentos às agendas maquiavélicas do ocidente, propagadas através de meios que não só são obscenos e imorais, como também violam a ética profissional que deve ser apanágio da classe médica. Deve-se denunciar esta grande fraude que é perpetrada sob a capa de planeamento familiar e desenvolvimento populacional.

No Islã o melhor planeamento familiar é o de recursos, devendo-se primar sempre pela justiça e honestidade no seu uso e distribuição. Não se considera verdadeiro muçulmano quando não se crê que DEUS é “*Rabb*” de todo o Universo, isto é, Ele não é apenas o Senhor, mas também é o Provedor, Sustentador de todas as vidas em termos absolutos e infinitos. Na mentalidade de um descrente o conceito de “*Rububiyah*” pode não significar muito, mas poucos refutarão o facto de que o aumento populacional no mundo conduziu igualmente ao aumento “geométrico” na disponibilidade de recursos. E, enquanto nenhum dos recursos existentes se esgotou, vamos descobrindo novas fontes e recursos, por exemplo o petróleo, e seus derivados, o gás natural que há cem anos ninguém imaginava as suas potencialidades, e que mudou os destinos dos países da OPEP.

Só os descrentes é que não reparam, não escutam e não se apercebem disso.

“Temos criado para o inferno numerosos jinn e humanos com corações com os quais não compreendem, olhos com os quais não vêem, e ouvidos com os quais não ouvem. São como as bestas, ou talvez pior, porque são discipulantes”.

Cap. 7, Vers. 179

Portanto, quando se fala de planeamento familiar ou de métodos de controlo de natalidade, devemos reflectir nas consequências de “matar” os nossos filhos, isto é, do suicídio demográfico. É uma questão de fé.

Cada criança que vem ao mundo mantém-se um fardo económico sobre os seus pais e sobre a sociedade enquanto as suas faculdades produtoras não funcionarem, pois se for

bem educada e instruída, imediatamente tornar-se-á produtiva e criativa, repondo tudo o que a sua família e a sociedade investiram para o seu desenvolvimento.

Se devido à falta de recursos económicos ou à educação defectiva ela não revelar a sua produtividade latente, a culpa não é do seu Criador, mas do sistema social em que ele nasceu, pois no que respeita à natureza, ela nunca coloca na sociedade um indivíduo novo sem antes implantar nele as sementes da produtividade, dotando-o de capacidades para o enriquecimento material, cultural, e espiritual da sua sociedade.

Todo o ser humano se for convenientemente criado e educado em moldes científicos é susceptível de criar mais riquezas do que as que ele necessita para a sua subsistência, podendo dar mais do que aquilo que os seus pais nele investiram.

Portanto, o nascimento de cada criança é uma adição à riqueza social e humana e é uma fonte para o desenvolvimento nacional, devendo-se agradecer a Deus e aumentar o seu número, nunca diminuindo-o. Uma sociedade que tenha medo de procriar mais, revela que deixou de ser criativa e produtora. Deve-se igualmente corrigir o estilo de vida.

A injustiça e a exclusão social e económica, a acumulação exagerada de riquezas nas mãos de improdutivos, sejam eles políticos, comerciantes, industriais, magistrados, oficiais, etc., votaram o cidadão vulgar à pobreza, razão pela qual este cidadão vulgar faz os possíveis para que o seu fardo não se avolume ao trazer ao mundo mais bocas para alimentar.

Os que advogam o controlo de natalidade na base da chamada explosão demográfica, o que na verdade querem é manter intacta a organização sócio-económica de uma sociedade injusta. Constitui sempre o meio mais conveniente das classes privilegiadas quando se sentem incapazes de impedir o crescimento da desafeição entre os pobres quando não encontram alternativas de mudança radical na estrutura económica da sociedade. Nessas circunstâncias acham que não se pode parar com o agravamento da deterioração da situação económica do pobre sem o uso massivo do controlo de natalidade.

Portanto, ao invés de eliminarem os seus privilégios baixando os níveis de ostentação, propõem ao povo em geral

o controlo de natalidade. A sociedade que não permite que os seus concidadãos sejam reduzidos à pobreza máxima para que à sua custa alguns privilegiados desfrutem de riqueza, luxo, conforto, têm pouca necessidade de adoptar métodos de controlo de natalidade.

Em suma, não é permitido a um muçulmano praticar o controlo de natalidade por motivos económicos, por recear ter que sustentar mais uma boca, pois isso atenta contra o princípio de fé de que Deus é que é o Nutridor de todos nós.

O Movimento de Controlo de Natalidade na verdade não se fundamenta em aspectos económicos ou demográficos, mas sim na permissividade da anarquia, perversão, prosmicuidade sexual, isto é, uma pseudo-liberdade de prática de sexo ilícito sem responsabilidades maritais, devido ao fácil acesso aos contraceptivos.

Diz-se que a explosão demográfica é um dos grandes obstáculos ao crescimento económico, devendo-se para tal controlar o crescimento populacional, pois caso contrário, num futuro não muito longínquo seremos muitos biliões e não haverá comida para todos. Fazem uma estimativa de quantos seremos nessa altura, mas não calcularam o que fizeram em contrapartida. Apenas pretendem que a população se reduza. Portanto, atacam a questão no seu aspecto mais negativo e não no positivo. Seria preverível que perspectivassem o crescimento populacional num determinado período, e em função disso perspectivassem também a terra arável que seria necessária, bem como as fábricas e a mão de obra que seriam necessárias para melhor enfrentarem essa explosão demográfica. Eles optaram pela via mais fraca e fácil, a da redução populacional em detrimento da via do incremento da produção.

Optaram pela via negativa, o que lhes convém e os torna mais preguiçosos, pois esta não necessita de esforço algum. Basta exigir que as pessoas controlem a natalidade.

Se o tecto de uma casa for muito baixo, a solução não é cortar os pés da pessoa que nela habita, mas sim elevar o tecto.

Se cada um de nós no seu quotidiano tomasse a sério esta questão, veríamos que, se por exemplo alguém tivesse três filhos e o seu salário fosse limitado e não chegasse para cobrir

todas as despesas, esforçar-se-ia por ganhar mais algum para além do ordenado, desenvolvendo outras actividades extra para assim conseguir satisfazer as várias necessidades dos seus filhos. Não optaria nunca pela limitação do número de filhos.

Supondo que o crescimento populacional é um problema real, dever-se-ia ter sido resolvido antes de ele ocorrer. Infelizmente não nos antecipamos para enfrentar o aumento da população combatendo a pobreza, daí que surjam sugestões / imposições para optarmos pela via mais fácil, a da diminuição da população. Tanta terra fértil está abandonada, sem ser cultivada, e porque será que não se preparou toda essa terra antes do surgimento da crise e do aumento da população? Se cada um de nós pelo menos retribuísse, isto é, desse o que recebeu na vida, o resultado seria o bem estar para todos. Porém, nós só queremos receber e não queremos dar. Por exemplo, no nosso Moçambique tudo vem de fora, desde o arroz à farinha, ao açúcar, à água mineral, à roupa, ao material de construção, à batata, à cebola, ao tomate, etc. O que é que isso significa? Que só recebemos e não damos nada em troca, ou por outras palavras, só compramos e não vendemos nada. Não produzimos nada.

Na economia de qualquer país há três cenários possíveis entre a produção e o consumo. Se o consumo for igual à produção há estagnação, portanto não há desenvolvimento. Se o consumo for superior à produção haverá problemas imediatos, pois o subdesenvolvimento acentuar-se-á mais ainda. Mas se a produção for superior ao consumo haverá progresso e bem estar.

Nós consumimos mais do que produzimos, e por isso estamos retrocedendo. Desenvolvimento significa paz efectiva, pão, habitação, saúde e educação, e qualquer país que não reúna estes pressupostos não se pode proclamar como “país em vias de desenvolvimento”. Se cada geração desse como legado à sociedade bens em quantidade igual à que recebeu da geração antecessora, já seria um passo na senda do progresso, mas infelizmente no nosso caso, passamos uma década na preguiça e depois queremos num dia só atingir níveis de desenvolvimento que muitos povos levaram décadas a atingir.

Segundo o Alcorão, o homem tem que manter o equilíbrio

entre o seu rendimento e as suas despesas. Não deve ser nem avarento nem esbanjador e extravagante, pois qualquer dos extremos é condenável.

Devemos saber distinguir entre a política de “limitação” à reprodução e a política de “planeamento”, isto é, entre as leis sociais obrigatórias, e as medidas individuais voluntárias.

Limitar a produção através de legislação indiscriminada e obrigatória para restringir a procriação, atenta contra as Leis de Deus. Mas o planeamento familiar praticado através de medidas voluntárias individuais com o objectivo de regular o número do agregado familiar com motivos justificados, é permitido se não for prejudicial ao casal e for feito com consentimento mútuo.

Todavia, quanto maior for o número de muçulmanos, maior vantagem trará à sua religião, e se estivermos vivendo num país onde o poder político, militar ou económico é assegurado por muçulmanos por eles serem em maior número, então a adopção da prática de controlo de natalidade é prejudicial ao Islam.

De acordo com o matutino “Notícias”, edição de 28/06/2001, o Governo do Sri Lanka está apelando às famílias mais numerosas para alimentarem, isto é, alistarem-se, ajudando a aumentar o exército nacional a braços com uma falta acentuada de efectivos, pois a última campanha do exército para o alistamento de dez mil soldados fracassou.

Curiosamente, o mesmo país que na década de 70 implantou um programa de controlo de natalidade, dos mais bem sucedidos da história, diga-se de passagem, e em que o governo distribuiu preservativos e deu incentivos aos que aceitassem ser esterilizados, está agora a bonificar as famílias que tenham mais do que dois filhos, tendo como mote: “É hora de o povo pensar que quanto maior melhor”.

O aumento da população não é algo mau, antes pelo contrário, é uma Graça.

Deus quando no Alcorão fala sobre os Seus favores concedidos a um povo, inclui nisso o aumento populacional. Diz por exemplo: *“Temei a Deus e obedeei-Me. Temei àquele que vos deu com abundância o que sabeis, e deu-vos com abundância riquezas, e filhos, e jardins, e rios”.*

Cap. 26, Vers. 131-134

E quando fala a cerca dos Seus favores para com os filhos de Israel, diz:

“Em seguida devolvemos-vos a dominação sobre eles, e fortalecemos-vos com bens e filhos e tornamos-vos mais numerosos”.

Cap. 17, Vers. 6

Foi por isso que o Islã proibiu a esterilização e a castração de pessoas e animais.

O Profeta S.A.W. encorajou-nos também a termos muitos filhos, pois ele diz: “Casai-vos e procriai, pois eu orgulhar-me-ei do vosso grande número perante os outros povos”.

(Al-Bukhari)

E encoraja a todos os jovens capazes, a casarem-se, pois com isso aumentar-se-á o número de muçulmanos, daí surgindo a sua força.

O Profeta S.A.W. disse:

“O crente forte é melhor e mais querido perante Deus do que um crente fraco, e em ambos há o bem”.

Os que defendem o controlo de natalidade argumentam que devemos apostar na qualidade e não na quantidade, e citam o Hadice em que o Profeta S.A.W. disse: “Chegará o tempo em que outras nações atacar-vos-ão como uma multidão esfomeada ataca uma mesa de jantar repleta de comida”.

Os seus discípulos ficaram surpreendidos e perguntaram: “Isso acontecerá por causa do nosso pequeno número”?

Ele respondeu:

“Não de facto, o vosso número será grande mas sem valor, como a espuma no mar, pois não restará medo nos corações dos vossos inimigos e isso será devido à vossa fraqueza”.

Eles perguntaram: “Qual será o motivo da nossa fraqueza? Ele respondeu: “Vocês amarão esta vida e odiarão a morte”.

Há quem argumente que este Hadice diz-nos claramente que a qualidade da fé é mais importante que o número de muçulmanos e que hoje alcançamos a sua veracidade, pois o seu número ultrapassa um bilião, constituindo quase um quinto da população mundial, mas económica e politicamente são os mais fracos.

Este argumento é fraco e ridículo, pois nós não só

precisamos dos fortes, mas também dos fracos. Os muçulmanos precisam de gente forte naquilo que requer força, e também dos fracos naquilo que não requer força, por exemplo, na limpeza e nos trabalhos manuais ligeiros. Portanto, na nossa sociedade ninguém está a mais. Sabemos que todas as crianças se matriculam nas escolas para estudar, porém, nem todas chegam a graduar-se. Algumas não vão para além do ensino primário, outras apenas conseguem concluir o secundário, outras conseguem concluir o ensino médio, e das que chegam ao ensino superior só algumas é que conseguem licenciar-se ou doutorar-se, contudo, nós precisamos de todos eles, pois cada um tem o seu lugar e função na sociedade.

O Profeta S.A.W. disse que o crente forte é melhor que o fraco, pois não há dúvidas que o seu contributo é maior. Porém ele também disse que em ambos há o bem, pois precisamos de todos.

Por isso, dizer que se pretende qualidade e não quantidade está errado. Mesmo na vida militar há atiradores, cozinheiros, motoristas, amanuenses, contabilistas, estafetas, ordenanças, faxinas, enfim, a cada um é dada uma função de acordo com as suas capacidades físicas e psíquicas.

O Profeta S.A.W. encoraja-nos a praticar a agricultura, a indústria e outras actividades para que a sociedade islâmica se torne auto-suficiente e não dependa de outros. Se aplicássemos estas recomendações do Profeta, particularmente em África onde a terra é mais fértil, dispõe de recursos hídricos e chove periodicamente, sem dúvidas que a produção seria suficiente para alimentar todo o planeta. Portanto, a falha não reside nos produtos alimentares mas sim nas pessoas que não querem trabalhar, pois DEUS diz:

“Diz! Não crêdes vós Naquele que criou a Terra em dois dias e atribuíis-Lhe rivais? Esse é o Senhor dos Mundos! E fixou firmes montanhas na superfície da terra, e abençoou-a, e distribuiu e alimentou na justa medida em quatro dias”.

Cap. 41, Vers. 9-10

Há necessidade de desenvolver e introduzir tecnologias apropriadas para alcançar o máximo de produção e rendimento por unidade de área e tempo através de agricultura intensiva.

Deus já distribuiu pela terra alimentos que são suficientes

para as pessoas se estas trabalharem, pois se assim não for, a culpa não é da terra, nem da chuva, nem dos rios. Tudo isso indica que quando Deus criou os humanos, aprovisionou para eles os alimentos necessários. A carência de alimentos é uma situação criada pelo homem ao manipular as leis de fornecimento e procura devido a interesses comerciais dos países desenvolvidos, como os Estados Unidos e outros da União Europeia que anualmente destroem lançando ao mar, milhares de toneladas dos seus excedentes em cereais e outros produtos alimentares, com o objectivo de manter ou aumentar os preços que lhes convém e adquirir o máximo de lucros, pois se houver abundância de produtos no mercado, naturalmente que os preços vão baixar e isso não lhes interessa.

O que eles querem é sugar o sangue e as riquezas dos outros povos, mantendo-se numa posição que lhes permita dominarem tudo e todos, controlando os preços. E são os mesmos que impõem que outros países pobres se dediquem à cultura do tabaco, em detrimento do cultivo de bens alimentares. Países cuja população morre à fome e que precisam de comida cultivam tabaco, que é altamente prejudicial à saúde. Que incongruência! Será que eles perderam a capacidade de raciocínio? Como é que se fala em carência de produtos quando há excedentes? É um grande paradoxo!

As causas verdadeiras da catástrofe da fome e pobreza que ameaçam milhões de pessoas não são devido a falta de meios na terra, pois, os estudos científicos confirmam que o mundo no seu estado actual produz 10% mais alimentos, suficientes para alimentar todos os habitantes do globo.

A terra pode produzir quatro vezes mais em relação àquilo que está a produzir actualmente e alimentar todos os seus habitantes no novo século, na condição de haver uma dedicação principal na agricultura.

O problema é a mádistribuição entre os países ricos do norte e os países pobres do sul. E isso torna-se clatro, assim como dissemos da prática dos países europeus que anualmente lançam ao mar, destruindo milhões de toneladas de produtos alimentares e frutas, só para proteger os preços que eles estabelecem. E também torna-se claro pela brecha existente entre o que o mundo gasta em armamento e o que gasta na alimentação.

A UNICEF diz que com quarenta bilhões de dólares é possível providenciar os serviços básicos de alimentação e educação a todos os habitantes da terra, entretant, o mundo gasta seiscentos bilhões de dólares anualmente em material bélico.

A União Americana para os Direitos Humanos e Desenvolvimento Social diz que nos meados dos anos oitenta, o mundo gastava em armamento uma quantia de mil milhões de dólares em cada vinte e quatro horas. Três quartos desse armamento eram comprados pelos países do Terceiro Mundo.

O valor de um míssil inter-continental pode alimentar cinquenta milhões de crianças esfomeadas na África, Ásia e America Latina e pode se ainda edificar sessenta e cinco mil Centros Médicos e trinta e quatro mil escolas primárias.

O preço de um avião lançador de armas nuclear pode construir setenta e cinco hospitais, cada um com capacidade de cem camas. E com o preço de um submarino nuclear pode se construir quarenta mil casas populares.

O presidente do Comité Permanente da Cruz e Crescente Vermelhas Internacionais disse o que a Liga dos Comités de Crescente Vermelha e Cruz Vermelha Árabe gastaram no ano 1985 a favor de esfomeados na África salvando a vida de um milhão e meio de pessoas, não chega ao custo de produção de três minutos de armamento distrutivos.

*(Journal Musslim World League,
26/10/2001)*

Portanto, eliminar a fome e salvar a vida de pessoas não é difícil, se o mundo diminuir os gastos em armamento e dedicar-se mais na produção de alimentos e melhoramento das terras e esforçar-se mais na agricultura.

AS CONSEQUÊNCIAS FATAIS DA ADOÇÃO DO CONTROLO DE NATALIDADE COMO UMA POLÍTICA NACIONAL

A prática massiva de controlo de natalidade origina muitos males, entre eles os vícios sexuais, o crime e as doenças incuráveis.

Não obstante estes males, ela é mais comumente praticada entre pessoas da classe média e alta. Os ricos, as pessoas com formação superior, os magnatas, os médicos, etc., são de entre as pessoas que a praticam. O mesmo já não se verifica entre as classes mais baixas da sociedade. O padrão de vida destas classes não subiu, nem eles têm ambições inatingíveis. Nestas classes há famílias em que o homem trabalha e a mulher cuida da casa, e a sua vida familiar e as responsabilidades parentais continuam intactas.

Da mesma maneira, as famílias compostas de gente com um nível académico mais alto são pequenas relativamente às famílias compostas de gente com nível académico mais baixo.

Todos estes factores ilustram claramente que num país onde o controlo de natalidade é massivamente praticado, a classe operária ou camponesa multiplica-se mais, enquanto que no seio de pessoas dotadas de capacidades intelectuais e de liderança a reprodução está em declínio.

Para além de desequilibrar demograficamente um país, causando a eliminação gradual de génios, também perturba o equilíbrio etário dos seus habitantes e as consequências económicas e culturais nessa comunidade são desastrosas.

Com a redução de nascimentos o número de velhos aumenta, e o sangue novo cessa de correr nas artérias da nação.

Com a redução do número de crianças reduz-se a procura de bens, o que contribui para a estagnação económica, afectando na generalidade o nível de vida.

Como consequência, a nação começa a perder o vigor e a sua capacidade de iniciativa o que leva a que decorridos alguns anos fica ultrapassada em quase todas as áreas, contrastando com as nações que guiando-se pela natureza, seguem uma política de procriação liberal que lhes permite manter o vigor proporcionado pelos jovens.

O controlo de natalidade praticado como política nacional também contribui para enfraquecer os laços de parentesco decorrentes do matrimónio, pois as crianças constituem um meio de reforço das relações entre marido e esposa, na generalidade os casais que não procriam acabam-se separando.

A prática de controlo de natalidade é uma via para o suicídio nacional, sendo por isso que os muçulmanos devem manter-se

atentos, não se deixando cair na armadilha.

Quem lançar um olhar para este mundo verá que Deus cria as coisas conforme as nossas necessidades, quando a necessidade de algo é grande então isso existe em abundância, e quando a necessidade for menos, essa coisa também decresce. Da mesma forma é o caso da terra, no passado dificilmente um quarto do globo estava habitado, e o resto da terra era constituída por matos. A medida que a população aumentou, surgiram novos povoamentos e hoje a terra tem capacidade para albergar um grande número de gente assim como explicamos logo no início. Quando havia pouca gente para comer, os produtos alimentares também eram poucos.

Quando a população humana vivia num espaço limitado de terra, não havia necessidade nem de uma bicicleta, para meio de transporte, por isso não havia aviões, barcos, comboios nem carros, mas à medida que a população foi aumentando, Deus criou meios adicionais para a população e não só, quando algo deixa-se de utilizar, Deus também baixa a sua produção, e as vezes até extingue-o, o grande exemplo disso é, quando ainda não tinha sido inventado o avião, carro, comboio, etc. toda a gente utilizava cavalos para viajar, mas quando foram inventados esses meios modernos de transporte e substituíram os cavalos, então a sua importância diminuiu e gradualmente as pessoas deixaram de utilizá-los. Matematicamente falando, devia haver cavalos em abundância por todos os lados como gatos, cães, e o seu preço devia baixar consideravelmente. Porém, nem uma nem outra, nem aumentou o número dos cavalos.

Aliás, diminuiu o preço também subiu.

Na Índia, no tempo colonial, era permitido por lei degolar vacas sendo-o aos milhares por dia, mas depois da sua independência o abate foi proibido por lei. Portanto, agora devia haver milhões de vacas, talvez em igual número ao de pessoas, mas a realidade é bem oposta.

Quanto mais se amamenta com o leite do peito, mais leite é produzido pelo organismo, e quanto menos se amamenta mais rapidamente seca. Quanto mais água do poço se tira, mais ela aumenta, e quando se pára de tirar, o poço seca. São desígnios Divinos, e o homem está longe de poder explicar como isso funciona.

Portanto, é errado dizer que quando maior for o aumento populacional maior será a fome, pois quando a população aumenta, Deus Todo Poderoso, também amplia os meios de subsistência.

Deus criou neste espaço limitado de terra, várias criaturas, tendo cada uma um potencial próprio em matéria de reprodução. Se se deixasse que alguns tipos de criaturas se reproduzissem na sua máxima capacidade, dentro de algum tempo a terra enche-se-ia só com essa espécie, não restando espaço para outras criaturas. Por exemplo, o peixe estrela, também chamado estrela do mar (star fish), põe vinte milhões de ovos de cada vez, e se se deixar que um deles se procrie livremente, na terceira ou quarta geração os mares do mundo encher-se-iam só com esse tipo de peixe não restando espaço para outras espécies de peixe. Mas quem é que controla a sua reprodução não deixando ultrapassar a sua população a um número fixo? Não há dúvidas que não são os nossos esforços científicos mas sim a prudência de Deus.

Da mesma forma Deus controla também a espécie humana. Portanto não devemos interferir no trabalho de Deus.

Para além disso, devido à mortes e acidentes, partes da terra estão ficando desertificadas. À medida que a população mundial aumenta, também aumentam os desastres. Presume-se que só na I Guerra Mundial de (1914-1918) morreu tanta gente que ultrapassou o número total de mortos em todas guerras que foram travadas no mundo em milénios anteriores.

Os tufões, as cheias, as epidemias, os terremotos, as erupções vulcânicas, a sida (que vitimou já mais de vinte e dois milhões de pessoas no mundo), os desastres aéreos, rodoviários, etc. que no passado não existiam, e que hoje ninguém consegue travá-los, fazem parte do sistema Divino de equilíbrio das suas criaturas. Deus sabe bem o que faz e não está desatento, e portanto ninguém deve interferir no Seu trabalho. Nós devemos, dentro das nossas possibilidades tentar aumentar a produção de alimentos e o que já está produzido aproveitá-lo racionalmente da melhor forma, distribuindo-o com equidade e justiça, e quanto às terras que estão abandonadas devemos tentar aproveitá-las. Se cumprirmos com as nossas obrigações correctamente, ninguém no mundo morrerá a fome. Mas em vez disso nós deixamos os

terrenos desocupados, querendo interferir indevidamente no sistema de Deus.

O controlo de natalidade, praticado de qualquer forma é um atentado contra a natureza, porque a instituição do casamento entre o homem e a mulher tem como objectivo a preservação da espécie humana, e verificamos isso ao contemplarmos o corpo da mulher e as alterações a que ela está sujeita.

Quer parecer que o corpo da mulher constitui uma complexa máquina concebida precisamente para a preservação da espécie humana. Quando ela atinge a puberdade, começam os períodos menstruais, que a preparam mensalmente para a concepção. Depois quando o espermatozóide se estabelece no seu corpo, cria uma revolução no seu sistema corporal. Todo o seu corpo está virado para o feto e o seu desenvolvimento, ficando apenas a parte do corpo que é indispensável à vida da gestante. São essas coisas que criam no instinto da mulher o sentimento materno, o amor, a misericórdia, etc.

Depois de dar à luz, surge uma outra revolução no seu corpo que faz com que ela amamente o seu bebé. Durante esse período são desviadas as melhores partes do seu sangue para a produção do leite do peito. E ela dá prioridade à espécie humana acima dos seus interesses pessoais.

Depois da amamentação, a natureza prepara-a para de novo conceber, e este ciclo continua até ela estar apta para esta grande tarefa. Quando a sua idade avança atingindo a menopausa, simultaneamente a sua beleza começa a declinar, a atracção diminui começando a velhice com as suas mazelas, o que só termina com a morte.

Com esta explicação chegamos à conclusão que a melhor fase da vida de uma mulher é aquela em que ela vive para cumprir esta nobre tarefa de preservação da espécie humana, e quando ela vive só para si, vive uma vida difícil. Portanto, a sua criação e o casamento são para a preservação da espécie humana.

Com isto a natureza quis também que o ser humano vivesse uma vida familiar e colocasse as fundações da civilização, pois com o casamento nascerão crianças e depois criar-se-á um ambiente familiar alastrando e criando relações com outras famílias, tribos, etc.

Portanto, a atracção que a natureza proporciona à vida

familiar tem por objectivo a satisfação das necessidades naturais, alcançando portanto os objectivos da procriação. Porém, quem quer adquirir o prazer mas não quer cumprir com esse objectivo, em troca do qual ele alcança esse prazer, é como o empregado que quer um ordenado mas não quer servir. Esse empregado tem que ser coagido a cumprir com as suas obrigações.

QUEM AGITAR UMA MULHER CONTRA O SEU MARIDO NÃO É DO NOSSO GRUPO (AL-HADICE)

Algumas mulheres frustradas são especialistas em agitar a outras senhoras contra os seus maridos, dizendo-lhes:

—porque é que o teu marido não traz isto ou aquilo para ti?

—veja lá a fulana, o marido dela trouxe-lhe tantas coisas e tu não és menos que ela!

Outras dizem: —Olha! o teu marido dá isto e aquilo á família dele ou á sua segunda esposa e a ti não te dá nada!

Repetem este tipo de frases até provocarem discussões constantes, violência ou mesmo o divórcio.

Esta prática é comum e os seus promotores talvez nem noção têm de que estão a praticar um crime religioso grave, pois o Profeta S.A.W. diz: Quem agitar uma mulher contra o seu marido não é do nosso grupo. i.é. está fora do Isslam.

Pois de entre os principios gerais do Isslam consta a proibição de tudo o que cria estragos e cortes de relação na sociedade.

O Isslam proibe a intriga por esta ser uma das causas do corte de relações.

Neste caso a gravidade aumenta porque está-se a procurar cortar relações entre o marido e a mulher, que por sua vez vão demolir o núcleo da família destruindo o bem estar e o futuro das crianças.

Eis o aviso que Deus lança contra esse tipo de gente: *“Na verdade, os que gostam que se espalhe a obscenidade, entre os crentes, terão um castigo doloroso neste mundo e no outro”.* (Cap.24 Vers.19)

Os crentes, devem criar a aproximação e reconciliação, tentar acabar as divergências entre as pessoas e não lhes é digno criar intrigas, estragar as boas relações existentes entre elas, muito menos entre o marido e a mulher.

AINFERTILIDADE

Após o casamento qualquer muçulmano fica anseia ter filhos pois esse é um desejo natural de qualquer casal, pois os filhos trazem alegria à casa. O Profeta S.A.W. recomendou o seguinte: “Casai com mulheres férteis” (que se reproduzem muito) e amorosas.

(Relato de An-Nassai, Kitabun-Nikah)

Porém, os muçulmanos creem firmemente que nada acontece sem a permissão de DEUS, que é o Criador, pois o simples facto de casar não garante necessariamente a prole, por isso DEUS diz:

“A Deus pertence o Reino dos Céus e da Terra. Ele cria o que quer, dá a quem Ele quer meninas e dá a quem Ele quer rapazes. Ou então dá casais de rapazes e meninas. E faz estéril a quem Ele quer. Na verdade, Ele é sábio e Poderoso.”

Cap. 42, Vers. 49-50

O Alcorão fala-nos dos casos de dois Profetas, Zacaria e Ibrahim, cujas esposas não podiam reproduzir-se devido à esterilidade, mas já na idade avançada e após permanentes Duás (súplicas à Deus) conseguiram conceber. Zacaria já tinha quase 99 anos e a sua esposa tinha 98 anos. Ibrahim já tinha quase 100 anos, a Sarah tinha quase 90 anos. Isto demonstra o poder absoluto de DEUS, pois Ele é o Criador exclusivo, cria quando e aquilo que quer.

O que fazer quando alguém é estéril?

Qualquer casal muçulmano que esteja nessas condições deve em primeiro lugar rogar humildemente a DEUS e não perder esperanças n’Ele. para que Ele lhes conceda filhos. Assim como os Profetas Ibrahim e Zacaria, um dia ele também poder vir a ter filhos. Devem abster-se de ir aos curandeiros e charlatões, pois esses não têm nenhuns poderes.

Mesmo depois de muitas súplicas à DEUS, se algum casal não conseguir procriar deve conformar-se com a sua sorte deixando tudo nas mãos do Criador.

Alguns inconformados recorrem à poligamia, desposando

uma segunda mulher, mantendo a primeira.

Outros casais adotam bebês, o que é permitido, mas sem contudo mudar a filiação do adotado, pois o Alcorão diz que não é possível alguém tornar-se nosso filho verdadeiro, de sangue, ter dois pais ou mães assim como não é possível alguém possuir dois corações. Adotar crianças legalmente, e mudar-lhes a filiação pode criar algumas complicações, sendo uma delas a perda da sua identidade. A identidade (filiação) da criança não deve ser escondida, e deve-se informar à criança da verdade, desde os primeiros anos de vida.

Suponha-se que depois de se adotar a criança, o casal vem a procriar. Naturalmente que nessas condições haverá uma tendência para os pais se inclinarem mais para o seu filho de sangue do que para o adotado. Se a criança de sangue for do sexo diferente da criança adotada, de acordo com o Islã, eles não podem livremente ficar na mesma casa quando forem crescidos, porque não há consanguinidade entre eles, pois continuam estranhos.

Se a menina adotada crescer e atingir a puberdade, terá que usar o Hijab perante o pai adotivo, por este não ser o seu verdadeiro pai, bem e os irmãos colaços. E se for um rapaz adotado terá que usar o Hijab perante a mãe adotiva e irmãs colaças. É permitido o casamento entre as filhas adotadas e seus irmãos colaços.

E se o rapaz adotado crescer e casar-se, então a mulher deste terá que usar o Hijab perante o chamado pai adotivo do marido.

Se alguém adotar legalmente uma criança, privará o seu próprio filho da sua herança legítima, pois a sua porção ficará reduzida.

A criança adotada não tem automaticamente porção na herança prescrita por DEUS, pois não é herdeiro. Porém, pode fazer-se Wasiyat (testamento) a seu favor, e se for feito o Wasiyat, então não deve ultrapassar um terço do valor da propriedade.

Se alguém morre sem deixar filhos, a sua mulher receberá um quarto da herança deixada pelo marido, mas se tiver um filho receberá um oitavo.

Neste caso se houver alguma criança adotada legalmente, esta privará a mulher da sua porção.

Para evitar todas estas complicações, o Islã proíbe a adopção legal, e a mudança da filiação da criança.

Adoptar órfãos, cuidar deles, educá-los, vesti-los, alimentá-los e dar-lhes carinho paternal, é bom e virtuoso, e quem adopta terá grandes recompensas no Akhírat. Mas infelizmente, neste mundo actual marcadamente materialista há países que abusam desta abertura e vendem crianças, pondo até anúncios nos jornais, o que é imoral.

Apesar destas três alternativas, as pessoas, muito em particular as mulheres, não se conformam, pois querem ter a sua própria prole, gerida a partir do seu sangue, Qual seria então a solução?

Está cientificamente provado que a infertilidade pode ser causada por algumas anomalias no homem ou na mulher. A medicina moderna descobriu já meios para se ultrapassar este problema, fazendo com que o casal tenha filhos.

O Profeta S.A.W. diz que DEUS enviou doenças e curas, designando para cada doença uma cura. Encorajava os muçulmanos a procurarem a cura quando estivessem doentes, proibindo porém o recurso a tratamentos ilícitos (harám).

Procurar tratamento e cura não atenta contra a crença de “tawakkul” em DEUS.

Um dos métodos usados para algumas mulheres conceberem é a inseminação artificial, isto quando a mulher não pode conceber de forma normal e natural. A fertilização através de métodos clínicos, portanto, artificial, é um assunto religioso e moral, por isso devemos recorrer aos ensinamentos do Sharia para nos certificarmos se determinado método é lícito ou não.

A inseminação, fecundação ou fertilização artificial humana quer dizer, introduzir artificialmente no corpo da mulher através de uma seringa, ou tubo, o sémen do homem, ao invés do acto sexual. Para ela se realizar, precisa-se de sémen humano, fresco ou congelado (fornecido por um banco de esperma) dado pelo marido da mulher inseminada (inseminação homóloga), ou por outro homem (inseminação heteróloga). O seu objectivo é produzir a gravidez quando o desejo de ter bebé aparentemente não pode ser alcançado através de relações sexuais normais, ou junção do sémen do homem com óvulo da mulher, de forma artificial, isto é, sem recurso a relações

sexuais directas para se chegar á concepção, isto devido á impotência do marido ou por má formação do aparelho genital masculino ou femenino, quando existe escassez de espermatozóides ou a sua qualidade fôr deficiente. Nesta técnica inclui-se o uso de esperma do marido ou de qualquer doador anónimo, isto em situações de azoospermia (ausência de espermatozóides) ou de perigo de transmissão, por parte do marido, de anomalias genéticas graves. Às vezes toma-se o esperma do marido e é misturado com o do doador quando o esperma do marido não for efectivo e fertiliza-se o óvulo da mulher ou doado por outra mulher e depois é transferido para o útero da sua esposa ou então num útero alugado de qualquer mulher estranha.

A técnica de inseminação (fecundação) artificial não é nova, nem constitui nenhum milagre pois a inteligência humana já tinha aceite isto como algo possível. Já tinha sido utilizada desde o século XIV pelos Árabes para inseminar cavalos. Hoje em dia, utiliza-se muito no mundo, esta técnica na reprodução de gado bovino e caprino. O ocidente, apenas em finais do século XVIII é que conseguiu tais feitos.

E porque o homem teve êxito na inseminação artificial de animais e plantas, isso inspirou-o a aplicar essa experiência em seres humanos.

O médico inglês John Hunter, foi o pioneiro neste tipo de experiências em pessoas em 1899, tomando o sémen de um homem e introduzindo-o no útero da respectiva esposa.

O Islã não considera os humanos como simples animais ou plantas. Os filhos dos humanos têm que ter um pai e devem nascer a partir do seu esperma.

Porém o processo clínico para a inseminação artificial, passa pela masturbação ou inserção do pénis durante relações sexuais lícitas entre o marido e sua mulher, numa bainha especial que não contém espermicida. Na falta desse tipo de bainha a masturbação é a única forma de obtenção do sémen necessário à inseminação.

A tentativa de obter o sémen durante as relações sexuais, não surte os efeitos desejados porque as primeiras gotas, que concentram maior quantidade de espermatozóides, perdem-se e as gotas subsequentes possuem menor quantidade.

A obtenção do sémen com recurso ao preservativo, a vulgo

“camisinha”, também não resulta porque estes contêm espermicida, que mata os espermatozóides. E o laboratório só encontrará esperma morta.

Todos os Imamos são unânimes em afirmar que a masturbação é imoral e pecado, pois DEUS diz:

“Os que observam a castidade excepto com suas esposas, ou com as escravas que possuem. Nisso não serão censurados e quem procura algo, além disso, (para satisfazer o seu desejo sexual) esses são os transgressores”.

Cap. 23, Vers. 5-6

E o Profeta S.A.W. diz:

“Ó grupo de jovens, quem de entre vós puder casar-se, que se case, e quem não puder que jejeue”.

(Relato de Al-Bukhari e Musslim)

Se a masturbação fosse permitida, o Profeta S.A.W. ter-nos-ia dito, pois é mais fácil que jejuar.

Alguns juristas da escola do Imamo Shafei acham que a masturbação só é permitida se for executada pelas mãos da sua própria esposa, porque ele (o homem) tem o direito de usufruir do prazer proporcionado pelas suas mãos bem como do resto do corpo dela.

O autor do livro “Subulas-Salam” diz que alguns juristas Hanafi e Shafei são de opinião que a masturbação pode ser permitida em caso de alguém temer cometer adultério ou fornicção, mas outros Imamos acham que este argumento é fraco, e não é aceite.

O consenso é o de que a masturbação é Harám, e tem que ser evitada.

Mas surge a questão: Como adquirir o esperma para engravidar a mulher através da inseminação artificial? Esta questão ocorre quando se verifica que o esperma do homem é bom para a inseminação, mas que no processo normal, em contacto com o óvulo perde as suas qualidades.

Pode-se dizer que esta questão tem resposta no facto de que em caso de extrema necessidade o Alcorão permite certas coisas que em circunstâncias normais são proibidas, isto para se alcançarem objectivos mais elevados.

“E aquele que é impelido sem intenção de pecar nem de

transgredir, então para ele o teu Senhor é Indulgente e Misericordioso”.
Cap. 6, Vers. 145

Porque se recorre a esse acto não para se obter prazer, mas sim para se alcançar um objectivo específico, na tentativa de se resolver o problema de infertilidade.

Por conseguinte, a criança que nascer por meio de inseminação artificial com o esperma do próprio marido será legítima, porque foi concebida dentro do casamento, e ela não terá qualquer problema no seu estatuto legal e nem será levantada a questão de filiação e parentesco.

Do ponto de vista de Direito Islâmico, se a fecundação fôr feita partindo de elementos colhidos de um casal unido pelo matrimónio não há objecções, mas se se tratar de dois elementos estranhos, então é terminantemente proibido, pois nesse caso está-se juntando o esperma e óvulo de duas pessoas estranhas, o que é considerado adultério, e conforme é sabido, o adultério é harám.

Da mesma forma a fertilização de um óvulo com sémen de um homem estranho, é harám, mesmo que o embrião daí resultante seja depois inserido no útero da esposa do homem de quem se colheu o sémen.

A fecundação *in vitro* a partir de elementos de um casal legalmente constituído, não obstante comportar métodos ilegais como é o caso da masturbação para a obtenção do esperma, é permitida se considerarmos a graça, a beleza e o equilíbrio conjugal proporcionado pelo nascimento de filhos, pois este tratamento torna-se não só lícito como obrigatório.

O Islam salvaguarda a linhagem ao proibir o adultério e adopção legal, mantendo assim a linha familiar claramente definida sem que qualquer elemento estranho entre nele e também proíbe a inseminação artificial se o doador do esperma for outro homem que não o marido. Nesta base, os bancos de esperma estão proibidos no Islam, pois o esperma guardado no banco pode levantar a questão do estatuto legal e moral do esperma.

Sob o título “Doação de esperma vira pesadelo na Suécia”, o jornal Diário de Moçambique de 14.12.01 escreve:

“Um Tribunal da Suécia condenou um homem que havia doado esperma para inseminação artificial a pagar pelo sustento

de três crianças, depois de um casal de lésbicas, que havia recebido a doação ter decidido se separar.

O jornal Nerikes Allehanda informou que o juiz entendeu que o homem é o pai biológico das crianças e, por isso, terá de pagar o equivalente a duzentos e sessenta e cinco dólares por mês para sustentá-las, com o fim da pareceria de dez anos do casal receptor.

O veredicto, no entanto, criou um dilema legal, já que a legislação sueca não considera um doador de esperma pai legal de crianças concebidas com ajuda de seu sémen.

Normalmente, os doadores do esperma permanecem no anonimato. Mas, neste caso, o homem era amigo do casal.

O réu caridoso anunciou que pretende apelar da decisão."

Geralmente, o homem que deposita o esperma no banco considera isso sua propriedade. E se ele morrer e a sua mulher quiser mais tarde ser inseminada com o seu esperma? O que será do esperma guardado no banco no caso de divórcio? Será que a mulher pode exigir metade do esperma, assim como ela exige metade dos seus bens, por exemplo a casa ? Será que o banco tem direito de entregar à mulher o esperma do seu marido, mesmo se ele estiver vivo? E muitas outras questões poderão ser colocadas.

Segundo a Lei Islâmica, mesmo que o marido tenha guardado o seu esperma num banco de sémen, com a intenção de um dia vir a ser usado para engravidar a sua esposa após a sua morte, o seu uso é ilegal, porque a morte torna o casamento nulo, pois a mulher depois de passar o período de espera (Iddah) já se pode casar novamente.

De salientar que não é só o Islam que proíbe a inseminação artificial com esperma de um homem estranho. Os ensinamentos papais no Cristianismo também rejeitam a inseminação artificial sem o casamento. O Papa Pius XII emitiu a seguinte afirmação:

"A fecundação artificial dentro do casamento, mas produzida com elemento activo de terceira parte é igualmente imoral e por isso merece a condenação... Só os pais é que têm o direito recíproco acima do corpo de um e outro para procriar uma nova vida, e este direito é exclusivo, perpétuo e inalienável. E é assim que deve ser, em consideração à criança".

*(Medicine and Christian Morality. Thomas J. O'Donnel'
New York: Alba House, 1976)*

Inseminar uma mulher com o espermatozóide de um outro homem que não seja o seu marido é um acto ilegítimo, mesmo à luz de leis feitas pelos homens em muitos países.

E a inseminação artificial deve ser com o consentimento de ambos os cônjuges, no âmbito das relações matrimoniais e durante a vida do marido.

A CLONAGEM

Actualmente o ocidente recorre à clonagem para ajudar casais estéreis a procriar, para curar a infertilidade e para melhorar a espécie humana, aplicando sémén comprado, úteros alugados, e com recurso à tecnologia especial de clonagem para produzir espécies perfeitas de bebés, sem ter em consideração qualquer preceito religioso.

Essas experiências práticas, foram e estão sendo aplicadas e tiveram, talvez aparentemente, êxito na produção de vários tipos de animais e plantas.

Agora pretende-se aplicar essa experiência em humanos com recurso tanto à células humanas como animais. Só DEUS é que sabe o que isso vai dar.

A clonagem é um termo usado para designar, quer a enxertia de um novo núcleo num óvulo fecundado, quer a separação feita precocemente das células de um embrião.

Um artigo publicado na revista "NATURE" em 1966, relata-nos a experiência realizada com êxito com a rã "*xenopus laevis*". Aos óvulos fecundados desde batráquios extraiu-se-lhes o núcleo em que estava a herança genética procedente do macho e da fêmea. Este núcleo foi substituído por outro proveniente de células do intestino de um ser da mesma espécie. Deste modo, a herança genética dos embriões que se formaram já não tinham a sua origem em dois indivíduos (macho e fêmea), precisamente naquele de cujo intestino se utilizaram as células. Estes embriões, assim conseguidos, desenvolveram-se normalmente, nasceram e deram lugar a seres adultos, alguns dos quais, inclusivamente, com capacidades de reprodução. A experiência alcançou, por isso, um grande sucesso. Este processo pode repetir-se quantas vezes se quiser. Sendo assim, podem obter-se, em princípio,

cópias dum mesmo ser quantas vezes se fizer a experiência e ela resultar.

Os seres assim surgidos, ao receberem a herança genética de um só indivíduo e não de dois (como na reprodução sexual), terão, naturalmente as maiores parecenças com o dador do núcleo, pelo que pareceu lógico baptizá-los de “filhos fotocopiados”.

*J. B. Gurdon – V. Vehlinger,
“Fertile” Intestine Nuclei Nature, 210 (1966) 1240-12445*

A maioria dos Álimos concluiu que clonar e melhorar a qualidade dos animais e das plantas é permitido. No Islã é igualmente permitido o recurso ao uso de plantas para curar doenças humanas, dado que procurar cura para a doença é recomendável, pois o Profeta S.A.W. disse: “Ó servos de DEUS, procurai o tratamento, porque DEUS não enviou nenhuma doença sem que enviasse também a sua cura”.

Da mesma forma, é permitido o recurso a animais clonados, com defeitos genéticos específicos, e órgãos (partes) de animais clonados, para fins medicinais, na condição de isso poder salvar/melhorar vidas humanas ou curar doentes. A este respeito DEUS diz:

“E quem salvar uma vida é como se ele tivesse salvo a vida de toda a humanidade”.

Cap. 27, Vers. 32

Além disso, sugerem-se vários objectivos para se recorrer à clonagem humana, sendo alguns:

1 - A Auto-perpetuação

A clonagem humana pode estar relacionada à razões emocionais de auto perpetuação.

William Heseltine (ciências de genoma humano) sintetizou da melhor forma esta pesquisa da imortalidade ao afirmar: “A meta principal é manter as pessoas vivas para sempre”.

2 - A Reposição dos genes defeituosos

Será assim possível fazer um suplemento ou repôr os genes defeituosos com o objectivo de fazer crescer indivíduos livres de doenças adquiridas.

3 - A Fama

- Os cientistas que anunciarem a primeira clonagem humana atrairão a atenção dos "media".

Jon Gordon, do Hospital Mount Sinay (Nova York), com certa eloquência fez a seguinte observação: "Eles farão isso, pois quando o fizerem jamais serão esquecidos".

- 4 - Órgãos humanos poderão ser clonados selectivamente para o uso como órgãos de substituição, para indivíduos hóspedes, eliminando assim o risco de rejeição.
- 5 - As células poderão ser clonadas e regeneradas para substituir tecidos danificados do corpo, por exemplo nervos ou tecidos de músculo.
- 6 - Usando a tecnologia de clonagem, os médicos poderão estar na posição de ligar e desligar as celas através de clonagem, e assim poderá ser possível curar o câncer.
- 7 - Através da tecnologia de clonagem poderá ser possível testar e curar doenças genéticas.

Contudo, a extensão da clonagem aos seres humanos criará problemas morais e sociais extremamente complexos e intratáveis, sendo por isso considerado harâm.

Primeiro, porque o uso deste método para a "produção" de filhos, é diferente do método natural que DEUS instituiu para a procriação.

Deve-se ter em mente que apesar de o clone herdar todas as características físicas, as adquiridas não são susceptíveis de serem herdadas. Por exemplo, se a célula for tomada de um Álimo (Sábio), o clone não herdará as suas características intelectuais por estas serem adquiridas e não nascerem com a pessoa.

Segundo, porque com esta tecnologia é possível que as crianças venham a nascer sem a intervenção do homem, isto é, sem pais.

Se a célula doadora original for tomada de uma mulher, e de seguida for fundida numa outra célula-ovo de uma segunda mulher, nesse processo não haverá intervenção de nenhum progenitor.

Não é de admirar que as lésbicas mostrem um interesse especial em "produzir" crianças a partir deste método, sem necessidade de sémen doado. Para além disso, neste

processo, mais crianças deixarão de ter mães (no conceito usual) se a célula for inserida no útero de uma mulher diferente daquela cuja célula-ovo foi usada no processo de clonagem.

O Alcorão declara que o “emparelhar sexual” é a lei universal em todas as coisas. DEUS diz:

“E de cada coisa Nós criamos pares (um casal) para que possais reflectir”.

Cap. 51, Vers. 49

Portanto, a aplicação da tecnologia de clonagem nesta vertente vai minar a estabilidade da ordem social.

Terceiro, é provável que se perca o conceito de parentesco e a destruição das bases de relações consanguíneas e de laços antigos. Estes laços são reconhecidos pelo Sharia e por todas as outras religiões como a fundação da família e ordem social. O Islã tornou obrigatória a preservação dos laços de família.

Crianças nascidas no casamento transportam as componentes genéticas de ambos os pais, e é esta combinação genética que dá-lhes a sua identidade, consequentemente a preocupação que os muçulmanos têm é que esta forma de replicação genética terá um impacto negativo sobre as relações conjugais e de pais-filhos e causará o fim de instituição da Família Islâmica. A clonagem humana privará a criança das suas raízes ancestrais e minará as leis Islâmicas de herança que são baseadas na consanguinidade.

Quarto, a clonagem cujo objectivo é “produzir pessoas que se distinguem pela sua inteligência, força, saúde, etc., significará a escolha dessas características em qualquer homem ou mulher, sem se colocar em questão se esse homem e mulher são casados ou não. Para além disso, tal poderá levar à discriminação, isto é, os que supostamente são detentores de características “superiores” contra os outros.

Devemos ter em mente que DEUS criou a Humanidade na melhor das formas e elevou-o acima de todas as criaturas e por isso, fazer ensaios de engenharia genética sem desígnios (portanto, incertos), é considerado uma violação da dignidade com que Deus nos dotou: *“Na verdade Nós honramos os filhos de Adão”.*

Cap. 17, Vers. 70

Finalmente, a clonagem humana pode tornar a reprodução sexual dos humanos uma característica absurda.

Este método de reprodução é distinto da chamada “Fertilização in Vítro”, que pode ser vista como um procedimento técnico para ajudar casais estéreis a reproduzir-se sexualmente, e dentro dos limites legais do casamento.

Alguns cientistas afirmam que a clonagem humana é extremamente perigosa, conforme a citação que se segue:

A clonagem humana é “extremamente perigosa” por não se poderem controlar os milhares de genes de um embrião, e a melhor prova de que seria um fracasso “inaceitável” é que a ovelha Dolly “não é normal”.

Peritos em genética reprodutiva compareceram quarta-feira num comité do Congresso dos Estados Unidos para confrontarem os seus argumentos com os de Panos Zavos, um dos cientistas que anunciou a sua intenção de clonar brevemente um ser humano. Zavos, um perito em grandes problemas reprodutivos masculinos, juntamente com o investigador italiano Severino Antinori, anunciaram recentemente em Roma que levarão a cabo a clonagem de uma pessoa, o que provocou numerosas reacções contrárias em todo o mundo.

Thomas Okarma, presidente da companhia Geron Corporation, que falou no comité em nome da organização BIO, que agrupa 950 companhias de biotecnologia de 33 países, afirmou que o seu grupo “se opõe à clonagem de um ser humano”.

Okarma qualificou de tentativa “extremamente perigosa” pelo escasso êxito conseguido com animais, não superior a cerca de três por cento de todas as tentativas.

Abortos espontâneos e defeitos de todo o tipo contam-se entre os dados documentados na clonagem animal.

“É simplesmente inaceitável submeter um ser humano a todo este processo”, considerou Okarma.

Mas o argumento mais contundente contra a clonação de seres humanos veio do cientista Rudolf Jaenishch, professor de Biologia no Instituto de Tecnologia de Massachussetts.

Jaenishch afirmou que numa clonagem não se podem evitar os “erros na programação dos genes”, o que dá lugar a que animais aparentemente normais, não o sejam.

“Em minha opinião a ovelha Dolly não é normal”, disse o

perito.

Dolly foi concebido em 1997 num laboratório do Instituto Roslin de Edimburgo, Escócia, Reino Unido, e o seu criador, Ian Wilmut, um dos cientistas que mais se opõe à clonagem humana, já reconheceu que Dolly sofre de um processo de envelhecimento superior ao normal.

Segundo Jaenishch, é uma “falsidade” a afirmação feita por Zavos e outros cientistas, de que a tecnologia para clonar um ser humano já está disponível.

Na primeira sessão do comité do Congresso, o partidário de clonagem humana, Panos Zavos, defendeu o projecto como um modo de permitir que pais que não podem ter filhos de modo natural o consigam por este procedimento.

(In “Notícias, 12.04.2001 - Maputo)

Aqui surge uma questão: será que a clonagem humana afecta a crença da pessoa em DEUS como Criador?

Existem muitas passagens no Alcorão que falam de vários aspectos de criação humana.

“Nós vos criamos primeiro de pó; depois de uma gota de esperma e logo vos convertemos em algo que se agarra, e finalmente em feto, completamente formados, e mesmo assim incompletos, para vos mostrar a vossa origem (e o Nosso poder), e fazemos permanecer, nos úteros (das mães) o que queremos, até um período determinado por Nós.”

Cap. 22, vers. 5

Este versículo torna claro que a vida desde o início até a morte é um acto Divino.

Portanto, qualquer replicação será considerada simplesmente um exercício redundante. Era óbvio que quando a ovelha Dolly surgiu assexualmente, a primeira questão que foi levantada era: “Será que esta realização científica afecta a nossa crença em DEUS como Criador”? Claro que a resposta é negativa tendo em conta o facto de que o Alcorão diz-nos que DEUS criou o Profeta Adam A.S. sem pai e sem mãe e criou a Eva sem mãe e criou a Jesus sem o pai: E segundo o Alcorão, Ele cria o que quer, contudo, enquanto que DEUS estabeleceu um sistema de “causa e efeito” neste Universo, Ele próprio pode fazer com que haja excepções desta regra geral assim

como foi o caso de Adam, Hawwá e Jesus e de Ibrahim quando foi lançado ao fogo.

Se a clonagem humana um dia vier a tornar-se numa realidade, tal será em conformidade com a vontade Divina. Se esta manipulação biotecnológica provar ser um sucesso, não afectará de forma alguma a nossa crença em Deus como o Criador absoluto tendo em conta o facto que os materiais primários, nomeadamente a célula somática e o ovo não fertilizado, ambos são resultados da obra de DEUS.

É interessante notar, que alguns cientistas muçulmanos acham que esta nova realização biotecnológica poderá ajudar no reforço na nossa fé na Ressurreição, quando DEUS nos ressuscitar para a prestação das contas perante Ele na vida após a morte.

MÃE DE ALUGUER, MÃE PORTADORA OU MÃE GESTATIVA

Existem também as chamadas “Mães de Aluguer” que são as que se prestam para suportar no seu ventre fetos de outras mulheres que são estéreis ou não reúnem condições para conceber e gestar devido a alguns problemas no útero. Assim, toma-se o óvulo fecundado de uma mulher e insere-se no útero da chamada “Mãe de Aluguer”. E às vezes o óvulo é fertilizado com o sémen do respectivo marido numa proveta e a seguir inserido no ventre de uma mãe de aluguer para a gestação e parto. Assim, diz-se que “a mulher alugou o seu útero”, isto porque segundo as que o praticam, a criança a nascer pertence aos que alugaram e pagaram pelo útero, para dar à luz ao bebé e entregá-lo aquele que lhe tenha pedido esse serviço.

Isso é harám, pois o corpo que Deus nos deu é um “amánah” que deve ser utilizado apenas nos locais aprovados pelo Criador, e por não ser nosso, como poderemos alugar o que não nos pertence?

O Islã não permite o recurso ao ventre que não seja aquele de onde se retirou o óvulo, pois todos os passos que envolvem este processo atentam contra os ensinamentos do Islã. Para se conseguir obter o sémen para a fecundação do óvulo, é necessário que o homem se masturbe, o que é

repreensível pois a Lei Islâmica encara a masturbação como um pecado, e neste caso não há nenhuma atenuante, pois enquanto no caso da inseminação artificial os passos seguintes nada têm de condenável, neste, todos os restantes procedimentos são, à luz do Sharia condenáveis portanto, harám.

Suponha-se que se consegue obter sémen de um homem sem recurso à masturbação. A seguir surgirá o problema de inserção desse sémen no útero da “mãe de aluguer” que não é sua esposa, portanto, ilícita. É harám, pois não difere do adultério. Portanto, o Islam condena vigorosamente o acto de impregação artificial a partir de elementos de duas pessoas não ligadas pelo casamento. Não se pode introduzir esperma no útero de uma mulher com quem o homem de onde se extraiu o sémen não está ligado pelo casamento. É um pecado semelhante ao adultério.

Ao proibir o Ziná, o Islam pretende salvaguardar a linhagem e a adopção legal, mantendo assim uma linha genealógica pura, sem ambiguidades e sem quaisquer infiltrações.

Saliente-se que o Islam permite o aleitamento de um bebé por outra mulher qualquer, e quando isso acontece, essa mulher é considerada mãe do bebé amamentado. Isto significa que nenhum dos filhos biológicos desta mulher se poderá casar com o seu irmão de leite (o bebé amamentado). Porém, esta questão de amamentação não tem nada a ver com a da mãe de aluguer, por não haver semelhança entre as duas, pois a ama proporciona a nutrição básica e essencial ao bebé já nascido, enquanto que a mãe de aluguer transporta no seu ventre um feto até ao seu nascimento.

Portanto, de acordo com o Islam, este tipo de aluguer e contrato entre o casal e a mãe de aluguer é considerado “bátil” isto é, inválido, por implicar um elemento de implantação adúltera, que é a implantação do óvulo fertilizado num útero estranho de uma mulher alugada. O Profeta S.A.W. disse: “o bebé é da cama”. Deste Hadice retemos um princípio segundo o qual o bebé, legítimo ou ilegítimo, biologicamente pertence à mãe por ser esta que lhe deu à luz, carregou-lhe no seu ventre nove meses, suportou as dores do parto e por isso DEUS diz no Alcorão: *“Suas mães não são senão aquelas que os deram à luz.”*

Cap. 58 Vers. 2

E sendo assim, a mãe de aluguer será natural e legalmente a verdadeira mãe do bebé. Este será considerado ilegítimo porque nasceu fora do casamento, pois o homem de quem se extraiu o esperma não se casou com ela.

O doador do esperma não terá nenhum direito sobre o bebé, mesmo que tenha registado em contrato ou escritura que o bebé seria dele.

O Islã não permite o aluguer do ventre de mulher alguma para dar à luz o bebé de alguém, pois os males que isso acarreta, são aparentemente maiores que os benefícios.

O bem aparente e individual será o de o casal que não tem filhos, conseguir tê-los, e a mãe de aluguer conseguir alguns ganhos materiais, mas os males advenientes são vários. Por exemplo:

- 1 - Atenta-se contra o sistema (sunnat) de Deus no processo normal de procriação.
- 2 - A experiência tão complexa da gravidez parece ficar desvalorizada e, com isso, a mulher privada da carga efectiva da gestação, pode sentir-se reduzida a uma mera incubadora.
- 3 - Isso levará as jovens a alugarem os seus úteros para ganharem dinheiro, o que trará efeitos perniciosos na instituição do casamento e da vida familiar. E constituirá um grave atentado contra a própria honra humana, como se de mercadoria se tratasse.
- 4 - Outras mulheres recorrerão a esse método para se esquivarem do desconforto da gravidez e das dores de parto.
- 5 - A mãe de aluguer reclamará os direitos legais que ela gerou.
- 6 - Criará confusão nas relações consanguíneas.
- 7 - A Donum Vitae sintetiza, em poucas linhas, as razões da rejeição deste processo: “A maternidade de aluguer representa uma falta objectiva contra as obrigações do amor materno, da fidelidade conjugal e da maternidade responsável, já que ofende a dignidade e o direito do filho a ser concebido, gerado, trazido ao mundo, e

educado pelos próprios pais, e instaura uma divisão entre os elementos físicos, psíquicos e morais constitutivos da família.

*Comissão da Família do Episcopado
Francês, Vida e Muerte por encargo, Ecclesia, no 2201,
15/12/1984*

O Islã não considera a gravidez um fardo, nem tão pouco considera o parto como qualquer punição ou castigo, mas sim uma benção de Deus, e se uma mulher morrer durante a gravidez ou parto, ganha o estatuto de "Shaíd" (mártir).

Algumas mães cedem os seus ventres para gestação e parto de bebés das suas próprias filhas por estas serem estéreis. Qual é a moral dessas mães quando deixam inserir nos seus úteros o sémen dos seus genros?

No que respeita à impregnação da mulher com o sémen que não seja o do seu marido, a primeira experiência realizou-se na França em 1918, tendo-se tornado comum, culminando isso com a montagem de bancos de esperma para impregnar quem o desejasse. As experiências foram-se desenvolvendo até que a fertilização se começou a fazer fora do útero da mulher de onde se colheu o óvulo, ou então para o útero de uma outra mulher. Nessas experiências chegou-se a inserir o embrião em animais para estes o incubarem no lugar das mulheres.

Naturalmente que isso criou polémica e objecções nos círculos religiosos e legais (canónicos), especialmente quando a fecundação fosse feita com elementos retirados de elementos estranhos, isto é, não ligados pelo casamento.

A fecundação *in vitro* consiste em conseguir uma fecundação no laboratório, portanto, artificial, para de seguida, transladar o embrião ou os embriões conseguidos para o corpo da mulher. E é necessário, antes de mais, que se disponha de sémen e de óvulos. Para dispor de óvulos, é necessário conhecer a proximidade do momento da ovulação.

Neste tema sobre a fecundação artificial surgem algumas questões ligadas à permissão ou não de se recorrer no lugar de uma proveta, ao útero de animais que possam incubar o embrião, isto é, substituir o útero da esposa pelo útero de um animal, sendo esse embrião reinserido algum tempo depois no

útero da esposa. Neste caso, se o embrião ultrapassar as fases de crescimento mencionadas no Alcorão, assimilará as características do animal em cujo útero tenha sido inserido e nutrido, pelo que esta prática se torna harâm.

“Na verdade Criamos o ser humano de essência do barro. Em seguida fizemo-lo uma gota de esperma que inserimos num lugar seguro, estável. Depois transformamos o esperma em sangue coagulado, a seguir convertemos o sangue coagulado em um bocado de carne, e depois criamos do bocado de carne, ossos e depois revestimos os ossos com carne; então o desenvolvemos em outra criatura. Bendito seja Deus, o Melhor dos Criadores.”

Cap. 23, Vers. 12-14

Se o feto completar o período de incubação, o que nascer desse parto será como uma outra criatura, possuidora de qualidades desse animal em cujo útero foi nutrido e alimentado, portanto, as características desse animal incorporar-se-ão no feto tornando-se parte dele.

Por exemplo, quando um burro se acasala com uma égua e esta concebe, o que daí nasce não é nem cavalo, nem burro, mas sim uma outra criatura diferente de qualquer delas, tanto na aparência como no instinto.

Portanto, no caso do ser humano, mesmo que o embrião incubado no útero de um animal seja retirado numa determinada fase e reinserido no útero humano, ele já terá adquirido as características do animal porque dele se alimentou e por isso será distinto, tanto na aparência como no instinto.

A hereditariedade é algo provado cientificamente tanto em animais como em plantas. As características de um animal ou planta passam de um para outro, de pais para filhos, destes para os netos, e assim sucessivamente.

E é por isso que o Islã nos recomenda a procura de bons companheiros para o casamento, pois as boas ou más qualidades daquele que tomarmos como marido ou esposa transmitir-se-ão para os filhos afectando a geração.

Portanto, do óvulo fecundado e inserido para incubação no útero de um animal nascerá uma criatura diferente tanto do ser humano como do animal, e isso é um gritante atentado contra

a beleza do ser humano, a mais bela criatura que Deus colocou na face da terra. Numa única palavra, é harâm.

O cientista que assim proceder é considerado um pecador, e tudo o que ele ganhar, resultante dessas experiências também será harâm. O cientista ou médico, deve limitar-se apenas à prática de actividades de fertilização naquilo que é permitido pelo Sharia. A fecundação artificial deve ser feita sómente entre pessoas ligadas pelo casamento, e esse processo não deve envolver a incubação em animais.

O Isslam encoraja, e nalguns caso considera obrigatório que os doentes procurem tratamento junto dos médicos, pois todas as doenças têm cura, excepto a morte. Todavia, o médico não deve de forma alguma recorrer a métodos ilícitos, pois o que nos leva ao harâm também é harâm. Por exemplo, o Alcorão diz:

“E não injurieis aqueles que os idólatras invocam além de Deus, por sua vez para vingar-se, eles sem conhecimento e por agressão, injuriariam a Deus.”

Cap. 6 Vers. 108

Neste versículo proíbe-se o insulto aos deuses dos politeístas. Assim eles não tomarão isso como motivo para insultar a Deus. Portanto, estabeleceu-se a regra de eliminar os males que provocam outros males.

O Profeta Muhammad S.A.W. amaldiçoou as bebidas alcoólicas, aos que bebem, aos que servem, aos que vendem, aos que compram, aos que produzem, àqueles para quem se produz, aos que transportam, e àqueles para quem se transporta.

(Relato de Abu Daud)

Este Hadice ensina-nos que quem ajuda no harâm também é pecador e o seu pecado é considerado igual ao do praticamente do harâm.

O Isslam proibiu a contemplação da beleza de mulheres que nos sejam estranhas, ou o isolamento com elas, por isso constituir um meio para se praticar o harâm, neste caso, o ziná, assim como proibiu a ida para locais onde se pratica o harâm, como casinos, cabarés ou disco-bares.

E consta no Hadice, que o Profeta S.A.W. disse: “De entre os grandes pecados está um filho amaldiçoar os próprios pais”.

Então os Sahabas (discípulos) perguntaram: “Ó Mensageiro de DEUS, como é que a pessoa amaldiçoa os seus próprios pais”? O Profeta S.A.W. respondeu: “Se tu insultares o pai de alguém, ele também insultará o teu pai e a tua mãe.”

Portanto, estes Hadices e Versículos do Alcorão, estabeleceram douradas regras na eliminação dos meios, pois quando tais meios nos levam ao harám, também se tornam harám.

Se algum medico participar com o seu conhecimento ou com a sua prática na fertilização artificial para se adquirir algo que seja proibido no Sharia, ele também será pecado. Ele deve limitar-se àquilo que é permitido, que é a fertilização do óvulo com o sêmen do próprio marido, com incubação no seu próprio útero. Se assim proceder, não será pecado, pois é um tratamento permitido no Islã.

Verifica-se hoje um exagero na fertilização artificial humana, pois já se montaram bancos onde se deposita sêmen de homens inteligentes ou de boa compleição física, para fertilizar mulheres que pretendem conceber filhos com características previamente escolhidas, e isto destrói a célula familiar instituída por DEUS. O Ser Humano é a mais honrada criatura, devendo preservar a sua própria espécie, vivendo numa célula familiar amorosa, pois esta é uma das particularidades que marcam a diferença com as restantes criaturas. O borrego só se preocupa com a mãe durante a fase de aleitamento, enquanto que a ligação entre filho e pais no ser humano, estende-se para além da morte das partes.

Os humanos não são animais nos currais, nos aviários, ou plantas em estufas onde se fazem enxertos e experiências. Nos animais fazem-se experiências para se melhorar a sua espécie não sendo necessário tomar qualquer precaução para se salvaguardar a posição dos seus progenitores.

Ao invés de bancos de esperma o muçulmano deve-se preocupar na escolha correcta de um bom companheiro para sua esposa ou marido, por forma a salvaguardar a sua linhagem, o seu físico e a sua saúde. Deve evitar o casamento com parentes próximos, pois isso enfraquece a linhagem e a geração, assim como disse o Khalifa Umar Ibn Al-Khatab R.T.A.

A FERTILIZAÇÃO DA ESPOSA APÓS A MORTE DO MARIDO (Fertilização Póstuma)

Os teólogos são de opinião de que a fertilização da esposa com o sémen congelado do marido é harám, pois já não existem laços entre ela e o defunto marido, podendo-se casar-se com outro homem. Portanto, neste caso o defunto marido tornou-se estranho para ela, e se se deixar fecundar artificialmente com o sémen do marido, é como se estivesse cometendo o ziná, e a criança que daí nascer não será considerada filha do defunto, tomando apenas o nome da mãe como se fosse um filho bastardo.

A fecundação artificial só é permitida entre o marido e a esposa, mas após a morte do marido, eles já não são cônjuges, devendo por isso praticar a fecundação artificial durante a vida dos dois para que o filho seja considerado legítimo, ainda que nasça após a morte do seu pai. Para evitar grandes males decorrentes de misturas de sémen do seu marido e de um outro homem estranho, deve-se evitar a fecundação após a morte.

OS TEUS DIAS... SÃO CINCO

- O Perdido... é o dia de ontem que se foi para sempre.
- O presente ... é o dia em que estás, aproveite-o no máximo.
- O que virá... é o dia de amanhã, acerca dele não sabes se esse será dentre os os teus dias ou não.
- O prometido... é o teu último dia no mundo, mantenha-o sempre na mente.
- O prolongado... é o dia de ÁKHIRAT, que não terá fim.

E FINALMENTE:

Não te esqueças da tua primeira noite que passarás sózinho na campa.

O ABORTO

O termo “aborto” designa a interrupção voluntária ou involuntária da gravidez antes do término do seu período normal de gestação, com a expulsão do feto do útero da mulher. Pode ser espontâneo ou decorrer de ferimentos físicos ou de alguma desordem interna, portanto fora do controlo da gestante. Pode ainda ocorrer deliberadamente através da intervenção humana, ao se recorrer a certos medicamentos ou outras formas para a sua interrupção, e tal pode ser antes da alma ser soprada no feto, isto é, antes dos quatro meses de gestação, ou depois.

O que nos interessa aqui abordar é o aborto que ocorre em resultado directo da intervenção humana, pois isto tem implicações legais, éticas e religiosas.

O Islã considera a vida humana sagrada, devendo ser preservada e respeitada, deixando-se que ela siga o seu curso normal até que chegue o seu fim destinado, e considera harâm tirar a vida a qualquer Ser Humano (sendo extensivo a qualquer forma de vida), excepto em defesa de causa legítima, execução de sentença judicial, retaliação ou auto-defesa.

DEUS diz:

“E não mateis o ser que Deus proibiu matar, excepto com justa razão”.

Cap. 17, Vers. 33

“E não mateis a vós próprios (não cometeis suicídio)”.

Cap. 4, Vers. 29

“E não mateis vossos filhos por recear a pobreza, pois Nós os sustentamos, bem como a vós. Sabei que o seu assassinato é um grande erro”.

Cap. 17, Vers. 31

“Quando a menina, sepultada viva, for interrogada porque crime foi morta”.

Cap. 81, Vers. 8

A gravidez não é nenhuma doença, pelo contrário as

pessoas quando veem uma mulher grávida, felicitam-na porque após ela conceber, uma nova vida está prestes a surgir, sendo aguardada com grande expectativa e, esta nova vida será uma pessoa que crescerá e viverá com eles, não sendo mais tarde referida por feto, mas sim por filho ou filha.

O termo “feto” cujo equivalente em árabe é Janin (Plural Ajinnah) que significa “coberto com um véu” é mencionado no Alcorão no Suratum-Najm:

“É Ele (DEUS) quem melhor vos conhece, já que vos produziu da terra e vos acompanha desde que éreis Ajinnah (embriões) nos ventres das vossas mães”.

Cap. 53, Vers. 32

Portanto, qualquer coisa que esteja coberta ou oculta no útero da mulher, a partir da sua concepção até ao nascimento, designa-se “Janin”.

O Sharia estipula que o feto é um ser humano e tem direito à vida, pois a Lei Islâmica exige o adiamento da pena de morte arbitrada sobre a mulher grávida, até que ela dê à luz, devendo-se tomar providências para garantir o aleitamento do bebé através de uma ama.

O feto goza do direito à herança, e se por exemplo o testador morrer antes do seu nascimento, a divisão da herança deve ser adiada até ao seu nascimento, partindo do princípio de que o feto será, finda a gestação, um nado vivo. Se for um nado morto então não terá direito à herança. Da mesma forma, e em circunstâncias normais, enquanto decorre a gestação não se sabe se o que daí nascer será do sexo masculino ou feminino, devendo-se por isso aguardar antes de se lhe atribuir uma porção da herança, dado que a parte que cabe ao rapaz é diferente da que cabe à menina.

O Sharia recomenda que o feto abortado (nado morto) deve ser enterrado. Ibn Abidin diz que ao feto que não emite nenhum som (não chora) no momento do nascimento, deve-se-lhe atribuir um nome, dar o banho ritual, envolvê-lo em mortalha (kafan) e enterrá-lo sem ser necessário fazer o Salat ul Janaza. Esta regra é aplicável tanto a fetos formados como a não formados. Todas estas recomendações revelam o direito natural do feto à vida, pois trata-se de uma pessoa numa fase ainda não desenvolvida.

Actualmente o número de abortos no mundo aumentou de forma alarmante, pois milhões de bebés inocentes e desamparados estão sendo mortos por gente supostamente “civilizada”.

Sob o manto de uma pseudo-civilização, a liberdade de escolha permitiu o horrível extermínio de crianças ainda por nascer, atingindo a cifra de mais de um bilião de vidas nos últimos 25 anos.

(The Pro Life Activist Encyclopaedia by the American Life League)

Nos tempos da barbárie, as crianças eram mortas devido a razões económicas, mas agora elas são mortas como forma de se destruírem as evidências de adultério, fornicção e imoralidade.

A solução islâmica para a gravidez resultante do sexo ilícito não é o aborto, pois isto é uma solução temporária e o Islam considera o sexo ilícito um crime, devendo tal crime ser erradicado da sociedade. O Islam advoga o casamento e a purificação da sociedade das tentações que atizam paixões perversas, condenando todos os meios que levam a pessoa ao cometimento do crime e oferecendo alternativas e soluções viáveis.

O Islam não só condena o sexo ilícito mas também advoga a condenação do cúmplice de tal crime, devendo ser castigado publicamente para que isso sirva de arma dissuasora a tais crimes.

Para ilustrar o facto de o recurso ao aborto não ser a opção no caso da gravidez resultante de sexo ilícito, afigura-se oportuno narrar resumidamente um episódio ocorrido no tempo do Profeta Muhammad S.A.W.

Uma senhora foi ter com o Profeta S.A.W. e disse: “Ó Mensageiro de DEUS! Eu cometi adultério, purificai-me”. O Profeta S.A.W. mandou-a embora. No dia seguinte ela foi ter de novo com ele e disse: “Ó Mensageiro de DEUS, porque é que me mandaste embora? Talvez me tenhas mandado embora como mandaste a Maíz. Juro por DEUS, eu engravidei-me”. O Profeta respondeu: “Já que insistes, então vai-te embora, até dares à luz”. Quando ela deu à luz, veio com o bebé embrulhado num pano e disse ao Profeta: “Eis o bebé a que eu dei à luz”. O Profeta S.A.W. disse-lhe: “Vai e amamenta o bebé até à altura

do desmame”. Quando ela desmamou o seu bebé foi ter com o Profeta que na altura tinha na mão um pedaço de pão. Ela disse: “Ó Mensageiro de DEUS, eis o bebé, já o desmamei e ele já ingere comida mais consistente”. O Profeta S.A.W. tomou a criança, entregou-a aos cuidados de um muçulmano e a seguir pronunciou a sentença”.

(Relato de Musslim-Kitabul Hudud)

Esta passagem atesta o facto de que a vida de uma criança ainda não nascida deve ser valorizada, e que a gravidez resultante de sexo ilícito deve ser levada até ao seu termo. Foi por isso que no episódio aqui narrado, o castigo só foi aplicado após o nascimento e observância do aleitamento da criança.

A insistência da mulher em se submeter à purificação, mostra a grande fé que os Sahabas tinham na prestação de contas das suas acções perante DEUS.

No caso da violação o acto sexual é imposto à mulher à força, contra a sua vontade, e ela é vítima de assalto sexual, portanto, é diferente do adultério, tendo a mulher o direito de não querer suportar um bebé com quem ela não tem nenhuma ligação emocional. Quanto à gravidez resultante da violação, a sua solução passa em primeira instância pela eliminação de todas as formas de exposição da indecência do corpo da mulher, do banimento de fotografias e todo o tipo de imagens pornográficas, literatura e música erótica, eliminação do ajuntamento livre de homens e mulheres, e do uso indevido da imagem da mulher como atracção na publicidade com o objectivo de vender qualquer que seja o produto. Os cúmplices do crime de violação devem ser severamente castigados e em público. Isso ajudará a combater tal mal. Se mesmo depois de tomadas todas estas medidas, continuarem a ocorrer violações, então a vítima de violação deve procurar tratamento médico imediato para evitar a eventual gravidez. Embora não seja possível de imediato determinar se ela ficou ou não grávida, é permitido que ela ingira medicamentos que lhe permitam livrar-se do sêmen antes de este se estabelecer no útero, evitando assim a gravidez.

O Islã não advoga o aborto no caso da gravidez decorrente de violação sexual, pois isso seria o mesmo que matar o inocente ao invés de castigar os promotores do crime de

prática de sexo ilícito. Por isso o Islã recomenda a adopção de medidas que previnam a ocorrência de crimes de sexo ilegítimo e violação, purificando a sociedade das tentações que induzem as pessoas a cometer tais crimes. E como forma de parar com tais crimes devemos prever severos castigos para os prevaricadores, pois institucionalizar a matança de inocentes não é um acto de misericórdia, mas sim uma agressão contra eles.

Contudo, alguns Álimos acham que no caso da gravidez resultante de violação, o aborto é permitido.

Consta na Bíblia, Deuterónimo, Cap. 22, uma descrição pormenorizada de como uma mulher raptada e violada é tratada em dois casos. Num dos casos, os versículos 22-24 descrevem: “Quando um homem for achado deitado com uma casada com marido, então ambos morrerão”.

E diz: “Quando houver moça virgem desposada com algum homem e um (outro) homem a achar na cidade e se deitar com ela, então os trareis à porta daquela cidade e os apedrejareis até que morram. A moça porquanto não gritou na cidade (para alguém lhe socorrer) e o homem, porquanto humilhou a mulher do seu próximo”.

E os defensores da prosmicuidade e da devassidão ridicularizam o Islã, sem saberem que a punição aos adúlteros por apedrejamento até à morte também consta na Bíblia.

No outro caso, descrito no Vers. 28 consta: “Quando um homem achar uma moça virgem, que não for desposada, e pegar nela, e se deitar com ela e forem apanhados, então o homem que se deitou com ela dará ao pai da moça 50 ciclos de prata (moedas), e porquanto a humilhou, lhe será, por mulher, não a poderá despedir em todos os seus dias”.

A posição que o Islã assume neste assunto é diferente. Primeiro, é necessário esclarecer que no Islã a mulher que for violada é considerada vítima, e mesmo que ela não grite ou não chore, tal não constitui motivo para ser apedrejada até à morte. De facto, ela é tratada com compaixão por ter sido vítima de uma agressão por parte de alguém. E esta é a diferença fundamental.

E quanto ao castigo para o violador, perante a Lei Islâmica o mesmo não se limita apenas ao pagamento de 50 moedas de prata ao seu pai. É infligido um castigo severo, podendo até

ser a pena capital para o violador e não para a vítima.

E quanto à obrigatoriedade de o violador se casar com ela, segundo consta no Deuteronómio, no Islâm já não é assim, porque um violador não é digno de se casar com uma casta. Sob o ponto de vista islâmico, tal obrigatoriedade afigurar-se-ia sendo um prémio e não um castigo. Imaginemos alguém que se quisesse casar com uma moça que não gostasse dele. Na impossibilidade de o homem envolvê-la até sentir que a paixão que nutre por ela é correspondida, optaria por engendrar um rapto seguido de violação, e assim teria o seu problema resolvido.

O Alcorão recomenda no Cap. 24 que não se deve casar com alguém que não seja casto/a.

Actualmente, os juristas islâmicos confrontam-se com a questão da permissibilidade do aborto se houver risco de transmissão de doenças genéticas, defeito congénito comprovado ou alguma anomalia severa no feto, que seja incompatível com a vida, pois com o avanço da tecnologia, já é possível efectuar diagnósticos pré-natais com uma precisão apreciável.

O Darul Iftá, da Arábia Saudita, afirmou categoricamente num Fatwa que o aborto nessas circunstâncias não pode ser permitido. Os ensinamentos islâmicos exigem que tomemos as medidas necessárias indo à raiz e às suas causas para proteger a sociedade de bebés defeituosos, pois recorrer ao aborto não constitui solução. A maior parte das crianças mentalmente retardadas são-no devido ao álcool que as suas progenitoras consomem durante a gravidez. Portanto, a solução deste problema é a proibição do consumo de álcool.

Para além disso, é facto estabelecido que a criança que nasce de uma mãe infectada com D.T.S. (Doenças de Transmissão Sexual), pode perder a visão ou sofrer de desequilíbrios no cérebro.

("The Price of Promiscuity" in Sunday Times Magazine, Durban, May 1985)

A solução destes problemas passa pela condenação de todos os actos que de uma ou de outra forma possam provocar essa situação. Para evitar graves problemas nos bebés, é melhor seguirmos à letra os conselhos do Profeta Mohammad S.A.W. que diz: "Casai com pessoas distantes (i.e. não com

familiares próximos) para evitar uma progénie fraca”. E dirigindo-se aos jovens, o Profeta aconselha-os a casarem-se o mais rapidamente possível, caso tenham capacidade económica para o efeito, e não deixar tal acto para quando a sua idade for mais avançada. (Como recomenda Malthus)

Se for estabelecido que os parceiros são portadores de alguma doença genética e que da sua união pode resultar a transmissão dessa doença à sua progénie, deve-se-lhes aconselhar, informando-os dos riscos aparentes que tal facto envolve. Mesmo assim, se ambos insistirem em casar-se então será melhor que recorram aos meios de contraceção evitando assim conceber filhos com doenças genéticas.

O Imam Al-Gazali faz uma distinção clara entre o aborto e a contraceção. É de opinião que, se mesmo depois de se tomarem todas as medidas de precaução, detectar-se um feto deformado, então o melhor será considerar isso um teste da parte de DEUS, e ter paciência, pois a vida dos fetos deformados é muita curta. A deformação nos fetos não é resultado de algum “acidente”. Ela ocorre por decreto e desenho Divinos. A recompensa eterna que os pais receberão pelo amor que dedicarem ao seu bebé deformado, será igual ao do Shahíd (mártir).

Igualmente, o aborto não é solução para a gravidez indesejada, pois todos os Imamos (juristas) afirmam que depois de o feto estar formado, portanto já com a alma insuflada é harâm, constituindo um crime contra um ser vivo.

O Islã permite que se evite a gravidez por motivos válidos, mas não permite que se atente contra o feto após a concepção. Os juristas muçulmanos são unânimes em afirmar que depois de o feto se formar completamente e ter já sido insuflada nele a alma, abortá-lo é harâm e é crime por constituir ofensa contra um ser vivo e completo.

OPINIÕES DAS QUATRO ESCOLAS DE JURISPRUDÊNCIA À CERCA DO ABORTO

Ibn Abidin, um dos juristas seguidores do Imam Abu Hanifa defende que a permissão do aborto antes de se completarem quatro meses de gestação está sujeita a uma justificação que

seja relevante. Por exemplo, se se recear que a nova gravidez interfira no aleitamento, não havendo possibilidades de se arranjar uma ama para o efeito, e a mãe temer que o bebé possa morrer, ela pode abortar o feto para salvar a vida do bebé que já existe. Se a gravidez constituir perigo para a saúde física e mental da mãe ou se houver risco de o feto vir a nascer com alguma doença geneticamente transmissível, má formação congénita ou alguma outra anomalia no feto que seja incomportável, o aborto é permissível antes dos quatro meses de gestação.

Os seguidores do Imam Maliki defendem que o aborto não é permitido, uma vez que o sémen já esteja implantado no útero, nem mesmo nos primeiros 40 dias de gestação. Depois de o feto já ter alma, o aborto é terminantemente proibido, portanto, harám.

Por seu lado, os seguidores do Imam Shafei sustentando-se no Ihya Ulum Ad-Din de Al-Gazali também consideram o aborto em qualquer fase após a fertilização, um crime.

Quanto aos seguidores do Imam Ahmad Ibn Hambali estipulam para quem causa o aborto o pagamento de uma indemnização. Para quem bate na barriga de uma mulher grávida causando o aborto, é imposto o pagamento de uma indemnização de uma vida. Da mesma forma, se uma mulher no estado de gravidez tomar algum medicamento do qual resulte o aborto, deve pagar a indemnização de uma vida. Isto indica que eles também consideram o aborto um pecado.

(Ibn Qudama no Al-Mugni)

Das quatro escolas mencionadas, a do Imam Abu Hanifa é a mais flexível, pois defende que antes do quarto mês de gestação pode-se provocar o aborto se a gravidez da mãe constituir ameaça à vida do bebé já existente ou mesmo à sua própria vida, ou se a nova gravidez ameaçar causar alguma doença à mãe, provocar a redução do leite do seu peito quando o bebé já existente depender exclusivamente desse leite para a sua sobrevivência ou se se descobrir antes do quarto mês de gestação algum defeito no feto. Portanto, antes do quarto mês de gestação é permitido abortar-se se houver razões válidas como por exemplo, doenças hereditárias inevitáveis, ou a SIDA. Mas para tal é imperioso que um médico credenciado o recomende.

Apesar de a vida da gestante tomar prioridade sobre o feto, essa prioridade altera-se a vida da mãe for ameaçada depois de 120 dias, isto é, quatro meses, pois nesta fase o feto já está completo e a alma insuflada. Consta no Hadice uma narração de Abdullah Ibn Massud que diz:

“Exortou-nos o verídico e crível Mensageiro de DEUS dizendo: “Constitui-se o corpo de qualquer de vós no ventre da sua mãe, durante (os primeiros) quarenta dias na forma de ‘nutfa’, isto é, uma gota de esperma; a seguir na forma de um coágulo de sangue, durante igual período e depois este toma a forma de um pedaço de carne, durante igual número de dias. Depois é enviado um anjo para lhe soprar a alma, com uma ordem de quatro termos: de escrever (qual será) a duração da sua vida; as suas acções (de que tipo serão) e se (o/a concebido/a) será feliz ou infeliz (após a morte...)”

(Relato de Al-Bukhari e Musslim)

Neste Hadice foi feita uma referência directa ao soprar da alma no feto depois de 120 dias a partir da fertilização.

E consta no Alcorão:

“Na verdade Nós criamos o homem de barro húmido! Em seguida criamo-lo de uma gota de esperma (nutfa) em lugar seguro (útero). Fizemos depois da gota de esperma algo que agarra-se (alaqa), e depois transformamos o alaqa em “mudgha”(pedaço de carne), depois transformamos o “mudgha” em osso, depois revestimos o osso com carne; então o desenvolvemos em outra criatura. Louvado seja DEUS o melhor dos Criadores”.

Cap. 23, Vers. 12-16

Os comentadores do Alcorão são de opinião de que a passagem *“então o desenvolvemos em outra criatura”* significa a altura em que a alma é soprada no feto, isto é, depois de 120 dias.

Então nesta fase o feto já tem o direito igual ao da mãe, pois é considerado um ser completo, com todos os seus direitos, sendo o mais importante de entre eles o direito à vida. E é por isso que tem direito à herança e já se pode fazer testamento a seu favor. E o Alcorão diz que é harám matar um ser humano.

E qual é então a solução?

Esse dilema fica resolvido pelo princípio geral do Sharia que diz: “Optar pelo mal menor”. Ao invés de se perderem as duas vidas, deve-se dar preferência à vida de um deles acima de outra. O Sheikh Shaltut do Egipto diz no seu Fatwa que neste caso deve-se salvar a vida da mãe, abortando-se o feto, independentemente do período de gestação, porque a mãe é a origem do feto, para além de que ela já está estabelecida na vida, é também o pilar da família com deveres e responsabilidades. É impensável sacrificar a vida dela, que é a base, pela vida do feto que é incerta e que ainda não adquiriu uma personalidade e não tem responsabilidades ou obrigações por cumprir.

*(Al- Halal wal Haram,
Yussuf Al-Qardawi)*

Contudo, o aborto, tem os seus riscos pois pode causar danos ao estômago e ao útero, e neste caso pode também causar a infertilidade na mulher impedindo-a de no futuro ela poder conceber, ou mesmo causar a sua morte. Calcula-se que diariamente 150.000 mulheres no mundo praticam o aborto e deste número 500 acabam morrendo devido a complicações decorrentes da sua prática.

Qualquer agressão contra o feto será considerado um crime. A agressão pode ser de três formas:

Verbal, isto é, a ameaça de morte ou injúria corporal à mulher grávida, de modo a que isso crie nela um grau de medo que possa causar o aborto.

Acção directa, isto é, o uso pela mulher grávida de certos medicamentos para provocar o aborto interrompendo a gravidez, ou a procura de serviços clínicos junto a um médico ou enfermeiro com a intenção de abortar. A acção directa ocorre também quando alguém bate na barriga da mulher grávida, daí resultando aborto.

Acção indirecta, isto é, qualquer acção que não tenha por objectivo interromper a gravidez, mas que acidentalmente resulta nisso. E isso pode acontecer por exemplo, quando a

mulher grávida jejua ou deixa de comer, passando fome, ou ao cheirar algo repugnante. De salientar que não é obrigatório à mulher grávida jejuar, mesmo se for o jejum de Ramadan, se ela recear que isso possa provocar o aborto. Se ela jejuar daí resultando o aborto, então ela será responsável por isso, e não receberá a herança do feto, por ter sido ela que o matou.

Algumas mulheres praticam o aborto, porque após conceberem vêem a saber que é uma menina quando queriam um rapaz ou vice-versa. Isso é proibido no Shariat. Só DEUS é que tem o conhecimento absoluto acerca do feto no útero da mãe, se é do sexo masculino ou feminino. O Homem não tem o poder de determinar conclusivamente o sexo do bebé que ainda não nasceu.

Nos dias que correm, os médicos conseguem “predizer” o sexo do bebé que ainda não nasceu através de equipamento de Raios X. Contudo, este conhecimento não contradiz o versículo do Surat Lucman que diz:

“Ele conhece o que está nos ventres”.

Cap. 31, Vers. 34

E também não faz com que o Homem possa reivindicar o conhecimento do oculto (Al-Ghaib), pois Al-Ghaib refere-se ao tipo de conhecimento que está sempre presente, não derivando de instrumentos aparentes, etc. Entretanto os médicos só podem dizer através de máquinas e instrumentos. O versículo do Alcorão refere-se ao tipo de conhecimento que é Omnipotente e não é derivado nem adquirido por isso ser exclusivo a DEUS.

A outra interpretação do versículo acima citado é de que só DEUS conhece as várias condições, especificidades e circunstâncias do útero. Se o feto nele contido é do sexo masculino ou feminino, se é normal ou anormal, se será de gestação prematura ou completa, se o parto será normal ou à cesariana, e qual será a data exacta do parto e sobretudo qual será o destino do bebé - se será piedoso ou vilão, se terá sorte ou será azarento, que nome terá, se será alto ou baixo, com quem se casará, onde morrerá, etc. Todos esses aspectos só são do conhecimento de DEUS quando o feto está ainda no ventre da mãe. Por outro lado, os actuais médicos e cientistas só são capazes de “predizer” o sexo do bebé, depois de

decorrido um certo período de gestação e os órgãos do feto já estarem formados.

E é por isso que o versículo do Alcorão diz: *“Má fil ar-ham”* e não *“Mna fil ar-ham”* o termo árabe *“Man”* é usado para se referir a seres humanos e *“Má”* é usado para se referir a não humanos e objectos. Isto significa que o feto é sangue coagulado que ainda não tomou a forma humana, sendo por isso referido por *“Má”*. Mesmo nessa fase DEUS sabe o que é que daí irá resultar, se será macho ou fêmea e todas as outras particularidades. Pelo contrário, nessa fase nenhum médico é capaz de prever se do coágulo nascerá um macho ou uma fêmea, muito menos de saber sobre as outras particularidades.

Portanto, adquirir um conhecimento parcial do útero, após decorrer um determinado período de gravidez não contradiz o versículo do Alcorão: *“Ele conhece o que está nos ventres”*.

FORMAS DE COMPENSAÇÃO

O Imam Abu Hanifa e o Imam Shafei defendem que se deve pagar *“Al-Gurrah”* (taxa de compensação) se se abortar, mesmo que o feto seja expelido ainda na fase de formação.

A opinião do Imam Malik é de que se deve pagar o *Al-Gurrah* mesmo que o feto abortado não esteja formado.

Mas de acordo com o Imam Ibn Hambal, não é obrigatório pagar o *Al-Gurrah* se o acto de interrupção de gravidez for praticado dentro dos primeiros quarenta dias de gestação.

Consta num Hadice narrado por Abu Huraira em que ele diz que duas mulheres da tribo Huzail tiveram uma disputa. Então uma delas atirou uma pedra a outra causando-lhe o aborto. O Profeta S.A.W. deliberou o pagamento de *Al-Gurrah* (compensação) traduzido na libertação de um escravo ou uma escrava.

(Relato de Al-Bukhari)

É na base deste Hadice que os juristas islâmicos concluem que se deve pagar *Al-Gurrah* nos três tipos de agressão contra o feto: ameaça verbal, acção directa e acção indirecta.

Literalmente, o termo *Al-Gurrah* designa a mancha branca do tamanho de um dirham (moeda) na testa de um cavalo. Mas

na linguagem geral técnica, refere-se à compensação cobrada devido à destruição de um feto no útero.

De acordo com o Hadice citado, o Al-Gurrah pode ser pago na forma de libertação de um escravo masculino ou feminino, ou cem cabritos, como consta no Hadice de Abu Huraira, relatado por An-Nassai, ou então quinhentos dirhams cash, como consta no Hadice de Ash-Shábi, ou ainda sob a forma de cinco camelos, como consta no Fiqhus-Sunnah.

QUEM DEVE PAGAR O AL-GURRAH?

Se uma mulher grávida matar o seu próprio feto, os seus familiares paternos, ou os familiares da pessoa que indirectamente, isto é, sem intenção, causou o aborto nela, é que terão de pagar o Al-Gurrah. Isto de acordo com a opinião do Imam Abu Hanifa e do Imam Shafei.

(Hashiyah Ibn Abedin)

No segundo caso, a própria pessoa que causa o aborto não é pessoalmente responsável pelo pagamento de Al-Gurrah, porque não se pode provar que o aborto ou a morte do feto tenha ocorrido em resultado da sua acção hostil. E porque a acção hostil ou a agressão não estava dirigida directamente contra o feto mas contra a mulher grávida.

Contudo, o Imam Ahmad Ibn Hambal diz que se o feto e a mãe morrerem em consequência de uma agressão ocorrida por engano ou involuntariamente, então a família do agressor deve pagar a indemnização completa (para a mãe morta), e mais o Al-Gurrah.

Mas se a acção hostil contra a mãe for intencional, ou se morrer apenas o feto, então a família do agressor não terá que pagar nada. Nesse caso será obrigação do agressor pagar só o Al-Gurrah.

(Al-Mugni Ibn Qudama)

O Imam Maliki diz que o agressor é que é pessoalmente responsável pelo pagamento do Al-Gurrah, e não a sua família, porque o aborto do feto, provocado por um golpe na barriga da mulher grávida não foi propositado. A agressão foi intencional

no que diz respeito à mulher grávida mas não foi intencional no que diz respeito ao feto.

(Ibn Rushd, Al-Bidayah Wan-Nihayah)

Ibn Rushd diz que os Imamos Abu Hanifa e Shafei são de opinião de que os beneficiários do Al-Gurrah devem ser os familiares da mulher gestante. As regras de Al-Gurrah e de Ad-Diyah (indenização) são as mesmas. Há outros Imamos que dizem que a única beneficiária deve ser a mãe (do feto abortado) porque o feto é parte do seu corpo.

Ibn Qudama diz que se a mulher grávida tomar algum medicamento e disso resultar o aborto, então ela deverá pagar o Al-Gurrah, perdendo o direito de herdar do feto, por ter sido ela que o matou.

(Mugni Al-Muhtaj)

AD-DIYAH

“Ad-Diyah” é o valor monetário que tem que ser pago como indenização ao lesado devido ao crime.

O Profeta S.A.W. diz que a alma é soprada no feto depois do quarto mês de gravidez.

Na base deste Hadice, qualquer acto de agressão contra o feto depois do quarto mês de gravidez será considerado um atentado contra a vida de um ser humano. Por isso, o agressor como indenização terá que pagar o Diyah completo, e não o Al-Gurrah.

Nesta questão há unanimidade por parte dos quatro Imamos que defendem que qualquer agressão contra o feto será considerada semi-intencional se o agressor praticar o acto deliberadamente, e será considerada um engano se a agressão não for intencional.

(At-Tashri, Abdul Qadir Auda)

Baseiam a sua posição na seguinte passagem do Alcorão:

“Um crente não pode matar outro crente salvo se for por engano, e quem por engano matar um crente deverá libertar um escravo crente e pagar indenização (Ad-Diyah) à família do morto, a não ser que esta se disponha a perdoar-lhe”.

Cap. 4, Vers. 92

O Dīyah Kamila pode ser pago à família do falecido na forma de cem camelos, ou o equivalente em valor monetário. Se a própria gestante for a agressora, então terá que pagar a indenização completa (Dīyah) aos familiares do feto, não tendo qualquer direito sobre esse Dīyah.

AL-KAFFÁRAH

No versículo atrás citado está claro que além de Dīyah (indenização) que a pessoa deve pagar à família do defunto por ter morto um crente, deve ainda libertar um escravo crente. A isto chama-se “Kaffárah”.

Caso não disponha de nenhum escravo, deverá de acordo com o Alcorão, jejuar dois meses consecutivos:

“Quem não puder fazê-lo, deverá jejuar dois meses consecutivos como penitência imposta por Deus”.

Cap. 4, Vers. 92

Os seguidores dos Imamos Shafei e Ibn Hambal dizem que o Kaffárah é obrigatório por qualquer agressão contra o feto, em simultâneo com o pagamento do Dīyah.

Por seu lado, os seguidores do Imam Abu Hanifa dizem que o Kaffárah só será obrigatório se se tratar de um nado vivo, portanto separado do corpo da mãe, e que a seguir venha a morrer em resultado da agressão contra ele (o nado).

(Ibn Rushd Al-Bidayah)

Nos tempos que correm não há escravos, portanto o Kaffárah, assim como foi referido, será convertido em jejum durante dois meses consecutivos. Porém surgem aqui duas questões: Se alguém em cumprimento do Kaffára começar a jejuar e adoecer antes de completar os dois meses? E se se tratar de uma mulher ainda em idade fértil, que todos os meses menstrua, sendo que a menstruação isenta a mulher de jejuar?

Segundo Al-Jassass, a pessoa que adoecer antes de completar os dois meses, deve reiniciar a contagem depois de melhorar, porque o Alcorão diz claramente que o jejum deve ser de dois meses consecutivos. Portanto, não serão contados os dias que já tenha jejuado.

Quanto à mulher ainda em idade fértil, que menstrua depois

de ter iniciado o jejum, não necessita de reiniciar a contagem, podendo após terminar o período menstrual prosseguir o jejum.

Al-Jassass explica a diferença, dizendo que a menstruação nulifica o jejum, e mesmo que ela queira jejuar durante o período menstrual não pode. No caso da doença já não é assim, pois esta não nulifica o jejum, e se alguém quiser jejuar, mesmo doente pode fazê-lo. Portanto, assim como durante a noite a pessoa não pode jejuar, ela não interrompe os dias consecutivos de jejum. Da mesma forma, a menstruação também não interrompe a sequência do jejum consecutivo se os dias de jejum falhados devido à menstruação forem repostos após o fim do período menstrual.

O Dr. Abdul Qadir Audah no seu livro At-Tashri, diz que todas as pessoas que se envolverem em alguma agressão contra o feto têm de pagar solidariamente o Diyah, e da mesma forma cada um deles tem que fazer o Kaffárah.

Ao médico não é permitido praticar o aborto, excepto em casos justificáveis pelo Sharia. Portanto ele não se deve precipitar nessa prática antes de investigar devidamente todos os aspectos, consultando também outros médicos se for necessário.

Surge aqui uma outra questão: O médico muçulmano envolvido no aborto do feto deve ou não partilhar no Ad-Diyah e no Al-Kaffárah?

Ibn Rushd, no Al-Bidayah Wan-Nihayah diz que os juristas islâmicos são unânimes em responsabilizar o médico por qualquer erro por ele cometido. Mas se o erro não for intencional, o Diyah (indenização) pelo erro tem que ser pago pela família paterna do médico/a.

A participação de um/a médico/a muçulmano no acto de aborto fa-lo-á responsável, porque assim como foi dito antes, o aborto é um crime, salvo se o for por razões terapêuticas.

Portanto, se o/a médico/a praticar o aborto depois do quarto mês, isto é, depois de lhe ser insuflada a alma, por razões não terapêuticas, ele/a terá que pagar a porção o Diyah completo e ainda jejuar dois meses consecutivos com Kaffárah, por ter cometido o crime de matança que é o aborto. Se o praticar por razões não terapêuticas antes do quarto mês de gestação, então ele/a terá que pagar Al-Gurrah em compensação. Está claro que no lsslam, matar o feto não está incluído no crime de

homicídio, porém tal é considerado um crime, e o Sharia prescreve certos castigos para qualquer pessoa cúmplice de agressão contra o feto, independentemente de o acto ser intencional, como é o caso do aborto premeditado muito vulgar nos dias que correm, ou se o acto não for dirigido directamente ao feto, como por exemplo no caso de golpear a barriga da gestante, mas que resulta na morte do feto.

De facto, as quatro escolas de jurisprudência islâmica diferem no castigo a ser aplicado por se matar um feto, mas essas diferenças entre eles não são de forma alguma antagónicas e nem incorrem em grandes consequências. O importante é que todas as escolas de jurisprudência islâmica são unânimes em considerar que matar o feto é um crime e que o castigo deve tomar a forma de Al-Gurrah ou Ad-Diyah, com Kaffárah, dependendo do estado do desenvolvimento do feto no momento da agressão.

O ABORTO DEVIDO A DEFEITOS NO FETO

Das afirmações dos juristas está claro que depois dos primeiros 120 dias de gestação (4 meses), o feto já tem alma, segundo o Alcorão e o Hadice, e portanto já é um ser completo, com direito à vida, podendo-se fazer testamento a seu favor e receber herança. Já é um ser que não pode ser morto excepto em causa justa. Por isso não se pode abortar excepto nos casos mencionados (quando a vida da mãe está em perigo, etc).

O facto de o feto estar deformado não é motivo justo para o aborto, quaisquer que sejam as deformações e defeitos, curáveis ou não, pois o avanço medico-científico indica-nos que algumas doenças e defeitos parecem-nos por vezes difíceis de curar, mas depois a ciência acaba descobrindo a sua cura.

Se se descobrir antes dos quatro meses que o feto está deformado, então aí já se pode abortar. Quando se fala de defeitos, refere-se aos que põem em perigo o feto e à sua vida normal, que não podem ser curados nem mesmo com cirurgia, sendo impossível sobreviver com tais defeitos. Mas se forem curáveis, e não puserem em perigo a criança nem à sua vida normal, e prever-se que futuramente, com o avanço da medicina

surja a sua cura, então tais defeitos deixam de ser motivo justificável para o aborto pois, segundo o Sharia esses não são considerados defeitos.

No caso de defeitos hereditários, herdados de um dos progenitores, pode-se abortar desde que o embrião não tenha atingido cento e vinte dias de gestação. O critério para a permissão de interrupção passa necessariamente pela comprovação científica da doença assim como pela determinação do nível de perigo que o defeito possa representar, e ainda da impossibilidade de cura. Deve-se também ter em conta que os progressos na medicina já permitem a correção de certas deformações que ocorrem nos fetos.

Portanto, não é permitido abortar-se, quaisquer que sejam os defeitos no feto, curáveis ou incuráveis, pois a ciência moderna provou que muitas das doenças inicialmente parecem-nos incuráveis, mas depois descobre-se a sua cura e Deus é Grande e Poderoso, para cada doença enviou a respectiva cura.

Os defeitos e doenças curáveis, com as quais é possível viver, não são justificação válida para a prática do aborto, pois nelas não há perigo, nem para a criança nem para a sua vida futura. Quanto aos outros defeitos como a cegueira, a surdez a falta de algum membro, etc. não podem ser motivo para a prática do aborto, pois hoje, com a ciência avançada há maiores possibilidades de se compensar essa lacuna.

Quanto a defeitos físicos, por exemplo a cegueira, falta de uma mão ou de um pé, tal não é motivo justificável para o aborto, muito em particular devido aos avanços científicos que a medicina alcançou, pois é possível preencher a lacuna facilitando a vida do ser que dessa gestação nascer. O Profeta S.A.W. quando disse que o crente forte é melhor e mais querido perante DEUS do que o crente fraco, disse também, “que nos dois há o bem”.

Portanto, nos defeituosos também há algum bem, e DEUS ordenou-nos a ter misericórdia e pena, não nos tendo ordenado a livrarmo-nos deles.

DEUS faz propositadamente com que alguém nasça cego, surdo, diminuído físico ou diminuído mental, com o propósito de atrair a nossa atenção para com Ele (o Criador), pois nós só nos apercebemos da preciosidade dos nossos olhos, da nossa

visão e da Graça de Deus ao nos dotar com tal sentido quando olhamos para um deficiente visual. Só valorizamos os nossos pés quando em presença de um paraplégico.

Portanto, se por um lado (no aspecto individual) os defeitos físicos são um mal, se analisarmos no aspecto global eles são coisas boas, pois atraem a nossa atenção para as Graças de Deus, e só Ele sabe da prudência das coisas que cria.

Não há dúvidas que os diminuídos físicos no mundo são uma minoria, portanto são casos raros. Deus criou-os intencionalmente assim para que em presença deles nos lembremos da Sua Graça sobre nós, despidendo-nos assim do conceito de que a criação é um assunto automaticamente estabelecido, que qualquer mal é acidental, que tudo aparece espontaneamente e que para um ser humano nascer basta que o homem e a mulher tenham relações sexuais. Qualquer destes conceitos é errado, pois em tudo isso há uma Força Maior que é a do Criador. E os raros casos de diminuídos físicos fazem-nos recordar os Seus favores para com o ser humano, valorizando assim cada membro completo e cada sentido de que dispomos.

Portanto, matar ao abortar um feto apenas por ser anormal não é solução, pois isso é algo negativo, e o papel do médico deveria ser o de corrigir a anomalia existente no feto ainda durante a gestação; ao invés de sugerir o aborto.

Os que advogam o aborto de fetos defeituosos nada percebem de prudência na criação.

No sistema ocidental, também o aborto é considerado crime (artigo 358º do Código Penal moçambicano), punível com uma pena de dois a oito anos de prisão maior, e refere-se a interrupção, em qualquer momento da gestação uterina do feto.

Tal como no Islão, o aborto só é permitido quando haja perigo de vida da mãe. A diferença é que no Islão, nestes casos, o aborto só é permitido dentro dos quatro meses de gestação. Após isso, ainda que a mãe corra risco de vida o aborto não é permitido.

De igual modo não é permitido, no direito ocidental o *aborto eugénico*, ou seja, o que pretende evitar o nascimento de seres defeituosos (no Islão, alguns juristas defendem a possibilidade de se abortar o feto mal formado e sem possibilidade de correcção por via da medicina, mas apenas dentro dos quatro

meses de gestação). Finalmente, o aborto levado a cabo por uma mulher cuja gravidez seja consequência de uma violação sexual, esta apenas sofrerá uma redução da pena que variará de três dias a dois anos de prisão. Pelo que, mesmo em relação a mulher violada que, por consequência disso, fique grávida, o aborto não é permitido.

Manuel Maia Gonçalves, Código Penal Português na doutrina e na jurisprudência, p.p. 546 e ss, 2ª edição, Livraria Almeida, Coimbra, 1994.

O Ocidente que muito fala dos Direitos Humanos, do Direito à Vida, e da Mutilação Genital Feminina, transformou o útero em sepulcro, pois vejamos, desde 1943 foram já mortas 18 milhões de pessoas em várias guerras travadas em diversas partes do mundo. Porém, este número é insignificante se considerarmos que só nos últimos anos um bilião de bebés já foi abortado. Nos E.U.A. são abortados anualmente milhões de fetos. Este número, é maior que o das pessoas que morreram em todas as guerras em que os E.U.A. intervieram, desde a Guerra da Secessão à Guerra do Golfo. E toda essa matança fica impune.

O Ocidente ao exagerar no número de mortes devidas ao aborto não seguro, pretende obrigar todos os países a legalizar este acto de matança, dando-lhe nomes atraentes como “A Regulação da Fertilidade”, ou “Interrupção Médica da Gravidez”, etc. Porém, por muito bonitas que sejam as designações que se lhe dá, tal continua a ser uma matança a sangue frio.

A matança de bebés está sendo perpetrada em grande escala em Londres, conhecida no Ocidente como a “Capital do Aborto”.

Para além de milhares de casos locais de aborto, milhares de estrangeiras deslocam-se anualmente a esta cidade para abortarem os seus fetos já desenvolvidos.

Como é que uma nação que tolera a matança dos seus próprios filhos dessa forma tão brutal pode ser considerada civilizada?

CAPÍTULO IV

A FEMINILIDADE

ALGUNS ASSUNTOS ÍNTIMOS FEMININOS

A menstruação (Haidh)

- Definição de Menstruação (haidh) e sua filosofia

Filologicamente, a menstruação define-se como um simples escorrimento de algo, mas segundo a Lei Islâmica, é a sangria mensal na mulher, através da vagina, do forro do útero, em conformidade com a natureza, sem qualquer motivo óbvio. É um sangue natural que não é causado por nenhuma doença, ferimento, queda ou parto. E por ser natural, as suas características variam em função da constituição física da mulher, do ambiente e do clima em que ela vive, sendo por isso que o período de “drenagem” do sangue varia de mulher para mulher.

Qual é filosofia e segredo por detrás desse sangue?

O feto no útero não pode ser alimentado pela via normal à semelhança das crianças já nascidas. Portanto DEUS, o Prudente, criou a descarga sanguínea nas fêmeas, em cujos úteros os fetos são alimentados, sem necessidade de digerir alimentos. Tais fluidos penetram no embrião através do cordão umbilical da mãe, penetrando nas suas veias. E é desta forma que o feto é alimentado. Louvado seja DEUS, o melhor dos criadores!

Dáí compreendemos claramente os segredos benéficos escondidos neste sangue. Portanto, em condições normais, se a mulher estiver grávida, o fluxo sanguíneo da menstruação deixa de ter lugar, excepto em casos muito raros.

O nascimento de um ser humano é um fenómeno deveras espantoso e só o estudo deste tema constitui um dos maiores esforços da humanidade.

A sangria de haidh e nifass é um arranjo biológico para

preparar a mulher para a sua função natural para a qual foi criada, que é a concepção e a procriação.

As fases por que o corpo da mulher tem de passar para manter este acto de criação deve merecer o mais alto respeito. DEUS menciona que as nossas mães nos deram à luz com dificuldades e por isso merecem o nosso maior respeito.

Quando a mulher está a menstruar, é considerada impura e algumas proibições foram-lhe impostas durante esse período.

Geralmente nenhuma menina atinge a puberdade (bulugh) antes dos nove anos. Contudo há casos embora raros, em que a menina atinge a puberdade mais cedo. A isso chama-se “puberdade precoce”. O corpo dela desenvolve-se, os seios despontam e começa a menstruar. A puberdade precoce pode ocorrer devido a fenómenos hereditários, a questões biológicas e/ou fisiológicas, ou ainda a outros motivos como por exemplo o clima, a depressão ou outras doenças. E há também casos em que a puberdade retarda e a menstruação só ocorre aos dezoito anos, o que causa grandes preocupações à mãe.

O sinal de puberdade é o período menstrual, a ocorrência da poluição noturna, o vulgo “sonho molhado” ou a gravidez. À semelhança do que acontece com a maioria dos rapazes, a poluição noturna também ocorre em algumas meninas, assim como consta no Al-Bukhari, que Umm Sulaim foi ter com o Profeta S.A.W. e perguntou: “Ó Mensageiro de DEUS! Na verdade DEUS não se envergonha da verdade, será que o banho é obrigatório para a mulher se ela tiver o *ehTELám* (sonho molhado)”?

O Profeta S.A.W. respondeu: “Sim. Se ela verificar o líquido”.

Porém, se ela verificar que da vagina lhe sai algum sangue antes de atingir a puberdade, então isso chama-se “*Isstihada*” ou seja, hemorragia vaginal. No caso de não se verificar nenhuma destas ocorrências, então a menina será considerada baligh (púbere), ao atingir 15 anos.

A puberdade é um marco de transição da infância para a adolescência, que é a fase que antecede a idade adulta. Nesta fase ocorrem várias mudanças de entre elas as fisionómicas, fisiológicas, psicológicas, biológicas e sociais, i.é, na relação com os outros, individual e colectivamente. A voz altera-se, verifica-se um aumento de peso, os seios despontam, surgem-lhe os pêlos púbicos e da axilas, etc.

Antes de a criança atingir a puberdade, não pesava sobre ela nenhuma obrigatoriedade no que respeita ao Sharia. Porém, quando atinge a puberdade ela já é considerada uma personalidade independente dos pais, sujeita portanto às leis do Sharia.

Torna-se obrigatório para qualquer criança, rapaz ou menina, quando atinge a puberdade, cumprir com todos os rituais do Islã como o Salat, o Jejum, etc. pois digamos que se entrou na antecâmara da idade adulta, sendo para a menina obrigatório o uso de hijab.

A fase da puberdade na vida da criança não é apenas importante mas também muito crítica. Um provérbio árabe diz que essa é uma das fases de loucura, pois é nela que as adolescentes começam a pensar em coisas diferentes. Por isso é necessário que os pais cuidem bem delas e não permitam más companhias, filmes, teatros, novelas, pornografia, livre junção com o sexo oposto, pois caso contrário elas correm o risco de se deixarem levar por todos os tipos de vícios que poderão afectar negativamente toda a sua vida. Portanto, dos 15 aos 20/22 anos que é o período mais crítico, deve-se proporcionar às adolescentes boa literatura, companhia de gente piedosa, evitando que fiquem sozinhas, proibindo-as de tudo o que é mau e ocupando-as em coisas boas.

Normalmente, uma mulher não menstrua depois dos 55 anos, mas se nesta idade ela verificar sangue vermelho ou escuro, trata-se de haidh. Se o sangue for amarelo, ou castanho, e caso ela não tenha experiência desse tipo de sangue durante os primeiros períodos menstruais não é haidh,. Mas se tal já tiver nela ocorrido durante os seus primeiros períodos menstruais então será considerado haidh. Caso contrário será considerado hemorragia (isstihada), não devendo ficar preocupada ao ver esse sangue, pois isso é algo natural nas mulheres.

Durante o período menstrual a mulher deve utilizar algo na sua parte privada, para a higiene e protecção do corpo e da roupa contra a impureza.

Pode-se determinar através da cor do penso ou almofada se o sangue é haidh ou isstihada. Por exemplo, se o penso ou almofada (chumaço) for vermelho quando estiver fresco e branco depois de secar, então é haidh, mas se for branco

quando fresco e amarelo depois de secar então não é haidh, mas sim uma hemorragia.

Só é considerado haidh se o sangue aparecer fora da vagina, ou se penso nela colocado aparecer manchado. Se uma mulher que está no seu período menstrual não notar nenhum sangue no penso, então isso é sinal de que o seu período de pureza já começou.

De acordo com o Imam Abu Hanifa, a cor do haidh pode ser vermelha, amarela, castanha, cor de lodo ou mesmo preta. Mas de acordo com o Imam Shafei, as leis mudarão de acordo com as mudanças das cores. Por isso nesse caso deve-se consultar os Álimos.

Segundo o Imam Abu Hanifa, o período mínimo de haidh é de três dias, e se o fluxo de sangue ocorrer durante menos tempo, então não é haidh mas sim uma hemorragia.

Para se considerar haidh não é necessário que o fluxo de sangue seja constante nesse período, por exemplo se o sangue aparecer inicialmente por um curto espaço de tempo e parar e depois aparecer novamente no segundo ou no terceiro dia, então de acordo com o Sharia, considera-se isso como a continuidade da menstruação.

O período máximo de haidh é de dez dias. Se o sangue continuar a aparecer mesmo depois deste período, então isso já não é menstruação (haidh), mas sim uma hemorragia.

De acordo com o Imam Shafei, o período mínimo de haidh é de um dia e uma noite, isto é, 24 horas, e o máximo é de quinze dias.

Se uma mulher verificar sangue por um dia e depois parar por um período de treze dias, e depois verificar novamente o sangue por um dia, todo o período de quinze dias será considerado como uma saída contínua, pois o período entre as duas sangrias é de menos de quinze dias.

O intervalo mínimo entre dois períodos menstruais é de quinze dias. Por isso se a mulher sangrar novamente depois de um intervalo de quinze dias então essa sangria será considerada menstruação. E não há um limite para o período máximo de intervalo. Portanto uma mulher será considerada ritualmente pura, caso não lhe ocorra nenhum fluxo menstrual, mesmo que tal dure meses ou anos.

Se uma menina começar a sangrar pela primeira vez ao

atingir a puberdade, esse critério deve ser observado. Se continuar por um período de três dias ou mais e parar a qualquer momento mas dentro do período de dez dias então isso será considerado haidh, e da mesma maneira será considerado haidh se o fluxo continuar até completar dez dias.

E se o fluxo sanguíneo continuar para além de dez dias, então segundo o Imam Abu Hanifa considerar-se-ão dez dias de haidh e os restantes isstihada (hemorragia). É o caso das mulheres que sangram constantemente. Essas contarão dez dias de haidh (ou quinze, segundo o Imamo Shafei), em cada mês e o resto isstihada. Por isso, depois de dez dias ela deve tomar o banho de purificação e recomeçar o seu Salat. A contagem deve-se basear nos meses lunares islâmicos.

Uma adolescente que conhece o seu primeiro fluxo deverá suspender de imediato o Salat logo que ela notar sangue. Se a sangria continuar por um período de três dias então deve considerar que isso é haidh. Decorrido esse tempo, se o sangue estancar durante um período de dez dias, então ela deve purificar-se e começar a fazer o Salat. Este período de sangria por que ela passou será considerado o seu hábito, isto é, se ela esteve de haidh sete dias, mantendo-se pura nos restantes 23, então de acordo com o Sharia, esses sete dias em cada mês serão considerados o seu hábito de haidh e os restantes 23 o seu período de pureza.

Porém, se o hábito se alterar e a sangria continuar por um período de nove dias mantendo-se pura pelos restantes 20 dias, então isso será considerado uma mudança no hábito. Portanto, os nove dias de sangria serão considerados o seu novo hábito. O Imam Abu Hanifa toma em consideração o hábito da mulher no que diz respeito a haidh e nifass.

Se o hábito de haidh se alterar constantemente, torna-se necessário vigiar o penso no momento de cada Salat nos últimos dias de haidh. Se se notar alguma mancha de sangue no penso, então deve-se substituí-lo para que à hora do Salat seguinte se aperceba se o fluxo parou não. Garantindo assim o cumprimento regular do Salat.

Se uma mulher sem um hábito fixo, estiver na dúvida, se o seu período menstrual já terminou ou não, ou se ela já está pura ou não, enquanto a dúvida se mantiver deve tomar banho na hora de cada Salat. Se não puder determinar se de facto se

trata de haidh ou não, então ela deverá fazer o wudhu na hora de cada Salat, assim como faz a mustaháda (mulher que sofre de hemorragia constante).

Durante o haidh e o nifass a mulher está dispensada de fazer o Salat. e isenta dessa obrigação, não sendo necessário portanto, que faça o Salat em reposição quando estiver pura. (Al-Bukhari)

Se o período (haidh) começar durante o Salat, este deve de imediato ser suspenso, sem necessidade de completá-lo. E esse Salat fica perdoado.

Se o período completo de haidh terminar antes de a hora de Salat terminar havendo ainda algum tempo, então ela deve de imediato tomar banho e fazer o Salat, pois nesse caso este já se torna obrigatório. E se por qualquer motivo não tomar o banho e nem fazer o Salat, então terá que repor esse Salat (qadhá) logo que se purifique.

Se a mulher menstruar durante o mês de Ramadan, deixará de jejuar, mas porque o jejum não está perdoado, terá que jejuar em reposição mais tarde.

Se o haidh começar enquanto uma mulher está de jejum, este quebra-se mesmo que faltem apenas alguns minutos para o período de jejum terminar. E ela terá que jejuar em reposição esse dia em falta. Deve evitar comer durante o resto do dia, demonstrando estar de jejum.

A mulher que está em período de haidh ou nifass não pode entrar no Massjid. Se ela estiver dentro do Massjid, deve retirar-se logo que se aperceber que lhe começou o período.

Todas as actividades de Hajj são permitidas para a mulher que está no período de haidh e nifass, excepto o Tawaf, porque este é feito no Massjid e para se entrar nele é necessário que se esteja puro. Se durante o Tawaf começar o haidh, ela deve interromper esse ritual saindo imediatamente do Massjid, pois constitui pecado manter-se nele nesse estado. Porém, se o haidh começar depois de ela terminar o Tawaf, pode continuar com o “saiy” de Safa e Marwa, porque não é necessário que esteja limpa (tuahir) para se fazer o “saiy”.

No estado de haidh e nifass ela pode usar o Ehrám mas não pode fazer Tawaf de Kaâba. Não é permitido à mulher durante o período menstrual e nifass ler o Alcorão. Ela pode recitar

menos que um Ayat dividido em partes, e com várias pausas respiratórias, mas não pode ler um Ayat completo de uma só vez. Se ela é professora de Alcorão, então pode ensinar no estado de haidh e nifass, podendo apenas pronunciar as palavras e tendo o cuidado de não recitar o Ayat completo, de uma única vez. Ela pode imaginar algum ayat não podendo contudo recitá-lo.

Pode ler partes do Alcorão com intenção de duã, por exemplo: "*Bissmillahir- rahmanir-rahim*" ou "*Al-hamdo lillahi rabbil ālamin*". Antes e depois de comer. Não pode tocar em qualquer coisa em que esteja escrito algum Ayat.

Se durante o haidh ou nifass ela escutar algum versículo do Alcorão com Sajdah, não lhe é obrigatório cumprir com essa imposição. Contudo, ela pode fazer zikr de DEUS e recitar o darud, estudar o tassbih e fazer isstighfar, durante o periodo menstrual e de nifasse. Pode fazer duã mesmo em árabe com duãs contidos no Alcorão.

Ela pode ler, ensinar, ou tocar em todos os outros livros religiosos de tafssir e de Hadice no estado de haidh e nifass. É makruh para uma mulher que está no periodo menstrual ou de nifass dar banho a um morto. A mulher que esteja no estado de impureza como o haidh, nifass e qualquer pessoa no estado de janaba (impureza decorrente de relações sexuais) tem que se afastar do quarto onde se encontra o mayit.

Pode participar em ajuntamentos de muçulmanos, mas deve permanecer fora do Massjid.

(*Al-Bukhari*)

As leis relacionadas com o Massjid não são aplicáveis ao quarto reservado ao Salat dentro de casa.

Durante o período menstrual ela pode usar "mendi" tanto nas mãos como no cabelo.

O penso higiênico, a almofada sanitária, etc. devem ser enterrados e não deitados na lixeira. Assim se deve proceder também com as unhas, o cabelo, o cordão umbilical e a placenta (saco do útero), que não se devem deitar no lixo ou incinerá-los. Em caso de aborto, as partes do feto não formadas devem sempre que possível ser enterradas. É prática nos hospitais incinerar os fetos abortados, o que no Isslam não é permitido, pois aos quatro meses de gestação o feto já está

formado. Por isso, sempre que possível deve-se pedir que o hospital entregue o feto para ser enterrado, pois no Islã a incineração não é permitida. O Alcorão diz:

“Da terra vos criamos e para ela vos devolveremos e dela vos tiraremos outra vez”.

Cap. 20, Vers. 55

Durante o haidh ou nifass é permitido à mulher conviver, comer, beber, etc. com o seu marido. Pode dormir com ele, beijá-lo, abraçá-lo e acariciá-lo, contudo é harâm (proibido) ter relações sexuais. Para evitar a tentação para a prática de relações sexuais nesse estado, o que constitui um grande pecado, quando ela estiver na intimidade com o seu marido deve manter o seu corpo coberto desde o joelho até ao umbigo, pois consta no Alcorão:

“E perguntam acerca da menstruação. Dize-lhes: É uma impureza, abstende-vos, das mulheres durante a menstruação e não tenhais relações sexuais com elas enquanto não estiverem limpas”.

Cap. 2 Vers. 222

E o Profeta Muhammad S.A.W. disse: “Fazei tudo com elas (assim como desejardes) excepto as relações sexuais”.

(Musslim)

As relações sexuais durante o haidh podem provocar a esterilidade, dores muito fortes no útero e subida de tensão arterial na mulher. Quanto ao homem, tal pode provocar inflamação aguda no pénis, pois os germes infiltram-se na uretra, podendo degenerar em prostatite, monorrágia, irritação e inflamações perimetriticas e outras doenças genitais graves.

O Profeta S.A.W. disse: “Quem tiver relações sexuais com a sua mulher em estado de haidh, então esse deve dar em Sadaqa um ou meio dinar”.

Terminado o período menstrual a mulher deve tomar banho antes de ter relações sexuais. Sobre isso o Alcorão diz:

“Quando estiverem purificadas, então juntai-vos a elas por onde Deus vos ordenou, porque Deus ama os que se arrependem e os que se mantêm limpos”.

Cap. 2, Vers. 222

Se o sangue parar ao se completarem dez dias, então segundo o Imam Abu Hanifa é permitido ter relações sexuais antes de ela tomar o banho, embora seja melhor, fazê-lo primeiro. Após o haidh e nifass, quando ela toma o banho, deve purificar-se bem, não deixando nenhum cabelo seco, devendo aplicar um perfume à volta do púbis para assim eliminar por completo qualquer odor de sangue.

Deve jejuar em reposição todos os dias que falhou durante o mês de Ramadan.

A MULHER E O PERÍODO MENSTRUAL

O Profeta SAW considerou a menstruação como um evento fisiologicamente normal e consta que ele disse a Aisha RTA: "A tua menstruação não está nas tuas mãos".

(Relato de Musslim)

Sobre este assunto, há uma aparente semelhança entre o Alcorão e a Bíblia, mas também há algumas diferenças. Segundo a Bíblia, no Levítico, Cap. 15, consta:

- 19 - Mas a mulher, quando tiver fluxo, e o seu fluxo de sangue estiver na sua carne, estará sete dias na sua separação, e qualquer que a tocar será imundo até à tarde.
- 20 - E tudo aquilo sobre o que ela se deitar, durante a sua separação, será imundo, e tudo sobre o que se assentar será imundo.
- 21 - E qualquer que tocar a sua cama lavará os seus vestidos, e se banhará com água e será imundo até à tarde.
- 22 - E qualquer que tocar alguma coisa sobre o que ela se tiver assentado, lavará os seus vestidos, e se banhará com água, e será imundo até à tarde.
- 23 - Se, também, alguma coisa estiver sobre a cama, ou sobre o vaso em que ela se assentou, se alguém a tocar, será imundo até à tarde.
- 24 - E se com efeito, qualquer homem se deitar com ela, e a sua imundície estiver sobre ele, imundo será por sete dias; também toda a cama sobre que se deitar será imunda.

E, continuando, o capítulo diz que se o sangue continuar para além de sete dias, aplicar-se-á o mesmo tratamento. O versículo 29 do mesmo capítulo diz que após esse período, no oitavo dia, ela tomará duas rolas ou pombos levando-os ao Sacerdote, oferecendo este, um para a expiação do pecado e o outro para o Holocausto. E o Sacerdote fará por ela a expiação do fluxo da sua imundície perante o Senhor.

A Lei Islâmica é diametralmente oposta, pois de acordo com o Sharia não há nenhum problema em alguém tocar uma mulher, sentar-se ao seu lado, ou tocar em algo que ela tocou durante o seu período menstrual. Todavia, conforme já se disse atrás, por razões óbvias, mormente as ligadas a questões higiénicas e de saúde, proíbe terminantemente a prática de relações sexuais durante esse período.

Com efeito, certa vez o Profeta Muammad S.A.W. foi interrogado acerca das relações entre os fiéis e respectivas esposas durante a fase menstrual, tendo ele respondido que tudo era lícito excepto a relação íntima.

Numa outra ocasião, um dos seus companheiros perguntou-lhe: "Eu posso comer com a minha esposa durante o seu período menstrual"? O Profeta S.A.W. respondeu: "Coma com ela, pois não há problema nenhum".

E através da prática, o Profeta S.A.W. ensinou-nos que, com excepção das relações sexuais não havia qualquer outro impedimento.

Por exemplo, Aisha R.T.A., esposa do Profeta S.A.W., durante o seu período menstrual ajudava-o a lavar a sua cabeça.

E em alguns casos foi narrado que ele até dormia na mesma cama com qualquer das suas esposas, sem contudo ter relações sexuais.

De facto o Alcorão descreve o período menstrual e o fluxo por "Azá", o que literalmente significa, dor, incómodo, sofrimento ou desconforto, e não porque a mulher nesse período seja algo que deva ser afastado. Portanto, a proibição baseia-se mais na pureza higiénica e precaução sanitária.

Mas a função natural em si é acompanhada de dores, criando um certo desconforto na mulher durante esse período. De forma alguma o Islam considera isso uma forma de expiação, ou que a libertação do fluxo sanguíneo seja um

pecado, assim como consta na Bíblia, Levítico.

Não se trata de nenhum pecado, mas sim de um ciclo natural, uma criação de Deus, pois no fluxo menstrual a mulher liberta-se dos óvulos não fecundados, portanto inactivos, pois estes têm um ciclo de vida e quando chega ao fim passam a ser um corpo estranho ao organismo devendo ser expelidos, da mesma forma que se expelem via rectal, uretral, nasal ou oral, outras substâncias de que o organismo não necessita.

O desarranjo psico-fisiológico da mulher é de tal ordem que todos os meses durante o período de haidh ela entra num estado de mudança patológica, assim como diz Gedds Thomson no seu livro "Evolution of Sex": "O fenómeno da menstruação em que escorre sangue, é um processo fisiológico normal da mulher, mas a sua energia mental bem como a força muscular e a habilidade, mesmo nas mais fortes, mais saudáveis e mais determinadas mulheres, são habitualmente enfraquecidas durante este período".

(Havelock Ellis, Man and Woman)

"Os peritos em biologia humana, dizem também que a tensão nervosa e a excitabilidade muscular parecem aumentar durante esse período.

As acções de reflexão ficam mais marcadas, parecendo haver uma ligeira beliscadura nas pernas. Bocejam mais e o pescoço apresenta-se rígido. O sono é geralmente mais profundo durante este período e em alguns casos ocorre a perda de apetite. Ocorre também algum incómodo intestinal com tendência para a flatulência".

(Havelock Ellis, Man and Woman)

"Do lado psicológico, mesmo gozando de boa saúde, registam-se outros fenómenos. Ocorre maior impressionabilidade e sugestibilidade, com diminuição até um ponto variável do auto-controlo. Há informações segundo as quais nesse período as mulheres são mais susceptíveis à hipnose, sendo também durante esse período que ocorrem com maior probabilidade algumas manifestações de puro capricho, mau humor, depressão, atitudes invejosas e acessos de auto-confissão".

(Havelock Ellis, Man and Woman)

“E também durante este período, quando a mulher está excepcionalmente sensível e irritável, pode-se sentir transtornada por assuntos triviais que num período normal não provocariam tamanha reacção. Da mesma forma as estatísticas da criminalidade feminina revelam que grande parte dos crimes cometidos, ocorrem durante o período menstrual”.

(Woman and Love Bauer)

E todos estes pormenores permitem-nos entender melhor a prudência do Islã em não dar à mulher a prerrogativa directa e unilateral de divórcio, pois de contrário milhões de mulheres ter-se-iam divorciado dos seus maridos por razões mesquinhas, o que aumentaria os desequilíbrios sociais.

A ocorrência do período menstrual não necessita de expiação, nem oferenda ou qualquer outro procedimento. Apenas se deve tomar banho no final do período para se purificar.

E quando o fluxo ultrapassa o período de tempo considerado normal, o Islã não considera isso como menstruação (haidh), mas sim como uma doença, isto é, hemorragia (isstihada). Quando tal ocorre, a mulher pode tomar o banho de purificação e reassumir as suas funções normais, e para o caso do Salat deve verificar se as suas roupas não estão poluídas, fazer a ablução (wudhu) assim como procede qualquer outro doente.

O NIFASS

O sangue que escorre da vagina após o parto ou aborto, chama-se nifass e o seu período máximo é de quarenta dias, segundo o Imam Abu Hanifa, baseando-se no Hadice de Umm Salama R.T.A. relatado pelos seis livros autênticos de Hadice excepto pelo An-Nassai.

E segundo o Imam Shafei é de sessenta dias. No entanto, se continuar a sangrar para além desse período será considerado isstihada. Logo que o sangue pare, independentemente de o período ser de dez ou de vinte dias, o Salat torna-se fardh (obrigatório) e todas as proibições impostas a uma mulher que sangra após o parto, já não se lhe aplicam.

Não existe um período mínimo para o nifass, podendo durar

apenas um dia ou menos. Pode até haver mulheres que não libertem nem sequer uma gota de sangue após o parto. Nestes caso, deve-se tomar banho e começar a fazer o Salat.

O banho após o parto é obrigatório. No caso de gémeos, logo após o nascimento da primeira criança, o sangue que aparece é nifass. Depois do nifass terminar, deve-se observar um período mínimo de pureza de quinze dias, e só depois é que qualquer sangria pode ser considerada haidh. Portanto se ela começar a sangrar antes de completar quinze dias, então isso será isstiháda e não haidh. Qualquer fluxo de sangue dentro do período de quarenta dias é nifass, mesmo que tal ocorra após uma pausa de quinze dias em relação ao primeiro fluxo, isto é, se ela sangrar por um dia e depois voltar a sangrar decorridos trinta dias, todo esse período é considerado nifass.

No caso de parto com recurso à cesariana, o sangue que sai das costuras da operação não é nifass, sendo-o apenas o saído da vagina. Portanto, se da vagina não sair nenhum sangue, ela deve imediatamente tomar banho e começar a fazer o Salat. Se por motivos válidos, isto é, que estejam de acordo com o Sharia, ela não puder tomar banho, então deve fazer o tayammum e começar a fazer o Salat.

Quanto a mulher que sofre um aborto antes de completar três meses de gestação deve agir em função do seguinte:

1 - Se o feto tiver já ultrapassado oitenta dias de gestação e tiver adquirido a forma humana, o sangue que da gestante escorrer será considerado nifass, não podendo fazer nem Salat, nem Jejum enquanto estiver sangrando. Porém, deve jejuar em reposição os dias não cumpridos assim que se purificar.

2 - Se no feto as feições humanas ainda não forem patentes, o sangue que a gestante liberta é um sangue normal, portanto musstahada. Ela deverá fazer o Salat, fazendo o wuzú à hora de cada Salat. Se falhar algum, deverá fazê-lo em reposição imediatamente. Podendo durante esse período jejuar e ter relações sexuais.

De acordo com o Imam Abu Hanifa o sangue que sai da vagina da mulher durante a gravidez, não é sangue de

menstruação, mas sim sangue normal (isstihada). Quando tal acontece, ela pode fazer o Salat, Jejum, recitar o Alcorão, entrar no Massjid e fazer Tawaf no Kaãba, podendo também ter relações sexuais.

Durante o haidh e nifass, a mulher não deve jejuar, devendo porém fazê-lo mais tarde em reposição quando estiver limpa, pois nessas circunstâncias o jejum não está perdoado.

Aisha R.T.A. narra que o Profeta S.A.W. ordenou às mulheres que repusessem os dias de Jejum não cumpridos devido à menstruação, mas não lhes ordenou a repôr o Salat não cumprido.

(Musslim)

Alguns questionam a razão porque a mulher não pode praticar a adoração durante o periodo menstrual, achando que isso é uma discriminação contra ela, o que não é verdade. Ela não está impedida de praticar a adoração durante esse periodo, pois a adoração (Ibadat) no Isslam significa: todas as acções na vida, praticadas correctamente para agradar a DEUS, dentro dos limites por Ele prescritos (comer, beber, trabalhar, visitar os doentes, etc.) não havendo para a mulher em estado menstrual, proibição alguma no que respeita à prática de caridade, recordação de DEUS (zikr), tassbih ou duã.

Porém o Salat, é dos rituais que obriga o crente a observar algumas condições como sejam: a pureza do corpo, do vestuário, do local, a sua observância a horas determinadas, o direccionamento para Makka, o ajoelhar-se, a prostração, a recitação de parte definidas, etc. Portanto, o Salat é uma forma específica de orar a Deus, cinco vezes por dia, e as condições atrás mencionadas são pré-requisitos tanto para o homem como para a mulher, não havendo discriminação alguma, pois quando o homem estiver em estado de impureza seja esta decorrente da prática de relações sexuais ou da poluição noturna (sonho molhado), o cumprimento do Salat também lhe é vedado até que se purifique. Da mesma forma, a mulher quando estiver no seu periodo menstrual não pode cumprir o Salat até que o sangue estanque e ela se purifique.

O Jejum quebra-se quando a mulher dá à luz e começa o nifass. Ela deve mais tarde jejuar em reposição. Contudo, se a vida da mulher gestante ou a do bebé, no ventre ou a mamar

estiver em perigo devido ao Jejum, então ela deve deixar de jejuar e fazê-lo mais tarde quando não houver perigo nem para ela nem para o bebé.

Estas concessões feitas à mulher em alguns deveres rituais devem-se à sua natureza, pois por exemplo, no período pós-parto o seu organismo fica debilitado, necessitando de se alimentar convenientemente para se recuperar. No período menstrual ela fica afectada física e psicologicamente devido ao desconforto em que se encontra, ficando assim incapacitada de cumprir com as suas funções normais. No período de aleitamento, de acordo com a medicina, ela necessita de ingerir muitos líquidos para facilitar o escorrimento normal do leite. Nessas condições se ela jejuar, decerto que afectará a sua função prejudicando a sua saúde como a do bebé.

Portanto, o Islã atribui esta prerrogativa, por consideração, ternura e compaixão pelo seu sofrimento e não por ser inferior.

A mulher que está com isstihada (a sangrar constantemente) deve lavar obrigatoriamente as partes afectadas com a impureza sempre que pretender cumprir com o Salat. Deve também fazer wudhu na hora de cada Salat, mesmo que não o tenha quebrado. Portanto, cada vez que termina o período de um Salat, o seu wudhu também termina. Com um único wudhu ela pode fazer quantos Salats desejar dentro daquele período, sejam sunnats, nafl ou qadha, mas quando começa o período do Salat seguinte, automaticamente cessa também a validade do wudhu feito no período anterior.

De salientar que o seu wudhu quebrar-se-á também com quaisquer outros factores que normalmente quebram o wudhu. Durante o isstihada a mulher pode fazer todos os ibadats, Jejum, Hajj, Umra, Tawaf, etc. Deve cumprir com todos os Salats, podendo entrar no Massjid. Em suma não há diferença entre ela e a mulher que está pura. Se a roupa se poluir ela deve substituí-la por outra limpa de modo a poder fazer o Salat. Se não tiver outra roupa, deve lavar, mesmo que seja no corpo, a parte da roupa manchada antes do Salat, substituindo igualmente o penso sujo. A mulher com isstihada pode ter relações sexuais, devendo de seguida tanto ela como o marido, tomar o banho obrigatório de purificação, pois se assim não proceder continuará impura, não podendo cumprir com o Salat, tocar no

Alcorão ou entrar na mesquita.

Resumindo, a mulher com isstihada pode estar em três situações:

1 - Situação de menstruação conhecida antes de contrair o isstihada. Neste caso ela tomará por haidh os dias que constituem o seu período menstrual, sendo os restantes considerados isstihada.

2 - Situação de sangramento constante não conseguindo distinguir se se trata de haidh ou de isstihada. Neste caso ela deverá considerar como período menstrual, 10 dias de acordo com o Imam Abu Hanifa, sendo os restantes isstihada.

3 - Situação de desconhecimento do seu período de haidh devido à irregularidade do mesmo, mas consegue distinguir o haidh do isstihada. Neste caso ela guiar-se-á por essa distinção.

Algumas mulheres controlam o seu período menstrual recorrendo a medicamentos, adaptando-o assim aos seus compromissos sociais ou religiosos como por exemplo a lua de mel ou o Hajj. DEUS diz no Alcorão, Cap. 2, Vers. 222 que a menstruação é uma impureza prejudicial ao corpo, não devendo por isso ser retida, pois não é desejável mantê-la no corpo. Portanto, não é bom prolongar o período entre os fluxos menstruais. De acordo com o Sharia, não existe nenhum motivo válido que lhes permita tomar medicamentos que controlem a menstruação em ocasiões como o Hajj e lua de mel. Contudo, não há nada na Lei Islâmica que declare que isso é proibido, desde que a mulher não venha a sofrer nenhum efeito secundário criado pelo consumo desses medicamentos devido à retenção do fluxo menstrual.

O sexo anal é terminantemente proibido, pois tal é considerado uma forma menor de sodomia (homossexualismo). Consta no Hadice um relato de Abu Huraira R.T.A. no qual o Profeta S.A.W. diz: “Amaldiçoado é esse que vai ter com a mulher (i.é pratica o sexo) pelo ânus”.

(Relato de Ahmad e Abu Daud).

Consta ainda no Hadice um outro relato de At-Tirmizi, segundo o qual: “Quem praticar relações sexuais com a mulher

menstruada, ou pelo ânus, ou consultar o adivinho, então esse desacreditou naquilo que foi revelado a Muhammad”.

(Al-Mussnad)

Omar R.T.A. diz que o Profeta S.A.W disse: “Na verdade DEUS não se envergonha da verdade. Não vás ter com as mulheres pelo ânus (i.é, na prática sexual)”. E Qatada foi interrogado sobre aquele que vai ter com a mulher pelo ânus, então ele relatou o Hadice de Amr Ibn Shuaib, de seu pai e de seu avô, em que o Profeta S.A.W. disse: “Isso é homossexualismo menor”.

(Relato de Ahamad)

O homem pode ter relações sexuais com ela, qualquer que seja a posição, desde que seja na vagina, pois consta no Alcorão:

“Que as vossas mulheres são para vós, as vossas machambas. Então achegai-vos às vossas machambas como quiserdes”.

Cap. 2 Vers. 223

E só se pode produzir se for na vagina, pois no ânus não se produz nada. E Ibn Abbas R.T.A. diz que o Profeta S.A.W. disse: “DEUS não olha (i.é, tem pena) para o homem que tem relações sexuais com outro homem ou com a mulher pelo ânus”.

(Relato de At-Tirmizi)

Tanto o homossexualismo como o lesbianismo são haram, pois tais actos revelam uma baixeza que nem sequer nos animais encontramos. Os praticantes de homossexualismo e lesbianismo serão castigados, tanto neste como no outro mundo. O Profeta Muhammad S.A.W. disse: “A prática de lesbianismo entre as mulheres é adultério”.

(Relato de At-Tabarani)

Certa vez Abul As-Wad trouxe uma carta que mostrou a um dos seus estudantes e disse: “Eu testemunho que esta carta foi ditada por Ali Ibn Abi Talib R.T.A. a Abul As-Wad”. Constava nessa carta: “Quando os homens satisfizerem as suas

necessidades sexuais com outros homens, e as mulheres com outras mulheres (lésbicas), então ocorrerão terremotos, as caras transformar-se-ão, e dos céus cairá chuva de pedras”.

O Profeta S.A.W. amaldiçoou os que praticam o homossexualismo.

(Relato de Ibn Hibban)

Consta no Alcorão que o povo de Lut A.S. foi aniquilado devido a esse pecado. Os comentadores dizem que os homens praticavam o homossexualismo, e as suas mulheres o lesbianismo, e tanto o homossexualismo como o lesbianismo são piores que o adultério.

O líquido segregado pelos órgãos genitais (mazi) durante os preliminares do acto sexual quebra o wuzu, mas se for mani (esperma) quebra o tuharat devendo-se tomar o banho de purificação.

Não há proibição nenhuma na utilização de cremes de depilação (pelas mulheres) para eliminarem os pêlos no seu corpo.

De acordo com a interpretação dos juristas Hanafi, baseados no Versículo 43 do Capítulo 6 do Alcorão, apertar a mão, beijar, abraçar ou tocar em mulher (estranha) não quebra o wudhu nem do homem nem da mulher caso não ocorra a ejaculação ou a libertação de mazi. Porém, os juristas Maliki e Hambali dizem que tocar na mulher com cobiça sexual, quebra o wudhu, mas se for sem intenção não se quebra. Contudo, à mulher muçulmana religiosa é proibido apertar a mão a um homem estranho (e vice-versa) com luxúria e cobiça sexual. Se se temer deixar levar pela tentação, ela/ele não deve tomar a iniciativa de apertar a mão, mas se alguém o fizer, pode também estender a sua mão em retribuição. Porém, não há mal nenhum em apertar a mão de um/a velho/a já sem vigor sexual ou de uma criança que ainda não se tenha apercebido da sensação causada pelo impulso sexual, pois nos dois casos não há perigo nenhum de se deixar levar pela tentação.

Não é permitido arrancar, cortar ou afinar as sobrancelhas, pois o Profeta S.A.W. amaldiçoou as mulheres que assim procedem por isso ser uma forma de alteração da criação de DEUS.

Não se deve igualmente deixar crescer as unhas em clara

imitação às mulheres não muçulmanas, pois tal é comparável ao animalismo selvático, e os animais selvagens defendem-se ou atacam as suas presas usando as suas unhas.

O Profeta S.A.W. disse:

“Cinco coisas fazem parte do instinto natural”. (e nisso ele incluiu o corte das unhas).

(Al-Bukhari, Musslim, Abu Daud, At-Tirmizi)

É haram para a mulher rapar o seu cabelo, excepto se tal decorrer de alguma doença que a isso obrigue. Quando ela assim procede, tenta imitar os homens, afastando-se da sua natureza e instinto femininos, afugentando o sexo oposto, pois ela fica com um aspecto horroroso. E tudo isso é haram, pois o Profeta S.A.W. amaldiçoou os homens que imitam as mulheres, e as mulheres que imitam os homens (na maneira de ser e na maneira de agir).

(Relato de de Al-Bukhari, At-Tirmizi, Abu-Daud, An-Nassai, Ibn Majah)

Pode moderadamente diminuir o cabelo para tornar menos difícil a sua lavagem ou para se embelezar, contanto que não se assemelhe ao estilo de um homem ou das mulheres não muçulmanas. Porém, o corte deve ser feito com autorização do marido. Pode depilar os pêlos dos braços e das pernas com recurso a cremes, assim como também pode remover os pêlos anormais na face ou no pescoço.

(Fatwa do Sheikh Bin Baz, Mufti da Arábia Saudita)

A GRAVIDEZ E O PARTO

De acordo com o Génesis, Cap. 3 Vers. 16, a gravidez e as dores de parto, são um castigo por Eva ter comido da árvore proibida. Segundo a Bíblia, Deus disse: “Multiplicarei grandemente a tua dôr e a tua concepção; com dores terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido; e ele te dominará”.

Este conceito parece confirmar-se, se analisarmos a questão sob um outro ângulo, no trato que se dispensa à mulher no período pós-parto e no sangue que lhe escorre após o nascimento da criança. Para isso, a principal referência não é

apenas de um versículo, mas de um capítulo inteiro, o Levítico 12. Aí consta que, se a mulher der à luz um rapaz, será imunda 7 dias e ficará depois 33 dias no sangue da sua purificação, portanto, ao todo 40 dias. Mas, caso nasça uma menina, será imunda duas semanas e ficará depois 66 dias no sangue, portanto, num total de 80 dias. E, cumpridos os dias da sua purificação, levará um cordeiro e um pombinho para a expiação do pecado.

No contexto islâmico, a gravidez e o parto não são considerados um castigo de Eva, pois assim como já foi referido, no Islã não existe o conceito de pecado original, nem de culpa de Eva.

E de facto, o Alcorão por exemplo descreve no Cap. 7, vers. 189 a virtude da gravidez, dizendo que quando um casal espera o nascimento do bebé ora a Deus dizendo que se Ele agraciá-los com uma criança piedosa, eles serão gratos e descreve o facto de uma forma bela e não como castigo ou pecado original.

E, noutros versículos DEUS recomenda que a pessoa seja compassiva para com a sua mãe porque ela o suportou durante a gravidez, com esforço e dificuldades constantes.

Consta também nas narrações proféticas que se a mulher vier a morrer devido à complicações decorrentes da gravidez ou parto, ela é considerada mártir, sem dúvida um grau a que qualquer muçulmano aspira. Consta também que se a mulher morrer logo a seguir ao parto, o seu bebé arrastá-la-á para o Paraíso.

E no Islã, o período de purificação para a mulher é o mesmo, independentemente do género a que pertencer o bebé, contrariamente ao mencionado na Bíblia.

No Islã não há período mínimo de 40 dias, assim como consta no levítico. Pelo contrário, 40 dias constitui o período máximo, pois se a mulher parar de sangrar antes desse período, mesmo que seja um dia após o parto, ela fica pura e limpa, retomando a sua vida normal. No Islã a gravidez é encarada como uma função natural e não como um castigo por um pecado que tem de ser expiado.

As relações sexuais durante a gravidez são permitidas, pois nem o Alcorão, nem o Hadice impõem quais restrições.

A AMAMENTAÇÃO E O SEU PERÍODO

No ocidente, houve tempos em que as mães não davam importância à amamentação dos seus bebés com o leite dos seus peitos, preferindo o uso do leite artificial, mas passados alguns anos, estudos científicos provaram que o leite materno é melhor que o artificial, e que através dele a criança cria no seu organismo resistência contra muitas doenças.

E quanto mais longo for o período de aleitamento natural, menores são as possibilidades de o bebé contrair doenças, pois o leite materno é constituído por elementos químicos naturais que eliminam as bactérias causadoras de doenças, além disso o leite materno já está regulado e equilibrado na temperatura, sabor, liquidez, grossura, etc., o que já não acontece com o leite artificial.

Um estudo efectuado pela Universidade de Harvard, Massachusetts, E.U.A., revela que quanto mais longo for o período de amamentação dos bebés, menores serão os riscos de eles serem obesos.

Os investigadores apoiam as recomendações da Academia Americana de Pediatria que encorajam a amamentação dos bebés durante o seu primeiro ano de vida.

Depois de a obesidade se revelar, é muito difícil tratá-la", diz Mather Gilman, professor na Faculdade de Medicina na Universidade de Harvard, que considerou "a prevenção como um passo primordial".

Um estudo efectuado junto às mães de oito mil raparigas e sete mil rapazes com idades compreendidas entre os nove e os catorze anos, permitiu constatar uma clara relação entre a alimentação procedente do peito da mãe e o desenvolvimento posterior da obesidade.

O leite materno, segundo os últimos estudos científicos, tem a capacidade de estimular o sistema imunológico do recém-nascido e reduzir posteriormente o risco de contrair infecções durante o seu crescimento.

A amamentação do bebé permite também controlar de forma mais adequada a quantidade do leite e o horário das refeições da criança.

(In Jornal Notícias, 17/05/01)

O acto de amamentação não só proporciona benefício à criança, mas também à própria mãe, pois o número de casos de cancro de mama (doença mortífera que ataca as mulheres) em mães que amamentam os seus filhos é muito baixo.

Cada vez que o bebé chupa o seio da mãe, provoca a saída do “hormone oxitocine”, acelerando a regeneração do útero, e isso reduz a ocorrência de hemorragias no período pós-parto. 75% dos casos de dilatação do útero em mulheres, deve-se ao desleixo na amamentação dos seus bebés.

Uma outra vantagem da amamentação, é a diminuição da probabilidade de a mulher ficar grávida durante o período em que amamenta, e isso evita que a mulher corra riscos derivados do uso da pílula contraceptiva. A mulher que amamenta, livra-se das gorduras acumuladas no seu organismo durante a gravidez. Quando uma mulher amamenta, cria uma relação muito forte entre ela e o seu bebé, reforça os laços de simpatia e aumenta o amor do seu filho para com ela, aumentando assim o sentimento de segurança e tranquilidade de que a criança tanto precisa para o seu crescimento físico e mental, e para o equilíbrio emocional.

Novos estudos efectuados em 345 crianças confirmam a importância da amamentação com o leite natural do peito da mãe e que amamentar o bebé um período inferior a três meses, afecta negativamente a inteligência e a habilidade prática da criança, isto em comparação aos outros bebés contemporâneos que amamentaram um período superior a esse.

(Al-Mujtama, 21-09-01)

Não há dúvidas que o leite materno é o melhor, e não tem substituto, pois DEUS bem disse:

“As mães amamentarão os seus filhos durante dois anos completos, isto para quem quer completar o período de amamentação”.

Cap. 2, Vers. 233

Neste período, se a criança for amamentada por qualquer outra mulher que não seja a sua mãe, esta tornar-se-á haram para ela, bem como os filhos dessa mulher que serão como seus irmãos consanguíneos, não se podendo casar entre si.

Ao amamentar o seu bebé não é permitido a uma mulher

mostrar o seu peito a outras pessoas para além do seu marido, pois para os homens é haram olhar para os seios de uma mulher que não seja sua esposa, mesmo que essa mulher seja mahram.

A EXCISÃO FEMININA (CIRCUNCISÃO)

A excisão feminina, praticada nalguns países da África do norte e ocidental é absolutamente alheia ao Islam. É um resquício de práticas então existentes em algumas partes do mundo anterior ao ressurgimento do Islam, particularmente no vale do Nilo (Etiópia, Egipto, Sudão, etc).

Se alguns pseudo-muçulmanos desses países se envolvem nesta prática, fazem-no como cultura pré-islâmica.

O Islam apenas recomenda a circuncisão masculina como obrigação religiosa, desaprovando quaisquer práticas relacionadas não só com a mutilação genital mas também com qualquer outro tipo de mutilação, tatuagem ou mesmo desfiguração de seres humanos, qualquer que seja a sua forma.

A grande prova de que a excisão feminina é alheia ao Islam, é o facto de a maioria dos muçulmanos que vivem na Ásia e noutras zonas do mundo não a praticarem. Se tal fosse parte do Islam como o é a circuncisão masculina, em todo o mundo islâmico seria praticada.

Há alguns hadices que fazem alusão à excisão feminina, mas cuja autenticidade é muito duvidosa.

MISCELÂNEAS

Lavar, dar banho ao bebé ou mudar-lhe a fralda não quebra o wudhu da mulher.

Tudo o que sai da vagina ou do ânus, seja sólido ou líquido, quebra o wudhu. As partes do corpo e as roupas atingidas devem ser lavadas e se isso acontecer frequentemente devido à incontinência ou qualquer outro problema, deve-se aplicar a regra semelhante à de musstahada isto é, a impureza deve ser lavada e deve-se fazer wudhu à hora de cada Salat.

O uso de mhendi (henna) no cabelo, mãos ou pernas não quebra o wudhu.

O wudhu e o banho das mulheres que aplicam verniz nas unhas, não será válido, enquanto não o removerem, pois o verniz impede que a água chegue às unhas.

A mulher deve evitar o uso de sapatos de salto alto porque fá-la parecer mais alta do que na realidade é, para além de ser susceptível à quedas e tal acarretar consequências negativas para a sua saúde conforme concluíram já alguns médicos.

A mulher pode usar moderadamente cosméticos na cara para se embelezar para o seu marido.

Se os órgãos genitais do homem e da mulher se tocarem sem qualquer barreira (isto é, roupa) o wudhu dos dois quebra-se, devendo tomar o banho de purificação, mesmo que não tenha havido ejaculação.

A mesma regra é aplicável se o pénis penetrar durante as relações, na vagina da mulher, mesmo que tal penetração não ocorra na totalidade. Mesmo que não haja ejaculação, os dois terão que tomar banho.

Olhar para a parte íntima de alguém (homem ou mulher) não quebra o wudhu, porém é pecado olhar sem necessidade para a parte íntima de alguém.

Todavia, os cônjuges podem olhar para a parte íntima um do outro, pois nisso não há pecado algum.

Não é aconselhável às mulheres praticarem alguns desportos, dentre os quais, luta livre mesmo se forem entre elas levantar pesos, pugilismo, boxe, etc., pois podem quebrar o hímen da sua virgindade. Ela deve evitar misturar-se com os homens na prática do desporto.

O objectivo da prática do desporto pela mulher é para eliminar a preguiça e torná-la activa e não para criar músculos.

Ela pode praticar qualquer desporto que não atente contra a seua feminilidade, por exemplo, o de andar, montar cavalos, atirar lanças e fazer exercícios leves escolares dentro de um meio exclusivamente feminino, preservando a sua feminilidade e estando bem vestida com fato-de treino e não com bikini, etc.

Toda esta matéria faz parte da educação sexual no lsslam.

A MULHER MUÇULMANA NA HISTÓRIA

Um dos grandes tributos da mulher muçulmana piedosa é o facto de a primeira pessoa após o Profeta abraçar o Islã ser uma mulher e não um homem, e essa foi a sua esposa Khadija (e não Khatija como erradamente algumas pessoas chamam em Moçambique).

De acordo com a história islâmica, quando o Profeta S.A.W. atingiu a idade de 40 anos, isolava-se, passando longos períodos na contemplação e na adoração. Levava consigo algumas provisões, e quando regressasse, passava algum tempo, juntava algumas provisões e de novo voltava à cave de Hira que ficava no cume de uma montanha fora de Makkah. Mesmo antes de receber a revelação, a sua esposa nunca se opôs nem se insurgiu (assim como muitas mulheres fazem) contra o facto de ele passar muitos dias fora de casa. Muitas vezes a própria mulher ia visitá-lo levando-lhe provisões.

Quando estava absorto numa profunda contemplação apareceu-lhe o Anjo Gabriel e disse-lhe: “Recita”!, por três vezes, e na terceira, ele recitou. As palavras ficaram impressas na sua mente e a seguir o Anjo foi-se embora. O Profeta S.A.W. ficou preocupado e em pânico saíu da cave, pois não sabia que aquele era um Anjo e pensou que fosse um mau espírito.

Subitamente, quando estava caminhando ouviu uma voz, a mesma que ele tinha ouvido na cave, chamando-o do céu. Era o mesmo Anjo na forma humana. Muhammad S.A.W. cheio de medo tentou fugir, mas para todos os lados para onde ele olhasse aparecia-lhe sempre o Anjo pela frente. Então parou no local por algum tempo. Quando o Anjo desapareceu, Muhammad S.A.W. regressou à casa com a primeira revelação mas ainda aterrorizado devido ao que viu. Logo ao chegar a casa, disse a esposa: “Tapai-me com a manta” e Khadija viu que o marido tremia como se tivesse febres altas. Quando se acalmou, Khadija que sempre o tinha encorajado, dirigiu-se-lhe, pois de imediato pressentiu que algo de anormal lhe acontecera durante o seu retiro. Confortou-o com estas bonitas palavras: “Ó meu primo! Não te preocupes, mantém-te satisfeito e firme, eu juro

por DEUS que Ele jamais te desprezará porque na verdade tu sempre reúnas relações uterinas, és sempre o verdadeiro, carregas o fardo dos outros, tens a bela conduta que outros não têm, honras os hóspedes, ajudas as pessoas em dificuldades, dás abrigo aos viajantes. Por causa disso e das tuas boas acções, DEUS não vai impôr sobre ti o satanás nem as superstições”.

(Relato de Al-Bukhari)

Das suas boas qualidades ela concluiu que Deus nunca o abandonaria e com as palavras proferidas, Muhammad S.A.W. ficou sossegado e tranquilo.

Khadija não foi apenas a primeira crente a acreditar nas palavras de Muhammad S.A.W. Também partilhou com ele todos os seus sofrimentos, os bons e os maus momentos e sacrifícios na sua luta contra o mal, a falsidade, a perseguição dos seus próprios familiares e sempre que Muhammad S.A.W. enfrentava essas dificuldades, quando regressasse à casa encontrava a melhor conforto, emanado de um coração nobre. Portanto, o papel de Khadija, traduzido no apoio e encorajamento, foi muito crucial no cumprimento da missão de Muhammad S.A.W. Mesmo quando a situação piorou e os pagãos radicalizaram as suas posições impondo sanções e boicotes, assim como ainda hoje fazem contra os países islâmicos, não vendendo comida aos muçulmanos, nem lidando com eles no dia a dia. Khadija podia ter abandonado o seu marido, pois era muito rica, mas ela juntou-se a ele e a outros muçulmanos, passando fome, sede e privações, apesar de não estar habituada a esse tipo de situações. Tudo isto revela a sua total fidelidade para com o marido, Muhammad S.A.W.

Como resultado, houve um grande reconhecimento não só da parte do Profeta mas também da parte de DEUS, assim como consta no Al-Bukhari, que certa vez o Anjo Gabriel veio ter com o Profeta S.A.W. e disse-lhe: “Dentro em breve chegará Khadija com comida para ti, quando ela chegar transmita-lhe as saudações de paz da parte de Deus e da minha parte e dá-lhe as boas novas de uma casa feita de pérolas, preparada por Deus exclusivamente para ela no Paraíso, onde não há fadiga, nem barulho, nem sofrimento”.

Esta é uma interessante descrição da sua residência no

Paraíso. Segundo os teólogos, DEUS recompensou-a desta forma porque ela nunca elevou a voz perante o Profeta, e muito sofreu com a reação dos descrentes. Recompensou-a com conforto, libertando-a da fadiga e do sofrimento porque ela nunca causou nenhum mal ao Profeta S.A.W. Foi sempre uma esposa sincera, que proporcionava conforto ao Profeta S.A.W.

De salientar que quando o Profeta S.A.W. se casou com Khadija, tinha 25 anos e ela 40, portanto um diferença de 15 anos. Ele viveu com ela uma vida monógama por um período de 25 anos. Quando ela morreu, tinha 65 anos e o Profeta 50. O Profeta S.A.W. viveu com ela a maior parte da sua vida adulta e esse casamento apesar da diferença de idades, provou ser muito feliz e estável, pois alicerçava-se no entendimento mútuo e na valorização da qualidade humana e não em questões mundanas.

Em alguns dos seus dizeres o Profeta S.A.W. quando fala sobre as mulheres que atingiram a perfeição, menciona Ássia, a mulher do Fir'aun; Maria, a mãe de Jesus e Khadija, a sua primeira mulher. E numa outra versão ele mencionou também a Fátima, sua filha. A versão em que ele mencionou as três mulheres humanamente perfeitas é muito interessante, pois a perfeição absoluta só pertence a Deus.

Se meditarmos profundamente sobre as razões da escolha dessas três mulheres, concluiremos que elas desempenharam um papel importantíssimo nas três grandes religiões: Judaísmo, Cristianismo e Islã.

Ássia, mulher de Fir'aun, desempenhou o papel de madrasta de Moisés (a paz esteja com ele).

Maria desempenhou um papel importantíssimo no crescimento de Jesus (a paz esteja com ele).

Khadija também desempenhou um importantíssimo papel na vida do último Profeta, Muhammad S.A.W.

Isto é deveras interessante, pois revela o grande reconhecimento do papel desempenhado pelas mulheres. Mesmo após o falecimento de Khadija, o Profeta S.A.W. recordava-se dela com muitas saudades, de tal forma que nutria grande estima e generosidade para com os familiares e amigas dela.

Consta que o Profeta S.A.W. elogiava-a tanto que certa vez Aisha, sua esposa ficou com ciúmes (o que é normal no ser

humano) e disse-lhe: “Porque é que falas sempre dessa velha quando DEUS já te deu no seu lugar um nova e melhor”? (em alusão a si própria).

O Profeta S.A.W. zangando-se respondeu: “Não! Deus não me deu outra melhor no lugar dela. Ela aceitou o Isslam quando as pessoas o rejeitaram. Acreditou em mim quando outros se recusaram. Apoiou-me disponibilizando a meu favor e do Isslam a sua riqueza e os seus bens quando os outros eram avaros com a sua riqueza. E Deus deu-me todos os meus filhos (seis, sendo dois rapazes e quatro meninas) com ela”.

(Dos filhos do Profeta apenas um - Ibrahim - é que teve com a Maria de Egipto).

Na história isslâmica há também casos de mulheres proeminentes cuja fé isslâmica e personalidade eram independentes e diferentes das dos maridos, dos pais, irmãos, etc.

Por exemplo Zainab, filha do Profeta S.A.W. era muçulmana mas o seu marido Al-Áss Ibn Rabi recusou-se a abraçar o Isslam, porém ela não se importou separando-se dele porque não é permitido a uma mulher muçulmana viver com um homem não muçulmano.

Umm Habiba, filha de Abu Sufian abraçou o Isslam quando o pai não era crente e ela tratou-o de forma a demonstrar que as relações de fé são mais importantes que as de sangue.

Encontramos também o exemplo de Fátima, filha de Al-Khattab, e irmã de Omar que mais tarde abraçou o Isslam e foi empossado segundo Khalifa do Profeta.

Mas Omar antes de abraçar o Isslam, certa vez foi para a casa dela e encontrou-a recitando o Alcorão o que o irritou pois ele tinha uma grande aversão ao Isslam, e então agrediu-a violentamente até que o seu rosto ficou totalmente manchado de sangue. Após este acto ele ficou muito envergonhado e com remorsos pediu também para ver o Alcorão e quando leu, o impacto foi tão grande que imediatamente ficou muçulmano. Portanto, apesar da natureza e descrença do seu irmão ela manteve-se firme. Casos como estes existem muitos, havendo mulheres muçulmanas que priorizando a sua fé preferiram imigrar deixando para trás os seus familiares, como foi o caso de Umm Kulsum, filha de Uqba, após o tratado de Hudaibiyah.

Ela imigrou para Madina deixando para trás a sua família. Há também casos de mulheres muçulmanas que foram sujeitas a sofrimento e torturas e participaram inclusive no combate para o estabelecimento da justiça.

Referimos já que a primeira pessoa a ficar muçulmana foi uma mulher (Khdija) , da mesma forma, a primeira pessoa a sacrificar a sua vida pela causa do Isslam também foi uma mulher chamada Sumaiyah, mãe de Ammár Ibn Yassir, pois como é do conhecimento geral, no início da missão de Muhammad S.A.W. quando algumas pessoas começaram a abraçar o Isslam, foram perseguidas, torturadas e massacradas pelos descrentes. Passaram por tudo isto apenas por serem muçulmanos.

A Sumaiyah, o seu marido Yassir e o seu filho Ammár também foram sujeitos a severas torturas e a todo o tipo de maus tratos pelos pagãos e descrentes, mas foram pacientes. Os incrédulos sentiam-se tão frustrados com a paciência demonstrada pelos muçulmanos de tal modo que Abu Jahal espetou a sua lança no baixo-ventre de Sumaiyah, matando-a instantâneamente. Durante esse período de tortura e perseguições houve mulheres que perderam a visão. Então os idólatras diziam: “Olhem, por causa da vossa rejeição, os nossos deuses (os ídolos) causaram-vos essa cegueira”. Então essas mulheres, firmes na sua fé diziam: “Não, os vossos deuses (ídolos) não têm o poder de beneficiar nem de prejudicar”. Consta nas narrações autênticas, que DEUS restaurou a visão delas. Mesmo as mulheres que não foram torturadas mas presenciaram a tortura a que as outras mulheres foram sujeitas, foram sempre corajosas e pacientes, consolando e encorajando os familiares das vítimas. Outras até expuseram-se a grandes perigos por confortarem os seus familiares muçulmanos. Por exemplo, quando o Profeta Muhammad S.A.W. e Abu Bakr se refugiaram na cave de Thaur a sul de Makkah aquando da imigração para Madina, os pagãos, irritados, mobilizaram toda a população, empregando todo o esforço na sua busca, anunciando grandes prémios para quem indicasse o seu paradeiro ou os matasse. Liderados por Abu Jahal na busca, os pagãos chegaram à casa de Abu Bakr onde encontraram a filha, Assmá. Esta saiu e eles perguntaram-lhe: “Onde está o teu pai”? Ela respondeu: “Eu não sei”! Deram-lhe

uma bofetada tão violenta que os seus brincos caíram. Mesmo assim ela não só se escusou a revelar fosse o que fosse como assumiu a arriscada responsabilidade de secretamente abastecer de comida e fornecer informações diárias ao Profeta e ao seu pai. Ela expôs-se a grandes perigos que poder-lhe-iam ter custado a vida.

Fátima, a filha do Profeta, defendia tanto o seu pai que certa vez, quando estava orando na Mesquita, alguém trouxe tripas de camelo e as pô-las nas costas do Profeta que estava prostrado. Ela correu para o local, retirou aquela imundície e limpou a cabeça do pai, apesar do perigo em que incorria.

Estes são alguns exemplos de torturas a que foram sujeitos os primeiros muçulmanos e em que as mulheres desempenharam um papel muito importante. Mesmo assim, há ignorantes que tentando rebaixar e tirar o mérito ao Islam dizem que a religião islâmica expandiu-se com recurso à força. Perguntamos: quem é que obrigou a todos esses crentes a abraçarem o Islam?

Falar neste livro, de mulheres proeminentes que desempenharam um papel muito importante na propagação do Islam (Dāwa) é também algo que nos interessa bastante.

E, em primeiro lugar, importa esclarecer que a obrigatoriedade de o muçulmano transmitir a mensagem do Islam ou convidar outros, não é apenas um privilégio ou direito mas é sobretudo um dever e uma responsabilidade. E não encontramos nenhuma referência no Alcorão ou nas tradições proféticas que excluem a mulher desta nobre missão. De facto, historicamente falando, encontramos por exemplo o caso de Urwa, a filha de Abdul Mutálib que costumava apoiar publicamente o Profeta Muhammad S.A.W. Mesmo nos tempos difíceis convidava a todos a acreditarem e a apoiarem a nobre missão de Muhammad S.A.W.

Um outro exemplo, é também de uma outra mulher chamada Umm Sulaim, mãe de Anáss Ibn Málik, um proeminente companheiro do Profeta, que na altura ainda era moço. Após o falecimento do seu marido, apareceu-lhe Abu Tal'ha, um homem nobre e rico e propôs-lhe casamento. Ela disse-lhe: "Olha Abu Tal'ha, homem como tu não deve ser rejeitado contudo, tenho pena de não poder casar-me contigo porque és um descrente e eu sou uma crente, pois no Islam não me é permitido casar

com um descrente”. E disse-lhe ainda: “Ó Abu Tal’ha! Sabes que o deus que tu adoras nasceu da terra”. (pois ele adorava ídolos). Ele respondeu: “Sim!” Ela disse: “Não te sentes envergonhado em adorar algo que nasceu da terra”? Portanto, propôs-lhe casamento pensando que a riqueza mundana que detinha atraí-la-ia. Mas ela respondeu: “Eu não preciso do teu ouro nem da tua prata mas se abraçares a verdade e te tornares um muçulmano, eu posso me casar contigo sem exigir o dote. A tua crença em DEUS será o meu dote”.

(An-Nassai)

Então, Abu Tal’ha abraçou o Islã, tornando-se um crente fervoroso. Isto revela que elas, contrariamente às mulheres de hoje, davam prioridade à fé e não à riqueza, fama ou outras coisas mundanas. Achavam que a actividade de propagação da fé, mesmo a nível pessoal ou quando o futuro da mulher como possível esposa estivesse em risco, era essencial, sendo por isso que a propagaram através do casamento.

Após o casamento com Umm Sulaim, Abu Tal’ha teve um filho de quem gostava muito. Entretanto o miúdo adoeceu gravemente. Num dia à tarde, Abu Tal’ha ausentou-se para ir ter com o Profeta S.A.W. e durante a sua ausência o miúdo morreu. Então a mãe preparou o corpo sem vida da criança, lavou-o e de seguida colocou-o num canto da casa.

Após ter estado com o Profeta S.A.W. Abu Tal’ha regressou e com ele vieram alguns companheiros seus. Ao entrar, perguntou à esposa como é que estava o seu filho, ao que ela respondeu que estava a descansar. Em seguida serviu-lhes o jantar, findo o qual os companheiros de Abu Tal’ha se retiraram.

Enquanto Abu Tal’ha se dirigia para a cama para descansar, Umm Sulaim preparou-se, perfumando-se e de seguida dirigiu-se também para a cama deitando-se ao lado do marido. Na última parte da noite, dirigindo-se ao marido Umm Sulaim disse: “Ó Abu Tal’ha, diz-me uma coisa: se alguém te der emprestado algo e passado algum tempo te pedir de volta, recusar-te-ias”? Ele respondeu: “Não”! Então ela disse: “Olha, DEUS tinha-te emprestado o teu filho, e já o tomou de volta portanto, agora tem paciência e espere que Ele te recompense.

Ao ouvir isso Abu Tal’ha ficou zangado e disse: “Deixaste passar todo este tempo e depois de termos feito tudo aquilo, só

agora é que me dizes da morte do meu filho”? Em seguida recitou: “*Inná lilláh wa inná ilaihi rajiun*”. E acrescentou: “*Al’ham’do lilláh*”.

Quando amanheceu, tomou banho, foi ter com o Profeta S.A.W., fez o Salat de Al-Fajr e contou-lhe tudo o que a mulher tinha feito. Então o Profeta S.A.W. fez duã a seu favor, invocando para eles a benção nas relações que tiveram na noite anterior. Como resultado dessas relações, Umm Sulaim concebeu.

O Profeta S.A.W. disse ao marido: “Quando ela der à luz tragam a criança para junto de mim.

Quando ela deu à luz um rapaz, este foi levado para junto do Profeta S.A.W. e o pai pediu-lhe para que atribuisse o nome ao recém nascido.

O Profeta deu-lhe o nome de “AbdDeus”, que cresceu e mais tarde teve nove filhos, tendo todos eles sido memorizado o Alcorão.

Um exemplo também muito interessante é o de uma outra senhora chamada Umm Charik, que nos momentos críticos da história islâmica, quando os muçulmanos estavam sendo perseguidos, torturados e massacrados, nunca hesitou em visitar secretamente outras mulheres, convidando-as a abandonarem as práticas pagãs e a abraçarem o Islã, tendo tido êxito, pois conseguiu convencer muitas delas.

No campo da sabedoria e estudos ao longo da história islâmica, as mulheres desempenharam também um importante papel.

Por exemplo, Aisha, esposa do Profeta Muhammad S.A.W. foi considerada uma importante fonte das tradições proféticas. Muitas outras senhoras desempenharam também esse papel.

Abu Mussá Al-Ash Ari um grande sábio que dominava as matérias ligadas ao Islã, dizia que sempre que tivessem algum problema relacionado com a lei islâmica, consultávamos Aisha e ela demonstrava sempre muita sabedoria e eloquência na solução dos problemas.

Dados os profundos conhecimentos em jurisprudência islâmica e em assuntos relacionados com a fé, ela costumava emitir o Fatwa (veredicto) em matérias inerentes.

Quando o Profeta S.A.W. imigrou de Makkah para Madina, uma senhora de nome Asmá Bint Yazid foi ter com ele, prestou o juramento (Baiah) e aprendeu do Profeta a sabedoria

e provou ser uma grande sábia. Foi professora de muitos e grandes juristas.

As mulheres também participavam activamente em serviços sociais e actividades de caridade. Esta é talvez uma área em que as mulheres provavelmente ultrapassam os homens devido à sua natureza, pois são dotadas de bondade, compaixão, ternura, espírito de sacrifício, etc.

De facto, se recuarmos no tempo concluiremos que a era do Profeta, que é considerado a melhor, é pródiga em bons exemplos.

Após o falecimento do Profeta Muhammad S.A.W. e quando o Islã se espalhou por diferentes regiões e países, as riquezas começaram a afluir. AbdDeus Ibn Zubair, um parente de Aisha, trouxe para ela cem mil Dirhams (nome de uma moeda usada na época), e imediatamente ela distribuiu toda essa quantia aos pobres e aos necessitados. Entretanto, ela estava de jejum e como é sabido, no Islã o jejum inicia-se na aurora e só se quebra ao pôr do sol. Após o pôr do sol, portanto a hora de quebrar o jejum ela descobriu que não tinha nada com que se alimentar. Este é sem dúvidas um grande exemplo de autêntico auto-sacrifício, pois não tendo nada e estando de jejum, distribuiu todo o dinheiro aos pobres.

Um episódio retrata um outro exemplo também ocorrido durante a vida do Profeta S.A.W. Fátima, sua filha, era casada com Ali R.T.A., primo do Profeta. Ali R.T.A. era pobre, e certa vez disse à Fátima: “Olha, a situação financeira dos muçulmanos melhorou relativamente e o teu pai é Profeta e também um estadista. Porque é que não lhe pedes para nos auxiliar disponibilizando-nos um servente para nos ajudar nos trabalhos de casa, pois por eu andar a acarretar água doem-me as costas”

Fátima concordando, respondeu: “Eu também de tanto pilar alimentos já tenho calos”. Então, a Fátima foi primeiro ter com o Profeta mas quando lá chegou, sentiu-se envergonhada de fazer o pedido e voltou para casa. Decidiram então, que ambos iriam juntos. Chegados ao local onde estava o Profeta, explicaram a situação, pedindo-lhe que os apoiasse na disponibilização de um servente. O Profeta respondeu: “Eu não posso satisfazer o vosso pedido, pois há muitos muçulmanos pobres que não têm o mínimo para matar a sua fome”.

Atente-se aqui na posição assumida pelo Profeta Muhammad S.A.W. e comparemo-la com o que os líderes e governantes do mundo actual fazem, esbanjando avultadas somas do erário público em casamentos e banquetes dos seus familiares.

O Profeta Muhammad S.A.W. controlava toda a riqueza do Estado mas ele recusou-se a satisfazer a exigência da sua querida filha Fátima, apenas porque os outros muçulmanos se encontravam também em condições difíceis, embora ela estivesse necessitada.

O Profeta disse-lhes então: “Ao invés disso, não quereis que eu vos ensine algo melhor”? Recomendou-lhes que recitassem após cada oração obrigatória o Tassbih (uma espécie de rosário) conhecido por Fatimita e outras súplicas a DEUS durante o dia e de noite.

E consta que os dois, Ali e Fátima, sempre cumpriram com essa recomendação do Profeta, o que indica que perante o Profeta, a sua filha Fátima e o seu genro Ali, as qualidades espirituais e a adoração tinham mais valor do que o conforto e a vida luxuosa.

Um outro episódio também interessante, revela que as mulheres não só praticavam a caridade na forma de ajuda aos pobres mas algumas delas participaram até naquilo a que hoje se chama “protecção ao consumidor”. Durante o khalifado de Omar R.T.A., uma senhora de nome Ummuch-Chifá, filha de Abdullah, era muito inteligente, e Omar tinha por ela muita consideração e prestava atenção às suas opiniões, de tal forma que a nomeou supervisora de compra e venda no mercado para garantir que ninguém praticasse fraudes. Este era um cargo público em defesa do consumidor.

Sempre que falamos da mulher muçulmana citamos os exemplos de ocorrências registadas nos primeiros dias do lsslam por duas razões.

1 - Os primeiros dias do lsslam representam o modelo mais perfeito da sua implementação, não se pretendendo com isto reivindicar absoluta perfeição, mas simplesmente dizer que nos primeiros dias as pessoas apegavam-se mais aos preceitos da sua fé. E este apêgo tem a particularidade de contar com a “monitorização” por parte do Profeta Muhammad S.A.W.,

consentindo o que fosse correcto e objectando o que fosse errado. Por isso, tal representa o mais perfeito exemplo a ser seguido.

2- É interessante referir esses primeiros dias porque tal revela que os ensinamentos do Isslam, a forma como este restaurou a dignidade, os direitos e a personalidade independente da mulher muçulmana, era algo absolutamente diferente do espírito do tempo, noutras palavras, tal não era resultado de qualquer chamamento à libertação ou pressão por parte de grupos políticos. Prova que a fonte do Isslam é Divina e não produto de um pensamento de qualquer ser humano ou efeito da influência do ambiente mas sim uma revelação Divina provida directamente de Deus.

Saliente-se contudo que isto não significa que com todos esses direitos concedidos à mulher tanto no Alcorão como nas tradições proféticas, ela tenha sido a todo momento e durante estes quinze séculos tratada pelos homens como uma rainha. Não! Deixando de lado esses primeiros dias do Isslam em que o modelo de tratamento islâmico à mulher foi implementado, o estatuto da mulher muçulmana nos restantes séculos nem sempre foi o mesmo, pois teve oscilações.

Algumas vezes o tratamento era o mais próximo possível ao modelo dos primeiros dias do Isslam e outras vezes era absolutamente incompatível.

Houve tempos em que de uma ou de outra forma a mulher muçulmana foi sujeita a vários níveis de opressão e desconsideração aos seus direitos garantidos na lei islâmica.

Existem ainda hoje no mundo islâmico sociedades que são demasiado conservadoras, restritivas e muito arraigadas às tradições, que tratam a mulher de acordo com costumes e tradições herdadas dos seus antepassados. Geralmente essas tradições privam a mulher dos seus direitos concedidos pelo Isslam, e não só. As mulheres são tratadas segundo padrões diferentes dos que são aplicados aos homens.

Esta inconstância no trato à mulher, variava de uma era para outra e de um lugar ou região para outro. Por exemplo, os muçulmanos constituem a maioria em quase sessenta ou mais países do mundo e todos esses países estão geograficamente espalhados por todos os continentes, desde os Asiáticos aos

Africanos, aos Médio Orientais, aos Europeus como é o caso da Turquia, Albânia e Bósnia. Portanto é difícil supor que os costumes tradicionais e culturais locais, com todas as suas variantes não tenham tido qualquer influência no comportamento dos muçulmanos (não do Islã) dessas zonas, pois os muçulmanos também são humanos como os outros nem sempre sendo por isso perfeitos na forma como aderem à sua fé.

Há graus de aderência, podendo-se dizer que na generalidade a dimensão e o tratamento da mulher muçulmana tiveram oscilações em função do progresso e declínio da civilização islâmica, e as razões do declínio são, em primeira instância o enfraquecimento da fé dos muçulmanos, pois para esses muçulmanos a fé era apenas testemunhada verbalmente como se fosse simplesmente um acto formal da vida, o que é errado, pois ela tem que partir do coração assim como diz o Alcorão:

“DEUS não muda o estado de qualquer povo enquanto este não se mudar a si próprio”.

Cap. 13, Vers. 11

Enquanto os muçulmanos seguissem os ensinamentos do Alcorão a sua vida mudava para o melhor, mas quando tomassem um rumo contrário, tudo mudava para o mal. Esta é a lei da História que o Alcorão especifica. E este declínio na prática da fé da parte de alguns muçulmanos, obviamente resultou no declínio da civilização islâmica, e subsequentemente resultou na ignorância ou falta de informação adequada, falta de conhecimento sobre o Islã e seus verdadeiros ensinamentos, pois muitas vezes fizeram até circular informações deturpadas sobre o Islã.

A ignorância nesse período afectou tanto aos homens como às mulheres. Mas quer parecer que afectou mais às mulheres.

E o resultado de tudo isso foi que em certos casos os homens muçulmanos não deram às mulheres os seus legítimos direitos concedidos pelo Alcorão e tradições proféticas, recaindo também sobre elas parte da culpa pois tinham já as fundações em que as leis islâmicas se baseiam e por isso deveriam ter resistido a qualquer tentativa de se lhes privarem ou diminuir tais direitos concedidos por DEUS. Mas para isso elas tinham que saber quais os seus direitos, portanto, a sabedoria é a

chave de sucesso aqui e no outro mundo. (Aproveito aqui para apelar às mulheres muçulmanas a estudarem, aumentarem os seus conhecimentos para saberem os seus direitos).

A questão de fundo neste tópico, é que o principal problema que os muçulmanos encaram não deriva da inadequação da lei islâmica ou da existência de alguma lacuna ou injustiça. O grande problema está na sua aplicação e não na lei em si. Se os muçulmanos voltarem às suas origens e aos ensinamentos puros de Islam, todos estes problemas podem ser resolvidos sem necessidade de imitar ou adoptar práticas alheias ao Islam, isto é, o problema está nos muçulmanos e não no Islam.

De salientar que para se alcançar algum êxito em qualquer movimento de reforma baseada na religião, deve-se começar pela fé em Deus, pois esta é a base para qualquer melhoramento. Pretende-se com isso dizer que os muçulmanos, homens e mulheres, devem estar preparados para receber a orientação espiritual da parte de Deus, aceitar os seus planos Divinos na organização, orientação e no enriquecimento da vida dos seres humanos ao nível individual e colectivo. Quanto ao aspecto intelectual, é importante que se compreenda correctamente o Islam, recorrendo-se às suas fontes autênticas, evitando extremismos e excessos. Por outras palavras, não se deve tentar manobrar os ensinamentos islâmicos da forma que nos convenha, ou adaptá-los às várias pressões do tempo, lugar ou cultura, com o objectivo de querer demonstrar aos outros uma pseudo-modernidade ou uma pseudo-aristocracia ou então para evitar ser apelidado de fundamentalista, fanático ou atrasado ou qualquer outro epíteto que os inimigos possam usar nas suas habituais ofensivas para denegrirem a imagem do Islam.

Para se distinguir entre o bem e o mal deve-se tomar como base os valores proporcionados por Deus e não pelos humanos.

A compreensão correcta do Islam exige igualmente que os muçulmanos não adiram cegamente aos costumes e hábitos tradicionais, tentando justificá-los mesmo que atentem contra os ensinamentos do Islam.

E quanto à prática, devemos tentar aplicar o Islam puro, tanto na letra como no espírito, sem nos deixarmos escravizar pelas culturas e costumes locais ou outras práticas que podem

não estar em conformidade com os princípios islâmicos.

Saliente-se que os costumes locais só são aceites no Islam se não forem contrários aos ensinamentos do Alcorão e do Hadice.

Portanto, a relação entre os hábitos e costumes e os ensinamentos do Islam contidos no Alcorão e no Hadice podem ser positivos, neutros ou negativos.

Se os costumes locais se basearem nos ensinamentos do Islam ou de alguma forma por ele influenciados, são positivos. Por exemplo a generosidade, a hospitalidade, a vergonha, a sobriedade no vestir, etc. Se se for para um país onde a sua população, muçulmana ou não, é generosa, hospitaleira, respeitosa, etc., sem dúvidas que isso é algo louvável pois baseia-se nos ensinamentos islâmicos e este encoraja tais costumes. Por isso podemos dizer que a relação entre a hospitalidade e o Islam é positiva.

Há outros costumes que podemos classificá-los de neutros e que não têm nenhuma relação com o Islam. Por exemplo, alguns pratos típicos de cada país. Isto não tem nada a ver com o Islam nem negativa, nem positivamente, pois este não obriga ninguém a consumir um determinado prato. Uma pessoa pode comer o que bem lhe apetecer desde que seja uma comida permitida.

Mas há costumes locais mesmo entre os muçulmanos que podemos classificá-los de negativos, isto é, anti-islâmicos. São costumes que muitos ignorantes julgam serem islâmicos quando não o são. Por exemplo, os casos em que o pai ou a mãe fazem casar a sua filha sem o seu consentimento ou sem ela ter visto o rapaz. Isto é contra os ensinamentos do Islam.

Portanto nos hábitos e costumes locais deve-se analisar a sua relação com o Islam. Se forem positivos devem-se adoptar, se forem negativos, mesmo que sejam praticados pela maioria das pessoas, devem-se evitar e se forem neutros a opção é individual.

O PAPEL DA MULHER MUÇULMANA CONTEMPORÂNEA

Não há dúvidas que a mulher muçulmana tem um papel importante a desempenhar na sociedade. Contudo, qualquer

melhoramento, mudança ou desenvolvimento social deve começar a nível individual, isto é, a mulher muçulmana deve primeiro ter a percepção total de que ela não é menos que o homem, pois ela também é “Khalifa” de DEUS na terra. Tem também uma grande responsabilidade para a qual foi criada como “Khalifa”. Deve compreender que a sua vida é importante e que tem um significado e uma missão específica a cumprir enquanto estiver na terra.

Ela deve compreender que assim como qualquer homem, não pode fugir das suas responsabilidades perante Deus. No Dia do Juízo Final terá que prestar contas sobre como passou a sua vida, se foi produtiva ou não, e qual foi a sua contribuição para o bem geral do Ummat e da Humanidade em geral.

Para ter êxito nesta sua missão, a mulher deve começar pela sua purificação, isto é, ela deve ser firme na sua fé e inabalável na assumpção dos conceitos e ensinamentos de Deus contidos no Alcorão e nas tradições do Profeta Muhammad S.A.W.

Isto exige dela a abstenção em termos preferenciais e a total isenção relativamente às influências sócio-culturais do meio em que vive. Ela não deve colocar nada acima da vontade e ensinamentos claros proporcionados por Deus.

Portanto, a submissão voluntária e com amor à vontade de Deus é que é o significado básico do Islam, sendo aplicável tanto ao homem como à mulher.

Exige-se, também que a mulher muçulmana saiba encarar o Islam como um código de vida completo não só em questões ligadas à crença e rituais, mas também através do seu comportamento, tentando aprofundar a sua ligação com o Islam e com Deus, evitando as práticas que proibidas tanto no comportamento como no vestuário, na maneira de ser e em todos os aspectos da vida. Deve tentar seguir as orientações de Deus, reforçando a sua relação pessoal para com Ele através de vários actos de adoração como por exemplo o Salat, o Jejum, a recitação do Alcorão, a prática de caridade, a recordação a DEUS (Zikr) e acima de tudo nas suas actividades diárias. Ela deve também capacitar-se profissionalmente, apurando a sua sabedoria e habilidade, o que lhe permitirá, dentro dos limites prescritos no Islam desempenhar um papel mais activo na sociedade. Isto quer dizer que ela não deve

apenas procurar aquilo que as pessoas chamam de “ensinos religiosos”.

Deve também adquirir outros conhecimentos que a ajudarão a ser uma mãe bondosa, uma esposa afectiva e uma cidadã útil à sociedade. Ela deve igualmente actuar com paciência e contenção por forma a persuadir outros muçulmanos, sejam homens ou mulheres a aceitarem a legitimidade do seu papel dentro dos limites prescritos pelo Sharia. Deve evitar o espírito conflituoso bem como a sua auto-escravização a qualquer costume local que seja contra o Shariah.

Se a mulher muçulmana iniciar o seu caminho rumo à devoção a partir desta base individual de compreensão e motivação, poderá ir muito longe, abrindo espaço para o desenvolvimento e melhoramento a todos os níveis, tanto individual como colectivamente.

Para além do nível individual a mulher muçulmana também pode contribuir através do envolvimento familiar que apesar de não ser exclusiva, é uma das potenciais áreas de contribuição. Por exemplo a forma como ela, se for jovem e solteira, trata a sua mãe, o seu pai, os seus irmãos e os restantes familiares, pode contribuir grandemente para a criação de um ambiente são e mais próximo possível daquilo que no Islã é desejável, proporcionando aos membros dessa casa a paz, o conforto e a alegria. E tudo isso só pode ser alcançado através da paciência e modelo exemplar e não através de conflitos.

Se se tratar de uma mulher casada, pode também contribuir actuando como uma verdadeira esposa observando as suas responsabilidades. Deve exigir os seus direitos como esposa, encorajando, inspirando e apoiando o seu marido no cumprimento dos seus deveres e na prática do bem para a família, a sociedade e a humanidade em geral. Na prática dessas nobres acções ela não deve constituir obstáculo ou barreira para o marido. E dar a luz um bebé pode ser a mais nobre função que ela pode cumprir. Neste caso, deve tentar ser uma mãe muçulmana ideal. Deve saber que a sua função não é apenas de amamentar ou mudar as fraldas à criança mas também tornar-se a primeira escola desta criança inculcando nela valores e qualidades espirituais que possam transformá-la em herói da nação do futuro.

A mulher muçulmana deve sempre considerar o seu papel

como irmã dos outros muçulmanos devendo encorajá-los na prática do bem, impedi-los da prática do mal, corrigindo-os, pois o Alcorão diz:

“Os crentes e as crentes são protectores e amigos uns dos outros. Recomendam o bem e proíbem o mal, praticam assiduamente a oração (salat), dão esmola (zakat), obedecem a DEUS e ao Seu Mensageiro. DEUS os tratará com misericórdia (por tudo isso) porque DEUS é Poderoso e Prudente. DEUS prometeu os crentes e as crentes, jardins nos quais correm rios, onde viverão eternamente. Prometeu-lhes também encantadoras residências nos jardins de Éden, e mais ainda: a satisfação de DEUS será maior do que isso - tal será a grande vitória”.

Capítulo 9, Versículos 91-92

A mulher muçulmana deve também saber que o importante dever no Islã de ordenar o bem e proibir o mal não se restringe apenas aos homens. É uma obrigação de todos os muçulmanos, homens ou mulheres. Ainda no contexto social, um outro aspecto relaciona-se com o dever de a mulher muçulmana procurar aplicar os ensinamentos do Islã no seu quotidiano, participando no despertar espiritual e social de outras mulheres, especialmente daquelas que devido ao período de decadência de valores, aceitaram actuar à margem das recomendações islâmicas, abstendo-se de se envolver nelas profundamente e preferindo seguir tudo o que lhes aparece pela frente em detrimento da nobre posição de precursoras na prática do bem.

A mulher muçulmana deve recordar às outras mulheres que elas têm o potencial para servirem a Deus à semelhança dos homens, incutindo nelas a confiança em Deus, nas suas capacidades, e contribuindo com algo que ajude no desenvolvimento da sociedade.

Para além de tudo isso, há outras responsabilidades adicionais sobre as mulheres muçulmanas letradas, pois muitas vivem em países onde os índices de analfabetismo são elevados, com proliferação de várias doenças e outros problemas sociais.

Elas devem dar o seu contributo na minimização desses males. Devem ser pioneiras em actividades sociais benéficas, seja na educação, na saúde, ou na criação de círculos de estudo, organizando regularmente encontros e seminários entre

as mulheres.

A mulher muçulmana deve ser activa na área de saúde, monitorando outras mulheres a cuidar de crianças, aprendendo certas regras básicas de saúde para ajudar as suas famílias, prestando auxílio humanitário, bem como serviços sociais.

Portanto, para o desenvolvimento da sociedade há varias formas de a mulher muçulmana dar o seu contributo dentro dos limites prescritos no Isslam. Contudo, a sua melhor contribuição deve ser através do seu próprio modelo exemplar, no comportamento e na maneira de ser pois, certamente que isso será algo inspirador para outras mulheres e mesmo para os homens.

Para tudo isto se concretizar, os homens têm também um importante papel a desempenhar, pois as responsabilidades devem ser partilhadas. No aspecto individual, as responsabilidades são idênticas e no aspecto familiar, é exigido ao homem que trate a mulher, a irmã, a mãe, e a esposa de acordo com as recomendações do Isslam. O homem muçulmano deve também aceitar a mulher muçulmana como uma personalidade independente com responsabilidades independentes perante Deus, e isso incutirá nela a auto-confiança nas suas habilidades tomando iniciativas dentro dos limites do Isslam.

Muitos homens muçulmanos agem de forma a tornarem-se obstáculo quando as suas mulheres e filhas pretendem dar a sua contribuição em práticas sociais. Esses que revejam as suas atitudes. Ao invés disso devem encorajá-las na prática do bem, tal como o Isslam recomenda, pois a mulher muçulmana não deve ser apenas uma boa esposa ou mãe. Também deve ser uma boa muçulmana e boa cidadã. Os homens, devem acima de tudo recordar que o Profeta S.A.W. ordenou-nos a tratarmos as mulheres com carinho e bondade.

A mulher muçulmana deve igualmente envolver activamente outras pessoas no caminho da verdade, mesmo que se trate de não muçulmanos. A esses ela deve convidá-los a abraçarem o Isslam.

Possíveis soluções para eventuais problemas

Quais seriam as soluções para alguns dos problemas que a mulher muçulmana enfrenta? Analisemos as que se seguem:

1 - Total ocidentalização

Esta costuma ser a opção dos que se deixam influenciar demasiado pelo avanço tecnológico do ocidente.

2 - Abstenção

Deve-se manter o estado em que se encontra, sem alterar nem tentar melhorar nada.

De facto, quem assim pensa, fá-lo reagindo à tentativa de se impôr à população largamente muçulmana, valores alheios ao seu modo de pensar e de crer, e então muitos deles acharam que as reformas não emanavam da fé e que lhes estava sendo imposto algo diferente e oposto às suas crenças e valores morais herdados. Para alguns os receios justificavam-se, pois receavam que com as muitas reformas espelhando o modo de vida ocidental, infiltrar-se-iam também nos muçulmanos muitas outras práticas contrárias à crença e ao comportamento islâmicos. Por exemplo nas questões morais, no vestuário, no ajuntamento livre sem quaisquer restrições de homens e mulheres, assim como é prática usual no ocidente.

Na base disso, muitos deles sentiram haver um grande perigo e ameaça aos valores morais da sociedade muçulmana, ameaça contra a integridade familiar, cujo resultado seria obviamente a degeneração numa situação deveras degradante. Comparando o que acontecia e continua hoje acontecendo no ocidente, desde a quebra de lares à desintegração da família como célula da sociedade. Esta segunda inclinação não era necessariamente contra as reformas, mas o seu receio resultava do receio de essas reformas virem a misturar boas ideias a práticas que não fossem necessariamente produtivas. E outras poderiam até ser improdutivas, não levando portanto à melhoria do estado da sociedade.

Para além de tudo isso, um outro factor perante os que criaram objecções em relação às reformas foi o de terem em parte subestimado a vitalidade do Islam e a sua falta de habilidade em encarar todos os tipos de desafios em lugares e tempos diferentes, sem terem necessariamente que se desviar dos seus fundamentos.

Não há dúvidas que o Islam é uma grande religião e por

isso tem também uma grande capacidade de enfrentar grandes desafios.

Em alguns casos houve gente que tinha uma noção errada ou má interpretação de alguns dizeres do Profeta Muhammad S.A.W. atribuindo à mulher uma posição inferior relativamente ao homem.

3 - Revitalização do Isslam.

A mulher muçulmana deve tomar como modelo a primeira geração de mulheres muçulmanas, restaurando a sua posição genuína e o seu envolvimento na sociedade isslâmica dentro dos limites prescritos.

Como é lógico, a terceira solução é que acaba ganhando aceitação na nossa análise.

Fazendo uma análise das três opções concluiremos que a inclinação para a total ocidentalização ocorreu particularmente nos finais do século XIX e início do século XX. Nessa altura a civilização e a história isslâmicas conheciam já um certo declínio, e de certa forma algum retrocesso. Era o período em que todo o mundo isslâmico estava sob domínio colonial dos Russos, Ingleses, Franceses, Espanhóis, Belgas, Portugueses, Holandeses, etc. Eram muito poucos os países isslâmicos que não estavam sob ocupação estrangeira. E muita gente colaborou com essas forças invasoras.

Este período de decadência dos muçulmanos coincidiu com a ascensão dos ocidentais e o resultado disso é que as potências coloniais que ocupavam o mundo isslâmico, tentaram reforçar o seu domínio nesses países recorrendo à ajuda de missionários para convencer os muçulmanos que a principal razão do seu atraso social e económico bem como da ocorrência de problemas sociais e morais era a sua adesão à religião e fé isslâmicas. Portanto, diziam que tudo isso era causado pelo Isslam. E assim tudo fizeram para convencê-los que a única via para o progresso seria a rejeição do Isslam e a adopção integral do modo ocidental de vida no seu dia-a-dia.

Esta campanha surtiu alguns resultados, pois os muçulmanos fracos, isto é, não muito familiarizados com a fé, responderam favoravelmente a esse chamamento ocidental. E assim, certas classes nalgumas sociedades, foram arrastadas

pela cultura e modo de vida ocidentais. E essas classes continuam hoje imitando, não tentando sequer abrir espaço para uma reflexão. Adoptam tudo o que é do ocidente, mesmo que tal provenha da escória da sociedade ocidental.

Apesar de décadas de experiência prática em diferentes partes do mundo islâmico, provou-se claramente que a ocidentalização total sem restrições não é a solução para esse dilema.

O insucesso deveu-se a vários motivos, pois embora houvesse o sentimento de que a mudança e melhoramento eram necessários, era preciso que tal se baseasse na religião, na crença e nos valores morais das pessoas envolvidas, pois só dessa forma os movimentos de reforma poderiam contar com um apoio mais amplo por parte da sociedade.

O princípio de adopção de outras culturas e práticas estranhas sem obedecer a qualquer critério racional de escolha, por si só evidencia ignorância e decadência. E só um povo no estado de decadência adopta cegamente os modelos dos outros.

Porém, sob o ponto de vista islâmico não há nenhum mal em adoptar ideias reformistas que sejam boas, venham de onde vierem. O mais importante é que o muçulmano assuma uma postura que lhe permita escolher o melhor para que possa estabelecer o processo de mudança, melhoramento e reforma dentro dos limites da crença islâmica e não fora dela, ou seja, não há razões para que a reforma e a libertação sejam conduzidas com recurso à rebelião contra a fé, e contra a religião, portanto, contra Deus. Podem-se adoptar reformas, mas dentro dos limites da fé.

E foi por estar fora desse contexto que a reforma ocidental falhou.

Consta que durante o período de dominação colonial na Argélia, o então governador francês foi incumbido de organizar um grupo de moças argelinas, muçulmanas, para se vestirem da forma ocidental e assimilarem alguns dos seus valores. Aquando da visita a Argélia de uma delegação ida de Paris, foi preparada uma recepção e o governador ordenou às moças a apresentarem-se no palanque a hora determinada, vestidas à maneira francesa, com o intuito de demonstrar aos seus superiores o êxito que estava tendo na transformação da

mulher argelina. Mas o espanto de todos foi grande, pois as moças apresentaram-se vestidas com véu, à maneira islâmica. Então, a delegação presente indagou sobre as razões porque o projecto de aculturação francesa das argelinas falhara, ao que o governador respondeu: "O que é que posso fazer se o Alcorão é mais forte que a França"?

Esclareça-se que a solução dos múltiplos problemas e dilemas enfrentados pelos muçulmanos, particularmente pelas mulheres, está dentro do Islam. Portanto, ao invés de importar ideias, devemos aplicar as que temos, i.é, dentro do seu quadro geral, de facto o Islam protegeu os direitos e a dignidade da mulher e se há diferença da parte dos muçulmanos na implementação desses ensinamentos, então a lógica é aplicá-los e não importar coisas novas e alheias ao Islam.

E o Islam tem a solução para os múltiplos problemas enfrentados pelos muçulmanos em geral, e pelas mulheres em particular. No lugar de importarmos ideias e conceitos, devemos aproveitar o que já temos. De facto, dentro do seu quadro geral o Islam protege os direitos e a dignidade da mulher.

Quase todas as sociedades estão de uma ou de outra forma desviadas dos preceitos islâmicos no concernente aos vários aspectos da sua vida. Há um grande fosso entre aquilo em que o muçulmano deve crer e o que ele pratica. Este fosso não é um fenómeno recente, pois existe há séculos e a cada dia que passa alarga-se cada vez mais, acarretando consequências desastrosas ao mundo islâmico ao se manifestar em quase todas as vertentes da sua vida: tirania política e fragmentação, atraso económico, injustiça social, bancarrota científica, estagnação intelectual, etc.

Essas formas de discriminação afectam sobremaneira a vida de qualquer mulher. Por exemplo, o seu nascimento é recebido com menos alegria do que quando se trata de um rapaz. Está mais sujeita a ser privada da herança e instrução, para além de estar sob constante vigilância para que não se comporte com menos modéstia, quando os actos menos modestos do rapaz são tolerados.

Pode ser morta por cometer actos que os membros masculinos da sua família se orgulham de cometer, não lhe sendo permitido dizer muito relativamente a questões familiares sociais. São-lhe impostas restrições no controlo das suas

propriedades e nas prendas do seu casamento, e como mãe ela própria preferirá gerar rapazes para poder alcançar graus mais altos na sociedade onde vive. Estas atitudes discriminatórias na base do género são erradas e condenadas no Islam.

A atribuição de um estatuto não islâmico às mulheres do mundo islâmico actual é meramente um sintoma de uma doença profunda. Qualquer reforma no actual estatuto da mulher jamais poderá surtir os efeitos desejados se tal não for acompanhado de reformas mais abrangentes da sociedade muçulmana.

O mundo islâmico precisa de um “Renascimento” que o aproxime dos verdadeiros ideais do Islam. Em suma, o conceito de que o estatuto pobre da mulher actual é devido ao Islam, está errado. Os problemas dos muçulmanos em geral não derivam do facto de estarem demasiado ligados ao Islam, pelo contrário, derivam do facto de estarem demasiado afastados.

Para melhor se compreender o significado da contribuição do Islam na civilização do homem, é necessário que se comparem os seus ensinamentos com os de outras religiões e culturas.

A condição da mulher na tradição judaico-cristã era deveras deplorável, conforme puderam ler nas comparações aqui feitas, e por isso o Alcorão descreve a missão do Profeta Muhammad S.A.W. dizendo que ele veio para aliviar os judeus e cristãos dos pesados fardos que sobre eles pesavam:

“São aqueles que seguem o Mensageiro, o Profeta iletrado, o qual encontram em sua Torá e no Evangelho, o qual lhes recomenda o bem e lhes proíbe o ilícito, prescreve-lhes todo o bem e veda-lhes o imundo, alivia-os dos seus fardos e livra-os dos grilhões que os deprimem. Aqueles que nele creram, honraram-no, defenderam-no e seguiram a Luz que com ele foi enviada, são os bem-aventurados”.

Cap. 7, Versículo 157

Infelizmente os direitos das mulheres foram-lhes recusados durante um longo período. Os erros do passado devem ser corrigidos, e isto não deve ser entendido como um favor sobre os muçulmanos, mas sim como uma obrigação para com eles.

Qualquer reforma da situação da mulher deve basear-se no

Alcorão que é a palavra de Deus, nas tradições do Profeta, abstendo-se de importar ideias e conceitos alheios ao Islã, ou de imitar cegamente, pois um muçulmano deve ser um modelo a seguir pelos outros. Deve ser iniciador e não imitador, pois essa é uma das funções da sua presença no mundo. Deve igualmente ser líder e guia para os outros, mostrando-lhes o caminho recto, o caminho da verdade, o caminho da salvação e do verdadeiro Deus.

A missão do muçulmano é de liderar, ser pioneiro e percursor, e não um cego imitador de tudo o que lhe aparece pela frente.

Um outro ponto básico neste contexto de reavivar a chama do Islã, é que as mulheres devem saber que as suas aspirações, a sua felicidade, o seu respeito e a sua dignidade foram tomados em consideração nos ensinamentos do Islã, pelo que estes devem ser bem entendidos e correctamente aplicados.

Os muçulmanos do mundo devem emitir uma carta dos direitos da mulher muçulmanas, baseados nos ensinamentos do Alcorão e do Hadice. Essa carta deve conceder à mulher muçulmana todos os direitos que lhe foram concedidos pelo Criador, e garantir que esses direitos sejam implementados, pois se os muçulmanos não garantirem integralmente os direitos das suas mães, esposas, irmãs e filhas, quem mais poderá fazê-lo?

E temos que ter suficiente coragem de confrontar o nosso passado, rejeitando as tradições e costumes dos nossos antepassados caso atentem contra os preceitos do Islã, pois o Alcorão criticou veementemente os árabes pagãos que seguiam cegamente as tradições dos seus antepassados. Por outro lado, devemos desenvolver uma atitude crítica perante tudo o que nos chega do ocidente ou de qualquer outra cultura. Podemos aproveitar o que não se oponha aos ensinamentos do Islã, rejeitando tudo o que seja contra.

Foi o Islã que revolucionou e elevou o estatuto da mulher, concedendo-lhe todos os direitos que outras religiões lhe negaram. Porém, há uma campanha de desinformação movida pelos inimigos através de livros, filmes e imprensa falada, escrita e audio-visual, que apresenta o Islã como repressivo para com as mulheres, e o resultado disso é que muita gente que muito pouco sabe do Islã, particularmente

os não-muçulmanos, ficam com a ideia de que as mulheres no Isslam não têm direito algum, o que origina a que as jovens tenham medo de aderir ao Isslam.

Se há alguém que se auto-intitula muçulmano e maltrata a sua esposa, então essas suas acções não representam o Isslam. Não se deve rotular o actual estatuto da mulher como isslâmico, pois está muito longe disso.

O Isslam deve ser visto como uma religião que melhorou imenso a posição da mulher e lhe atribuiu um estatuto que o mundo moderno só atribuiu na segunda metade do século passado.

O Isslam ainda tem muito para dar à mulher moderna: a dignidade, o respeito e a protecção em todos os aspectos e fases da sua vida, desde o nascimento à morte, e ainda o reconhecimento, o equilíbrio e meios para a satisfação de todas as suas necessidades espirituais, intelectuais, físicas e emocionais.

Por isso, não é de estranhar que a maior parte dos que abraçam o Isslam na Europa e nas Américas, são mulheres.

O Isslam tem muitas coisas a dar ao nosso mundo carente de orientação moral.

O embaixador Herman Eilts, num testemunho perante o comité de negócios estrangeiros da Câmara dos Representantes do Congresso dos Estados Unidos da América, disse no dia 24 de Junho de 1985: "A comunidade isslâmica do globo, aproxima-se hoje de um bilião. Esse é um número impressionante, mas o que é igualmente impressionante para mim, é que o Isslam hoje é a religião monoteísta com o mais rápido crescimento. Isto é algo que devemos tomar em consideração. Algo está correcto no Isslam. Ele está a atrair um bom número de gente".

Nós diríamos que o Isslam é no seu todo, um código de vida correcto, em absoluto.

A QUESTÃO DA LIDERANÇA

Segundo o Alcorão, os crentes e as crentes devem decidir sobre os seus assuntos recorrendo à consultação mútua (Shura), pois no sistema islâmico não há lugar à autocracia, ditadura ou despotismo.

Os crentes, tanto homens como mulheres, têm direitos iguais na participação, discussão e decisão sobre os seus assuntos, sejam eles relacionados com questões sociais, públicas ou políticas.

Nos assuntos sociais e políticos da vida da comunidade, e em assuntos em que não tivesse recebido nenhuma orientação da parte de DEUS, o Profeta S.A.W. costumava consultar tanto homens como mulheres. Há na história e no Hadice vários casos reportados. Por exemplo, quando foi assinado o acordo de Hudaibiyah com os Quraishitas, e os seus companheiros estavam desapontados e relutantes em sacrificar os seus animais, o Profeta S.A.W. consultou a sua esposa Umm Salma. Depois de receber o conselho dela, ele tomou a iniciativa sacrificando o seu animal.

E isso teve um excelente impacto nos companheiros que de imediato lhe seguiram o gesto.

Com o sistema de consultação mútua (Shura), criou-se nos primeiros dias do Islam um órgão consultivo e estabeleceu-se o direito a voto e eleição dos representantes. Estabeleceu-se igualmente um parlamento e a eleição de chefes de estado.

Na eleição dos seus representantes, na contestação de eleições e na candidatura para cargos públicos, as mulheres têm direitos iguais aos dos homens.

Elas têm a obrigação de ordenar o bem e proibir o mal, estabelecer o Ibadat (adoração) e pagar o Zakat, colaborar mutuamente para o bem da comunidade, protegendo os seus interesses comuns.

Elas podem estabelecer organizações com vista a proteger os seus direitos religiosos, sociais e políticos, e promover o desenvolvimento dos valores islâmicos.

DEUS ordenou ao Profeta S.A.W. a tomar o juramento de aliança (Baiah) das mulheres muçulmanas:

“Ó Profeta! Quando as mulheres crentes vierem ter contigo prestando-te juramento de fidelidade, prometendo que não associarão nada à Deus, não roubarão, não cometerão adultério, não matarão seus filhos, e não se apresentarão com calúnias que forjarem entre as suas mãos e os seus pés, nem te desobedecerão naquilo que é justo, então aceita o seu compromisso e implora para elas o perdão de Deus! Na verdade, Deus é Indulgente e Misericordioso”.

Cap. 60, Vers. 12

Num estado islâmico a mulher tem também obrigações iguais, e consequentemente direitos iguais aos do homem.

Portanto, do conceito de Shura e de Baiah, podemos concluir que o Alcorão reveste de Khilafat (vice-realeza) na terra todos os Seres Humanos, homens e mulheres, atribuindo direitos iguais a todos os crentes no exercício de soberania de Deus na terra.

Contudo, existe uma divergência de interpretação no que respeita à ocupação do cargo de Chefe de Estado pela mulher. Um grupo de teólogos acha que a mulher não pode ser Chefe de Estado, Presidente, Primeiro-Ministro, etc., outros acham que o Alcorão não proíbe nem condena claramente o exercício do cargo de Chefe de Estado por uma mulher.

O Alcorão aborda todos os assuntos de vital importância que governam a conduta do indivíduo tanto a nível familiar como social, e se à mulher fosse vedado o exercício do cargo de Chefe de Estado, decerto que o Alcorão teria aludido ao facto, pois trata-se de um assunto importante que tem a ver com o bem estar da Humanidade.

Os que defendem que a mulher pode exercer esse cargo, argumentam que o facto de o Alcorão ser omissos neste assunto crucial, significa que tal se deixou ao critério da comunidade muçulmana, decidindo em função das circunstâncias e em conformidade com os seus melhores interesses.

Eles reforçam o seu argumento dizendo que o Alcorão relata no Capítulo 27, a passagem da Rainha Sheba (Sabá), mas não desaprova nem condena o seu reinado.

O Alcorão fala das funções de um estado islâmico, funções essas que compreendem o estabelecimento obrigatório da

observância do Salat, do pagamento do Zakat, da imposição da prática do bem e da interdição da prática do mal: *“Esses que quando Nós lhes damos poder na terra, estabelecem o Salat, pagam o Zakat, ordenam o bem e proibem o mal”*.

Cap. 22, Vers. 41

As mesmas funções foram mencionadas no Alcorão, incumbindo os muçulmanos, homens e mulheres, de cumprirem com a responsabilidade dessas funções.

“Os crentes e as crentes são aliados uns dos outros, ordenam o bem, e proibem o mal, estabelecem o Salat, pagam o Zakat, obedecem a DEUS e ao Seu Mensageiro. DEUS os tratará com Misericórdia (por tudo isso) porque DEUS é Poderoso e Prudente”.

Cap. 9, Vers. 71

Baseam-se também num outro versículo do Alcorão que estabelece as bases da democracia islâmica que diz:

“E resolvem seus assuntos em consulta entre eles”.

Cap. 42, Vers. 38

Neste versículo, o Alcorão fala das virtudes dos crentes, homens e mulheres, dizendo que eles decidem os seus assuntos através de consultação mútua. A História Islâmica é testemunha de que em várias ocorrências, o próprio Profeta S.A.W. consultava os crentes antes de tomar qualquer decisão. Em algumas ocasiões ele consultou também as mulheres.

Isto revela que a mulher pode ser conselheira, porque num governo democrático como é o caso do islâmico, o governante é um dos conselheiros devendo conduzir os assuntos do estado através de consultação mútua. Na base disso, os teólogos modernos e liberais acham que não há inconveniente em que alguma mulher ascenda à chefia de estado.

Para darem consistência à sua argumentação recorrem ainda ao caso de Aisha R.T.A., esposa do Profeta S.A.W., que comandou o exército e participou na “Batalha do Camelo” com o objectivo de lograr a retaliação do assassinio do terceiro Khalifa, Oussman R.T.A.

Os que acham que a mulher não pode chefiar um estado, argumentam que as implicações do Hijab colidem com as obrigações de liderança, pois para garantir o bem estar dos seus concidadãos, diariamente o líder tem que deixar a sua

casa para encontrar e consultar as pessoas (particularmente aos homens), viajar para vários pontos do país e às vezes até para outros países ou mesmo para o Jihád. Tudo isto não pode ser alcançado, se a mulher tiver que liderar e simultâneamente observar as regras do Hijab.

Uma mulher que seja líder, terá que optar entre contrariar as regras do Hijab ou negligenciar o bem estar dos seus concidadãos.

Para além disso, é importante que saibamos as razões para que nos seja fácil entender o assunto em causa, pois devemos tentar percebê-las dentro do conceito islâmico.

No Islã o cargo de governante não é um cargo cerimonial, uma figura simbólica para assinar documentos, cortar fitas e visitar países mas sim um cargo que requer muitas responsabilidades e deveres pois é o motor intelectual do estado, é o porta voz do seu povo e não só, o governante muçulmano tem de dirigir as orações na Mesquita, especialmente nas grandes congregações às sextas-feiras e nos dias festivos (Ides). Ele tem de liderar as forças armadas nos combates quando for necessário. Portanto, não é uma simples figura ou um simples título.

Foi já feita referência sobre a liderança na oração islâmica (ser imam), tendo-se dito que no Salat há prostração, ajoelamento e outros movimentos, e que portanto, não é dignificante para uma mulher estar em frente dos homens a ajoelhar-se e a prostrar-se.

Os que reprovam a liderança feminina em assuntos de estado baseam-se no Hadice narrado por Abu-Bakrah, segundo o qual quando chegou ao Profeta a notícia de que os Persas, antes de abraçarem o Islã, teriam entronizado a filha do Chosroe (o rei), depois do falecimento do pai como rainha da Pérsia, ele disse:

“Nunca um povo que designou uma mulher para conduzir os seus assuntos, pode prosperar” (*Al-Bukhari, An-Nassai, At-Tirmizi*) para argumentar que a mulher não pode ser governante e interpretam isso como uma proibição de a mulher ocupar tal cargo supremo. Pois, está ligado a governação e o tema de fundo era realmente esse. Baseam-se igualmente num outro Hadice em que o Profeta S.A.W. diz: “Quando os vossos governantes forem os melhores de entre vós, os vossos ricos

forem generosos, e os vossos assuntos forem decididos por consultação mútua, então a superfície da terra será melhor para vós do que o ventre da terra”.

(At-Tirmizi)

Argumentam que este Hadice prova que a mulher não pode ser designada governante e que os mensageiros de DEUS sempre foram homens, assim como consta no Vers. 7 do Cap. 21 do Alcorão.

Reforçam a sua argumentação com o facto de o Profeta S.A.W. em muitas ocasiões ter pessoalmente liderado as expedições militares. Nessas ocasiões ele nomeava um deputado seu que ficava e a quem delegava poderes para cuidar dos assuntos das mulheres, crianças e doentes que se mantinham à retaguarda em Madina. Por exemplo, ele nomeou Ali R.T.A. seu deputado por ocasião da expedição de Tabuk, e Abu Lubabah por ocasião da Batalha de Al-Badr. Esses deputados sempre foram homens, nunca tendo nomeado mulheres.

A “Enciclopédia de Seerah” diz que a mulher não só é fisicamente fraca, emocional, terna, sensível e delicada, mas também é fortemente susceptível de estar sob grande tensão por alguns dias durante o período menstrual. Passa também por períodos de tensão fisiológica e psicológica durante a gravidez, parto e amamentação.

Ela está naturalmente mais apta a trabalhos de cuidado, treino, formação e educação de crianças. Um Chefe de Estado precisa de qualificações e qualidades muito opostas às qualidades naturais de uma mulher. Por isso, o Islã adverte contra a entrega da chefia da nação a uma mulher, devido aos motivos aqui mencionados e não devido a qualquer sentimento de ódio ou desprezo contra ela”.

O Maulana Ashraf Ali Thanwi, eminente Álimo da Índia, decretou um Fatwa a favor do governo de Shahjahan Begum, a rainha de Bhopal. O Maulana diz que se o governo for democrático e os assuntos de estado forem conduzidos pela governante com a ajuda e consultação de representantes eleitos, então não há proibição de a mulher se tornar Chefe de Estado ou de Governo.

Ele argumenta que em tais situações a mulher governante é de facto uma das conselheiras, sendo elegível para o cargo

de conselheira porque o Profeta S.A.W. consultou Umm Salma em Hudaibiyah, tendo actuado de acordo com o seu conselho. E para justificar o seu ponto de vista, o Maulana Thanwi basea-se também na referência do Alcorão ao governo da rainha Sheba. Há Álimos que acham que o governo de uma mulher se pode justificar aplicando a doutrina da necessidade. Por exemplo, se houver dois candidatos ao cargo de chefia, sendo que um reúne todas as qualidades mas é mulher, e por outro lado há um homem mas que não reúne qualidades. Neste caso deve-se apoiar a candidatura da mulher.

O grande comentador do Alcorão, Mohammad Ibn Jarir At-Tabari, decretou o Fatwa (veredito) segundo o qual num estado islâmico a mulher muçulmana pode ser elegível a todos os cargos.

*(Mansab Hukumat our Muçulman Aurat,
Professor Rafiuliah)*

Consta que o Imam Málik também é de opinião que a mulher pode liderar o estado em todos seus assuntos. Esta diferença de opiniões entre os teólogos, deriva do facto de não haver no Alcorão nenhum versículo que clara e directamente permita ou proíba a nomeação de uma mulher para um cargo supremo no governo. Igualmente não foi reportado nenhum Hadice que clara e directamente aprove ou proíba a mulher de assumir tais cargos.

Quanto ao Hadice sobre a filha de Chosroe rei (Kissrá) que foi entronada pelos Persas não é aceite por alguns porque o seu narrador Abu Bakra foi condenado e castigado por Omar RTA num caso de Hudud por ter prestado falso testemunho. E quanto ao outro Hadice, At-Tirmizi, comenta sobre a sua qualidade, depois de narrá-lo dizendo que “Este é um Hadice Gharib” não o conhecemos excepto de Salih Al-Murri. Existem alguns factos estranhos na narração de Salih em que ele é o único (Mutafarrid). Na terminologia de Hadice, “gharib” designa o Hadice que tenha sido narrado apenas por uma só pessoa em cada era até ao periodo de codificação.

Há uma grande prudência na omissão do Alcorão e do Hadice neste assunto importante e vital. Esta omissão deliberada significa que o Islam deu liberdade total aos muçulmanos para decidirem sobre este assunto, segundo as circunstâncias

sócio-políticos em que eles vivem.

Com o decorrer do tempo, o ambiente político e sócio-económico também muda, afectando as necessidades Humanas, sendo por isso que o Alcorão e o Hadice não enunciaram ordens permanentes traçando qualquer tipo de regras relacionadas com a opção quanto ao sexo, côr, raça, língua e outras características do governante.

Aos muçulmanos deixou-se em aberto a opção de decidirem sobre quem deve ser o chefe, de acordo com as suas necessidades nas circunstâncias prevalecentes, obedecendo porém ao princípio de governação islâmica na base do Shura (consulta mútua). Nesse sistema de governação as pessoas são livres de eleger qualquer pessoa que achem possuir capacidade de assumir com zelo as responsabilidades da liderança do estado. No Islã o governante não pode ser autocrata, ditador ou tirano. Tanto pode ser homem ou mulher, desde que a sua acção governativa se baseie sempre no sistema de consulta mútua, pedindo conselhos aos representantes do povo.

O Alcorão condena claramente o governo de Fir'aun, que reinou no Egipto, que era um homem mas era tirano, opressor e ditador. Em contrapartida não expressa a mínima desaprovação ao governo da rainha Sheba, que era uma mulher, mas que era dotada de boas qualidades, pois em assuntos de estado sempre consultava os outros.

Portanto, o mais importante não é o género a que o governante pertence, mas sim a natureza, o sistema e o espírito da governação. Podem surgir circunstâncias em que os muçulmanos tenham que escolher entre o governo de uma mulher benevolente e democrática como a rainha Sheba e entre o governo de um homem tirano e opressor como o foi Fir'aun. Nesse caso é preferível escolher uma mulher, porque a governação tirânica e déspota é condenada.

A QUESTÃO DA MULHER COMO JUIZ NOS TRIBUNAIS

Há entre os juristas islâmicos uma diferença de opiniões neste assunto.

A maioria acha que análogamente, se não é permitido a uma

mulher ser Chefe de Estado, Presidente, Primeiro Ministro, etc., então também não se lhe deve permitir ser juiz, dado que há uma certa semelhança no papel desempenhado por ambos, pois tanto o juiz como o governante decretam as sentenças em casos de disputa, ou outro tipo de litígio entre as pessoas. A outra razão fundamental prende-se ao facto de na estrutura familiar islâmica o homem ser o chefe e líder da família. Mas tendo em conta que o papel do juiz é de maior amplitude relativamente ao de chefe de família, então, por analogia a mulher não deve desempenhar a função de juiz.

Contudo, o famoso jurista islâmico At-Tabarani, acha que não se deve impôr nenhuma restrição à mulher muçulmana no desempenho da função de juiz, ao ser nomeada para o cargo judicial, não concordando com o ponto de vista análogo dos outros juristas. Argumenta que o Profeta S.A.W. sómente objectou o desempenho pela mulher das funções de Chefe de Estado. Portanto, os critérios por analogia não devem ser extensivos a outras áreas.

Uma terceira opinião, do conceituado Imam em jurisprudência islâmica, Abu Hanifa, defende que se o Alcorão permite à mulher ser testemunha em assuntos financeiros, então também pode ser eleita juiz nos mesmos assuntos, isto é, se aceitamos o testemunho de alguém por ser “Wilaya” (responsabilidade) então também está qualificado para ser juiz em questões civis e financeiras. Mas ele também acha que não é apropriado nomear uma mulher para uma função em que ela tenha que sentenciar alguém na pena de “hadd” e retaliação equitativa (vulgarmente conhecida por lei do talião).

Os juristas islâmicos são quase unânimes em que ela não deve ser eleita para o cargo de Chefe de Estado. Relativamente a sua eleição para outros cargos, se é ou não permitido à mulher ocupá-los, há divergências a esse respeito.

SERÁ QUE A MULHER PODE LIDERAR O SALAT?

A maioria, isto é, quase todos os juristas islâmicos são de opinião de que a mulher não pode liderar os homens no salat.

(Bidaiyatul - Mujtahid Ibn Rushd Al-Qurtubi)

Se algum homem fizer o seu Salat atrás de uma Imam (mulher), o seu Salat será nulo e inválido. Não há nada narrado acerca disso nos Hadices do Profeta S.A.W., pois se fosse permitido, decerto que tal teria sido registado nos livros de Hadice e de Fiqh. Pelo contrário, o Profeta S.A.W. ordenou às mulheres a posicionarem-se nas filas traseiras da congregação (se elas tiverem que atender ao jamat). Se fosse permitido à mulher servir de Imam para os homens, então isso seria contrário às regras do Hijab, pois as suas movimentações, e posições estariam expostas aos homens que estivessem atrás delas. E isso contraria em absoluto as regras do Hijab.

Segundo os seguidores dos Imamos Abu Hanifa, Shafei e Hambali, a mulher só pode servir de Imam se a congregação for constituída por mulheres. Os seguidores do Imam Maliki não permitem que a mulher seja Imam, mesmo que a congregação seja apenas de mulheres.

Uma questão que de certa forma confunde os menos esclarecidos, o que os leva a pensar tratar-se de discriminação contra a mulher, é a relacionada com a ordenação da mulher.

Antes de mais, deve ficar claro que no Islam não há ordenação, nem do homem nem da mulher, pois nele não há hierarquia religiosa. Também não existe o conceito de igreja como a única instituição religiosa para comandar todas as actividades ligadas à religião, por isso no Islam não há nem clero nem igreja.

Não há dúvidas que há sábios e estudiosos, especializados e abalizados em estudos islâmicos, assim como existem especialistas em medicina, álgebra, biologia, etc. que podem ser considerados peritos na matéria que cada um domina. Da mesma forma, esses sábios podem actuar como líderes religiosos aos quais podem ser atribuídos diferentes títulos segundo a cultura de cada país, como por exemplo, Maulana, Sheik, Mufti, Hafez, Imamo, Muálimo, etc., mas na essência isso é bem diferente do conceito geral usado pela Igreja ou pelo Clero.

A questão da ordenação também não é aplicável, sendo alheia ao conceito que prevaleceu durante muitos anos, havendo ainda hoje algumas igrejas que defendem a não permissibilidade da ordenação da mulher devido ao facto de que ela não representa a imagem de Deus, por ser do sexo feminino. Para

um muçulmano não há imagem masculina nem feminina de Deus. Não há Deus-Pai nem Deus-Mãe. Deus está acima de tudo isso. Contudo, mesmo tomando este assunto no seu contexto ocidental, as funções básicas de um Padre ou de uma Madre são duas: conduzir os rituais e prestar serviços à comunidade, educando-a religiosamente.

No Islã os rituais não constituem a grande parte dos seus ensinamentos, e considerando a forma e a natureza das cinco orações diárias, não é apropriado para a mulher conduzir aquele ritual (ser Imamo), e isto é óbvio para qualquer pessoa familiarizada com esse ritual.

Quanto à segunda função, a lei islâmica não impõe nenhuma restrição ao seu envolvimento no ensinamento religioso islâmico. Tal pode ser exercido em qualquer período da sua vida, não carecendo de nenhuma ordenação, pois como já se disse, no Islã não há ordenação, nem para o homem nem para a mulher. A questão da ordenação de mulheres coloca-se noutras religiões, e não no Islã.

E quanto ao facto de a mulher se postar nas últimas filas na Mesquita, tal não se deve a uma alegada inferioridade do seu estatuto, assim como pessoas menos esclarecidas julgam, pois a oração no Islã não é performada como noutras religiões em que as pessoas se mantêm sentadas a suplicar. Envolve para além dos rituais, a prostração, o ajoelhamento, etc.

Por isso, nesta questão estaríamos perante três cenários:

- 1 - A mulher posta-se à frente, ajoelhando-se e prostrando-se perante os homens.
- 2 - Posta-se junto dos homens, na mesma fila, ombro a ombro estabelecendo contacto físico.
- 3 - Posta-se atrás dos homens.

Óbvio que num acto espiritual por excelência como é o Salat, que envolve aproximação e contacto físico ombro a ombro, estaria fora de questão ter a mulher postada à frente dos homens prostrando-se, ou ao seu lado com o inevitável contacto físico, e ainda conseguir concentrar-se na oração.

Quer parecer que a própria mulher também não gostaria de se prostrar ou ajoelhar em frente dos homens, estando estes a

olhar para ela. Por isso, o único lugar lógico para elas é atrás, e isso não pressupõe qualquer sentimento de inferioridade. É uma questão de modéstia e delicadeza que devem ser observadas por ambos, homens e mulheres.

Ocorre a seguinte questão: Porque razão é que todos os profetas foram homens e não mulheres? Será que isso é indicativo de alguma superioridade por parte dos homens?

Falando apenas sob o ponto de vista islâmico, a mesma pergunta pode ser dirigida a qualquer religião, porque em nenhuma delas houve profetas mulheres.

Na perspectiva islâmica, um profeta não é escolhido pelo povo, nem se escolhe a si próprio. Ele é escolhido por Deus, Que não é nem masculino nem feminino, para que alguém pense que por ser do sexo masculino favorece os homens, pois Deus não tem interesse algum em alinhar-se com qualquer um dos sexos.

No Islam a profecia não é apenas a honra que Deus confere a alguém ao escolhê-lo para profeta, pois no contexto islâmico um profeta tem grandes responsabilidades para além de receber mensagens Divinas. A responsabilidade do profeta passa pelo seu empenho no combate ao mal na sociedade, pela sua presença constante junto às pessoas, suportando todo o tipo de injúrias, vexames e perseguições, assim como suportaram os grandes profetas.

E um Profeta é também um líder dos crentes, não só nos rituais mas também nas confrontações, nas batalhas contra os inimigos assim como sabemos dos casos do Profeta Moisés e do Profeta Muhammad (que a paz esteja com eles).

Tomando em consideração estas funções e deveres de um Profeta, não seria tão fácil a uma mulher cumprir esses trabalhos. Imagine-se por exemplo, uma mulher grávida a chamar alguns descrentes para a fé e estes em resposta começarem a apedrejá-la, tal como aconteceu com o Profeta Muhammad S.A.W. quando foi para cidade de Taif chamar os seus habitantes para abraçarem a verdadeira fé, e foi apedrejado de tal forma que os seus pés ficaram ensanguentados.

Suponha-se que fosse uma mulher profeta, grávida, sujeita a este tipo de injúrias, abusos e maus tratos?

Portanto, se a mulher nunca foi profeta, não é por não ser qualificada para tal, ou não tenha qualidades espirituais para

cumprir com essa tarefa, mas sim devido à sua natureza. É uma tarefa que requer homens, e mesmo assim nem todos os homens podem cumprir com essa missão. Deus escolhe homens especiais, de qualidade, por Ele preparados, aptos a resistir a todos esses embates e oposições. Portanto, para a profecia eram necessários homens de verdade.

Afigura-se aqui oportuno explicar a diferença entre um profeta e um líder normal, pois não se deve confundir profetas com líderes, porque há acentuadas diferenças entre eles. Uma delas reside no facto de a sabedoria, a missão e a mensagem dos profetas não serem formulações da sua inteligência, intuição ou sapiência, e nem serem reacções contra as condições eventualmente horríveis em que tenham nascido e vivido. Os ensinamentos dos profetas são sempre revelações Divinas, tendo sido especialmente seleccionados para transmitirem a mensagem de Deus. Por conseguinte, daquilo que sabemos das histórias das religiões, não podemos comparar os reformadores, os pensadores e os líderes aos profetas de Deus, pois os primeiros são sempre um produto das suas circunstâncias, rebeldes contra a sociedade decadente ou então são homens excepcionalmente brilhantes que querem reformar a sociedade.

Muitas vezes esses líderes, sujeitam a sua gente a variados testes, manobram-nos a seu bel-prazer. As massas obedecem aos líderes porque Deus criou nelas a inclinação para a fidelidade e o cumprimento dos deveres. Mas esses líderes não são gratos e nem tementes a Deus revelando-se justos e bondosos, cumpridores das suas responsabilidades e obrigações para com os seus semelhantes. Muitos deles fazem da sua liderança um meio para alcançarem objectivos torpes, sendo por isso que neles reside pouca esperança em proporcionar felicidade, prosperidade e paz aos seus povos

A história da humanidade é um pergaminho desenrolado das tragédias e infortúnios que nos fazem derramar lágrimas. Ainda hoje há muitos povos no mundo que estão à mercê desse tipo de líderes.

Muitas vezes os crimes e as más acções praticadas por esses líderes são trazidos ao conhecimento público pelos seus sucessores depois da sua morte ou quando já não estão no poder. E só nessa altura é que a geração seguinte vem a

saber dos erros dos seus líderes, mas isso não passa de um obituário na história desse povo.

Essa liderança imprudente não considera a fé e a crença das massas das quais depende o sucesso do homem neste mundo e a sua salvação no próximo.

A fé constitui a base fundamental da verdadeira moral, de uma civilização saudável e de um laço entre o Homem e Deus. Uma vez rompido esse laço torna-se quase impossível restaurá-lo novamente.

O mundo precisa de líderes e guias fidedignos, perfeitos, que dão prioridade a outros acima de si próprios e que não se deixem devorar pela sua ganância e paixão, que não baseiem as suas decisões no seu imperfeito conhecimento e experiência ou nos ganhos pessoais, e se cometerem algum erro que estejam preparados para se corrigirem à luz da orientação Divina.

Os profetas escolhidos por Deus podem servir de grande modelo para os líderes do mundo. Convido as pessoas a lerem a biografia dos Profetas, em especial a do último Profeta Muhammad S.A.W. a respeito de quem Napoleão Bonaparte disse: "Moisés revelou à sua nação (os israelitas) a existência de Deus, Jesus Cristo revelou-O ao mundo Romano, Muhammad apresentou a adoração ao Deus de Abrão, de Ismail, de Moisés e de Jesus - Muhammad declarou que não existe outro mas Deus, que não tem pai, nem filho e que a trindade transmite a ideia de idolatria... eu espero que o tempo não esteja longe, quando eu poderei unir todos os sábios e educados de todos os países e estabelecer um regime uniformizado na base dos princípios do Alcorão, que são os únicos verdadeiros e que só eles podem levar o Homem à felicidade".

E o ilustre poeta francês Lamartine (1790-1869) diz acerca de Muhammad (S.A.W.): "Filósofo, Orador, Apóstolo, Legislador, Combatente, Conquistador de ideias, Restaurador de Crenças Racionais, de um culto sem imagens; o Fundador de vinte impérios terrestres e um Império Espiritual. Esse é Muhammad. No que diz respeito a todos os padrões pelos quais a Grandeza Humana pode ser medida, podemos perguntar: será que há algum homem maior do que ele"?

Dissemos já que numa sociedade islâmica que seja ideal,

recomenda-se a separação entre homens e mulheres. Deve haver escolas separadas, para rapazes e raparigas.

No Islã não só é permitido como também é preferível e desejável que algumas mulheres estejam servindo a sociedade como médicas, enfermeiras, professoras, etc., seja em posições subalternas, intermédias ou séniores. Todas as posições e cargos são importantes para a mulher, especialmente quando as necessidades sociais assim o ditarem, exigindo o seu envolvimento e que o trabalho que ela vai desenvolver seja digno e não contradiga os princípios islâmicos.

Há nas mulheres um grau de responsabilidade e isso envolve orientação e direcção de outras pessoas. Mesmo que a mulher não esteja a trabalhar em cargos públicos, e esteja em casa a cuidar dos seus filhos, é óbvio que a posição de uma mãe em casa envolve também a liderança pois orientar e criar os seus filhos é de facto uma forma de liderança. Só sabe disto quem é mãe e esposa. E essas reconhecerão que a importância dessas tarefas domésticas não é inferior aos cargos públicos, seja nas fábricas, lojas ou escritórios, pois orientar a nova geração no caminho recto é importante. A falta desta liderança e orientação está causando graves problemas sociais no mundo, e sem dúvidas sofremos as suas graves consequências. E é para realçar este princípio básico e dourado que o Profeta Muhammad S.A.W. diz num Hadice relatado por Al-Bukhari, Muslim e outros: “Cada um de vós (i.é, todos vós) é um pastor (líder), e será interrogado acerca do seu rebanho. O governante é pastor e será interrogado acerca daqueles que ele governa. O homem é pastor e responsável pela sua família acerca da qual será interrogado. A mulher é pastora e responsável pelos seus filhos e a sua casa acerca dos quais será interrogada. O empregado é pastor e responsável pelos trabalhos que lhe foram incumbidos e será interrogado acerca de tudo isso”.

Portanto, neste aspecto, todo o ser humano é líder e responsável por tudo aquilo que está ao seu cuidado, e será interrogado se cumpriu ou não com a sua obrigação. A mulher também é uma líder e responsável dos seus filhos, da sua casa, etc., e será interrogada se cumpriu ou não com as suas obrigações.

No que respeita à liderança do exército, mesmo nas

chamadas sociedades livres modernas, não se conhecem casos de mulheres assumindo o comando das forças armadas. De facto, se a mulher chegar a esse ponto e igualar-se ao homem em matéria militar, tomando decisões que envolvam conflitos, guerras, derramamento de sangue, etc., então a vida vai perder o melhor que possui: *A Compaixão e a bondade da mulher*, pois Deus para criar o equilíbrio nesta Sua criatura, dotou-a de certas qualidades com que não dotou o homem comum. Segundo o Alcorão, ela é uma fonte de amor, de alegria, e de afeição, e não de violência e guerras. E acima de tudo *Ela é uma fonte de vida*.

Para além disso, acrescenta-se que segundo o Islã, o cargo de governante não é um prémio para o qual devemos todos lutar, cada um querendo ser presidente, e nenhuma mulher deve dizer: “Porque é que o homem pode ser e eu não”?

Por isso, em tempos remotos, quando do ressurgimento do Islã, as grandes figuras de então, conscientes da gravidade e responsabilidade que isso envolvia, tentavam ao máximo evitar a assumpção desses cargos, excepto quando fossem obrigados a assumí-los. Segundo os princípios islâmicos, ninguém deve procurar ou exigir cargos supremos, salvo se, devido ao seu carácter e qualificações, algum grupo de pessoas indigitar que assumam tais funções.

Os cargos supremos exigem muitos sacrifícios e não devem nunca servir de trampolim para o enriquecimento pessoal, nem para envolver amigos e familiares nos benefícios ilícitos, no suborno, etc.

Quem conhece a História do Islã sabe muito bem do papel desempenhado pelos governantes islâmicos e quanto eles e os seus ente queridos se sacrificaram e privaram de todos os benefícios, vivendo numa vida simples e modesta, sem nenhuma pompa, e nalguns casos até, uma vida de maiores privações relativamente ao nível de vida que ostentavam antes de assumirem tais cargos.

Contudo, afigura-se que esta não é uma questão que preocupa demasiadamente a mulher, pois mesmo no ocidente onde se reclama a aplicação da igualdade nas oportunidades entre os sexos, raramente encontramos mulheres a ocupar altos cargos de governação.

A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO EXÉRCITO OU NA POLÍCIA

Quando houver uma séria ameaça à vida, o Islã permite o que em circunstâncias normais não é permissível. Portanto, são medidas exigidas pelas necessidades circunstanciais, e quando a ameaça se dissipar, a situação deve voltar ao seu normal. Por exemplo, o consumo da carne de porco, de bebidas alcoólicas, ou o livre ajuntamento dos sexos, em circunstâncias normais são proibidos, mas em caso de extrema necessidade, estado de sítio, emergência nacional ou guerra, permite-se.

A participação ou envolvimento da mulher muçulmana no esforço da guerra está bem claro e evidente nas várias fontes históricas. A mulher muçulmana participou voluntariamente em várias batalhas que os muçulmanos travaram para a sua auto-defesa bem como da fé. A sua participação traduzia-se na prestação de serviços logísticos, fornecendo provisões aos combatentes na frente de batalha, tratando os feridos, carregando-os para a cidade ou longe das zonas de combate, prestando todo o apoio e assistência que podiam.

É interessante saber que consta no Al-Bukhari que é a colecção mais autêntica das tradições proféticas, um capítulo sobre a participação da mulher no campo de batalha e na guerra.

Uma senhora de nome Ar-Rabiah Bint Máwaz diz: “Nós costumávamos ir para o campo de batalha com o Profeta S.A.W. para dar de beber aos combatentes e carregar os mártires e os feridos para Madina”.

(Al-Bukhari e Ahmad).

Numa outra narração no Musslim, Ahmad e Ibn Majah, uma outra senhora de nome Umm Atiyah Al-Ansariyah diz que participou em sete batalhas com o Profeta S.A.W., descrevendo o que ela fez nessas batalhas, desde o carregamento de mantimentos, à cozinha e ao tratamento de feridos.

Consta que mesmo a Aisha R.T.A., esposa do Profeta S.A.W. também carregou nas suas costas odres com água, juntamente com outra senhora de nome Umm Aiman, para dar de beber aos combatentes na frente de batalha.

Uma outra senhora Umayya Bint Qais Al-Ghaffariyah

depois de prestar juramento de fidelidade (Al-Baiah) disse ao Profeta S.A.W.: “Eu gostaria de ir contigo para participar nos esforços de guerra.” O Profeta S.A.W. não pôs quaisquer objecções e aceitou o seu pedido.

Estes são alguns exemplos, mas se olharmos para a história islâmica encontraremos muitos casos da participação da mulher nos esforços de guerra, havendo até exemplos de mulheres que carregavam armamento, como por exemplo na batalha de Hunain, em que Umm Salim que se casou com Abu Tal’ha, quando os Muçulmanos estavam em perigo. Essa mulher obteve um punhal, o pô-lo na sua cintura dizendo ao seu marido que se alguém se aproximasse dela ou tentasse violá-la, não hesitaria em utilizar o punhal para a sua auto defesa. Quando o Profeta Muhammad S.A.W. ouviu comentários acerca disso, não-lhe disse: “Tu és uma mulher e não podes estar armada, deixa esse assunto com os homens”, e nem pôs qualquer objecção.

Na batalha de Ohud, quando os muçulmanos estavam em perigo eminente e os pagãos queriam exterminá-los acabando primeiro com o Profeta para se livrarem do incómodo e dificuldades que enfrentavam devido ao ressurgimento do Islã, uma das senhoras de nome Nassiba Bint Kaab que estava prestando apoio logístico aos combatentes, quando sentiu que pairava um grande perigo contra a vida do Profeta S.A.W., deixou tudo, e de espada em punho começou a defendê-lo, colocando-se em frente dos pagãos para proteger a vida dele. O Profeta de facto reconheceu a sua coragem e disse após à batalha que “Cada vez que eu virava a minha cara para direita ou para esquerda via a Nassiba Bint Kaab a defender-me juntamente com outros crentes”. E consta que nesse acto ela sofreu doze ferimentos no seu corpo.

Quantas são as mulheres que têm essa coragem e paciência para enfrentar esse tipo de situação?

Consta ainda que na batalha de Yarmuk, Assma Bint Yazid que inicialmente participava no apoio logístico, quando sentiu o perigo dos romanos, com o ferro da sua tenda, conseguiu matar nove soldados que queriam atacar os muçulmanos.

Portanto, se os mesmos perigos a que estavam expostos os primeiros muçulmanos, os vários tipos de perseguições, etc. se apresentarem hoje, e houver uma mobilização geral, se

a mulher muçulmana quiser participar voluntariamente no esforço da guerra e nos apoio logístico pode-se permitir, pois assim como já mencionamos, o próprio Profeta consentiu a sua participação.

Mas ao contrário dos homens, a mulher não é obrigada a participar na linha da frente da batalha, i.é, a mulher não pode ser arrastada para um exército islâmico, pois em última instância a responsabilidade disso recai sobre os homens, pois Deus isentou-as dessa obrigação e responsabilidade por várias razões. Elas podem ter que cuidar de algum bebé em casa, ou cuidar de outros assuntos domésticos. Portanto, não-lhe é proibido ir à batalha, embora esteja dispensada. Quando algumas mulheres pediram autorização ao Profeta S.A.W. para participarem no Jihad, ele respondeu-lhes que o Jihad delas era o Hajj Mabzur.

Não há dúvidas que as mulheres muçulmanas no tempo do Profeta S.A.W., dos Sahabas, e dos Tahabeines, participaram nos exércitos islâmicos, porém, a sua participação manteve-se limitada, sem ir contra o seu papel essencial, além disso, foi uma participação com aqueles que procuravam o martírio (shahada) pela causa de DEUS, com aqueles que passavam as noites no Ibadat, chorando, perante DEUS. Portanto, não havia os receios e riscos que hoje em dia existem.

Segundo o Jornal "The Musslim World Legge", data 12.10.01, de Makka, quando foi feito um inquérito no exército alemão acerca da participação das mulheres no exército, muitos dos soldados manifestaram a sua profunda preocupação pelos receios de problemas que possam surgir com a participação delas.

A maior parte deles estavam confusos, pois, não sabiam como lidar com mulher como colega igual a eles nos deveres e direitos. Muitos deles receavam a incitação sexual ou o sentimento de fraqueza perante a colega feminina, aquando do cumprimento da missão militar que exige força física.

Outros achavam difícil imaginar uma mulher a carregar arma, outros achavam que a composição física da mulher faz com que ela não sirva para prestar serviços militares e até julgavam ser um elemento de incómodo no exército.

Acho que os únicos defensores árdus da participação da mulher actual no exército são os que encontram na proximidade

da mulher uma oportunidade para satisfazer as paixões sexuais. Pois, existem países que revelaram números assustadores de transgressão, violência, raptos sexuais e gravidez ilícita, assim como acontece em qualquer sociedade e congregação em que ocorre a mistura livre de sexo.

Além de tudo isso, surge uma questão dirigida aos que actualmente defendem a participação da mulher no exército. Ela terá que usar o capacete militar ou boné que necessariamente cobrirá o seu cabelo. Perante isso, será que haverá protesto da parte de alguns homens porque com isso ela assemelhar-se-á as mulheres muçulmanas que tapam o seu cabelo?

Nós não estamos contra a mulher participar no exército e ser uma soldada, pois ela como mãe já é uma soldada, ao defender a sua casa e filhos contra a ignorância, desvio e perdição.

A esposa também é uma soldada ao defender o seu marido contra as tentações, preocupações e ao proporcionar-lhe um lar e ambiente tranquilo e feliz.

Uma professora também é uma soldada ao ensinar as nossas filhas as várias ciências, a moral e valores elevados.

A soldada não é só no campo de batalha, mas é também nos campos de ciência, pedagogia, etc..

Portanto estas são as opções que elas têm e cabe-lhes ver qual delas merece prioridade.

JULGAR AS PESSOAS

Certa vez um homem disse a Omar R.T.R. "o fulano tal é verdadeiro".

Omar R.T.R. perguntou-lhe:

—Já viajaste com ele?

Respondeu: —não!

—Já tiveste alguma disputa com ele?

Respondeu: —não!

—Já lhe confiaste algo (despositaste algo nele?)

Respondeu: —não!

Omar disse: —Tu não-o conheces!

SERÁ QUE A MULHER É IGUAL AO HOMEM?

Toda a civilização assenta no ser humano que é o seu construtor. E o ser humano é composto por duas partes: o homem e a mulher.

Na essência, todos os Seres Humanos são iguais. DEUS diz:

“Ó gente! Temei o vosso Senhor que vos criou primeiramente de um só homem (Adão) e dele criou a sua esposa. E, deles espalhou uma multidão de homens e mulheres (na terra)”.

Cap. 4, Vers. 1

O versículo atrás citado é do capítulo "An-Nissa", (as mulheres).

O nome do capítulo em si já é uma prova da posição que o Islam deu as mulheres e ao sexo fraco.

O versículo diz que todos foram criados de uma única alma - Adão - a partir de quem Deus criou Eva e desse par de Seres Humanos criou múltiplos homens e mulheres. Portanto, na essência, e no humanismo, os dois são iguais, não havendo diferença, pois nenhum dos dois é superior ao outro na base do sexo. É como se um único corpo tivesse sido dividido em duas partes.

Por serem iguais o Alcorão não os discrimina na base do sexo, raça, língua, côr, nacionalidade, etnia, etc. Porém, perante DEUS, o mais nobre, homem ou mulher, é o que é mais piedoso/a. Esse é que é o critério de superioridade.

DEUS diz:

“Ó gente! Nós criamos-vos de um macho e de uma fêmea, e dividimos-vos em povos e tribos para que conhecesseis uns aos outros. Na verdade o mais nobre entre vós é o mais piedoso”.

Cap. 49, Vers.13

Na Arábia anterior ao ressurgimento do Islam e noutras partes do mundo, a situação social da mulher era degradante, pois ela ocupava uma posição muito baixa. O nascimento de meninas era considerado uma desgraça, e vergonhoso e por

isso enterravam-nas vivas. O Alcorão narra a mentalidade dos árabes de então, dizendo:

“E quando se anuncia a um deles o nascimento de uma filha, a sua cara obscurece-se (se entristece) e fica angustiado. Com vergonha esconde-se das pessoas, pela má notícia que lhe foi anunciada e hesita entre deixá-la viver, humilhado e enterrá-la viva. Que péssimo é o que julgam!”.

Cap. 16, Vers. 58-59

Foi o Islã que erradicou o conceito de que as mulheres eram inferiores aos homens, ou de que as meninas devem ser tratadas de forma diferente dos rapazes.

O Alcorão diz:

“Elas (as mulheres) são um vestuário para vós, e vós sois um vestuário para elas”.

Cap. 2, Vers. 187

Neste versículo, o Alcorão reafirma a dignidade da mulher, enfatizando o conceito básico de igualdade entre o homem e a mulher ao declarar que cada sexo complementa o outro, sendo os dois iguais no estatuto e na dignidade.

Em consonância com o espírito de igualdade, o Profeta S.A.W. recordava constantemente que as meninas deviam ser tratadas do mesmo modo como são tratados os rapazes: “Quem tem uma filha, cria-a afectuosamente, não lhe mostra nenhum desrespeito e não favorece o seu filho acima dela, Deus introduzi-lo-á no Paraíso”.

(Ibn Hambal)

O Islã proíbe terminantemente o tratamento preferencial de rapazes ou de meninas.

O Alcorão considera o nascimento de uma menina uma dádiva de DEUS, assim como o de um rapaz:

“A DEUS pertence o reino dos céus e da terra. Ele cria o que quer, dá a quem Ele quer meninas, e dá a quem Ele quer rapazes”.

Cap. 42, Vers. 49

O Profeta S.A.W. diz: “As meninas são modelos de afeição, simpatia, e uma benção para a família. Quem tem uma filha,

Deus protegê-lo-á contra o fogo do Inferno por causa da sua filha, (é um pára-fogo). Se ele tiver duas filhas, introduzi-lo-á no Paraíso. Se ele tiver três filhas, Deus dispensá-lo-á da obrigação de caridade e de Jihad”.

(Kanzul Ummal, Pag. 277).

O Profeta S.A.W. dá boas novas do paraíso aos que criam bem as suas filhas e tratam do seu casamento.

(Al-Bukhari e Musslim).

E diz: “Quem tem três filhas, às quais ele cria bem, de certeza que Deus introduzi-lo-á no Paraíso”.

Diz o Profeta S.A.W. que: “Quem tem uma filha e a cria bem, dá-lhe boa educação, treina-a na arte da vida, eu pessoalmente serei barreira entre ele e o fogo do inferno, e esse estará na minha companhia”.

E Diz: “Não detesteis as meninas, elas são consoladoras e muito preciosas”.

(Relato de Ahmad).

Imaginemos a situação há quinze séculos atrás, quando o nascimento de uma menina era considerada uma desonra. O Alcorão declarou o seu nascimento uma misericórdia, dando as boas novas do perdão Divino e do Paraíso ao que trata bem e por igual as meninas.

O Alcorão repetidamente esclarece que o homem e a mulher são iguais no que respeita ao desenvolvimento moral e espiritual, e diz:

“E quem praticar o beîm - seja homem ou mulher - e tiver fé, entrará no Paraíso e não será prejudicado, o mínimo que seja”.

Cap. 4, Vers.124

O Alcorão não distingue entre homem e mulher no que respeita às obrigações rituais religiosas, sendo exigido tanto aos homens como às mulheres que pratiquem as suas obrigações religiosas conforme prescrito nos cinco mandamentos: a crença em Deus e no Seu Mensageiro, o Salat, o Zakat, o Jejum de Ramadan e o Hajj, pois a ambos é exigido por igual o cumprimento destes mandamentos.

Da mesma forma, nos outros actos facultativos não há

diferença na recompensa.

O Alcorão diz:

“Os crentes e as crentes são aliados uns dos outros; ordenam o bem e proíbem o mal, cumprem a oração, pagam o zakat e obedecem à Deus e ao Seu Mensageiro. Deus terá misericórdia desses. Por certo Deus é Poderoso e Prudente. Deus prometeu aos crentes e às crentes, jardins por onde correm os rios, onde viverão eternamente - e vivendas esplêndidas nos jardins de Éden - e o que é maior - a satisfação de Deus. Tal será a grande vitória”.

Cap. 9 Vers. 71-72

“Os homens submissos e as mulheres submissas, os homens crentes e as mulheres crentes, os homens obedientes e as mulheres obedientes, os homens verídicos e as mulheres verídicas, os homens pacientes e as mulheres pacientes, os homens humildes e as mulheres humildes, os homens que dão esmola e as mulheres que dão esmola, os homens que jejuam e as mulheres que jejuam, os homens castos e as mulheres castas, os homens que se lembram muito de Deus e as mulheres que se lembram muito de Deus, Deus preparou para eles o perdão e uma grande recompensa”.

Cap. 33, Vers. 35

“Então seu Senhor (Deus) atendeu dizendo: Não deixarei que se perca o trabalho de qualquer trabalhador entre vós, seja homem ou mulher. Vós procedeis uns dos outros”.

Cap. 3, Vers. 195

“Ó vós que crêdes! É prescrita para vós a pena de retaliação em casos de assassinio: O homem livre pelo homem livre, o escravo pelo escravo, a mulher pela mulher”.

Cap. 2, Vers. 178

“A adúltera e o adúltero, castigai cada um deles com cem chicotadas”.

Cap. 2, Vers. 2

“Quanto ao ladrão e à ladra, cortai-lhes as mãos como castigo do que cometeram”.

Cap. 5, Vers. 38

O Profeta SAW disse: O homem é um pastor e será interrogado a cerca do seu rebanho e a mulher é uma pastora e será interrogada a cerca do seu rebanho.

(Relato de Al-Bukhari e Ahmad)

Portanto, se as obrigações do homem e da mulher são iguais, então é necessário que eles tenham oportunidades iguais de educação. Como é que uma mulher pode ordenar o bem e proibir o mal, seja na política ou na economia se ela não estiver mental e espiritualmente, apta para o cumprimento desse nobre dever religioso?

De salientar que o Islã não divide a vida em componentes (religiosa e não religiosa), pois toda a actividade do ser humano gravita à volta do Islã, e todos os deveres, sejam eles políticos, económicos ou relacionados com o bem estar geral, são deveres religiosos iguais às orações, ao jejum, à caridade, etc.

Portanto, os homens e as mulheres são iguais nos deveres políticos, económicos, educacionais, etc. E elas também podem alcançar elevados progressos espirituais como foram os casos da mulher do Fir'ãun, a Mariam mãe de Jesus, casos estes referidos no Alcorão.

O grande ênfase que o Islã atribui à igualdade entre homens e mulheres não significa que o Islã favorece um mundo unisexo, e nem comunga do conceito ocidental de igualdade entre os sexos que põe de lado as diferenças naturais, poderes específicos e faculdades diferentes. Biológica e psicologicamente o homem e a mulher são dois sexos diferentes mas complementares para um e outro. É um facto médico estabelecido que a mulher tem composições biológica e temperamento diferentes.

DEUS, o Poderoso, criou e sabe desta diferença biológica mais do que nós, por isso atribuiu a mulher e ao homem os papéis que cada um deve desempenhar na natureza e na vida, e cada um deve estar preparado e educado para o desempenho desse papel.

O homem é dotado de aptidões para determinadas tarefas, e a mulher por seu lado é dotada de aptidões para outro tipo de actividades.

Foi nesse contexto que o Profeta S.A.W. disse:

“Não são de entre nós essas mulheres que se querem assemelhar (imitam) aos homens, e esses homens que se querem assemelhar (imitam) às mulheres.

(Relato de Ahmad e At-Tabarani)

O Alcorão considera que o homem e a mulher complementam-se um a outro como duas metades de um órgão inteiro, pois cada um preenche o que falta ao outro, entendendo-se isto do seguinte versículo:

“Foi Ele quem vos criou de um só ser e do mesmo fez a sua esposa, para ele tranquilizar-se junto dela”.

Cap. 7, Vers. 189

“Entre os Seus sinais está o de ter criado para vós esposas (saídas) de vós próprios para vos tranquilizardes junto delas e Ele estabeleceu o amor e compaixão entre vós. Na verdade, em tudo isto há sinais para um povo que reflecte”.

Cap.30, Vers. 21

“As mulheres têm direitos correspondentes às suas obrigações”.

Cap. 2, Vers. 228

O Alcorão primeiro estabeleceu a doutrina geral de igualdade entre os sexos, e à seguir definiu isso com a afirmação de que tal não é uma igualdade sem diferenças, mas é uma igualdade que envolve deveres e direitos especiais para os homens e as mulheres, no quadro das suas responsabilidades especiais

E é devido à essa particularidade específica e à função especial que envolvem os direitos e deveres também especiais que os dois sexos têm direitos iguais e são vistos pelo Islã como personalidades legais distintas. Uma mulher, mesmo depois de se casar, é uma pessoa legalmente independente, capaz de ser processada ou processar, mesmo que se trate do seu marido, se algum dos seus direitos for lesado.

Segundo o Alcorão, o sexo feminino é a fonte de conforto, paz mental e tranquilidade para o seu parceiro masculino. E isto só ocorre se o homem e a mulher estiverem unidos num laço permanente de interesses, que encontrem a sua expressão numa vida planeada e baseada em alguma ideia do futuro,

exigindo deles a cooperação e não a competição, e que estejam integrados numa única unidade. Estas considerações envolvem um tipo de vida em que o casamento, a família e os filhos são factores mais importantes, pois sem isso não há outros interesses que possam manter juntas e ligadas duas pessoas de sexos diferentes. E estes factores envolvem funções especiais para a mulher e responsabilidades especiais para o homem. Então a igualdade no Islã significa uma igualdade que é adaptada por deveres e responsabilidades especiais de cada sexo.

DEUS criou o homem e a mulher para cada um deles desempenhar funções distintas na sociedade humana.

A doutrina da igualdade tem a ver com os factores naturais com que cada um é dotado. O Alcorão atribuiu uma estatuto especial ao homem, porque no aspecto económico ele é o ganha pão para a mulher. Porém, isto não significa de modo algum que o homem seja superior à mulher, pois a posição que ele ocupa constitui um arranjo puramente económico ditado pelas necessidades naturais. E é por isso que o Alcorão diz que os homens situam-se um degrau acima das mulheres, o que significa que o homem sendo fisicamente mais forte tem maior inclinação para cumprir uma carreira fora da casa.

De facto, a história da Humanidade mostra que o homem sempre assumiu o papel de provedor do sustento, mantenedor da lei e ordem na comunidade, combatente nas guerras contra os inimigos e integrante das expedições à procura de novas terras e aventuras.

Como em qualquer estabelecimento, só pode haver um governante. Num carro com dois condutores, num país com dois reis ou num exército com dois generais só haverá caos e desordem. Portanto, se o homem foi nomeado chefe da sua casa, tal não é um privilégio mas sim uma responsabilidade.

Não há dúvidas que existem diferenças entre o homem e a mulher nas suas faculdades, nas capacidades, nas atitudes, e no temperamento. Portanto, os deveres, as responsabilidades e as funções de cada um também devem basear-se nisso.

Nem mesmo os zelosos proponentes do liberalismo se recusam a aceitar que a estrutura do homem, o seu desenvolvimento muscular e a força física são normalmente maiores, enquanto que a mulher normalmente tem um corpo

menos desenvolvido. O homem é mais alto e peludo e a mulher é mais baixa e tem a pele mais lisa. O homem é mais robusto e agressivo enquanto a mulher é mais delicada; a voz do homem é mais forte enquanto a da mulher é mais suave e melodiosa. O corpo feminino desenvolve-se mais rapidamente que o masculino. A mulher tem maior resistência a certas doenças que o homem, a menina atinge a puberdade mais cedo que o rapaz, e perde mais cedo a sua capacidade procriadora que o homem.

O Dr. Mohammad Abu Saúd diz no seu livro “Sex Rules, A Muslim Point of View” que, se à uma mulher for ministrado androgénio (hormonas masculinos), ela tornar-se-á agressiva, salvo se estiver sofrendo de algum trauma social. Mas se este composto for ministrado a um homem violento e agressivo, na maior parte dos casos ele acalmar-se-á e comportar-se-á de forma mais dócil. E ele acrescenta que se um indivíduo transsexual optar por se tornar uma mulher, ao se submeter a intervenção cirúrgica será necessária a terapia a partir de hormonas contidos no estrogénio por forma a desenvolver os seios, eliminando o excesso de pêlos na cara e no resto do corpo. A seguir começam-se a manifestar algumas emoções e características femininas.

Em relação ao homem, a mulher está por natureza mais inclinada para os ornamentos, o vestuário e os cuidados de beleza. É mais religiosa, mais supersticiosa, mais faladora do que o homem. O homem tem uma visão mais ampla das coisas do que a mulher. Esta tem sentimentos maternos que se manifestam logo na infância, por isso Van de Velde citado pelo Dr. Westermarch, no livro *The Future of Marriage in Western Civilization*, diz: “O ser mulher significa ter desejo de se tornar mãe, física e mentalmente”.

O instinto maternal na mulher é tão forte que quase todas as mulheres têm o desejo de ter crianças, e às vezes esse desejo é mais forte que o impulso sexual. Os psicólogos dizem que jamais uma mulher com capacidade de procriar se recusou a fazê-lo, pois a maior parte delas pensa de si próprias em termos de esposas e mães.

No reino animal os machos não assumem nunca o papel de cuidarem das crias acabadas de nascer. Saliente-se o facto curioso, de se ter ministrado androgénio (hormonas masculinos)

a uma macaca-mãe logo após ter parido, e o resultado foi que de imediato ela matou as suas crias.

(Lynn D.B. *The Father, His Rule in Child Development*).

De facto é um fenómeno natural que uma menina já nasce com o instinto maternal (de ser mãe). E criar uma nova vida é um momento sempre mágico. Sente um grande interesse e paixão pelas crianças, sendo por isso que elas preferem brincar com bonecas. É interessante notar que existe um tratamento diferente das crianças de acordo com o sexo. As mães são propensas a ser mais tolerantes com os rapazes do que com as meninas, enquanto que os pais são mais propensos a ser tolerantes com as meninas do que com os rapazes.

No que respeita a segredos, o homem é mais firme na sua preservação do que a mulher. Esta é mais sensível à altercações, e por isso mais facilmente recorre ao choro, desmaiando por vezes. Consegue controlar melhor os seus impulsos sexuais do que o homem. O homem não está sujeito à algumas limitações como as que a natureza impõe à mulher, como o período menstrual que lhe absorve tempo e energias, alterando a sua função na sociedade e excluindo-a de algumas actividades. E isto capacita aos homens a dedicarem mais atenção aos assuntos políticos e sociais.

Mesmo os intelectuais ocidentais reconhecem a diferenciação funcional entre os dois sexos, admitindo que as mulheres estão melhor dotadas para a execução de alguns tipos de trabalhos, não o estando para outros.

Por isso elas gozam de alguns privilégios e isenções devido às suas funções fisiológicas e biológicas. Elas estão isentas de alguns deveres religiosos, como o Salat, o Jejum do mês de Ramadan, durante o período menstrual e nifáss (corrimento pós-parto). Há uma desigualdade natural entre os dois sexos, mas em muitos outros aspectos da vida eles assemelham-se um a outro. Portanto, os seus direitos e deveres nesses domínios também são iguais. Ela é igual ao homem em certos aspectos e noutros não o é. E é nessa base que foram instituídos os seus deveres e direitos.

“Toda a gente sabe que a cabeça de um homem funciona de uma maneira diferente da da mulher. A novidade é que os

homens têm um maior sentido de orientação do que as ilustres representantes do sexo feminino”. Esta novidade é uma das conclusões de um trabalho de um investigador na Universidade de Ulm (Alemanha), Mathias Riepe, publicado na revista “Nature Neuroscience”.

Este trabalho também revela que os dois sexos usam o cérebro de modo diferente para se orientarem. Riepe efectuou testes em doze homens e doze mulheres, colocando-os num labirinto tridimensional - realidade virtual - e enquanto os dois grupos tentavam “salvar-se” carregando nos botões, um *scanner* de ressonância magnética ia medindo a actividade dos seus cérebros.

Os homens foram mais rápidos a completar a prova (média de dois minutos e vinte e dois segundos), chegando depois as mulheres com uma diferença de um minuto e trinta e quatro segundos. A análise do funcionamento cerebral permitiu constatar que os dois sexos usaram o hipocampo direito para navegar no labirinto enquanto os homens para sair, foram mais habilidosos recorrendo também ao hipocampo esquerdo”.

(In Jornal Notícias, 1/6/2000)

Segundo ainda o mesmo jornal, na edição de 12/03/2001, “As enxaquecas são três vezes mais frequentes em mulheres que em homens, em consequência de uma flutuação hormonal que tem como contrapartida um efeito reparador.

Assim, se as mulheres sofrem um traumatismo ou um ataque cerebral, têm a capacidade de se recuperar mais rapidamente que os homens devido a diferenças fisiológicas entre os dois sexos, afirmaram peritos da Fundação Dana, para explicar algumas das desigualdades observadas nos homens e nas mulheres.

As diferenças entre o cérebro do homem e da mulher foram precisamente um dos temas em discussão na Quarta Semana Internacional do Cérebro, celebrada na Suíça e noutros países entre 12 e 18 de Março (2001).

Segundo a Fundação Dana, “Falar das diferenças existentes entre o cérebro dos homens e das mulheres deixou de ser tema tabu, até ao ponto de poder ser tratado inclusivamente com uma certa dose de humor”, assinala a instituição organizadora.

Os dois sexos são diferentes porque os seus cérebros são

diferentes. O cérebro, gestor e órgão emocional da vida foi construído diferentemente no homem e na mulher. Processa as informações de forma diferente, resultando nas percepções, prioridades, e comportamentos diferentes. Essas diferenças têm impactos diversificados no carácter do homem e da mulher, fazendo deles indivíduos diferentes.

O simples odor dos homens é um factor importante para evitar a esterilidade feminina, revela um psicólogo dinamarquês num artigo recentemente publicado.

As mulheres que têm relações sexuais pelo menos uma vez por semana têm normalmente um período menstrual normal, evitam a esterilidade e chegam à menopausa com mais facilidade do que as outras mulheres, escreve o medico Kurt Keitum no diário “Jyllands Posten”.

Segundo este psicólogo, “Pesquisas recentes parecem demonstrar que a exposição a moléculas do olfacto são o ingrediente essencial nas relações sexuais”.

O artigo refere que “Numa série de experiências, as secreções das axilas masculinas foram misturadas com álcool e a substância daí resultante foi colocada no lábio superior de seis mulheres com períodos menstruais irregulares e sem relações sexuais regulares. O resultado foi que os seus períodos menstruais normalizaram, enquanto outro grupo de seis mulheres com o mesmo problema não tiveram qualquer reacção quando lhes foi aplicada uma substância sem o produto da transpiração masculina”, acrescenta ainda a mesma publicação.

Os investigadores concluíram que a presença física de um homem é extremamente benéfica para as mulheres, embora as relações sexuais não sejam fundamentais para o seu bem estar.

(In Jornal Domingo, Maputo)

No contexto das diferenças naturais entre o homem e a mulher, os cientistas calcularam que qualquer mulher gasta diariamente em media, uma hora e trinta e oito minutos para mudar de roupa, maquilhar-se e pôr em ordem a sua bolsa. Calcula-se que um homem que viva até aos 76 anos por exemplo, consome um total de três anos da sua vida esperando que a sua mulher “se apronte”. Nas pesquisas publicadas foram cronometradas quarenta operações que as mulheres

fazem. A aplicação do verniz (fixador) para cabelos toma-lhe 17 segundos. A pintura das unhas toma-lhe 2 minutos e 28 segundos, acrescidos de mais 3 minutos para as fazer secar. Elas precisam de 4 minutos para se vestirem, após o que surge a dúvida acerca do vestido escolhido. Para mudar de vestido, consomem mais 12 minutos e 12 segundos. Entretanto, quando se reconsidera a favor da primeira escolha do vestido, gastam mais quatro minutos e 1 segundo.

(Novosti, jornal em língua russa, publicada em Israel para os colonos da ex-União Sovética)

De acordo com a Enciclopédia de Seerah, “O Islã reconhece as diferenças fisiológicas entre os dois sexos e a diferença resultante na natureza e área das suas actividades e funções na vida prática. O Islã, determina as suas funções, o seu lugar e os seus deveres no sistema social na base dessas diferenças. Reconhece a mulher como uma parceira igual ao homem nas suas relações matrimoniais. O homem é o pai e o “ganha-pão”, a mulher é a mãe e, a administradora da casa e o papel dos dois é igualmente essencial para o êxito da vida familiar, da raiz fundamental e primária da civilização Humana”.

O Francês Prémio Nobel da Literatura, Dr. Alexis Carrel, no seu livro “Man, The Unknown”, New York 1949, Pag. 91 descrevendo as diferenças biológicas entre o homem e a mulher bem diz que “As diferenças existentes entre o homem e a mulher não vêm da forma peculiar dos órgãos sexuais, da presença do útero, da gestação ou da forma de educação, elas são mais de natureza fundamental do que geralmente se pensa, e que essas diferenças derivam da própria estrutura dos tecidos e pela impregnação de todo o organismo com substâncias químicas específicas escondidas pelo ovário”.

E acrescenta: “A ignorância desses factos fundamentais levou os promotores do feminismo a acreditarem que os dois sexos devem ter a mesma educação, os mesmos poderes e as mesmas responsabilidades”.

Na realidade a mulher difere profundamente do homem. O formato do corpo, fisionomia, os órgãos, etc.. Cada célula do seu corpo leva a marca do seu sexo. O mesmo acontece com outros órgãos, sobretudo o sistema nervoso.

Ainda segundo Carrel “As mulheres devem desenvolver as suas capacidades (no círculo familiar, nos assuntos caseiros, nos cuidados a prestar às crianças, construindo assim um lar feliz), de acordo com a sua própria natureza sem tentar imitar o homem”.

Por isso, consta no Alcorão:

“E recorda-te, quando a mulher de Imran (o pai de Maria) disse: Senhor meu, consagrei a Ti o fruto do meu ventre, livre de qualquer outra obrigação. Aceita-o de mim. Tu ouves tudo e sabes tudo. Quando deu à luz disse: Senhor meu! Dei à luz uma menina! Mas Deus bem sabia quem ela dera à luz - um macho não é igual a uma fêmea”.

Cap. 3 Vers. 35-36

No ocidente, os movimento feministas continuam lutando por uma pretensa igualdade, mas que igualdade? A Lusa, uma agência portuguesa de notícias escreve: “As mulheres do Estado de Nova York alcançaram uma nova vitória na sua luta pela igualdade com os homens: dispôr do mesmo numero de casas de banho nos edifícios públicos.

Uma lei recentemente aprovada pelo Senado desse Estado norte americano modifica uma anterior na base da qual o numero de casas de banho de cavalheiros devia superar o das destinadas às mulheres.

“Foi corrigida uma antiga desigualdade, que além de ser inconveniente constituia um potencial risco para a sua saúde publica”, afirmou o promotor da lei, Guy Velella. O senador alegou que as mulheres “demoram mais tempo” nas casas de banho que os homens e que têm direito a ter, pelo menos, o mesmo numero que os homens”.

(In Jornal Notícias, 20/06/89)

Os debates, as discussões, o trabalho industrial, ou o exercício físico intenso, não podem mudar o sexo da mulher. As suas funções especiais na vida são diferentes das do homem e ela está naturalmente dotada de uma estrutura física, fisiológica, biológica e mesmo psicológica diferente. O Islam tomou em consideração estas diferenças naturais entre os sexos, ao diferenciar o papel e as funções de cada sexo. Portanto, falar de igualdade absoluta entre o homem e a mulher

é completamente absurdo.

Como seres humanos, são iguais, porque a origem e a proveniência dos dois é a mesma. Os dois descendem dos mesmos pais e complementam-se. Mas atribuir-lhes funções iguais na vida é ridículo porque fisicamente é impossível intercambiar as suas funções, isto é, o homem conceber um bebé, dar parto, amamentar, etc. Da mesma forma que os seus atributos naturais não são assimiláveis pela mulher, pois, a sua constituição física é mais delicada, o que afecta a sua mente e o seu corpo.

E também é sinal de insensibilidade do coração dizer à mulher para trabalhar fora da casa a fim de ganhar o seu pão, tendo ainda que suportar o desconforto da gravidez, as dores do parto, a custódia e amamentação do bebé, num processo que se repete várias vezes em função do número de filhos. Como se isso fosse pouco, tem ainda que se preocupar com os assuntos da casa.

O Islã tomou em consideração esses factores e tratou o homem e a mulher na base de igualdade onde existe possibilidade para tal, diferenciou-os onde a diferenciação está de acordo com a sua natureza.

Portanto, não se coloca a questão de superioridade nem de inferioridade. O que há são funções diferentes na base de natureza diferente. Muitos entusiastas entre nós, não querem reconhecer estas diferenças radicais entre os dois sexos, ou se as aceitam, insistem em removê-las à força, esquecendo-se que o conforto e a tranquilidade de que DEUS fala nas relações entre o homem e a mulher é fruto dessas diferenças. A vida sexual e o casamento deixariam de ser atractivos se essas diferenças não existissem.

A doutrina de igualdade de sexos não pode ser levada ao extremo de se advogar que o homem e a mulher são igualmente aptos para todos o tipo de trabalho, ou que a indiscriminada entrada da mulher nos ramos profissionais, não trará efeitos sociais indesejáveis. Para cada sexo existe uma certa esfera de vida que lhe foi atribuída, e para a qual esse sexo deve concentrar as suas energias, deixando o outro campo para o sexo oposto.

O Dr. Winge, um médico norueguês citado por Weith Kundsén no *Feminism*, Pág. 86, diz: “A diferença do sexo é

fundamental, corporal e mentalmente, e a diferença entre uma mulher típica, e um homem típico é dominante”.

A diferença, não está apenas confinada aos órgãos sexuais, pois o mesmo Weith Kundsén diz: “O homem e a mulher não são iguais, nunca foram iguais, e jamais o serão. Pelo contrário, a diferença do sexo é tão profunda, que dois homens de raças civilizadas diferentes, são muito mais similares na sua natureza, do que um homem e uma mulher pertencentes à mesma raça”.

A Dr^a. Lambrose Gina no seu livro “The Soul of Woman” escreve: “O homem e a mulher não são diferentes apenas na altura, na estrutura óssea e no sistema muscular, mas também são diferentes na qualidade e quantidade de ar e comida que eles absorvem, estando sujeitos a doenças diferentes. Os seus desejos são diferentes e finalmente, eles diferem nas suas tendências mentais e morais”.

À seguir acrescenta: “O progresso, a evolução e a vida só são possíveis através da diferenciação”.

Depois de citar essas conceituadas figuras, o autor de “Wither Woman” - V. M. Rege - escreve na Pág. 225 do seu livro: “Portanto, não se pode escapar ao facto, de existirem diferenças psicológicas herdadas que distinguem vivamente o homem da mulher. Aqui não se trata da sua relativa superioridade ou inferioridade. Isto só prova a diferença fundamental do sexo, a sua função e missão”.

Segundo o jornal saudita “Arab News” de 24/12/2000, Vol.XXVI, Ano 27, alguns investigadores dizem que os filhos varão são mais vulneráveis às doenças desde o momento em que eles são concebidos, e por isso os pais devem tratá-los com mais delicadeza que o habitual.

Sebastian Kraemers, médico psiquiatra em Tavistock e Portman National Health Service Trust na Inglaterra, diz que as pessoas ainda ignoram as desvantagens sociais e biológicas encaradas pelo supostamente sexo mais forte. “A atitude ainda é a de que se ele é rapaz, então será um pouco mais forte”. O estudo de Kraemer “The Fragile Male”, foi publicado no British Medical Journal.

A investigação de Kraemers mostra que o feto do varão enfrenta maior risco de morte ou dano, e até à altura em que o bebé nasce, o rapaz é quatro a seis semanas menos desenvolvido do que a menina. Os rapazes geralmente

enfrentam mais problemas psicológicos durante os seus primeiros dias de crescimento, revelando-se mais vulneráveis aos fracos cuidados paternais, o que exige mais atenção.

O facto de eles serem tratados com uma maior delicadeza comparativamente às suas irmãs, significa que algumas das suas capacidades são reduzidas.

Existe uma pressão social no sentido de não se deixar que os rapazes sejam muito fracos e para torná-los fortes, Kraemer diz: “O rapaz que está cheio de sensibilidade e vulnerabilidade, verá muitas das suas capacidades a deixarem de funcionar nos primeiros dois anos da sua vida”.

As desvantagens biológicas e outras relacionadas com os rapazes são tratados na sociedade e na família e não param na infância. Os suicídios são três vezes mais comuns entre os homens do que entre as mulheres.

Kraemer diz: “Se os pais estivessem mais cientes da sensibilidade do varão, talvez tivessem mudado a forma como tratam dos seus filhos”.

O Islã defende a igualdade fundamental e a dignidade humana dos dois sexos, mas juntamente com os direitos e deveres comuns em que os dois são iguais, e concede alguns direitos e deveres distintos para homens e mulheres na base de que cada sexo tem a sua função específica na sociedade, e foi incumbido de uma missão independente para a preservação e progresso da raça humana.

Dentro dos limites da sua missão especial e função na sociedade, o homem e a mulher terão direitos e deveres diferentes, e nenhum sexo deve sentir inveja do outro se isso envolver algumas vantagens para um, contra outro numa esfera estritamente limitada, e é isso que o Alcorão diz:

“E não cobiceis o que Deus deu a uns mais do que a outros de entre vós. Porque aos homens lhes corresponderá aquilo que ganharem, assim também as mulheres terão aquilo que ganharem”.

Cap. 4, Vers. 32

Se cada um de nós, homem e mulher, tiver a noção de que foi criado para um objectivo específico, mais facilmente executaria a respectiva tarefa sem qualquer contradições e até com colaboração e compreensão recíprocas. A desordem,

bem como a decadência de valores, surgem no mundo porque cada um de nós abandona a tarefa que lhe foi destinada, quarendo realizar a tarefa incumbida aos outros, isto é, querer imitar outros.

E porque cada sexo tem a sua individualidade que lhe confere a honra e a dignidade, capacitando-o a cumprir o seu papel na sociedade de forma efectiva, esta individualidade específica de cada sexo não deve ser ignorada, e por isso o Profeta S.A.W. amaldiçoou os homens que imitam as mulheres no vestuário e na maneira de ser e amaldiçoou as mulheres que detestam a sua feminilidade ao tentar vestir, falar, pentear e agir como os homens.

(Relato de Abu Daud)

Num outro Hadice o Profeta S.A.W. condenou veementemente as mulheres que tentam aparentar ser homens, actuando como eles.

(Relato de Abu Daud e Al-Bukhari)

O autor do livro "Psychology of Sex", Oswald Schwarz diz: "Se a mulher tentar competir com o homem, então estará tentando o impossível, porque isso é contra a sua natureza intrínseca e contra a tendência geral da história".

A existência de pares nos seres humanos e nos animais e até mesmo nas plantas, tem como finalidade a complementaridade para efeitos de reprodução para a conservação da espécie. O homem e a mulher não são antagonistas mas companheiros um do outro. Elas não lutam um contra outro, mas partilham as suas vidas. Juntos, eles são as quatro rodas do veículo da vida.

Erradamente muitos pensam que a mulher na nossa era necessita de ser liberta e que não pode ficar em casa.

Criar e tratar da melhor forma as crianças é um dos mais importantes deveres de uma mãe, porque o seu colo e o ambiente de casa são a primeira escola para a criança. O papel da mãe na educação dos seus filhos principalmente antes da idade escolar, é muito importante. Pois a criança vem ao mundo desprovida de todo o conhecimento, assim como diz o Alcorão:

"Deus fez-vos sair das entranhas das vossas mães, enquanto nada sabeis: Ele proporcionou-vos o ouvido, as

A mãe é que ensina os seus filhos a utilização desses órgãos dados por Deus; na movimentação, na alimentação, na brincadeira e como assegurar as coisas assim como aprende com a mãe a falar, a pronunciar correctamente as palavras, a escrita, a leitura inicial, etc.. A mãe que não pára em casa, não consegue cumprir com esta nobre tarefa.

Sem dúvidas que o ambiente de casa, o zelo, o entusiasmo e a ânsia da mãe, são factores decisivos no comportamento posterior da criança, pois tudo isso provoca nela um grande impacto. Desde o momento da concepção até ao desmame, ela deve manter-se limpa e pura interna e externamente. Se os pensamentos e as acções duma mãe forem maus, os efeitos perniciosos daí decorrentes far-se-ão sentir na criança, sendo provável que venha a cometer actos condenáveis durante a sua vida. Portanto, a mãe tem que criar o seu filho no temor a DEUS, tendo em conta a vida após a morte, a boa conduta, etc. Deve precaver-se contra a tomada de qualquer atitude indesejável perante a criança, pensando que ela não percebe nada. Pelo contrário, ela vê e regista tudo, e cedo ou tarde nos confrontará recorrendo a essa atitude. Por isso, os sábios dizem que os primeiros seis anos são os mais importantes na vida da criança, pois determinam o seu futuro. Não se deve assustar as crianças invocando fantasmas, cães, polícia, etc., porque isso cria medo nelas. A mãe tem a obrigação e o dever de preservar a sua criança das más companhias, ensinando-lhe actos nobres, ajudando-a a criar o hábito de Salat, enviando-a à Madressa, ensinando-lhe a respeitar não só os seus pais mas também o próximo, e encorajá-la a ser generosa e caridosa. Tudo isso tornará esmerada a educação da criança.

Para haver harmonia e paz no lar, é necessário que a mulher seja compreensiva e obediente ao seu marido, conheça o seu temperamento e actue na base disso. Assim, o ambiente dentro de casa tornar-se-á agradável. O Profeta S.A.W. diz: "A mulher que cumpre com o seu Salat regularmente e obedece ao seu marido, entrará no paraíso pela porta que quiser". Para um melhor relacionamento entre ambos deve obedecer-lhe dentro dos limites de Sharia. A mulher deve ser a fonte de paz e amor

assim como recomenda o Alcorão, fazendo os possíveis por remover a tristeza do marido. Se o marido gosta de adorno, embelezamento e elegância ela deve fazer isso dentro dos limites prescritos no Sharia. Não deve gastar mais do aquilo que o marido ganha. Não deve ser teimosa, nem revelar desapontamento pelas coisas que o marido trás. Deve evitar disputas com os sogros tratando-os como se fossem seus pais. Deve igualmente tratar os familiares dele com cortesia evitando criticá-los. Não se deve zangar quando o marido também estiver zangado. Deve zelar pelas coisas do marido, e não deve sair de casa sem o seu conhecimento. Tudo isto ajudará a criar um lar feliz. Não deve maldizer os filhos, assim como é vulgar entre as mulheres. Em casa ela deve vestir-se bem para agrado do marido, contrariamente a muitas mulheres que só se vestem bem quando saiem de casa, pois o vestir-se mal em casa nalguns casos torna-se uma das causas do mau relacionamento no lar.

O melhor contributo da mulher na sociedade é cuidar das crianças, dispensando-lhes muito carinho providenciando-lhes os cuidados maternos, edificando assim corpos saudáveis. Deve ser a mãe a cuidar do seu filho e não a empregada doméstica, indo ela trabalhar, pois o carinho da mãe proporciona auto confiança à criança. Quando cresce no seio dos pais desenvolve-se nela o amor à família. Isto é uma realidade que nos dias que correm os ocidentais não conhecem, pois a maior parte dos seus jovens está desviada, recorrendo a todo o tipo de passatempos, jogos, droga, bebidas alcoólicas, etc. numa vã procura do sossêgo, isto porque em criança não receberam o carinho e a educação dos pais por terem ficado entregues aos cuidados de empregadas, babás ou tias das creches enquanto os pais iam trabalhar.

Os movimentos feministas reivindicam estar promovendo uma agenda a favor da mulher, cujo objectivo é restaurar a igualdade funcional dos homens e das mulheres, e denunciar uma suposta diferença no papel dos dois sexos, considerando-a opressiva, chauvinista e tirânica. Porém, a verdade é diametralmente oposta, pois o feminismo é a negação da feminilidade, e a rejeição da individualidade da mulher, sendo uma recusa da natureza, e um desafio à realidade da obra de Deus. Esses movimentos ignoram claramente as diferenças

inatas nas atitudes e habilidades do homem e da mulher.

O Alcorão diz:

“O Nosso Senhor é quem deu a cada coisa a sua criação (natureza); em seguida guiou-a”.

Cap. 20, Vers. 50

DEUS criou várias espécies e a cada uma delas deu uma forma, estrutura, capacidades e características em conformidade com as suas necessidades e funções. Estas diferenças complementam um e outro e reflectem a obra de Deus.

DEUS diz:

“Por certo, Nós criamos cada coisa, na justa medida”.

Cap. 54, Vers. 49

A proporção e a medida natural de cada átomo é regulada por DEUS. Existe uma ordem natural que prevalece no universo inteiro, que governa o curso e a esfera de todas as coisas criadas. O homem e a mulher também estão sujeitos a essa ordem. Eles são iguais sómente na espécie humana. Dizer que eles são iguais na aptidão e comportamento é edificar uma sociedade baseada na mentira biológica e científica. Por isso o Islã providenciou alguns princípios e regras para todos que devem ser seguidos por homens e mulheres. Esses princípios foram providenciados tendo em conta a natureza, as exigências e necessidades sociais. Isto para manter equilíbrio, paz, decência, dignidade humana e um ambiente saudável na sociedade. Enfim, não há na sociedade civilizada, nada que goze liberdade absoluta. É um facto reconhecido que a liberdade sem alguns constrangimentos leva para a anarquia e desordem.

Na “Encyclopaedia de Seerah”, Vol. V, Allama Badr Al-Din Kashani diz: “Na realidade, o direito de criar e cuidar das crianças é da mulher, porque ela é mais afectuosa e compassiva do que o homem, e têm maior capacidade de educar e treinar as crianças.

O matutino “Notícias” de Maputo, na sua edição de 28/09/2000, divulgou uma notícia sob o título “O bom colo faz o bom bebé”, que dizia: “Pegar um bebé ao colo com o braço esquerdo ou o braço direito pode ter significados bem distintos, de acordo

com velhas teorias agora actualizadas.

A Virgem Maria era “esquerdista” porque pegava Jesus ao colo com o braço esquerdo.

Segundo as modernas teorias, isto significa que ela é uma “Boa Mãe” porque liberta o ouvido esquerdo da criança, que por sua vez está ligado ao cérebro que controla as emoções, facilitando portanto o contacto mãe-filho. O “colo à direita” pode significar que as mães têm mais dificuldades em “se ligar” aos filhos e que enfrentam problemas emocionais. Enquanto o “colo à direita” significa uma posição de maior brincadeira, o “colo à esquerda” revela que os pais têm mais em conta o conforto do filho. No fundo, deve-se seguir o instinto maternal no que se refere ao colo”.

Segundo o Al-Qurão e a Bíblia (Gênesis 37 Vers. 9) Yussuf A.S. (José), um dos profetas do Islã, quando era jovem teve um sonho. no qual viu o sol, a lua e onze estrelas prostrando-se diante dele. Mais tarde, quando foi nomeado ministro no Egito, o seu sonho materializou-se e ele viu o seu pai, sua mãe e seus onze irmãos prostrando-se perante ele. Portanto, no sonho o sol foi-lhe apresentado como o pai e a lua como a mãe. O sol dá a luz, e esta dá-nos segurança, energia, direcção, alimentação, e inspira-nos confiança. A lua também dá-nos a luz, mas uma luz diferente, de beleza, tranquilidade e serenidade. Da mesma forma, o homem na “galáxia” social, deve proporcionar recursos, e um ambiente de estabilidade e segurança, enquanto que a mulher deve embelezar o referido ambiente com um senso de beleza, amor e compaixão.

Se os dois (o sol e a lua) estiverem na mesma posição, causarão o eclipse. Da mesma forma, se o homem e a mulher estiverem na mesma posição, causarão o eclipse social, em que o brilho do sol será ofuscado pela lua ou o brilho da lua será eclipsado pelo sol.

Toda a órbita social corre o risco de aniquilamento completo quando o homem e a mulher concorrerem para ocupar a mesma posição. Os números assustadores apresentados pelas estatísticas de divórcio, drogas, e violência doméstica contra a mulher, são consequência disso.

A diferenciação de funções não implica um estatuto superior ou inferior. Apenas cria uma interdependência que é vital para a existência harmoniosa da sociedade.

Os que advogam a igualdade absoluta entre o homem e a mulher exigindo que esta exerça o trabalho do homem, deviam também exigir que este exercesse o trabalho dela, pois o facto de ela estar a trabalhar não significa que se torna igual ao homem. Se ela exerce o trabalho do homem e continuar exercendo em exclusivo o trabalho a ela inerente porque não pode ser exercido pelo homem, então estar-se-lhe-á sobrecarregando com um fardo adicional e assim, os que reclamam a tão propalada igualdade na verdade estão lutando por implantar na mulher a injustiça e a exploração.

A mulher que sob o pretexto de igualdade, e em imitação ao homem quer ir trabalhar fora de casa, quando volta do emprego já está cansada, encontra o marido em casa também cansado, e as crianças ansiosas de verem a mãe chegando para delas cuidar. Tudo isso constitui preocupação para ela, pois não conseguirá nem servir o marido, nem tratar dos filhos com o carinho e dedicação a que têm direito.

Ao abandonar a sua nobre função de dona de casa para ir trabalhar fora, em estabelecimentos públicos, ombro a ombro com homens, por conta de outrem, a mulher, de nenhuma forma tornou menos árduo o esforço dispendido pelo marido na procura do sustento familiar. Pelo contrário, também ela se colocou nas mesmas condições, não aliviando em nada o esforço do marido, pois o trabalho deste não reduziu nem para metade. Ela só conseguiu aumentar os problemas e desatinos no seu lar, para além de sujeitar o seu corpo a um esforço suplementar. É verdade que consegue o usufruto do ordenado, mas a um custo extremamente alto, pois muitas vezes põe em jogo a sua felicidade. E é por isso que as mulheres que no ocidente foram tiradas das suas casas para trabalharem fora delas, querem de novo voltar a assumir a nobre função no seu lugar natural.

A Marlin Monrow disse às mulheres: "Cuidai-vos de serdes enganadas pelos brilhos lançados sobre vós. Se eu tivesse que iniciar a minha vida, teria dado preferência em ser apenas uma dona de casa."

De acordo com um inquérito publicado em Washington, e reproduzido pelo matutino moçambicano "Notícias" de 07/10/88, a maioria das mulheres norte-americanas prefere o lar à profissão. Cerca de 77% das mulheres com idades

compreendidas entre os 18 e os 65 anos, assegura que sacrificaria a sua carreira profissional pela família, assinala uma sondagem elaborada pela empresa “Mark Clements Research”. Mais de 59% das inquiridas manifestou a sua inclinação ao matrimónio, afirmando que esta foi “sempre” a sua máxima prioridade, enquanto que apenas 21% concede prioridade máxima à profissão. 55% do total das inquiridas reconhece que trabalha por razões económicas.

Para além de tudo isso, alguns maridos gananciosos cobiçam o ordenado das suas esposas, exigindo que elas lhes entreguem a totalidade do salário, o que muitas vezes provoca graves problemas. Alguns pais retardam o casamento das suas filhas mesmo que estejam já em condições de se casarem, pois ao trabalharem, vêm nelas galinhas de ovos de ouro, privando-as por isso do seu direito religioso e natural, apenas para usufruírem dos seus ordenados. Acresce-se a tudo isso o facto de a mulher empregada algumas vezes desenvolver trabalho igual ao do homem, mas comparativamente receber menos, surgindo então o oportunismo de muitas empresas que preferem empregar mulheres e não homens. E este espírito ganancioso aumenta substancialmente os níveis de desemprego nos homens. É normal nalguns países ver mulheres trabalhando em fábricas, ficando os seus maridos em casa a cuidar das crianças, ou a jogar cartas ou dominó em bares e cafés.

Se a missão dos dois sexos fosse a mesma, não haveria necessidade de dividí-los em masculino e feminino. A palavra “mulher” (feminino) indica a existência de uma contraparte, o seu antónimo, que é a palavra homem, isto é, o macho. Por exemplo, o tempo está dividido em duas partes: dia e noite. O dia tem a sua função e a noite também. Se alguém quiser igualar a função da noite com a do dia, acabará estragando todo o sistema do planeta porque a noite foi criada para uma função específica, o descanso, e o dia foi criado para outra, o trabalho, e cada parte completa a outra, não estando em conflito. Da mesma forma, o homem e a mulher na essência estão unidos fazendo parte daquilo a que se chama Humanismo. Porém, tal está dividido em duas partes, homem e mulher, assim como a noite e o dia estão unidos na essência, pois fazem parte do tempo, mas estão divididos em noite e dia, tendo cada um a sua função distinta. O Alcorão diz:

*“Pela noite, quando cobre (a luz)
Pelo dia quando resplandece
Por Aquele que criou o macho e a fêmea
Na verdade os vossos esforços são diferentes”.*

Cap. 92, Vers. 1-4

O homem foi criado para cumprir determinadas tarefas masculinas, à mulher também fora destinadas as suas tarefas femininas. Como parte da espécie humana, os dois têm tarefas comuns, mas sendo géneros diferentes da mesma espécie, têm tarefas diferentes.

A igualdade entre os sexos é um facto islâmico estabelecido, embora tal não signifique que a mulher é idêntica ao homem, assim como foi explicado nas páginas anteriores, pois o homem nunca poderá conceber, assim como na mulher nunca se poderá desenvolver a barba.

A perspectiva islâmica, põe de lado a atitude de confronto que projecta o homem e a mulher como dois oponentes ou rivais tentando roubar um do outro o máximo possível de poder social, económico e político. Pelo contrário o Islam gera um ambiente que habilita o homem e a mulher a viverem e trabalharem para um objectivo unificado ao longo do princípio de co-existência harmoniosa e pacífica.

DEUS fez a mulher e o homem com estrutura corporal diferente para que cada um desempenhasse um papel distinto. DEUS deu ao homem e à mulher uma porção igual de responsabilidades mútuas e espirituais, sendo nesse sentido que o homem e a mulher muçulmanos são iguais.

Quanto ao Versículo 34 do Capítulo 4 do Alcorão, que fala de “Al-Qawáma” e diz que “*Os homens são mantenedores e protectores das mulheres*”, não significa porém que homem seja superior, como erradamente alguns tradutores interpretam este versículo.

Os líderes governamentais e muitas personalidades de renome, empregam homens pagando-lhes para os protegerem e defenderem, sendo esses homens conhecidos por “guarda-costas”, “segurança” ou “guarda pessoal”. Geralmente esses líderes, em matéria de segurança seguem os conselhos desses guardas fazendo o que eles recomendam, não se incomodando nem achando nada de mal nas recomendações e chamadas de

atenção que eles fazem. Os guarda-costas chegam a cancelar visitas a certos locais ou obrigam os seus protegidos a vestir coletes à prova de bala. Estas figuras seguem os conselhos dos seus guardas quando há perigo ou falta de segurança, muitas vezes demitindo-os quando estes não cumprem com a sua tarefa.

O caso da mulher é igual ao do líder, pois este versículo incumbe ao homem de proteger e defender a mulher contra qualquer agressão, perigo ou algum mal que a possa atingir. Portanto o homem é uma espécie de “guarda costas” da mulher, devendo esta obedecer-lhe e seguir os conselhos do homem que assumiu a tarefa de protegê-la e defendê-la. E se o homem não cumprir com a sua tarefa, ela pode deixar de lhe obedecer, e aliás pode até pedir ao Qadi (juíz) que declare o divórcio se ele não lhe proporcionar a segurança que o Islã lhe ordena que preste, que é a segurança contra os vários perigos a que está sujeita, contra a fome e outras adversidades. Tudo isto integra o significado de “Al-Qawáma”, de acordo com os comentadores Ar-Razi e Ibn Al-Mun’zir.

Portanto, Al-Qawáma é algo a favor da mulher, em que o homem foi incumbido de protegê-la contra todos os males e perigos, de gastar a seu favor por forma a que ela não tenha que ir trabalhar fora de casa para se sustentar. Por isso, o mesmo versículo diz mais adiante *“E porque gastam de suas posses para sustentá-las”*. Por isso, Al-Qurtubi diz que se o homem não cumprir com o seu papel de “gastar e proteger”, a mulher pode pedir a dissolução do casamento fundamentada no facto de o homem não estar cumprindo com a sua obrigação de lhe proporcionar protecção, alimentação e vestuário, pois toda a mulher procura com este “Qawáma” viver tranquila, ter um homem que a proteja e a sustente, para que possa dedicar-se aos nobres trabalhos domésticos e à educação dos filhos.

O homem é seu protector porque DEUS dotou-o de mais força física que a mulher, e essa é a condição necessária para se ser protector.

Quando alguém lê o Alcorão nota que nele se usa mais o género masculino. Talvez isso possa surpreender os que não estão a par do facto de que em quase todas as línguas do Mundo há uma tendência generalizada na utilização do género masculino sempre que é feita referência à humanidade em

geral. Contudo, este assunto foi levantado durante a vida do Profeta S.A.W. e ele esclareceu-o de seguinte forma: "O dirigir aos homens no Alcorão é geral, isto é, aplicável igualmente aos homens e as mulheres".

Porém, o que actualmente é surpreendente é que neste texto Alcorânico do século VI, o género feminino também foi utilizado em muitas ocasiões juntamente com o género masculino, mesmo naqueles tempos quando a tradição cultural, linguística ou religiosa não exigia, por exemplo o Vers. 35 do Cap. 33, citado no início deste tema.

Todas as pessoas no mundo, desde os primórdios, são chamados pelos nomes dos pais e não dos das mães, este caso não é exclusivo aos muçulmanos. Isto porque a maioria das sociedades são patriarcas, embora hajam algumas matriarcas, em que as pessoas são chamadas pelos nomes das mães. Diz-se "filhos de Adão" alusão à humanidade. Talvez porque nos animais, no geral, o macho é mais forte, como se vê, o bode, o touro, o galo, etc. em comparação com as suas fêmeas. Isso não é discriminação nem reduz o valor da mulher.

Porém, se alguém quiser ser chamado pelo nome da mãe, não há mal nenhum e existem casos desses nos muçulmanos. Por exemplo, Muhamad Ibn Al-Hanafyah que era filho de Ali Ibn Abi Talib. A sua mãe era da tribo Bani Hanifa. E também o caso do grande álimo Sheik Al-Isslam Ibn Taymiya.

O conceito de igualdade é de difícil definição. Teóricamente diz-se na generalidade, que todos os Seres Humanos são iguais, mas na vida real não existem duas pessoas iguais. Os irmãos do mesmo pai, da mesma mãe, nascidos do mesmo ventre, mesmo que sejam gémeos, não são iguais. Há diferenças entre eles, seja nos gostos, no temperamento, na faculdade mental, no poder ou na aparência, etc.

O que é que se pretende então, quando se advoga a igualdade entre homens e mulheres? Se se pretende dizer que as faculdades mentais e físicas, a componente psicológica e a temperamental de dois sexos é idêntica, então muitos discordarão disso.

Só que hoje, tende a crescer a ideia de que o homem e a mulher são iguais, forçando-se se inclusive a que as mulheres exerçam todo o tipo de actividade (que antes só eram realizadas

por homens), mesmo as que são incompatíveis com a sua estrutura física e biológica. Essa "igualdade" no mundo ocidental, que se vai incutindo no resto do mundo "antes pela colonização e hoje, pelos canais de informação" passa desta tentativa de eliminar as diferenças entre ambos no desempenho de certas actividades, como referimos, até há mudança de sexo (através de cirurgias plásticas) e troca de vestuário (homens que se vestem de mulheres e vice-versa).

É com base nesta ideia que as constituições modernas (lei mãe, na base da qual são instituídas uma série de outras para regerem a sociedade e com ela devem obrigatoriamente, estar conforme) se consagra já, como princípio fundamental, a igualdade entre o homem e a mulher - artigos 66 e 67 da Constituição da República de Moçambique, de 1990.

Não só no Islão o homem é considerado como aquele que, pela estrutura física e biológica de que lhe são característica, deve providenciar o sustento para a família, como também, no sistema ocidental anteriormente se pensava da mesma maneira.

Por exemplo, no que concerne a lei da família, o poder marital cabia ao homem, como chefe da família (artigo 1764º do Código Civil), cabendo a mulher o governo doméstico (artigo 1677º, do Código Civil); do mesmo modo que, regra geral, a administração dos bens do casal, incluindo os bens da mulher e os dotais cabiam ao marido (artigo 1678º, do Código Civil).

Contudo, em face daquele princípio fundamental consagrado na Constituição de 1990, na sequência da tendência global na defesa da igualdade entre o homem e a mulher, os dispositivos legais supra citados acabaram sendo postos em causa. E não existe actualmente, no ordenamento jurídico moçambicano, novas normas em substituição daquelas que regulem os critérios de escolha do chefe da família, do administrador dos bens e a da quem deve caber, efectivamente, o governo doméstico, já que "o homem e a mulher são iguais perante a lei".

No Islão, o reconhecimento da igualdade entre o homem e a mulher passa necessariamente pelo reconhecimento das suas diferenças. Nenhum dos progenitores deve dar maior afecto ao filho varão em detrimento da menina e vice-versa. Não obstante, os papéis que cada um vira a desempenhar na sociedade estão bem delimitados.

Mesmo para os que comungam com as ideias do sistema ocidental na defesa dessa igualdade entre homem e a mulher, se esquecem que eles próprios, involuntariamente ou não, fazem ressaltar as diferenças entre ambos com fundamento na estrutura física e biológica de um e do outro; porque que é que nas competições desportivas, por exemplo, no atletismo, onde é posta à prova a resistência física do atleta as mulheres são postas a competirem em separado (dos homens)?

Como é óbvio, reconhece-se que um e outro são diferentes! Então, porque se defende que ambos podem exercer o mesmo tipo de actividades? Porque se defende que a mulher também pode participar nas guerras?



TRADUÇÃO:

O Profeta S. A. W. disse:

Deus que tenha misericórdia do homem que acorda á noite para fazer Salat (orar) e acorda a sua mulher.

Se ela recusar-se, ele salpica-lhe água na cara.

Deus que tenha misericórdia da mulher que acorda á noite para fazer Salat e acorda também o seu marido.

Se ele recusar-se, ela salpica-lhe água na cara.

O HIJAB

O termo “Hijab” deriva da palavra árabe “Hajaba” que etimologicamente significa encobrir, ou ocultar da visão.

(Vide o cap. 8, vers. 46 do alcorão)

Chama-se “Niqab” ao pano que encobre a cara (véu).

O que mais distingue o Ser Humano do animal é o vestuário e a sua postura decente e disciplinada, e por isso DEUS diz:

“Ó filho de Adão! Enviamos-vos vestuário para cobrir a vossa nudez”.

Cap.7, Vers. 26

Deixar de vestir decentemente é sinónimo de animalismo e regresso à vida primitiva, pois o vestuário é um dos símbolos da civilização humana.

O objectivo do Hijab com as suas restrições, proibições e exortações, é a preservação e o desenvolvimento da moralidade e espiritualidade do Ser Humano, pois sem um elevado grau de desenvolvimento moral e espiritual, os muçulmanos não têm esperanças de êxito.

O uso de Hijab evita a imoralidade e a corrupção, que destrói o tecido moral arruinando nações inteiras e reduzindo o Homem a um grau mais baixo que o dos animais.

O Hijab preserva a pureza moral e espiritual da Humanidade. É um dos meios para disciplinar a relação entre o homem e a mulher, e esta disciplina é necessária para a colaboração dos dois na edificação do bem estar na terra. Deve-se mantê-la com rigor, pois é óbvia a forte influência que o instinto sexual (inato) tem no comportamento do Ser Humano. Mesmo no período que antecedeu o ressurgimento do Islã, caracterizado pela ignorância, o exibicionismo feminino era considerado vergonhoso e um mal a afastar, mas infelizmente na cultura ocidental moderna, tais exposições do corpo da mulher em público são consideradas um acto de desenvolvimento artístico.

O conceito de Hijab não se limita apenas ao encobrimento do corpo, pois estende-se também ao comportamento, à conduta, à proibição de uma mulher e um homem se isolarem, ao contacto físico, à conversação em voz suave e meiga, e à tudo o que possa induzir o homem à excitação sexual como por

exemplo, perfumar-se exageradamente e dirigir-se à sítios públicos.

O Hijab não foi instituído por se duvidar da capacidade de a mulher preservar a sua honra e comportamento. E nem é sinal de fraqueza da sua personalidade e determinação perante os desafios da tentação.

Constitui uma forma de precaução porque nem todos os homens e todas as mulheres estão sempre bem. Colocar um cadeado na porta da casa não significa que se esteja acusando os demais concidadãos de serem ladrões, e nem a presença de polícias para guardar é sinal de que todos são criminosos.

Consta no Alcorão:

“Diz aos (homens) crentes (ó Muhammad) que baixem os seus olhares e conservem os seus sexos (parte de vergonha). Isto é mais puro para eles. Deus está informado de tudo o que fazem. E diz às (mulheres) crentes que baixem os seus olhares e conservem os seus sexos (parte de vergonha). E não mostrem os seus adornos além do que aparece necessariamente. E que abaixem seu véu sobre os seios e não exibam seus adornos senão aos maridos, seus pais (inclui os avós paternos e maternos), seus sogros, seus filhos (inclui os netos), seus enteados, seus irmãos (incluindo meio irmãos), a filhos de seus irmãos, ou aos filhos de suas irmãs (sobrinhos), às mulheres (muçulmanas e outras de boa conduta) aos seus escravos, seus criados isentos de desejo sexual (eunucos), ou às crianças que não descobriam a nudez da mulher”.

Cap. 24, Vers. 30-31

Saliente-se que estes versículos não mencionam os tios, mas estes estão abrangidos na categoria excepcional na base do Hadice do Profeta Muhammad S.A.W. que diz: “O tio (materno ou paterno), está no mesmo grau do pai”.

(Muslim)

Deus diz no Alcorão:

“Ó vós que crêdes! Que vos peçam licença em três ocasiões, vossos escravos e os que ainda não atingiram a puberdade, antes de chegar á vossa presença; Antes da oração da alvorada; Quando tirardes a roupa devido ao calor; Para a sesta (ao meio dia) e depois da oração da noite. São três tempos da vossa

intimidade. Não é pecado para eles nem para vós noutras ocasiões (se eles vierem á vossa presença sem licença)”.

Cap. 24, Vers. 58

E diz:

“Quando as vossas crianças atingirem a puberdade, que vos peçam licença (para chegarem á vossa presença) como o pediam os que antes deles atingiram essa idade”.

Cap. 24, Vers. 59

E diz:

“As mulheres que atingiram a menopausa (velhas) e não esperam mais o casamento não há pecado para elas por tirarem os vestidos externos, sem todavia, mostrar seus adornos. Mas sempre será melhor para elas absterem-se disso”.

Cap. 24, Vers. 60

E diz:

“Ó esposas do Profeta, vós não sois como as outras mulheres, se sois tementes não sejais brandas no falar para não provocar a cobiça daqueles que têm a doença no coração, e falai linguagem decente”.

Cap. 33, Vers. 32

E diz:

“Ó vós que crêdes! Não entreis nas casas do Profeta salvo se tiverdes sido convidados a uma refeição, mas não para aguardardes a sua preparação, porém quando fôrdes convidados, entrai e depois de comerdes, retirai-vos e não vos recreando em conversações, porque isso incomoda o Profeta e ele se envergonha de vós. Porém Deus não se envergonha da verdade. E se desejardes perguntar algo a elas (suas esposas) perguntai-lhes por detrás de um véu (cortina). Isso é mais puro para vossos corações e os corações delas”.

Cap. 33 Vers. 53

O Alcorão ordena aos crentes, homens e mulheres a baixarem os seus olhares e a conservarem a sua modéstia. Contudo, as mulheres têm que cumprir certas responsabilidades adicionais no que respeita ao vestuário, ornamentação, etc.,

pois elas devem ser mais sóbrias que os homens, em especial no que respeita ao vestuário e à exposição do seu peito.

A mulher muçulmana não pode expôr a sua beleza e adorno (*Zinat*) excepto o que está aparente.

O termo *Zinat* tem dois sentidos:

- A beleza natural ou corporal, e
- A beleza proporcionada por adornos como aneis, braceletes colares e vestuário externo.

Por isso, a parte da beleza (*Zinat*) excluída da ordem alcorânica, foi interpretada de duas formas, sendo uma delas a de que é tudo aquilo que do corpo da mulher fica exposto devido a factores incontroláveis, tais como o sopro do vento, ou devido a necessidade como por exemplo as braceletes ou mesmo a roupa exterior.

Outra interpretação define-a como sendo a cara e as mãos, interpretação esta que acolhe o consenso da maioria dos juristas. Segundo estes juristas a mulher muçulmana pode destapar a sua cara e as mãos durante o Hajj e durante o Salat, e o resto do seu corpo é considerado “Aura”, devendo ser coberto. Esta opinião baseia-se no Hadice do Profeta S.A.W. narrado por Aisha, segundo o qual Assmá, filha de Abubakr R.T.A. foi ter com o Profeta S.A.W. trajada de vestuário transparente. O Profeta S.A.W. não lhe prestou atenção, e disse: “Ó Assmá! Não é dignificante para uma menina quando atinge a puberdade que o corpo seja visto, excepto isto e isto” (indicando a cara e as mãos).

(Relato de Abu Daud)

A mulher só pode expôr o que está patente e cuja ocultação está fora do seu controlo. Adorno significa ornamentação ou decoração, e na gíria comum diz-se que é o “make-up” ou a “maquiagem” Elas não podem expôr intencionalmente o seu adorno exceptuando aquilo que se manifesta sem qualquer intenção da sua parte.

A frase “o que está patente” ou “o que está exposto naturalmente” geraram muita controvérsia e diferenças de opinião entre teólogos e juristas, em relação à necessidade de se tapar a cara e as mãos.

Mesmo os companheiros do Profeta S.A.W. tinham opiniões diferentes sobre a interpretação desta expressão.

Segundo AbdDeus Ibn Abbas e Qatadah, "*o que está patente*" significa, todas as partes do corpo que normalmente ficam expostas, como as mãos e a cara. Portanto na sua opinião as mãos e a cara podem estar expostas e não precisam de estar cobertas.

Ibn Omar também acha que as mulheres não devem tapar a cara e as mãos, porque senão elas não poderão nem comprar nem vender, nem actuar como testemunhas.

Por outro lado, AbdDeus Ibn Massud diz que as mãos, a cara, e a sua ornamentação não podem estar expostas. E segundo ele, "*Ma zahara min'há*" quer dizer, as roupas externas que a mulher usa.

Os que acham que a cara e as mãos estão incluídas no Hijab, citam que o Profeta S.A.W. disse que os olhos também cometem adultério ao olhar, e o adultério das mãos é tocar uma mulher estranha.

(Al-Bukhari)

Jesus também diz: "Eu porém digo-vos que todo aquele que olhar para uma mulher, desejando-a, já cometeu adultério com ela no seu coração".

(S. Mateus 5:28)

Olhar ou tocar uma mulher constitui uma fonte parcial de satisfação para os sexualmente esfomeados, que nisso encontram o prazer mental.

E consta:

"Afasta os teus olhos da mulher elegante, e não olhes com insistência para a formosura alheia. Muitos pereceram por causa da beleza feminina, e por ela se acende o fogo do desejo. Não te sentes com a mulher casada, nem bebas com ela bebidas inebriantes, não aconteça que o teu coração se apaixone por ela e que na tua paixão escorregues para a perdição".

Cap. 9, Vers. 8-9

Todas as partes do corpo da mulher provocam uma atracção ao sexo oposto, mas nenhuma parte estimula e excita tanto o desejo sexual do que a sua cara. É por isso que as pessoas

lançam olhares indiscretos para as mulheres bonitas. Mas não olham para a mulher feia apesar de na essência as duas serem iguais no que respeita ao feminismo. A cara é a parte mais impressiva do corpo humano e mais importante da sua beleza e por isso quando alguém se quer casar primeiro quer ver pelo menos a cara da mulher. Se ela mostrar todo o corpo excepto a cara, ele não aceitará. Ao olhar para a cara o homem começa a gostar da mulher. Não é por acaso que para descreverem a cara de uma mulher, os poetas e os prosadores recorrem à metáforas e à excelentes similitudes. Portanto, a cara da mulher é a manifestação da sua beleza, e é a parte que atrai os corações, excita as paixões e agita a luxúria (a cobiça). Por isso tem que ser tapada.

Consta no Alcorão:

“Ó Profeta! Diz às tuas esposas, às tuas filhas e às mulheres dos crentes que quando saírem, cubram-se com os seus véus”.

Cap. 33, Vers. 59

Neste versículo DEUS usou o termo “Jaláibib”, que é plural de “Jilbab”, que é um termo que designa o pano que se utiliza para cobrir a cabeça, a cara e o corpo todo, por cima da roupa que ela veste. E Deus diz:

“E se desejais perguntar algo a elas perguntai-lhes por detrás de um véu”.

Cap. 33, Vers. 53

Estes(os que defendem ser necessário tapar a cara e as mãos) acham que o Hadice que exclui as mãos e a cara foi abrogado, pois era assim no início do Islã, e mais tarde tornou-se obrigatório às mulheres cobrirem o corpo todo incluindo a cara e as mãos em quaisquer circunstâncias perante pessoas estranhas, pois DEUS diz:

“E que baixem seus véus sobre os seios”.

Cap 24, Vers. 31

Neste versículo DEUS usou o termo “Khamr” que é plural de “Khimar” que designa o pano (véu) com que se tapa a cabeça e o que está à sua volta. A este pano deu-se o nome de “Khimar”, porque cobre o que está debaixo dele, assim como o vinho se chama “Khamr” porque cobre o juízo. Outro termo

usado no versículo foi “Jaib”, que designa a fenda ou corte por onde sai a cabeça.

Estes baseiam-se também no Hadice relatado por Aisha no Al-Bukhari e Musslim em que ela diz: “Quando eu ouvi a voz de Safwan Bin Muattal, tapei a minha cara, e ele já me tinha visto antes do Hijab ser instituído, isto é, conhecia-me.”

Isto indica que depois da revelação da ordem de Hijab, as mulheres foram ordenadas a taparem as suas caras. Aisha R.T.A. diz: “DEUS que tenha misericórdia das mulheres dos Ansar. Quando DEUS revelou as suas palavras: *“E que baixem seus véus sobre os seio”*, elas rasgaram uma porção da peça de vestuário exterior que utilizavam como capa e usaram-no como khimar (pano para cobrir a cabeça).

(Al-Bukhari)

Assmá R.T.A. diz: “Nós costumavamos tapar as nossas caras diante dos homens”.

(Al-Hákim)

Os que dizem que a cara e as mãos não estão incluídas no Hijab e que por isso não é necessário cobri-las, argumentam que se for obrigatório às mulheres cobrirem-se completamente incluindo a cara e as mãos quando forem para locais públicos, então não surgirá nenhuma ocasião para os homens porem em prática o seguinte versículo:

“Diz aos (homens) crentes (ó Muhammad) que baixem os seus olhares e conservem os seus sexos (parte de vergonha). Isto é mais puro para eles. Deus está informado de tudo o que fazem E diz às (mulheres) crentes que baixem os seus olhares e conservem os seus sexos (parte de vergonha)”.

Cap. 24, Vers. 30-31

Baixar os olhares não é fechar os olhos, ao ponto de um não ver o outro pois isso não é possível.

Depreende-se dos dois versículos que os homens e as mulheres podem ver-se um ao outro, e isso só é possível se a mulher não estiver com a cara tapada. Pois se estiver tapada não haverá nada para se ver e, por conseguinte, não há virtude em baixar os olhares. Contudo, os dois sexos têm que se manter castos, e tendo isso em mente devem evitar olhar um

para o outro com luxúria e cuidarem da sua castidade. Portanto, a responsabilidade é recíproca, pois a obrigação de tapar a cara para que o homem não se sinta atraído ao vê-la, não é apenas para a mulher.

Ibn Jarir At-Tabari, depois de transcrever as opiniões divergentes, adoptou no seu tafssir de Alcorão, a opinião liberal segundo a qual a excepção da imposição de encobrimento de adornos é das mãos e da cara. Ele diz que a expressão mais próxima à verdade é a dos que dizem que a ordem de Hijab exclui *"Ma zahara min'há"*, quer dizer, a cara e as duas mãos, e isso inclui o pó do olho, anéis, bracelete de pulso, e tinta da palma da mão. O Ummah, é unânime em afirmar que é necessário para todas as pessoas que queiram fazer o Salat tapar o seu "satar" (partes privadas).

O Salat não é válido sem que a pessoa se cubra como manda o Sharia.

Quanto à mulher, é-lhe permitido - aliás é imperioso - que durante o Salat, ela deixe exposta a sua cara, as suas mãos até ao pulso e os pés até aos tornozelo sendo obrigatório cobrir o resto do seu corpo.

Portanto é evidente que está permitido à mulher deixar destapadas essas partes do corpo que não são "satar", da mesma forma que para o homem é obrigatório tapar o seu "satar" que vai do umbigo ao joelho.

Abu Ayub Ansari narra que o Profeta S.A.W. disse: "O que está acima dos joelhos e debaixo do umbigo deve estar coberto".
(*Relato de Dar Qutni*)

Num outro Hadice narrado por Ali R.T.A. consta que o Profeta S.A.W. disse: "Não exponha a tua coxa perante qualquer pessoa e nem olhe para a coxa de quem quer que seja, vivo ou morto. Porém, não pode ser proibido deixar destapado o que não é "satar".

E como é permitido à mulher expôr a sua cara, mãos e pés, torna-se evidente que DEUS ao dizer *"Illá ma'zahara min'há"* fez uma excepção para as mulheres, porém são partes do corpo que estão sempre sujeitas à exposição durante a execução de trabalhos.

O Imam Fakhruddin Razi diz que o corpo inteiro da mulher deve estar tapado quando estiver perante um estranho,

exceptuando a sua cara e as mãos, pois ela é obrigada a abrir a sua cara e as mãos quando está a fazer alguma transacção de e compra venda.

Consta no Abu Daud o Hadice que Aisha R.T.A. narra, segundo o qual certa vez a sua sobrinha, Muzinah foi ter com ela, e ao vê-la o Profeta S.A.W. virou a sua cara. Então Aisha disse que a Muzinah era sua sobrinha e ainda era moça. O Profeta respondeu-lhe dizendo que quando a menina atinge uma certa idade não lhe é permitido expôr nenhuma parte do seu corpo excepto a cara e as mãos.

Ibn Hazm no seu famoso livro “Al-Muhallá” diz que a cara e as mãos não estão incluídas no Hijab, e diz que as palavras do Alcorão “Illá Má zahara Min’há” expressamente permitem que a cara e as mãos fiquem destapadas. A seguir refere-se a um episódio narrado por Ibn Abbas segundo o qual, durante a derradeira Peregrinação do Profeta S.A.W., uma mulher pertencente a tribo de Khasam, foi ter com o Profeta, que na altura compartilhava a mesma montada com o irmão de Ibn Abbas chamado Fadl. A referida mulher dirigindo-se ao Profeta disse: “O meu pai devido a sua avançada idade está impossibilitado de fazer o Hajj, que é uma obrigação religiosa, posso eu performá-lo da sua parte”? O Profeta S.A.W. respondeu: “Sim”.

Esta mulher era bonita. Fadl começou a olhar para ela, e então o Profeta S.A.W. virou a sua cara. Ibn Hazm, argumenta que se fosse proibido a uma mulher destapar a sua cara fora de casa, como seria possível o Profeta tolerar que ela aparecesse em público destapada? Mais ainda, como é que Ibn Abbas veio a saber que ela era bonita ou feia? E se estivesse coberta, Fadl não teria olhado para ela.

(Relato de Al-Bukhari e Musslim)

Na base deste episódio, Ibn Hazm diz que é permitido à mulher destapar a cara e as mãos em público. E baseou-se também no Versículo 31 do Cap. 24: *“As mulheres que baixem os seus véus sobre os seus seios”*.

Neste versículo DEUS ordena-lhes a baixaremos seus véus, isto é, a taparem os seios e não as caras.

E consta no Al-Bukhari um Hadice narrado por Ibn Abbas em que diz que participou no Salat-ul-Ide com o Profeta S.A.W.

e que o Profeta fez o Khutbah depois do Salat, e a seguir, fazendo-se acompanhar de Bilal R.T.A., dirigiu-se ao local onde estavam as senhoras, exortou-as e ordenou-as a praticarem a caridade.

Ibn Abbas diz tê-las visto a introduzirem com as suas mãos as suas contribuições no saco de Bilal.

Portanto, Ibn Abbas diz que viu as mãos delas na presença do Profeta, o que indica que as mãos não constituem aura.

De entre os mais famosos juristas, o Imamo Málik diz que o corpo inteiro da mulher está incluído no satar (isto é, são partes que devem estar cobertas) excepto a cara e as mãos. O Imam Shafei também faz excepção a favor da cara e das mãos. O Imam Ahmad Ibn Hambal diz que o corpo inteiro da mulher deve estar tapado excepto a cara, enquanto que o Imam Abu Hanifa diz que não é permitido a um estranho olhar qualquer parte do corpo da mulher, mas que pode ver a cara e as mãos.

Com todas estas citações tornou-se claro que a maioria dos Álimos, juristas e autoridades religiosas concordam que em caso de necessidade a mulher pode sair de casa vestida de jilbab sem ter que tapar a cara e as mãos, mas o resto do corpo tem que estar completamente coberto. E qualquer tipo de vestuário, que em vez de ocultar o corpo e as feições da mulher, expõe-nas ainda mais, é terminantemente proibido.

De tudo o que foi dito, quer parecer que o Islã adoptou uma via intermédia entre a total eliminação do Hijab, em que por um lado os dois sexos se misturam livremente dentro e fora das casas, e por outro a sua confinção às quatro paredes da casa como se fossem prisioneiras.

Abu Huraira R.T.A. narra que o Profeta S.A.W. disse: “Do meu Ummat, dois tipos de pessoas que eu não vi, irão para o inferno: As mulheres vestidas, mas simultâneamente nuas, requebrantes e que fazem requebrar, cujas cabeças (penteados) balouçantes parecem corcovas de camelo, que são proficientes em atrair os outros para si e em serem atraídas por outros. Estas não entrarão no Paraíso, nem alcançarão o seu aroma. São as mulheres que apesar de estarem vestidas ao mesmo tempo estão nuas e atraentes, isto é, vestem roupas transparentes que permitem vislumbrar os seus corpos, ou então são tão apertadas que os contornos do seu corpo se

distinguem perfeitamente, vendo-se se são magras, fortes, etc.”.

(Relato de Musslim)

Segundo um outro Hadice relatado por Musslim: O aroma de Jannat é tão forte que pode ser sentido de uma distância muito longa.

E ainda num outro Hadice narrado por At-Tabarani, o Profeta S.A.W. amaldiçoou esse tipo de mulheres.

Consta que Subyah Asslamiyah, que esteve casada com Saad Bin Khaula um dos participantes na batalha de Al-Badr, quando o marido morreu durante o ano da última Peregrinação do Profeta S.A.W., ela estava grávida. Mais tarde, deu à luz e quando ficou limpa, ornamentou-se para se poder casar de novo.

Abu Sanabil Bakar da família de Abdad-Dar ao passar junto dela, disse: “Parece-me que te queres casar novamente, pois vejo-te totalmente enfeitada. Por Deus! Não te podes casar enquanto não se passarem quatro meses e dez dias da morte do teu marido”.

Subiyah disse: “Ao ouvir isso eu usei a minha roupa e à tardinha fui ter com o Profeta S.A.W. para lhe perguntar sobre este assunto”.

O Profeta S.A.W. disse que após o parto, ela está autorizada a contrair um novo matrimónio tendo-lhe ordenado a casar-se.

De salientar que este episódio não ocorreu no período inicial quando as mulheres muçulmanas ainda gozavam de alguma liberdade dos dias da ignorância, mas sim depois da última Peregrinação do Profeta, quando as restrições aos movimentos das mulheres fora das suas casas tinham sido reforçadas.

Está claro que Subiyah não tinha a sua cara tapada porque senão não a teriam reconhecido.

Alguns Álimos acham que nos tempos actuais em que reina o “fitna” (maldade), as mulheres deviam cobrir as suas caras porque destapadas podem atrair olhares de tentação sexual dos homens. Eles dizem concordar que a cara não constitui parte do corpo que deve ser coberta, mas tomando em consideração a corrupção que impera é necessário travar os meios que propiciam o aumento da corrupção. Portanto, à luz dos Hadices do Profeta Muhammad S.A.W., é suficiente cobrir

o corpo deixando as mãos até aos punhos, e a cara. Porém, se a mulher preferir cobrir a cara, não se deve desencorajá-la, pois tal pode ser sinal de piedade e temor para com DEUS.

As mulheres não podem revelar os seus adornos e enfeites, excepto perante o marido, pais, avós e bizavós paternos ou maternos, sogros, (incluindo avós e bizavós paternos e maternos do marido), filhos, netos, bisnetos, enteados (incluindo netos, irmãos, e sobrinhos destes), sobrinhos (filhos de irmãos e irmãs incluindo netos destes), suas companheiras, mulheres que sejam parentes, conhecidas, amigas, e crianças que não têm conhecimento sobre assuntos sexuais etc.

Contudo, é conveniente que se esclareça um ponto muito importante: o cunhado, irmão do marido, não é mahram e por isso a mulher na sua presença deve usar Hijab. Consta num Hadice narrado por Uqbah Ibn Ámir que o Profeta S. A. W. disse: “Evitai misturar-se com mulheres (estranhas)”. Então um dos Ansar perguntou: “Ó Mensageiro de DEUS, o que é que dizes sobre os cunhados mais novos e mais velhos”? Ele respondeu: “Eles são a morte”.

(Relato de Al-Bukhari, Muslim e At-Tirmizi)

Portanto, não é permitido a um homem estar com uma mulher com quem ele se pode casar. Quando perguntaram ao Profeta S.A.W. sobre o cunhado que vive na mesma casa, ele disse : “Esse é a morte”.

Isto porque ninguém pode escapar da morte, da mesma forma que é difícil evitar o cunhado que vive na mesma casa, pois são imensas as oportunidades de encontro na privacidade. E como eles são parte da família, o marido jamais pode suspeitar, podendo provocar situações desagradáveis que culminarão com a desagregação da família.

O Profeta S.A.W. disse: “Nenhum homem (estranho) deve isolar-se em privado com uma mulher estranha, pois quando isso sucede o terceiro elemento será o satanás”.

(Relato de At-Tirmizi e At-Tabarani)

E shaituan, aproveita logo esta ocasião de isolamento dos dois para lhes fazer insinuações e sugerir-lhes ideias de pecado e maldade.

O Profeta S.A.W. diz: “Quem toca na mão de uma mulher

sem que tenha com ela um relacionamento lícito, no Dia da Ressurreição ser-lhe-á colocado na palma da sua mão um pedaço de carvão incandescente”.

(Takmilat Fathul Qadir)

Aisha R.T.A. diz que o Profeta S.A.W. só aceitava verbalmente o juramento de aliança das mulheres sem tomar nas suas mãos as mãos delas. Ele nunca tomou a mão de uma mulher com quem não estivesse casada.

(Al Bukhari)

Umaima, filha de Ruqaiyah, narra que ela foi ter com o Profeta na companhia de outras mulheres para prestarem juramento de aliança. O Profeta tomou a promessa delas de que abster-se-iam da idolatria, do roubo, do adultério, da calúnia e da desobediência ao Profeta. Quando acabaram de prestar o juramento pediram que o Profeta tomasse as suas mãos como sinal de aliança. O Profeta S.A.W. disse: “Eu não tomo as mãos das mulheres. A afirmação verbal é suficiente”.

(Relato de An-Nassai e Ibn Maja).

Portanto, não é permitido apertar a mão de uma mulher estranha, e muito menos beijar quando se lhe cumprimenta. O “salam” verbal é suficiente.

O Alcorão ordena o seguinte:

“Ó Profeta! Diz às tuas esposas e às tuas filhas e às mulheres dos crentes que, quando saírem, cubram-se com os seus véus. Isto é mais adequado, para que sejam reconhecidas (que são mulheres nobres e decentes) e não sejam molestadas (julgando que são mulheres de má fama e conduta).

Cap. 33 Vers. 59

Embora o Islã tenha autorizado as mulheres a saírem de casa em caso de necessidade, na condição de observarem o Hijab, é sempre preferível que elas evitem sair desnecessariamente, pois o Alcorão diz:

“E permaneçam (tranquilas) em vossas casas, e não façais exibição de vossos adornos em público, enfeitadas como as dos tempos passados da ignorância (pré-Islâmica). E cumpri com o Salat e pagai o Zakat, e obededei a DEUS e ao Seu

Mensageiro, porque, Deus apenas deseja afastar para longe de vós a abominação, ó gente de casa (i.é. familiares do Profeta) e purificar-vos integralmente”.

Cap. 33, Ver 33

A obrigatoriedade da observância do Hijab quando a mulher vai a um local público, prende-se à necessidade de salvaguardar a sua honra, e expressa a castidade e pureza do seu comportamento para eliminar qualquer tentativa de pessoas de carácter duvidoso implicarem com elas, evitando assim afectar negativamente o crescimento moralmente saudável da sociedade.

Não há dúvidas que a mulher é a bela criação de DEUS. E é uma grande atracção para o homem, sendo devido a essa atracção que existe o receio de ele cometer o adultério.

Por isso o Isslam proibiu à mulher de exhibir o seu charme.

As mulheres muçulmanas devem saber que o seu verdadeiro valor não reside na exposição da sua beleza, ou no uso de vestidos caros, ou no seu “make-up”, mas sim na sua piedade e modéstia.

Porém, o Isslam não proíbe a mulher de se ornamentar, desde que tal não interfira negativamente na aparência do corpo.

No passado havia muitas formas de desfigurar os corpos de pessoas e animais e muitas vezes, tal era praticado devido à superstição ou costumes pagãos, ou então para acompanhar a loucura da moda e a exibição. Exemplos disso são as tatuagens, o aguçamento ou o espaçamento dos dentes, a depilação ou extração de pêlos, o uso de perucas, etc. Muitas destas práticas ainda hoje existem, assumindo formas mais refinadas à medida que o tempo passa. Uma vez que todas essas práticas interferem ou alteram com uma certa gravidade a criação natural de DEUS, o Profeta S.A.W. amaldiçoou os que se envolvem nisso com o mero objectivo de ornamentação e beleza.

O Profeta S.A.W. amaldiçoou a mulher que pratica a tatuagem e a que se deixa tatuar, e também aos que praticam o aguçamento dos dentes (para se embelezarem) e aos que se submetem à tal prática.

(Al Bukhari e Musslim)

Consta num outro Hadice que o Profeta S.A.W. amaldiçoou, tanto a mulher que executa o trabalho de arrancar os pêlos (sobrancelhas) como a que se submete à tal prática.

(Abu Daud)

Estes métodos de embelezamento incluem a moderna prática de depilar ou arrancar as sobrancelhas dando-lhes um aspecto de dois crescentes invertidos, e a pintura com recurso a lápis cosmético. Contudo, se a mulher tiver alguns pêlos que sejam embaraçosos e lhe obstruam a visibilidade, pode removê-los.

Quando Aisha R.T.A. foi consultada pela jovem esposa de Abu Is'haq que queria remover os pelos na sua cara para parecer mais bonita junto ao seu marido, ela aconselhou-a a fazer isso.

(At-Tabarani)

Na base disto, alguns juristas hanafis são de opinião de que não há inconveniente em remover os pêlos da cara da mulher e aplicar cosméticos, se tudo isso for feito com autorização do marido, com boa intenção e para agradá-lo.

Aisha R.T.A. narra que o Profeta S.A.W. amaldiçoou as mulheres que usam peruca e as que ajudam nessa prática (*Al-Bukhari*). Este método de embelezamento inclui o uso de mechas de ráfia ou tranças feitas com cabelo de uma outra mulher, com o objectivo de se querer parecer com uma pessoa que tem cabelos longos e lisos. Há os que deixam crescer as unhas, o que atenta contra os ensinamentos do Profeta S.A.W.

A modéstia da mulher é mais importante que a sua beleza e fisionomia. E de facto, o seu valor real está na sua modéstia, pois sem esta ela não terá valor nenhum aos olhos de qualquer homem respeitável, nem mesmo a sua beleza terá valor. A modéstia goza de grande consideração no Isslam.

O Profeta S.A.W. diz:

“A modéstia é uma secção da fé”.

E acrescenta: “A modéstia é boa em todos os seus aspectos”.

(Relato de Al-Bukhari e Musslim)

A modéstia, tanto na mulher como no homem muçulmanos constitui uma virtude exigida pelo Isslam.

O Profeta S.A.W. diz: “De entre os provérbios dos Profetas

antepassados consta: Se não sentes vergonha, então faz o que quiseres”.

(Relato de Al-Bukhari e Ibn Hibban)

E nos dias que correm a palavra “vergonha” foi eliminada dos dicionários ocidentais.

Devido à grande importância atribuída à modéstia, DEUS descreve no Alcorão as boas qualidades de uma mulher quando diz: *“Mulheres de olhar modesto”*.

Cap. 51, Vers. 56

A preservação da sua castidade é a principal qualidade da mulher, pois todas as demais dependem da sua castidade. Se ela tiver muito boas qualidades mas sem ser casta e pura, então perante o Sharia ela não tem valor nenhum.

DEUS descreve a Hur de Jannat dizendo:

“Elas jamais foram tocadas por qualquer homem ou jinn”.

Cap. 55, Vers. 56

O Islã prescreveu o vestuário modesto não só para proteger o corpo e a dignidade da mulher muçulmana, mas também para torná-la numa força positiva e construtiva na sociedade. Devido ao seu vestuário modesto e ao seu comportamento, ela será considerada uma pessoa detentora dos seus direitos e não um objecto de sexo. Para uma mulher muçulmana, a sua modéstia, dignidade, prudência, inteligência, piedade, comportamento, o seu papel vital de mulher virtuosa e de mãe em vez da sua atracção sexual, são as fontes do seu estatuto e respeito dentro da comunidade.

Consta no Hadice que “A modéstia e a vergonha são parte da fé, e esta leva ao Paraíso, e a obscenidade é uma parte da dureza do coração, levando ao inferno”.

(Mishkat, Al-Massabih)

O Profeta S.A.W. disse: “A modéstia e o Imán são companheiros inseparáveis, quando um deles desaparece o outro também desaparece”.

(Relato de Al-Hákim no Al-Musstdrak)

A cara protegida com modéstia é como uma pérola escondida numa concha, e nenhum ser humano pode embelezar-se tão gloriosamente como com a modéstia.

O vestuário ocidental que em imitação algumas mulheres muçulmanas também usam, não está em conformidade com os padrões islâmicos da modéstia e da pureza. O Profeta S.A.W. disse: "Certamente que (alguns de) vós seguireis os caminhos desses que vieram antes de vós (judeus e cristãos), polegada por polegada, e jarda por jarda, ao ponto de, se algum deles entrar num buraco estreito de lagarto, vós também entrareis nele, e de tal maneira que, se algum deles tiver relações sexuais em público, vós também fareis o mesmo".

(Relato de Al-Bukhari e Musslim)

O vestuário ocidental actual é uma invenção, e foi desenhado tendo como principal objectivo a atracção sexual, pois se olharmos para o vestuário da mulher há cerca 70 anos veremos que era muito semelhante ao Hijab. A jovem de hoje é encorajada a aparecer elegantemente vestida, expondo o seu corpo na forma mais atractiva possível, o que leva à eliminação da vergonha e da modéstia no seu coração. Depois de se casar, a sua tendência de se tornar atractiva aos olhos de outros homens que não o marido, não mudam de um dia para outro. Portanto, mesmo estando casada, ela continua dispendendo um grande esforço, perdendo muito tempo na tentativa de se tornar atractiva a fim de ganhar a admiração pública. Ao desenvolver esta atitude anti-islâmica, ela não só falha no cumprimento do seu dever de se tornar atractiva sómente para a admiração do seu marido, como também dilacera a moral social ao excitar o homem, encorajando-o a enveredar por um comportamento para todos os efeitos condenável.

Está provado que a mulher que gosta de exhibir a sua beleza a estranhos, está pouco interessada nos assuntos da casa e da família.

A mulher no Islam ocupa uma posição muito mais dignificada e respeitada na sua casa e na sociedade. Ela não deve permitir que seja usada como objecto de sexo para comercialização ou exploração.

Quando a mulher muçulmana usava o Hijab, gozava de alto respeito perante a sociedade, mas quando experimentou os hábitos ocidentais abandonando o Hijab, perdeu toda a sua dignidade e prestígio.

Os muçulmanos é que deviam salvar o Mundo da maldade

dos extremos, porque só eles possuem a solução correcta de todos os problemas da vida da comunidade humana, mas infelizmente a tragédia do homem ocorre quando os que possuem o farol da luz, em vez de guiarem e iluminarem os outros para o caminho recto, eles próprios perdem-se nas trevas, correndo agora atrás de outros cegos à procura da luz da verdade.

A HISTÓRIA DO HIJAB

A génese do problema remonta aos finais do século XVII, estendendo-se até inícios do século XIX, quando a febre das nações ocidentais pela expansão territorial se manifestou sob a forma de colonização dos países predominantemente islâmicos, do Ocidente ao Oriente, e como consequência, nos meados do século XIX quase todos os países islâmicos já estavam completamente sob domínio das potências ocidentais. Aí os muçulmanos começaram a examinar as causas da sua humilhação e derrota.

Embora o estado de desleixo em que viviam já estivesse ultrapassado, eles ainda não tinham recuperado por completo o equilíbrio moral, social e espiritual. Por um lado o seu sentimento de humilhação extrema obrigava-os a mudarem de atitude, e por outro, o seu amor ao conforto e à vida fácil ao quais estavam habituados durante séculos forçou-os a escolherem o caminho menos sinuoso para alcançarem a tal mudança. O seu poder intelectual de que não faziam uso havia décadas, também se tinha degradado, para além de que, cedo eles desenvolveram uma mentalidade pouco profícua e de medo, fruto naturalmente de toda uma conjuntura característica de qualquer nação politicamente derrotada. Todos estes factores contribuíram para o desvio dos muçulmanos e para a sua queda em armadilhas fatais. Muitos deles nem sequer percebiam a causa real da sua derrocada e a ascensão dos ocidentais, e os poucos que percebiam, faltava-lhes a necessária coragem, o vigor e o espírito de combate para a sua liberdade. A subjugação mental afligiu-os a todos. Portanto, decidiram imitar os hábitos e modos da civilização ocidental nas suas vidas.

ESCRAVATURA MENTAL

Foi durante este estado de crise que o vestuário e o modo de vida ocidental foram assimilados desenvolvendo-se todos os esforços no sentido de moldar a sociedade muçulmana ao “estilo de vida ocidental”. A heresia, o ateísmo, e o materialismo foram aceites como moda. Qualquer ideia, boa ou má, que viesse do ocidente, era aceite sem quaisquer reservas e favorecida publicamente para demonstrar o liberalismo. Álcool, jogos de azar, lotaria, teatro, música, dança e outros males da civilização ocidental foram adoptados. Todas as teorias e práticas ocidentais ligadas à cultura, moralidade, vida social, economia, política, lei, e até mesmo crenças religiosas e actos de adoração, foram cegamente aceites como se fossem alguma Revelação Divina, e sem questionar a sua validade.

Os ocidentais levantaram objecções à poligamia, e às leis que regulam o casamento e o divórcio no Islão. A instituição do Hijab também foi vigorosamente atacada e pintada com as cores mais negras. Infelizmente os fracos de espírito caíram na armadilha, ficando influenciados pelos conceitos modernos de emancipação e pela propaganda de igualdade de sexos que era feita através de uma literatura atractiva e poderosa que afectou fortemente o poder de raciocínio, obrigando-os a acreditar nesses conceitos sem questionar, pois estavam convencidos que aplicando-os na vida prática seria absolutamente essencial para se ser chamado “Liberal e Civilizado”. E assim transgrediram todos os limites da modéstia e da decência sem quaisquer hesitações, vestindo à maneira ocidental, exibindo os cabelos, os braços, os ombros, uma boa parte do peito. E o resto dos atractivos corporais estão de tal maneira “cobertos” que tudo fica á vista. Perfumam-se e pintam-se exageradamente para atraírem os olhares dos homens sexualmente esfomeados. Misturam-se livremente com homens estranhos, nos parques, nas ruas e em todos os locais públicos.

Um poeta árabe diz: “A mãe é uma escola, se a preparardes bem estareis preparando uma nação boa”.

Napoleão Bonaparte disse: “A mãe que abana a cama (alcofa balouçante) do bebé com uma mão pode abanar o mundo com a outra mão”.

A “Empresa da Família” está estabelecida entre o homem e

a mulher, e quando um dos parceiros dessa empresa não cumpre com a sua parte, desequilibra-a até ao descontrolo total. O Profeta S.A.W. disse: “Todo o ser nos filhos de Ádam, é chefe. O homem é chefe da família e a mulher é chefe do seu lar”.

(Relato de Ibn As-Sunni - Al-Jame As-Saguir)

Por isso, a primeira acção demolidora dos ocidentais, incide sobre esta base que constitui a plataforma familiar caseira, fazendo com que as mulheres trabalhem fora de casa. E quando a mulher sai do seu ninho protegido – a casa – para ir trabalhar, muitas vezes sem necessidade, gradualmente arrastam-na para outros males como o ajuntamento com o sexo oposto, o nudismo, os concursos de beleza, etc. E assim, à custa do seu feminismo, o ocidente induz a mulher a perder-se por completo, não lhe sobrando nem honra, nem lar, nem família. Paralelamente a estes problemas, a saída da mulher de sua casa, criou outros grandes problemas como sejam os raptos, as violações, o estupro e outras formas de abuso de mulheres. Muita gente reconhece agora que a solução está no regresso ao Islam, só que muitos deles perderam o caminho de regresso aos ensinamentos do Islam.

Contudo, graças a DEUS, alguns ensinamentos têm sido ministrados a muitas senhoras muçulmanas, e elas têm assumido esses ensinamentos e paulatinamente vão de novo abraçando os magnos valores do Islam, e o Hijab está novamente fazendo parte do vestuário da mulher muçulmana.

A sociedade ocidental não valoriza a castidade, permite a prática do sexo antes do casamento, e a troca de parceiros entre amigos sem quaisquer preconceitos, de tal maneira que nalgumas sociedades a promiscuidade já se tornou moda.

Tal é a importância do Hijab, que o Alcorão diz:

“E se desejais perguntar algo a elas (esposas do Profeta) perguntai-lhes por detrás de um véu (cortina). Isso é mais puro para os vossos corações e os corações delas”.

Cap 33, Vers. 53

A mulher que anda destapada e exageradamente enfeitada, está com o seu comportamento anti-islâmico prejudicando não só a si própria, mas também está arrastando os outros para a maldade, arruinando a fé e a religião dos crentes.

A mulher não deve dar oportunidade às forças satânicas de através dela seduzirem os outros a cometerem o pecado. O Profeta S.A.W. disse: Protegei-vos a vós próprios da tentação da mulher, porque o Ibliss é um caçador muito hábil, ele caça com êxito através da mulher.

(Firdauss Al-Dailami, Mirqat)

O Profeta S.A.W. diz: “A mulher é um objecto de ocultação, e quando ela sai de sua casa, o satanás apresenta-a perante os homens de modo atraente”.

(At-Tirmizi)

E diz: “Não deixei depois de mim uma tentação mais prejudicial para os homens do que as mulheres”.

(Al-Bukhari e Musslim)

O Profeta S.A.W. disse: Este mundo é doce e atractivo, e DEUS designou-vos Khalifas d'Eele na Terra e Ele está vos observando a fim de ver a vossa actuação. Portanto deveis-vos proteger a vós próprios contra o amor deste mundo e contra a tentação (fitnah) das mulheres, porque o primeiro mal nos filhos de Israel foi causado através das mulheres.

Nos primórdios do ressurgimento do Isslam, as mulheres não estavam totalmente confinadas às suas casas. Nalgumas ocasiões elas saíam devido à necessidades económicas, sociais, intelectuais e religiosas.

Algumas vezes, por não terem quem as sustentasse e aos seus filhos, tornava-se necessário que algumas mulheres saíssem de casa, e o Profeta S.A.W. nessas circunstâncias autorizou que as mulheres saíssem devido à necessidade.

(vide Al-Bukhari, Hadice de Aisha)

Contudo, quando saíam, vestiam-se modestamente e andavam de forma correcta, não se transformando em objecto de atracção, evitando misturar-se sem necessidade com o sexo oposto para reduzirem a probabilidade de caírem no fitnah, pois ela está protegida de todos os males enquanto está em casa. Basta sair sem necessidade, para se transformar num instrumento de satanás.

A mulher deve permanecer em casa, preocupando-se mais

com os assuntos domésticos, e não expôr-se para atrair os homens.

As mulheres semi-nuas, nas suas mini-saias e blusas apertadas, acabam sentindo-se preconceituadas. Da forma como elas se vestem não se sentem confortáveis, pois se por exemplo lhes cai uma caneta, não se podem curvar à vontade, para apanhá-la, nem sentar-se ou andar livremente. Ao exibirem os seus corpos, elas estão alimentando olhos sexualmente esfomeados tentando ganhar respeito e glória, mas tudo em vão. Pelo contrário, estão-se degradando cada vez mais a si mesmas. São como vacas em exibição numa feira de gado. E os homens exploram-nas ainda mais.

Ibn Omar R.T.A. narra que o Profeta S.A.W. disse: “A mulher deve ser mantida oculta. Quando ela sai de casa, satanás vigia-a. Na realidade ela está mais perto de DEUS quando está na sua casa.

(At-Tabarani).

Sobre as mulheres que se exibem na rua, o “Medical Journal” diz: “Um dos grandes problemas criados pela falta de respeito que o homem tem agora pela mulher, devido a sua presença nas ruas, indo e voltando do serviço, e devido a sua tendência de se usar vestuários provocativos, tem sido os elevados incidentes de violação sexual”.

Torna-se igualmente obrigatório que as mulheres saiam à busca da sabedoria, se tal não for possível dentro de casa, pois a busca do Ilm é obrigatória.

Elas também devem sair para assuntos exclusivos à elas, para dar o seu contributo no Jihad, para prestar socorro em caso de calamidades, para ajudar o seu marido se houver necessidade no ganho de sustento, assim como consta no Al-Bukhari e Musslim a passagem a cerca de Assmá Bint Abubakr que ajudava o seu marido Zubair. Saliente-se que em todos estes casos ela só pode sair se o seu marido ou tutor autorizá-la, devendo estar bem vestida com Hijab, não se isolar no local de trabalho com nenhum estranho, estar em segurança contra a tentação, corrupção e imoralidade, e a sua saída não atentar contra os seus deveres para com DEUS, para com o seu marido ou para com os seus filhos. Portanto ela deve criar um equilíbrio entre os seus direitos e deveres, entre o que ganha e

o que perde.

Sem margem de dúvidas que o Islã proíbe a mistura desnecessária de homens e mulheres, e as participações conjuntas nas cerimónias sociais e mesmo religiosas (casamentos, falecimentos, etc.). Hoje as congregações mistas são uma das causas da quebra de muitos lares, provocando outros problemas sexuais, ciúmes etc.

O Alcorão ordena aos homens e às mulheres a baixarem os seus olhares em presença do sexo oposto.

Também ordena-lhes a evitarem a todo o custo as relações sexuais ilícitas. O desejo sexual começa no olhar que se dirige ao sexo oposto, e o Islã proíbe os olhares de desejo sexual. Uma vez que se torna impossível manter o olhar constantemente fixo ao chão, e é inconcebível que alguém se abstenha de olhar para o sexo oposto, o Islã tolera o primeiro olhar accidental, mas já não permite que se olhe insistentemente para a cara atractiva.

Jarir R.T.A. diz: “Eu perguntei ao Profeta S.A.W. o que deveria fazer se olhasse accidentalmente para uma mulher”. O Profeta S.A.W. respondeu: “Vire os teus olhares”.

Num outro Hadice, o Profeta S.A.W. disse à Ali R.T.A. para não lançar olhares, pois o primeiro estava perdoado, mas o segundo é proibido.

Contudo, há excepções, pois em caso de necessidade é permitido olhar. Por exemplo, perante o médico do sexo oposto, quando se está bloqueado numa casa a arder ou em qualquer outra circunstância perigosa para a integridade física da vítima, ou perante um juiz, e aliás nestes casos, mesmos às partes proibidas do corpo de uma mulher é permitido olhar, assim como não só é permitido, mas torna-se obrigatório socorrer a mulher em caso de perigo iminente, independentemente dos contactos físicos que nessas circunstâncias possam ocorrer. É igualmente permitido olhar para uma mulher quando se pretende casar com ela.

As regras do Hijab são ligeiramente relaxadas relativamente à mulher que atinge a velhice e deixa de ser sexualmente atraente. O Alcorão diz:

“Quanto às idosas, entre as mulheres que não esperam mais o casamento, não há pecado para elas por tirarem as vestimentas externas, sem todavia exibirem seus adornos,

mas sempre será melhor serem modestas e absterem-se disso. Sabei que DEUS ouve tudo e sabe tudo”.

Cap. 24, Vers. 60

O Alcorão tolera este relaxamento às mulheres velhas que já não têm desejo sexual, e para quem as pessoas não lançam olhares sexuais, mas sim olham para elas com respeito e veneração.

A MULHER E O MASSJID

No tempo do Profeta S.A.W. as mulheres iam à Mesquita fazer o Salat em congregação atrás do Profeta S.A.W. mantendo as suas fileiras separadas, atrás dos homens, pois não lhes é permitido juntarem-se aos homens ombro a ombro, nem mesmo com o seu marido ou seu pai.

No início da era do Profeta S.A.W. as mulheres e os homens entravam na Mesquita de qualquer porta, e isso causava um certo congestionamento de pessoas na entrada e na saída, então o Profeta S.A.W. sugeriu que fosse reservada uma porta para o uso exclusivo das mulheres, conhecida por «Babun-nissá» que ainda hoje existe na Mesquita do Profeta S.A.W. em Madina.

Elas participavam no Salat de Juma, escutavam o Khutbah, ao ponto de uma das senhoras memorizar integralmente o Surat Qaf só de ouvir constantemente a sua recitação pelo Profeta S.A.W.

Elas também participavam nos Salats de Ide. Umm Atiyah diz que: “As mulheres foram ordenadas a irem fazer os dois Salats de Ide, mesmo as virgens e as que estão no seu período menstrual; as que estão puras faziam o Salat e as que estão impuras participariam no duã, sem contudo, tomarem parte no Salat. E nessas ocasiões o Profeta S.A.W. exortava-as a praticarem a caridade.

(Al-Bukhari e Musslim).

Elas participavam, também nas lições de Ilm, juntamente com os homens, e perguntavam ao Profeta S.A.W. a cerca de coisas que muitas mulheres de hoje têm vergonha de perguntar, como por exemplo o Janaba, Ehtelam, período menstrual,

Isstiháda, banhos, etc.

Aisha R.T.A. chegou ao ponto de elogiar as mulheres dos Ansars, dizendo: “A vergonha não as impediu de aprender o Dine”.

O seu interesse era tão grande, que devido ao congestionamento nessas sessões com os homens, acabaram pedindo ao Profeta S.A.W. para que reservasse um dia sómente para elas, e o Profeta S.A.W. aceitou o seu pedido, dando aulas exclusivamente às senhoras.

A sua ida à Mesquita não era apenas para fazer o Salat, mas era também para aprender o Dine e escutar a Revelação.

O Profeta S.A.W. autorizou as mulheres muçulmanas a irem à Mesquita. Ele até aconselhou os seus companheiros dizendo: “Não proibam as servas de DEUS de irem à Mesquita”.

E os maridos foram instruídos especificamente por ele: “Quando as vossas mulheres vos pedirem permissão de ir à Mesquita, não as proibais”.

(Relato de Musslim)

Sem dúvidas que esta autorização dada às mulheres para irem à Mesquita foi dada na condição de elas observarem estritamente as várias restrições impostas sobre elas pelo Sharia no que respeita ao vestuário, etc. E é também sabido que o Profeta S.A.W. considerou ser preferível para as mulheres fazerem Salat nas suas casas em vez de irem à Mesquita, pois consta num Hadice que a mulher do Abu Hamid Sa’adi implorou ao Profeta que lhe fosse permitida a sua ida à Mesquita dele (do Profeta, em Madina), porque ela gostava muito de fazer Salat atrás dele. O Profeta disse-lhe: “O que tu dizes está certo, mas é melhor para ti fazeres o Salat num quarto fechado do que no pátio, o teu Salat num pátio é melhor do que na varanda, e fazeres Salat na Mesquita do teu bairro é melhor do que vires fazê-lo na nossa Mesquita”.

Depois disto, ela preparou um quarto, e continuou fazendo Salat nesse quarto até ao fim dos seus dias, não tendo nunca mais saído para se dirigir à Mesquita.

O Profeta S.A.W. com muita clareza encorajou as mulheres a fazerem o seu Salat “dentro das suas casas ao dizer: “A melhor Mesquita para as mulheres é a parte de dentro das suas casas”.

Porém, porque o Profeta não proibiu as mulheres de irem às Mesquitas, elas continuaram indo. Mas depois da morte do Profeta S.A.W. tornou-se ainda mais claro que não era aconselhável à mulher ir à Mesquita para fazer o Salat, especialmente à noite. Por isso, o Khalifa Omar R.T.A. recomendou que não fossem à Mesquita, encorajando-as a fazerem o Salat nas suas casas.

As mulheres de Madina ressentiram-se desta proibição e foram queixar-se à Aisha R.T.A. que lhes respondeu: “Se o Profeta S.A.W. soubesse o que Omar sabe (da actual situação) não vos teria permitido irem às Mesquitas”.

Aisha R.T.A. também tinha proibido as mulheres de irem à Mesquita. Quando foi informada que o Profeta lhes havia permitido, respondeu: “Se os modos e costumes que as mulheres adoptaram desde o falecimento do Profeta existissem durante a sua vida, também ele tê-las-ia proibido de irem à Mesquita”.

Portanto, se essa era a situação logo à seguir ao falecimento do Profeta S.A.W., então o que dizer do que actualmente acontece, mais de 14 séculos após o seu falecimento, em que os desvios aos seus ensinamentos são mais graves? No contexto da moda actual, se Aisha R.T.A. pudesse ver o que está acontecendo, sem dúvidas que ficaria demasiado chocada e seria mais enérgica na admoestação.

Contudo, um facto é que o Profeta S.A.W. autorizou as mulheres a irem à Mesquita.

No nosso mundo moderno surge uma nova situação: existem muitas mulheres que vivem em países ocidentais ou com cultura predominantemente ocidental, o que as afecta bastante. As circunstâncias económicas obrigam as mulheres a trabalharem em fábricas, lojas, escritórios, etc. para ganharem o seu sustento. O desenvolvimento contribuiu muito para que muitos muçulmanos e muçulmanas deixassem o seu Salat e por isso devemos procurar meios de encorajar as mulheres muçulmanas a fazerem o Salat. Com o devido respeito por aquilo que o Khalifa Omar R.T.A., e Aisha R.T.A., mãe dos crentes disseram, afigura-se haver uma maneira de se regressar aos valores originais e tradicionais do Profeta S.A.W., permitindo que as mulheres vão à Mesquita, sujeitas a todas as restrições impostas pelo Profeta a cerca do vestuário, e outros.

Deve-se fazer uso do Hijab, vestir roupas simples mas dignificantes, abster-se de usar qualquer perfume que desperte a atenção do sexo oposto, evitar a ostentação exagerada da beleza, etc. Nas Mesquitas deve-se condicionar um lugar próprio para acomodação das mulheres, evitando a sua mistura com homens. Elas devem-se posicionar em fileiras separadas das dos homens. Abu Huraira R.T.A. narra que o Profeta S.A.W. disse: “O melhor ‘saff’ (fileira) para elas é o último, e o pior é o primeiro”.

(Musslim)

Não é permitido à mulher fazer Salat num vestido transparente através do qual se possa ver a cor da pele do seu corpo pois o Salat feito assim não é válido.

Geralmente as pessoas aprendem vendo outras, portanto, se as mulheres começarem a ir à Mesquita para fazerem o seu Salat, uma pressão social começará a criar-se, fazendo com que fará a mulher muçulmana sinta necessidade de ir à Mesquita para fazer Salat, distanciando-se assim gradualmente da atitude de desleixo, e lá aprender algo do seu dine, pois a maioria dos homens não tem capacidade de ensinar as suas mulheres o Dine. Por isso o Massjid pode ser a única fonte de aprendizagem para elas.

A vida moderna já abriu todas as suas portas para a mulher; ela sai da casa para a escola, faculdade, mercado, etc., mas infelizmente continua privada do melhor local da terra, que é o Massjid.

A VOZ DA MULHER

Quanto à voz da mulher, segundo a maioria dos juristas islâmicos, não está incluída no *aura*, pois o Alcorão menciona especificamente no Versículo 33 do Capítulo 53 que quando os crentes quisessem pedir alguma informação as esposas do Profeta S.A.W. deviam fazê-lo por detrás de uma cortina”.

É natural de qualquer pergunta exija uma resposta. As esposas do Profeta S.A.W. davam o seu parecer (fatwa) em várias questões, narravam Hadices aos que queriam transmití-los.

No tempo do Profeta S.A.W. as mulheres faziam-lhe

perguntas na presença de homens estranhos.

Elas nunca foram proibidas de apresentarem as suas questões ou elevar as suas vozes perante homens estranhos. Mesmo quando Omar R.T.A. foi confrontado por uma mulher a cerca da questão do dote, durante o seu Khutbah no mimbar, ele não a repreendeu dizendo que não podia elevar a sua voz perante os homens por ser uma mulher, pelo contrário, concordou que ela tinha razão e que ele é que estava errado e na humildade que o caracterizava disse: “Todos sabem mais que Omar”.

Um outro exemplo alcorânico de alocução pública de uma mulher, é o da filha de Shoaib, mencionado no Alcorão no Capítulo 28, Versículo 23.

O Alcorão narra também a conversação entre o Profeta Suleiman A.S. e a rainha de Sheba, e também entre ela e os seus súbditos.

Todos esses exemplos atestam o fatwa de que a mulher pode expressar a sua opinião publicamente, pois tudo o que foi prescrito às comunidades antes de nós, é prescrito e instituído a nós também, salvo se isso tiver sido rejeitado e ab-rogado unanimamente pela doutrina islâmica.

A única proibição imposta é a de a mulher falar em tom demasiado suave e galanteador de modo a despertar a libido do sexo oposto.

Isto está mencionado como palavra complacente que DEUS menciona no Alcorão:

“Ó esposas do Profeta, vós não sois iguais a nenhuma das outras mulheres, se sois tementes a DEUS, não mostreis a complacência na conversação, para evitardes a cobiça dos que têm a doença no coração, e falai linguagem decente e justa”.

Capítulo 33, Versículo 32

Portanto, a fala atraente que seduz corações doentios que se podem mexer com apetite sexual está proibida, não o sendo toda a conversação com mulheres, pois DEUS completa o mesmo Versículo dizendo: *“e falai linguagem decente e justa”.*

O VÉU NOUTRAS RELIGIÕES

Segundo o Rabi Dr. Menachem M. Brayer (professor de Literatura Bíblica na Universidade de Yeshiva) no seu livro, "The Jewish Woman in Rabbinic Literature", "era costume das mulheres judias quando estivessem fora, em público, taparem as suas cabeça de tal maneira que às vezes chegavam a tapar toda a cara deixando só um olho aberto".

E ele cita os antigos rabis que diziam: "Almadiçoado seja o homem que deixa o cabelo da sua mulher ser visto".

A Lei Rabínica proíbe a recitação das bênçãos ou das orações na presença de uma mulher casada com a cabeça destapada, pois destapar o cabelo da mulher é considerado "nudismo".

(Ibidem, PP 316-317. Vide também Swidler, op. Cit. PP. 121-123)

O véu no judaísmo, nem sempre era considerado um sinal de modéstia, mas às vezes simbolizava o estado de distinção e luxúria em vez de modéstia. O véu personificava a dignidade e superioridade de uma mulher nobre, e também representava a inacessibilidade como uma possessão santificada do seu marido.

(Ibidem, P. 139)

O véu significava o respeito da mulher e o seu estatuto social. O facto de o véu ser sinal de nobreza era o motivo principal para que na sociedade judaica antiga não fosse permitido às prostitutas taparem o seu cabelo. E era por isso que muitas mulheres pertencentes a uma classe baixa usavam o véu para impressionarem e passarem por mulheres nobres, parecendo respeitáveis.

(Jewish and Female, Susan W. Schneider. New York: Simon & Schuster, 1984 P. 237).

Actualmente, a maior parte das mulheres judias não tapam o seu cabelo excepto na Sinagoga.

(Ibidem, PP. 238-239)

Na tradição Cristã, todos nós sabemos que as freiras

(irmãzinhas) tapam as suas cabeças há séculos.

São Paulo fez no Novo Testamento afirmações muito importantes:

“Mas quero que saibas: A cabeça de todo o homem é Cristo, a cabeça da mulher é o homem e a cabeça de Cristo é Deus. Todo o homem que reza ou profetiza, tendo a cabeça coberta, desonra a própria cabeça, e toda a mulher que reza ou profetiza, com a cabeça descoberta, desonra a própria cabeça, porque é como se estivesse rapada. Se uma mulher não se cobrir, corte também os cabelos. E se é vergonha para a mulher ter os cabelos rapados, então que se cubra. O homem não deve cobrir a cabeça, porque é imagem e glória de Deus; A mulher, porém, é glória do homem. O homem não foi tirado da mulher, mas a mulher do homem; Nem o homem foi criado para a mulher, mas a mulher para o homem. Por isso, a mulher deve trazer sobre a sua cabeça um sinal de sujeição, por causa dos anjos”

I Coríntios, 11: 3-10

De entre as leis canónicas da igreja católica, uma delas exige que as mulheres cubram as suas cabeças quando estão na Igreja.

(Canon Law And The Battle of Sexes)

Clara M. Henning. In Rosemary R. Reuther, Ed. Religion and Sexist: Images of a Woman in the Jewish and Christian Traditions, (New York: Simon and Schuster, 1974, P. 272).

Está claro que não foi o Islão que inventou o hábito de cobrir a cabeça. Contudo, promulgou-o, digamos.

Ao contrário do Cristianismo e do Judaísmo, o véu islâmico, não é sinal de autoridade do homem sobre a mulher, tão pouco de subjugação da mulher perante o homem. Nem é sinal de luxúria e distinção de algumas mulheres nobres e casadas.

O véu islâmico é somente sinal de modéstia, com o objectivo de proteger a mulher.

De facto, DEUS instituiu estes hábitos para proteger o corpo da mulher e sua reputação, pois se alguém acusar falsamente uma mulher de adultério será severamente

castigado.

“E os que acusam de adultério as mulheres castas sem apresentar quatro testemunhas, castigai-os com oitenta chicotadas e nunca mais aceiteis os seus testemunhos porque são perversos.”

Cap. 24, Vers. 4

A Bíblia no seu capítulo Deuterónimo 22: Versículo 13-18 também diz que quem inventa acusações contra a mulher será castigado.

Cada muçulmano deve preservar a honra e respeito de todas as mulheres muçulmanas, não expondo os pecados ocultos de nenhum muçulmano.

De acordo com o Alcorão, quem acusar um muçulmano de adultério, sem contudo apresentar provas que devem ser atestadas por quatro testemunhas, deve ser castigado com 80 vergastadas. Ele será considerado “fassiḡ”, e o seu testemunho jamais deverá ser aceite no futuro.

Abu Huraira R.T.A. narra que o Profeta S.A.W. disse: “Ficai longe de sete actos abomináveis”. Então alguém perguntou: “Quais são esse actos ó Mensageiro de Deus”. O Profeta S.A.W. respondeu: “Associar parceiros à DEUS; feitiçaria; matar alguém cuja morte DEUS proibiu excepto em caso de justiça; consumir tudo o que seja produto proveniente da usura; devorar a propriedade dos órfãos; virar as costas no dia de jihad; e acusar a mulher casta, mas indiscreta ”.

(Al-Bukhari)

Ubadah Ibn Samit que juntamente com um grupo de pessoas prestou juramento de fidelidade ao Profeta S.A.W., diz que ele incluiu a proibição de difamação dizendo: “Eu tomo a vossa promessa de que não adorareis nada fora de DEUS, não roubareis, não cometeis o infanticídio, não difamareis inventando afirmações falsas, espalhando-as, e não desobedecereis em nada daquilo que é bom. Quem de vós cumprir tudo isto, a sua recompensa está com DEUS, e quem cometer qualquer desses crimes mencionados e receber o seu castigo legal neste mundo, isso será a sua expiação e purificação legal. Mas se DEUS encobrir os seus pecados, então isso depende de DEUS, se quiser castigá-lo-á ou perdoá-lo-á

conforme Ele quiser”.

Se o difamador depois de receber o castigo de 80 vergastadas, arrepender-se e prometer que no futuro não mais se envolverá em actos difamatórios, então os seus direitos cívicos de prestar testemunho serão restaurados. Porém, o Imam Abu Hanifa diz que mesmo depois de ele ter recebido o castigo de 80 vergastadas e ter-se arrependido, ele continuará banido de prestar testemunho. Redimir-se-á apenas da sua condição de “fassiqa”.

A sociedade necessita de assumir uma outra postura e de mudar o seu estilo de vida. A cultura de modéstia é necessária ao ser humano, tanto no vestuário, como na fala e na maneira de ser.

Actualmente os maiores casos de raptos, violações e estupro ocorrem em países supostamente civilizados. Só a educação não é suficiente, é necessário aproveitar as vantagens que o Hijab proporciona.

Não se entende qual é o ponto de vista dos que advogam a liberdade, mas expulsam alunas só porque são sóbrias no vestir e usam o véu, como na França, Turquia, etc.

E a grande ironia dos nossos dias é que o véu só é considerado sagrado quando usado pelas freiras católicas, mas quando usado pelas mulheres muçulmanas é rejeitado.

Porquê a diferença de critérios?

Os defensores do banimento do véu argumentam que autorizar a mulher a usá-lo atenta contra o sistema de educação pública que consideram de religiosamente neutro.

Os franceses, e outros ocidentais pensavam que à medida que a ocidentalização e o laicismo se enraizasse, o Hijab passaria para a história. Contudo, no mundo islâmico, especialmente nas gerações mais novas, nota-se o avolumar da onda de retorno ao Hijab que se vai espalhando por todo o lado. Isto expressa o renascimento do Islão, e faz parte do processo de restauração do orgulho e identidade dos muçulmanos, vítimas de repetidas investidas perpetradas através da colonização e exploração económica.

Os inimigos do Islão estão perturbados pelo facto de um grande número de mulheres de diferentes nacionalidades em todo o mundo a aderirem ao Islão usando o véu. Essas mulheres que têm os corações desnutridos espiritualmente,

“absorvem” todas as orientações alcorânicas, como se fossem esponja secas absorvendo água.

A via mais curta para destruir o Islã é tirar a mulher muçulmana para fora sem o Hijab, expondo o seu corpo.

O estadista inglês Gladstone (1886) dizia que só poderíamos dominar o Oriente quando tirássemos o Hijab da cara da mulher e com ele tapármos o Alcorão.

(Al-Mujtama n° 1452-2001)

Depois dos americanos e seus aliados ocidentais bombardearem consecutivamente o Afeganistão durante mais de um mês, sem mesmo assim lograrem derrotar completamente os Talibans, o escritor francês Michel Houellebecq propôs em Milão que: “É preciso bombardear o Afeganistão com mini-saias e pares de meias para “perverter os muçulmanos” já que não se acaba com o extremismo religioso com a força”.

De viagem a Milão para apresentar a sua última obra “Plataforma”, Houellebecq considerou pouco eficazes os bombardeamentos norte-americanos contra o Afeganistão. “Não são inteligentes, já que pela força não se derrota o extremismo religioso. Mais valeria perverter os muçulmanos porque aí está o verdadeiro ponto fraco do Islão (dos muçulmanos).

(Diário de Moçambique 8/11/2001)

Isto demonstra que o uso de Hijab cria também nos muçulmanos a coragem e a valentia, e os inimigos aperceberam-se disso, sendo por isso que encorajam o seu abandono para torná-los cobardes.

Consta que na Argélia, nos últimos anos de colonização francesa, o ministro das colónias, o francês La Coste, foi incumbido pela seu governo de preparar a “assimilação” de algumas meninas muçulmanas por forma a vestirem-se à maneira francesa para apresentá-las quando chegasse uma delegação oficial francesa de visita a Argélia. De facto conseguiu-se preparar, mas para o espanto de todos, no dia em que tal delegação chegou, as meninas apareceram com o véu em vez do vestuário ocidental. O ministro ficou muito embaraçado ao ver todo esse cenário e o seu trabalho abortado. Quando lhe perguntaram a razão do seu falhanço, respondeu:

“O que é que posso fazer, se o Alcorão é mais forte do que a França”?

Uma mulher muçulmana que se veste de acordo com as regras do Hijab é facilmente reconhecida numa multidão, não necessitando de dizer qual a sua religião, pois o facto em si constitui uma clara expressão da sua crença.

O Hijab recorda-lhe as suas obrigações e cria nela o espírito de submissão e devoção a DEUS. É como um agente da polícia honesto, no seu uniforme, que se torna mais consciente da sua profissão. O Hijab reforça a identidade da crente como muçulmana. E ela é tratada pelos muçulmanos com maior respeito e estima.

Costuma-se dizer que a mulher que usa uma mini-saia ou um vestuário demasiado provocante, está indirectamente a expressar:

“Se me queres, podes levar-me”, enquanto que a que se veste de Hijab diz claramente: “Eu sou proibida para ti”.

Por exemplo, se duas irmãs gémeas e, igualmente, bonitas, uma vestida de Hijab e a outra de mini-saia estiverem caminhando na via pública, e passarem por um grupo de arruaceiros, a quem é que estes provocarão, a que está de Hijab ou a que traja mini-saia?

Claro que provocarão a que estiver trajada de mini-saia, pois quem assim se veste está sujeita a ser molestada, dado que esta forma de vestir é um convite indirecto ao sexo oposto. E aliás o Alcorão diz que o Hijab protege a mulher de ser molestada.

Infelizmente, algumas mulheres hoje em dia só se vestem bem quando saem de casa, não se importando com a forma como elas se apresentam dentro de casa.

Mas no Islão uma mulher tem que se ornamentar e embelezar para o seu marido. O marido também tem que tentar apresentar-se da melhor forma perante a sua esposa. Esta consideração mútua torna a vida conjugal mais feliz e agradável.

Porque razão é que uma mulher quererá atrair a atenção de outro homem sendo ela casada? Será que essa mesma mulher gostaria que outras mulheres atraíssem o seu marido? Decerto que não.

Portanto, pode-se concluir que o vestuário islâmico contribui de certa forma na preservação da estabilidade familiar.

O Islã não só ordena às mulheres a taparem os seus corpos, mas aos homens também ordena-lhes a observarem a modéstia. Mesmo durante as actividades desportivas, eles devem tapar pelo menos a parte do seu corpo compreendida entre o umbigo e o joelho.

Se se mantiver algo oculto, ficará mais valorizado. Mantendo-se o corpo da mulher oculto aumenta-se a sua beleza. Se os padrões morais podem ser afectados pelo tempo, então não é de todo improvável imaginar no futuro gente andando nua na via pública, pois nada impedirá que tal aconteça.

Se o homem se preocupar sómente em satisfazer os seus desejos e funções carnis, fazendo-o publicamente, então não haverá diferença entre ele e o animal. Será que é isto que o homem moderno deseja?

Ao ordenar que as mulheres usassem o Hijab, DEUS previa já os males universais que adviriam da sua não observância. Isto não é uma questão de opção individual como muitos podem pensar, pois uma mulher que sai da casa expondo o seu charme, atrai muitos homens, e por conseguinte estabelece uma corrente de acontecimentos indesejáveis, causando grandes prejuízos a muita gente. Portanto, o comportamento indecente de uma pessoa afecta toda a comunidade. Embora o culpado de tudo seja aquele que originou tais males. Os outros membros da comunidade também se tornam responsáveis em certa medida, por terem permitido que tal ocorresse. Por isso, cada membro da comunidade torna-se responsável na tomada de acções que garantam que tais males não ocorram.

Imaginemos por exemplo algumas pessoas fazendo-se transportar num barco pertença de todos eles, estando uns no compartimento inferior e outros no superior. Os que estão no compartimento inferior, terão necessariamente que subir para o primeiro andar para ir acarretar água do rio. Suponhamos que decidem fazer um furo no barco para puxar a água directamente do rio, evitando assim a maçada de terem que subir, e os de cima os impedirem de fazer tal furo, e contra tal proibição eles argumentarem que aquela parte do barco lhes pertence e que portanto são livres de fazerem o que desejarem. Se os que estão em cima permitirem que tal furo seja feito decerto que o barco afundar-se-á afogando-se todos.

(Al-Bukhari)

Todos nós constituímos uma grande e única família, pois o nosso pai é Adão e a nossa mãe é Eva. E a acção de uma pessoa não só reflectir-se-á noutros indivíduos, mas também em toda comunidade. É muito triste notar que de entre nós muitos vivem sem o senso de responsabilidade colectiva.

Uma mulher vestida de acordo com as regras do Hijab, caminhando ao lado do seu marido, sente que é uma figura respeitada e guardada por alguém que cuida dela, qual princesa escoltada pelo seu pajem.

A mulher que se destapa expondo a sua beleza aos que a contemplam, excita e desperta nos homens as paixões adormecidas. Essa exposição poder-lhe-á ser prejudicial pela mão de “lobos humanos”. Por outro lado, a mulher com Hijab, esconde a sua beleza, deixando expostos apenas a sua cara ou os olhos, não atijando nenhuma paixão perversa.

Uma mulher muçulmana usa o Hijab, em obediência a DEUS e também para a sua própria dignidade, orgulho e protecção. Ela não aceita que seja tomada por alguém como objecto, sentindo pena da mulher ocidental que é exposta como objecto de paixão.

O Imam Jáfar Sadiq diz: “A modéstia é o símbolo da fé, e quem não tem modéstia (Hijab) não tem religião”. E num Hadice o Profeta S.A.W. diz: “A vergonha faz parte do Iman”.

O Profeta perguntou à sua filha Fátima R.T.A.: “Qual é a melhor coisa para uma mulher”? Ela respondeu: “Não ser vista por um homem nem ela ver um homem estranho”. O Profeta S.A.W. gostou tanto dessa resposta que abraçou-a enquanto dizia: “*Descendentes uns dos outros*”.

(Relato de Al-Bazzaz
e Ad-Dar Qutni)

O canopi sobre o carro fúnebre e a cobertura sobre a campa no momento do enterro é uma prática aprovada por Fátima R.T.A. Na altura da sua morte, ela fez o testamento dizendo que o seu carro fúnebre deveria ser coberto para que os estranhos não pudessem saber da sua altura, estatura e o tamanho do seu corpo. Devido à sua modéstia inata, ela precaveu-se para que as pessoas não soubessem desses pormenores, não obstante o seu corpo estar, após a morte, envolvido numa mortalha. Para além disso, um cadáver já não é um objecto que

sugira alguma sensualidade, e os presentes no acto funerário nesse momento estão desalentados e vencidos pelo temor a DEUS.

Entretanto, as mulheres do nosso tempo trajam vestidos demasiado leves, sem mangas, ornamentam-se, perfumam-se e pintam-se exageradamente, mantêm o cabelo descoberto e solto, exibindo o seu charme e elegância aos homens nas praças, nas feiras, nos cinemas, teatros, parques, jardins, etc. mas após a morte quando levam-na para ser enterrada, os familiares cobrem a campa com um lençol enorme para que o cadáver não seja visto. O Hijab é para as vivas e não para as mortas.

Os que detestam o Hijab, argumentam que a mulher ao cobrir-se estará escondendo a sua beleza sujeitando os homens a uma repressão sexual constante. E essa repressão degenerará no rapto, na violação e outros crimes sexuais. Argumentam ainda que a solução deste problema passa pela libertação da mulher do uso do Hijab para que os homens possam aliviar-se da pressão que tal provoca, minimizando assim o perigo decorrente da alegada repressão.

Porém, enganam-se os que assim pensam, pois se isso fosse verdade, não haveria raptos e violações e crimes sexuais nos países ocidentais, pois lá, em nome da “Liberdade Individual”, foi-lhes concedida a liberdade sexual, ao ponto de as revistas pornográficas serem vendidas em qualquer esquina. Nesses países os programas televisivos estão repletos de cenas sexuais vergonhosas. Durante o verão, as mulheres despem-se e povoam as praias vestidas apenas de fato de banho. Em nome da tal “liberdade” nalgumas praias criaram zonas para a prática de nudismo. A maior parte dos chamados “Video Shop”, alugam sem restrições cassetes pornográficas que podem ser vistas no local ou em casa.

Nos países ocidentais há casas que exibem ao vivo nas suas montras para os clientes, cenas pornográficas. E qual é o resultado de toda essa obscenidade? Consta num livro “Crime in USA”, página 6, publicado pelo governo federal dos EUA: “Que durante o ano de 1988, ocorreu na América uma violação em cada seis minutos”.

De acordo com o “Crime Victization Survey”, de 1997 para 1998, os únicos crimes violentos praticados nos EUA que

aumentaram, foram as violações e os assaltos sexuais, que subiram de um total de 311 mil em 1997 para 333 mil em 1998".
(*Jornal Notícias*, 26/7/99)

Os EUA têm o índice mais alto de assaltos de natureza sexual. Segundo um relatório do FBI do fim da década de 90, são em média reportados 1.900 casos de violação e assaltos de natureza sexual por dia.

Na maior parte dos países ocidentais, a violação e os crimes de natureza sexual são punidos com apenas alguns anos de prisão, pois segundo esse "mundo civilizado" o severo castigo que o Islã prescreve (a pena capital), é bárbaro e medieval. Que dizer então da violação e assalto sexual? Será um acto civilizado ou bárbaro? Se alguém violasse a mãe, filha ou irmã de um dos que argumentam que a pena prescrita no Islã é bárbara, será que ele manteria a mesma opinião?

O castigo recomendado no Shari'a para a fornicação contrasta com a atitude ocidental, onde a tal não é considerado crime, salvo se houver recurso à força.

Contudo, no Islã a fornicação seja ela praticada por consenso ou à força é considerada um crime, porque os direitos de outra pessoa estão sendo violados, neste caso os direitos do marido ou da mulher.

O castigo islâmico é repugnado pelo Ocidente, não porque eles detestem a tortura, mas porque moralmente são imaturos.

No passado eles também consideravam a fornicação um assalto indecente e um crime. Mas agora, em nome da liberdade, aceitam-na, parecendo-lhes por isso que as cem chicotadas prescritas como castigo, sejam cruéis. Porém, se o seu senso moral e social estivesse desenvolvido, teriam percebido que a fornicação não é um simples gozo, mas um crime contra toda a sociedade; uma infidelidade contra o parceiro de alguém, e um passo em direcção à quebra da estrutura familiar e do lar, o que causa graves danos aos dois parceiros, aos seus filhos, às suas famílias enfim, à toda a sociedade.

Actualmente as senhoras permitem que as suas filhas jovens frequentem discotecas, participem em concursos de beleza, usem vestuário de moda que deixa a descoberto a barriga, as costas e as coxas. Permitem que se pintem e perfumem exageradamente, trajem calças jeans demasiado

apertadas, calções e mini-saias para atrair o sexo oposto. E isso é uma das causas dos ataques contra as mulheres e de abuso sexual contra elas, pois tudo isso atrai os violadores e criminosos, assim como o lixo atrai as moscas. Dá a impressão que ao se vestirem assim estão a procura de homens, pois na aparência não há nada que as distingue das prostitutas.

A mistura de sexos opostos em todos os níveis da sociedade aumenta a possibilidade de fornicação e adultério que por seu lado provoca as DTS, abortos e divórcios.

DEUS ordenou o Hijab como protecção da mulher contra muitos males, pois Ele, o Criador, sabe que expôr a beleza e a ornamentação desperta paixões adormecidas e favorece o aumento de crimes sexuais, o que aliás é confirmado pelas estatísticas.

O sexo é algo inato que Deus criou nos homens e nas mulheres, para garantir a sobrevivência da espécie humana. Imagine-se o ser humano sem esse instinto.

Portanto, se a pessoa é adulta e sã e tem consciência de que o sexo é algo instintivo, então não deve cometer o absurdo de pedir que outra pessoa actue em cenas de nudismo. É facto reconhecido que uma das fontes de excitação sexual do homem é a contemplação da beleza da mulher, quer seja a sua cara, o seu cabelo ou o seu corpo.

A excitação sexual do homem não baixa nunca em presença de cenas excitantes, pois tal é instintivo. Os que acham que a solução para a chamada “repressão sexual” está na propagação de cenas excitantes e de nudismo envolvendo mulheres, numa volúpia que só termina quando a exaustão se apossa dos intervenientes, sabem que dois tipos de homens serão insensíveis a tais cenas:

- 1 - Os eunucos que sexualmente não reagem em presença de cenas de nudismo do sexo oposto
- 2 - Os sexualmente impotentes que não têm erecção em presença de cenas de nudismo do sexo oposto.

O Hijab é uma ordem Divina, constando nos Hadices que a mulher muçulmana que crê em DEUS e no Seu Mensageiro, que pratica o Salat, o Jejum, o Hajj, o Zakat, por serem ordens de DEUS, deve também cumprir com o Hijab, sob pena de não

ser considerada crente completa. Será considerada uma crente parcial, que acredita numa parte do livro e rejeita outra.

DEUS diz:

“Credes, então numa parte do livro e rejeitais a outra? E qual é a recompensa desses que entre vós procedem assim, a não ser a ignomínia neste mundo e no Dia da Ressurreição serão submetidos ao mais severo dos castigos. Pois ALLAH, não está desatento em relação a tudo o que fazeis”.

Cap. 2, Vers. 85

E diz:

“Ó crentes! Entrai no Islã na sua totalidade”.

Cap. 2, Vers. 208

O Iman (crença) válido é o que é acompanhado com a prática. Algumas meninas não usam o Hijab argumentando que os rapazes não conseguirão vê-las, se estiverem tapadas, e assim ninguém se vai casar com elas. De facto satanás é que lhes faz pensar dessa maneira, pois não há dúvidas que a beleza é um dos maiores atractivos para o casamento. Porém, não é o único, pois o Profeta S.A.W. fala-nos desse facto, e diz: “A mulher é procurada no casamento por quatro motivos: a sua riqueza, a sua família, a sua beleza, e a sua religiosidade. Faça os possíveis por ganhar a religiosa”.

Este Hadice indica-nos claramente que as pessoas não só procuram a beleza, mas também outros atractivos que podem ser menos, mais, ou mesmo iguais à beleza.

Na nossa sociedade, muitos jovens insistem em casar-se com mulheres que se vestem de acordo com as regras do Hijab e têm boa reputação. Às vezes o próprio jovem nem é tão religioso. Por isso, expôr a beleza de uma menina é arriscado e pode ser motivo para alguns jovens não se casarem com ela, argumentando que se ela ignorou a ordem Divina que prescreve o Hijab, então pode também vir a ignorar outros mandamento e até mesmo desobedecer ao próprio marido.

Há outras meninas que não usam o Hijab argumentando que ainda são muito novas, e mesmo os pais não as obrigam dizendo que, “ainda são pequenas e devem gozar a vida”. Muitas mulheres quando são novas não cobrem o seu corpo, fazendo-o quando já são velhas, mas não abrigam as suas

filhas a cobrirem convenientemente os seus corpos. Afinal qual é o limite de idade para uma mulher se deixar de considerar nova?

Será que os pais estão prontos a assumir perante DEUS no Dia da Ressurreição a responsabilidade do pecado de elas não se taparem? Eles impediram as suas filhas de usarem o Hijab dizendo que “ainda eram muito novas”. E serão interrogados, pois o Profeta S.A.W. disse: “Cada um de vós é pastor e será interrogado a cerca do seu rebanho”.

O pretexto de que ainda são muito novas, não é válido, pois ninguém sabe quando será a hora da sua morte, e ninguém tem garantia de viver mais alguns segundos adicionais. A morte pode-nos chegar a qualquer momento, pois não são só as velhas que morrem, pois também as novas morrem, mesmo sem estarem doentes, e cada um de nós tem muitos exemplos disso, devendo estar preparados a todo e a qualquer momento.

Mulheres há que quando acompanham as suas filhas (menores, não púberes) à madrassa, fazem-nas vestir o Hijab, mas elas próprias (as mães) acompanham-nas sem o Hijab. Isto é ridículo, pois quem devia usar o Hijab é a mãe, e não a filhas ainda menores.

Algumas mulheres argumentam que o Imán (Fé) está no coração, e o mais importante para elas é serem respeitadas e modestas, protegendo a sua honra, ignorando os que lhes lançam olhares indiscretos, não importando tanto a sua aparência. As que assim pensam, enganam-se, pois antes de mais elas devem saber que estão transgredindo as ordens de DEUS e do Seu Mensageiro. Dizem que a sua aparência não conta, o que está errado, pois o Islã tomou esta em consideração em muitas coisas, tendo efeito na conduta de cada pessoa.

Segundo a Lei de Sharia, quando a mulher começa a menstruar, tem que usar o Hijab, assim como consta no Hadice de Aisha, que Assmá filha de Abubakr foi ao encontro do Profeta S.A.W. trajada de vestuário transparente. O Profeta S.A.W. não lhe prestou atenção e disse: “Ó Assmá! Não é dignificante para uma menina quando atinge a puberdade que o corpo seja visto, excepto isto e isto, indicando a cara e as mãos”.

(Relato de Abu Daud)

Há meninas que perdem o seu precioso tempo vendo filmes e telenovelas, lendo revistas e fotonovelas na hora do Salat em vez de cumprirem com as suas obrigações, pensando que estas só devem ser cumpridas quando a velhice chegar, mas quando menos esperam são surpreendidas pela morte.

Não é dignificante para uma mulher muçulmana mostrar o seu corpo a estranhos como se fosse uma mercadoria a ser examinada por gente de baixa estrutura moral, entregando-se aos olhares de “lobos humanos”.

A mulher muçulmana, não pode ser moralmente tão baixa. Perante DEUS ela é muito preciosa e goza de muita consideração. Se se estiver embelezando para o seu marido isso será aceite. Um cliente quando quer comprar algo, examina o produto cuidadosamente, e quando está satisfeito, diz ao vendedor para lhe dar um novinho que não tenha sido usado e esteja ainda dentro da caixa. As nossas irmãs devem meditar bem neste exemplo.

Os detractores do Hijab, apresentam ainda outro argumento contra o seu uso, segundo o qual, cobrir a mulher colocará no desemprego mais de metade da população, pois no seu entender, a mulher ao se manter em casa a cuidar dos seus filhos ou dos interesses do seu marido e da família ou ainda a cozinhar para eles, não é produtiva, mas quando trabalha fora como secretária, tratando assuntos do patrão, ou cozinhando num restaurante, ou servindo refeições no avião como hospedeira, já é produtiva.

Algumas mulheres espiritualmente fracas ao ouvirem este tipo de afirmações ficam preconceituadas, deixando-se arrastar, pois a vontade de ir trabalhar para um patrão, onde se misturam livremente com homens, é tão forte que assume foros de obsessão. Porém tudo isso não passa de uma miragem, pois elas esquecem-se que tratar de crianças dando-lhes uma esmerada educação é dos mais dignos e sublimes deveres da mulher. Será que o labor que elas com uma natural, mas também grande mestria desenvolvem em casa não é trabalho? A família que é composta por marido, mulher e filhos é uma unidade, e parte da sociedade humana. A mulher ao contribuir no bem estar dessa unidade está desempenhando um grande papel social. Ela controla a economia dessa unidade, cria e cuida das crianças, cuida dos assuntos da casa e ainda

proporciona o descanso e sossêgo do seu companheiro.

Os que pretendem comparar o trabalho das mulheres com o dos homens, achando que estando em casa a mulher não está desenvolvendo trabalho, não se apercebem do engano em que incorrem. Assemelham-se ao que diz por exemplo que, a motocicleta não presta porque não carrega o mesmo peso que um camião. Esses, que saibam que, se a motocicleta de facto não carrega o mesmo peso que o camião, detém outras vantagens, pois penetra nos becos, nos atalhos, nas ruas estreitas, etc., onde o camião não pode chegar.

De um lado a motocicleta tem as suas funções específicas e de outro o camião também tem as suas. Se a feitura e o formato dos dois é diferente, como então podem os dois desenvolver o mesmo trabalho?

Portanto, se disserem que metade da população está paralisada devido ao facto de a mulher se manter em casa, então o inverso também será verdade, pois o homem ao não desenvolver trabalhos domésticos, cuidar das crianças, etc. está a contribuindo para que metade da população esteja paralisada. Hoje as estatísticas nacionais e internacionais revelam claramente que uma das principais causas da delinquência juvenil é a quebra dos lares e a pouca atenção que os pais dispensam à educação dos filhos.

O Dr. Sullivan, autor do livro "Alcoolism" escreve: "O emprego da mulher numa ocupação industrial normal não só envolve a desorganização dos seus deveres domésticos se estiver casada, mas também interfere na aquisição do conhecimento caseiro durante a adolescência, o que resulta numa espantosa ignorância sobre tudo o que se refere à cozinha, à limpeza, ao trato com as crianças. Torna a mulher, mãe, e trabalhadora da classe média/baixa nesse país, num dos seres mais pródigo e desamparado, e por isso força o trabalhador cujo conforto depende dela, não só a passar o seu tempo livre em locais públicos, como também contribui para que ele recorra ao álcool como um condimento necessário na sua dieta, já sem sabor e pouco digerível. Os tipos de emprego que reduzem o desempenho doméstico da mulher, são as prováveis causas do aumento do alcoolismo e da propensão para o mal, nomeadamente a sua influência na saúde da geração".

E porque não dar primeiro emprego aos homens e no caso de ainda haver vagas preenchê-las com as mulheres? Empregam as mulheres quando ainda jovens, bonitas e atraentes, porém, logo que os primeiros traços da chamada “curva descendente” se revelam, despedem-nas.

Actualmente os homens, chefes de família, estão no desemprego, pois o seu lugar é ocupado pelas mulheres, quando estas têm as suas obrigações em casa como mães e esposas.

O progresso material não trouxe grandes benefícios à mulher, pois ela já não se pode dedicar exclusivamente à casa porque vai trabalhar, tendo que desenvolver duas actividades: uma como esposa e mãe no seu lar, e outra como empregada na fábrica ou no escritório.

Anthony M. Ludovic, autor do livro, “Women, a Vindication”, escreve: “Parece eminentemente desejável dar maior ênfase do que no passado, ao ideal de matrimónio para todas as mulheres até uma certa idade, e dizer aos pais que é para o casamento que elas devem ser preparadas (sic). Qualquer outra coisa que ela possa fazer deve ser secundária, e os que através da falsa representatividade e apelos de vaidade persuadem-na quando muito nova, dizendo que há coisas melhores para ela ou pelo menos boas como a maternidade, esses são inimigos não só da mulher mas também da espécie”.

Com estas citações fica claro que o ajuntamento de homens e mulheres nas fábricas, além de desorganizar a vida familiar, causa outros males, tais como o alcoolismo, o sexo ilícito, etc. E tudo isso na sua combinação tornou nulos os benefícios, alcançados pelo aumento da produtividade industrial.

O Islã não ordena à mulher a sustentar-se a si mesma ou à sua família. Essa é uma obrigação do homem. Portanto, este é que tem que ir trabalhar e a mulher tem que cuidar dos assuntos domésticos e do lar, criar os filhos através dos quais a sociedade possa existir e prosperar.

O Islã não deseja o colapso da sociedade, antes pelo contrário, deseja o seu progresso. Quando os homens e as mulheres se misturam livremente exibindo os seus corpos e a sua beleza, há a probabilidade de se envolverem em actos que destruirão o tecido social.

Saliente-se que o Islã não impõe à mulher a confinamento

à casa e nem a proíbe de trabalhar em caso de necessidade, mas dentro dos limites do Shariah.

Tomemos como exemplo o caso das filhas de Shoaib:

“E quando (Mussa) chegou ao poço de Água de Madian encontrou junto dele uma multidão de gente (pastores) que davam de beber seus rebanhos, e um pouco distante deles encontrou duas mulheres que seguravam suas ovelhas. Perguntou-lhes: Qual é o vosso problema? Responderam: Não podemos dar de beber aos nossos rebanhos até que os pastores se tenham afastado, e nosso pai é muito velho”.

Cap. 28, Vers. 23

Aliás, de certa forma constitui obrigação da mulher trabalhar e envolver-se activamente em certas áreas de que a sociedade precisa. A sociedade estará melhor servida quando essas áreas forem preenchidas por pessoas do mesmo sexo, como por exemplo na medicina ligada à ginecologia, à obstetrícia, aos exames clínicos especiais, aos Raios X, na docência, na assistência social à crianças etc. O trabalho da mulher não deve impedi-la de cumprir com as suas obrigações maternas.

Para as mulheres cujas funções maternas e domésticas já terminaram, e que podem trabalhar a tempo inteiro noutras áreas, não havendo mal nenhum em exercerem essas actividades exteriores. Portanto, sem desequilibrar ou desorganizar a família e a vida do lar, a mulher se quiser pode trabalhar. As mulheres podem trabalhar, para seu próprio benefício ou da sociedade, na condição de que os seus deveres primários como esposas e mães sejam salvaguardados, e as regras da modéstia sejam observadas. Pode desenvolver actividades fora de casa, como uma actividade de “part-time”, para além das suas obrigações domésticas, como por exemplo em cooperativas femininas. Mesmo o trabalho part-time nas fábricas é permitido se houver secções exclusivas para elas.

Há os que acham que cobrir-se com o Hijab é sinal de retrocesso à época das carroças. Porém, os que assim pensam ignoram que o progresso não se mede pela aparência superficial, pelo vestuário, pelos edifícios ou pelas ornamentações. Isso pode ser apenas o resultado parcial de qualquer cultura.

Civilização é uma palavra que descreve as características completas da moral e do comportamento de uma nação ou

indivíduo. Civilização é respeito à liberdade individual, é respeito às ideias dos outros, é respeito aos direitos humanos, é respeito aos valores culturais e morais, é a valorização do tempo, é justiça social, é democracia.

Nenhum pai, marido, ou guardião deve proibir a sua filha, protegida ou esposa de usar o Hijab, pois ninguém tem esse direito. O Profeta S.A.W. disse: “Não se deve obedecer à criatura quando o Criador está a ser desobedecido”.

Fazer troça de uma mulher que usa o Hijab, torna aquele que a faz, káfir, porque a instituição do Hijab está no Alcorão e no Hadice.

Os versículos do Alcorão que falam do Hijab contêm as seguintes ordens:

1. A mulher não pode expôr a sua beleza e adorno, perante os estranhos excepto o que necessariamente está aparente;
2. Deve cobrir os cabelos, o colo, os seios e todo corpo;
3. O vestuário deve ser largo para não mostrar os contornos do seu corpo, e quando o vestido for justo deve-se usar sobre ele um manto;
4. O vestuário não deve ser tão vistoso que atraia a atenção do homem para a beleza da mulher, pois o Alcorão diz claramente que a beleza da mulher tem que ser escondida.
5. O vestuário não deve ser de moda masculina, pois o Profeta S.A.W. tanto amaldiçoou os homens que imitam as mulheres como as mulheres que imitam os homens”.

(Relato de Al-Bukhari)

Também não deve ser transparente ao ponto de se vislumbrar o que deveria cobrir.

O vestuário não deve ser uma imitação do estilo dos káfires, pois os muçulmanos têm que manter a sua personalidade distinta e serem diferentes dos descrentes, não apenas na prática, mas também na aparência.

Deve-se evitar que o vestuário denote fama, orgulho e vaidade, pois o Profeta S.A.W. diz: “Quem utilizar o vestuário de orgulho e fama neste mundo, no Dia da Ressurreição DEUS vesti-lo-á com o vestuário da humilhação”.

(Abu Daud, Ibn Maja)

Não há nenhuma forma ou modo específico de observar o Hijab, pois o que o Alcorão ordena aos homens e às mulheres, é que se vistam decentemente com um vestuário que cubra confortavelmente o corpo, mantendo a sua aparência agradável.

O tecido a utilizar no vestuário de Hijab pode ser de qualquer cor, pois esta não exerce nenhuma influência.

As mulheres que andam destapadas (sem Hijab) que saibam que a religião islâmica ao instituir o Hijab também garante uma velhice tranquila, pois normalmente quando se atinge a idade avançada, a menopausa entristece-as porque vão perdendo o brilho, a beleza e o charme da juventude. É a altura em que elas mais precisam da simpatia e atenção dos maridos, e o Hijab de certa forma ajuda-as a conformarem-se com a velhice que faz parte da evolução do ciclo biológico. Afasta delas a ideia de que por terem perdido o vigor sexual, os maridos poderão desposar outras mulheres mais novas.

Portanto, a mulher deve saber que o Islã quer garantir essa fase de velhice, proporcionando-lhe optimismo e segurança.

A jovem que saiba que não vai continuar bela e atraente por toda a vida, pois o avanço da idade fará com que a sua beleza murche e o vigor com que satisfazia o instinto sexual do marido diminua, e o marido sairá à rua e contemplará jovens belas ainda no esplendor da vida e a sua paixão levá-lo-á a comparar essas jovens com o que ele vê em casa (i.e., a sua esposa). Sem dúvidas que nenhuma mulher gostará desta comparação.

Portanto, o olhar do homem na rua para uma beleza exposta, fará com que o amor entre ele e sua esposa esmoreça. Mas se ele não pudesse contemplar todas as jovens na rua, o amor para com a sua mulher não seria afectado, e nem o seu instinto sexual seria despertado. E isto ocorre devido à falta de Hijab, uma das causas da quebra dos laços matrimoniais.

Portanto, ó jovem, saiba que esse que te proibiu (de andar sem Hijab), fê-lo a teu favor, para te proteger!

Segundo o “Medical Journal” da Inglaterra, o cancro maligno conhecido por “melanoma”, que era de entre os mais raros, está a tornar-se em algo constante, e o número das jovens atingidas por esse cancro está conhecendo um aumento de casos. Manifesta-se primeiro nas pernas e depois espalha-se para o resto do corpo, invade o sangue e estabelece-se no fígado

destruindo-o. A principal causa da propagação desse cancro maligno é a proliferação de vestuário curto que expõe a pele das mulheres aos raios solares por um período longo durante o ano. As roupas finas e transparentes (os biquínis, os fatos de banho e roupas curtas) não protegem o corpo contra os raios. O jornal apela aos médicos a participarem na compilação de mais dados a cerca desta doença, pois parece que se está transformando numa epidemia”.

(Jornal Al-Alam Al-Isslami, 8/06/01 n° 1700)

Portanto o vestuário da modéstia protege-nos aqui no mundo contra essas doenças malignas e também nos protege do castigo no outro mundo.

Estamos certos que quando o grau de Iman (Fé) aumentar na mulher muçulmana, ela própria é que exigirá o uso de Hijab.

É absurdo pensar que o Hijab simboliza “a desigualdade sexual” e constitui “uma prisão para mulher”. Os que adquirem a sabedoria nos “media” é que pensam assim. Os que vivem no paraíso dos loucos ao aceitarem o *slogan* ocidental segundo o qual “O Isslam oprime a mulher”, não sabem que o objectivo dos laicos e dos movimentos feministas é acabar com o Isslam.

É errado considerar a mulher muçulmana uma possessão privada do homem que de forma egoísta a impede de ser vista por estranhos.

O Isslam preserva a dignidade da mulher e repudia qualquer tentativa de domínio por estranhos. Compadeçamo-nos das mulheres não muçulmanas que exibem publicamente as suas partes privadas. O Hijab não foi instituído para degradar a mulher, mas sim para proteger a sua modéstia e honra. Será que é mau respeitá-las? Terá que andar semi-nua para ela ser considerada civilizada ou decente?

O Isslam não escraviza a mulher, antes pelo contrário, há mais de 1.400 anos que a libertou, quando na Europa ainda andava acorrentada.

Na realidade o padrão da moral estabelecido pelo Isslam, está atraindo as mulheres ocidentais. De acordo com um relatório preparado por um centro de estudos na Inglaterra, um número estimado em dez mil mulheres britânicas com formação média/superior, na maioria médicas, professoras e advogadas, abraçaram o Isslam na década passada.

A Virgem Maria, mãe de Jesus, também andou sempre coberta, sendo por isso que algumas freiras da Igreja Cristã ainda se vestem dessa maneira. Portanto se as mulheres cristãs gostam da mãe de Jesus devem vestir-se como ela se vestia, pois isso é que é sinal de amor.

Se a Igreja Cristã não consegue conservar os ensinamentos originais contidos no seu Livro Sagrado e permite que sofram alterações, adaptações e enxertos às circunstâncias da sociedade evolucionária, a culpa é dela. No Islã, os ensinamentos Divinos não podem ser alterados por humanos e nem podem ser adaptados às circunstâncias e evoluções sociais. As circunstâncias sociais é que devem adaptar-se aos ensinamentos Divinos que são aplicáveis em todas as eras e locais.

O fim de cada década no mundo moderno trouxe-nos sempre novas variantes nas inovações, não só na moda, mas também na imagem audiovisual, no uso abusivo da imagem da mulher na publicidade, nos espectáculos em clubes nocturnos, óperas, discotecas e teatros e também na prática da pornográfica, etc.

Estamos agora entrando para a era dos “gays” e com o decorrer do milénio veremos como é que será a situação da mulher relativamente ao passado, pois não há dúvidas que o passado quase sempre influencia o presente.

No passado também houve relações sexuais pré-matrimoniais e extra-conjugais assim como hoje é muito comum. Mas o que diferencia a situação do passado da actual, é o facto de hoje se estar ensinando o sexo nas escolas e não a moral, sendo por isso que muitas meninas têm a sua primeira experiência sexual aos doze anos e até mais cedo.

O homossexualismo é praticado abertamente tendo em muitos países sido legalizado. A prostituição e o adultério são prática comum, não havendo intenção por parte das autoridades, de penalizar essas práticas. Uma prostituta aborda descaradamente o seu candidato a cliente, comete-se impudicamente o adultério, pois a única condição é o consentimento mútuo entre as partes. Só o rapto e o estupro é que são considerados ofensa.

Hoje a vigilância contra a imoralidade pública tornou-se fraca e quase inexistente, pois é considerada desnecessária,

e como resultado a perversidade, a libertinagem sexual, o nudismo, a promiscuidade e a devassidão invadem tudo o que é sítio. Os teatros tornaram-se cenário por excelência, de perversidade e nudismo. Muitas residências são ornamentadas com pinturas e fotos com uma forte componente pornográfica. A prostituição tornou-se tão popular, que áreas de elite e de moda em muitas cidades tornaram-se centros para os turistas se entreterem em clubes onde o sexo é performado ao vivo.

O mundo moderno tornou-se tão repleto de temas imorais, que a maior parte dos trabalhos literários não encontra aceitação se não contiver uma componente sexual.

O sexo está tendo muita cobertura em todos os meios de comunicação. A gravidez de menores, o namoro ilimitado, os raptos, o aborto, os bebés ilegítimos não desejados e o material de nudismo são os assuntos do dia nos jornais, revistas, filmes, etc. Cada elemento novo relacionado com o sexo aumenta continuamente a "revolução e evolução sexual".

A libertinagem e a desintegração moral prevalece na sociedade. As sociedades liberais, e a promoção resultante da péssima conduta sexual e irreligiosa criaram uma cultura de ética que ultrapassa os limites da decência, chegando ao estado de perversão extrema. Contudo, os que advogam este liberalismo continuam a apresentar justificações fracas e inaceitáveis para a sua conduta perversa.

Paralelamente, regista-se uma acentuada desintegração de muitas famílias.

A diferença nos objectivos entre a forma islâmica de vida e a não islâmica, leva-nos à diferença fundamental entre os métodos de organização social adoptada pelo Islão e outras civilizações.

O objectivo do Islão é o estabelecimento de uma ordem social em que são eliminados todos os factos que possam pôr em risco a disciplina social. Por outro lado, os objectivos da civilização ocidental exigem que os dois sexos sejam colocados no mesmo campo de actividade na vida, e tudo o que possa obstruir a livre junção que proporcione oportunidades ilimitadas para que cada um usufrua da beleza e charme do outro, sejam removido.

Esta situação põe em perigo a instituição do casamento e a própria vida familiar, pois há escritores e outros intelectuais

que advogam a abolição de uma instituição tão antiga como o casamento.

Infelizmente as jovens muçulmanas deixam-se levar por preconceitos, pois assumem muitas das ideias e teorias falsas sem se debruçarem sequer na sua análise, mesmo que superficial, da validade dessas teorias.

Hoje a sociedade muçulmana precisa de senhoras inteligentes, capazes, enérgicas e sinceras na fé, para organizarem um movimento islâmico activo e efectivo para a defesa dos interesses das mulheres, onde alistem os seus filhos, pois o esforço individual da mãe na educação dos seus filhos, embora seja louvável, revela-se actualmente inadequado para enfrentar os males que estão junto à porta das casas dos mais piedosos.

Como é que queremos que os nossos filhos cresçam no amor à virtude e ao Islam, quando tudo o que eles aprendem fora de casa e na escola é contra os princípios sagrados?

Se a mulher muçulmana se refugiar em desculpas para não tomar uma atitude enérgica contra esta situação por alegadamente estar ocupada com afazeres domésticos, familiares ou profissionais deixando que a situação se degrade cada vez mais, então só podemos esperar que os nossos filhos adolescentes se interessem apenas pela moda, cinema, música e discotecas.

Os nossos filhos enveredarão por esses caminhos, não porque estejam possuídas de mau instinto, mas porque o ambiente que os cerca não tem nada de melhor para lhes dar senão práticas que só os levam à devassidão.

Para combater este mal, as mulheres muçulmanas devem unir-se e colaborar no estabelecimento da sua própria escola primária a fim de guiá-los na sua boa educação.

Segundo a RTP no seu bloco noticioso do 6/7/2001, as autoridades mexicanas decidiram colocar carruagens separadas para homens e mulheres nos metropolitanos, para acabar com o assédio sexual e atentado ao pudor por parte dos homens, pois nas horas de ponta quando há grandes concentrações, há os que se aproveitam e têm atitudes indecorosas, para além de outros graves problemas sociais como o rapto, as violações, o estupro, etc.

Esta medida de separação de sexos tomada pelo governo

mexicano, de certa forma vai ao encontro daquilo que o Islã recomenda há mais 1.400 anos. Se o México, que decretou tal medida fosse um país islâmico, teria já sido apelidado de “fundamentalista”.

Consta que certa vez uma jovem decidiu ocupar-se em assuntos ligados ao “Daãwat” (propagação) ensinando o Din a outras meninas, desde que ela tomou consciência da vida. Fazia tudo isso sómente para agradar a DEUS e para obter a salvação no Akhirat.

Entretanto aconteceu algo que ninguém imaginava. Repentinamente ouviu-se a notícia: A fulana faleceu!

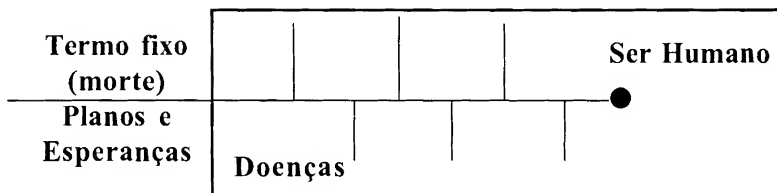
A notícia teve o efeito de um relâmpago, pois as pessoas que a ouviram, sentiram tamanha dor nos seus corações como se tivessem sido fulminados, pois a sua incredulidade devia-se a dois aspectos:

- 1 - Ela era absolutamente saudável, porém a morte não distingue entre o saudável e o doente, nem entre o grande e o pequeno e nem entre o homem e a mulher.
- 2 - Ela era muito querida por todos, pois DEUS colocou nos corações de todos os que a conheciam um grande amor para com ela. Portanto, todos se entristeciam e choravam a sua morte.

E assim, essa mulher que passou a sua vida na obediência, no Taqwa, na prática de boas acções, e no Daãwat (chamamento) para o caminho de DEUS, deixou este mundo.

Porque ela ainda era jovem, a sua família depositara nela grandes esperanças. Porém, socorramo-nos da explicação dada pelo Profeta S.A.W. Segundo Abdallah Ibn Massud R.T.A., o Profeta S.A.W. uma vez traçou no chão um quadrilátero, e no interior traçou um segmento de recta que saía para fora desse quadrilátero. Em seguida traçou outros segmentos de recta perpendiculares ao primeiro segmento, e disse: “Este (o quadrilátero) é o ser humano e cada lado constitui a sua delimitação. O segmento que se estende para além do quadrilátero são as suas esperanças, planos e anseios, e os pequenos segmentos perpendiculares são as doenças e outros males que o atingem”.

(Al-Bukhari)



Pouco tempo depois, a família iniciou os preparativos para o funeral daquela jovem piedosa. Compraram um “kafan”(mortalha) simples, branco, e em seguida colocaram o seu corpo numa tábua para o lavarem. Imagine-se um momento desses, em que um corpo é virado de um lado para o outro, inerte e sem qualquer opção. Depois de amortalhado levaram-no para o Massjid para se fazer o Salat-ul-Janaza. Não parecia ser a mesma pessoa que quando viva performava o Salat e nesse mesmo Massjid participava no ensino das lições de Alcorão e proferia palestras.

Eis que é colocada perante o Imam e as pessoas, e o Imam começa a fazer o Salat-ul-Janaza e o seguinte duã: “Ó DEUS perdoe-lhe, sê Misericordioso para com ela, perdoe-lhe, sê generoso com o lugar reservado para ela no Jannat, amplie a sua campa, lave-a com água, gelo e granizo (isto é, abrangê-la com todo o tipo de misericórdia e perdão), purifique-a de todos os pecados e falhas assim como purificaste a roupa branca da sujidade, troque a casa dela (do mundo) por outra melhor, proporcione-lhe uma família melhor que a família dela, introduza-a no Jannat e proteja-a do castigo do Cabr e do castigo do fogo”.

(Musslim)

À seguir o Imam fez o último takbir fazendo o salam e terminando o Salat-ul-Janaza. Imediatamente os familiares e os presentes carregaram o Maiyt (cadáver) nos ombros em direcção à campa.

O Janaza (caixão) dizia: “Quão grandes foram os momentos em que a alma dessa jovem piedosa saiu para os céus e os

anjos abriram as portas dos céus para receberem-na, embora o corpo estivesse ainda aqui na terra”.

Estes são os momentos em que o Janaza fala. O Profeta S.A.W. diz: “Quando o defunto é carregado nos ombros dos homens, se o mayit tiver antes sido uma boa pessoa, diz: “ai de mim, para onde é que vocês me estão levando? Essa voz é ouvida por todos menos pelo ser humano. Se este ouvisse, desmaiaria”.

(Al-Bukhari)

Sub'hana Deus! Caro leitor, o que acha que o Janaza dessa jovem piedosa teria dito? Deve ter dito: “Acelerem, acelerem os vossos passos para que eu me apresente perante DEUS a fim de receber as minhas eternas recompensas”. Deve ter dito isso, pois ela era piedosa, morreu praticando boas acções, e toda a gente admirava-a e elogiava-a, e fez-lhe o Salatul Janaza.

O cortejo chegou ao cemitério acompanhado de uma multidão. Um dos familiares desceu para dentro do coval para o derradeiro momento da deposição do corpo da jovem. O cadáver foi trazido para junto do coval, e foi entregue aos que estavam no seu interior para o depositarem, assim como mandam as regras islâmicas, pois DEUS diz:

“Da terra vos criamos, e para ela vos devolveremos, e dela vos ressuscitaremos outra vez”.

Cap. 20, Vers. 55

Quão angustiantes são esses momentos! Só a visão da campa mexe com os nossos corações. Ó DEUS! Tenha Misericórdia da nossa solidão nas campas.

O corpo da jovem foi depositado pelo seu flanco direito, ficando assim virado para o Quibla, e o homem que a estava sepultando fez de terra um suporte para servir de almofada à sua cabeça. Em seguida abriu os nós do kafan e depois as pessoas passaram-lhe blocos de areia com os quais cobriu a campa alinhando-os uns a seguir aos outros. Quando terminou, veio para fora da campa e todos então começaram a deitar areia com as suas mãos, dizendo: “Em nome de DEUS, e na tradição de Rassulullah”. A campa foi preenchida com terra até ao nível do chão e nela foi colocado um sinal para que mais

tarde o local fosse reconhecido pelos familiares que a visitassem e por ela orassem, pois o Profeta S.A.W. diz: “Qualquer irmão que saudar ou orar quando estiver passando pela campa de um irmão que tivesse conhecido em vida, DEUS devolve momentâneamente a alma desse defunto para que ele retribua a saudação”.

Depois de se preencher a campa com terra, alguns presentes disseram: “Pedí a DEUS para lhe dar firmeza, pois agora será interrogada”.

(Abu Daud)

Sub'hana Deus! Ela de seguida será interrogada? Quais serão as suas respostas?

Os seus familiares acompanhados pelos demais presentes, iniciaram o regresso após terem depositado o corpo da sua querida filha no cemitério, numa cova estreita, refém das suas próprias acções.

O Profeta S.A.W. diz: “Três coisas acompanham o defunto ao cemitério. A sua família, a sua riqueza e as suas acções. Duas dessas três coisas regressam, sendo elas a sua família e a sua riqueza. Ele fica apenas com as suas acções”.

Que momentos difíceis e perigosos para o defunto!

O Profeta S.A.W. disse: “Quando o servo é colocado na campa e os seus familiares regressam, ele ouve até o ruído dos seus passos, e então dois anjos vão ter com ela, fazem-na sentar-se e perguntam-lhe: “O que é que dizias a cerca desse homem? (em alusão a Mohammad)”. Se ele for um bom crente dirá: “Eu testemunho que ele é Servo e Mensageiro de DEUS”. Então diz-se-lhe: “Olha para o teu lugar no inferno. Deus trocou-o para ti, por um outro no Paraíso”. Diz ainda o Profeta S.A.W. que lhe são mostrados os dois lugares.

Se for um descrente ou hipócrita responde: “Não sei, eu dizia o que as pessoas diziam”. E então ele é castigado, gritando de tal modo que todos ouvem menos os humanos e os Jinn.

O que teria sido daquela jovem piedosa?

Ela estava naquele momento com “Mun`kar e Nakir” numa cova estreita, escura, longe do pai, da mãe, dos irmãos ou das amigas. Entretanto, no dia anterior estava entre os seus familiares e amigas, dormindo em camas macias, e de repente

via-se deitada na areia. Quando vestiu a sua roupa jamais imaginava que outra pessoa lhe despiria.

Certa vez Omar Bin Abdul Aziz acompanhou um funeral, e no fim, quando todos saíram ele ficou atrás. Depois de se juntar de novo aos seus companheiros, estes perguntaram-lhe o motivo do atraso em sair, ao que respondeu: “Quando estava a sair, uma campa chamou por mim e disse-me: “Ó Omar Bin Abdul Aziz, tu não me perguntas o que é que eu faço com os queridos amigos”? Eu respondi: “Sim, diz-me lá”. A campa respondeu: “Rasgo as mortalhas, disperso os corpos, sugo o sangue, consumo a carne. Não me perguntas o que é que eu faço com os pedaços?” Respondi: “Sim, diz-me lá”. E ele disse: “Separo as mãos e os pulsos do cotovelo, e as coxas dos joelhos, e as pernas dos joelhos, e os pés das pernas”.

A seguir Omar chorou e disse: “Sabei que a permanência no mundo é reduzida. O jovem nele envelhece, o vivo morre, o nobre humilha-se e o rico empobrece. Não se iluda esse que o vê a aproximar-se dele, pois da mesma forma é muito rápido a ir-se embora”.

Ilude-se aquele que se orgulha por aparentemente viver bem neste mundo. Onde é que estão os seus habitantes que construíram os seus palácios e canais? O que é que a terra fez com os seus corpos, e os vermes com os seus ossos e partes do corpo? Onde é que está a sua riqueza? As línguas com que eles falavam e os olhos com que eles viam? E o que é que os vermes fizeram das suas caras bonitas e dos corpos elegantes e macios?

Deixaram os amplos jardins e estão agora num lugar apertado. Onde é que estão as finas roupas que eles usavam? As roupas de verão e de inverno?

Ó tu que vives na ilusão, julgas que vais ficar para sempre e daqui não vais sair?

É assim que os mortos passam os anos nas campas. Muitos que aqui viviam felizes lá estão tristes, e muitos outros que aqui viviam tristes, lá estão felizes.

Portanto, cada um de nós deve ser inteligente e saber optar por aquilo que ele deseja para si, não se deixando enganar pelo brilho, paixões e prazeres deste mundo.

A mulher que está transgredindo (ao não usar o Hijab, ao exhibir o seu corpo) deve reflectir bem. Que tal se a morte lhe

chegar nesse estado de transgressão, como suportará o castigo de DEUS, será que ela não tem medo do Qabr e da sua escuridão? Não tem medo do Dia de Ressurreição e da prestação de contas?

Ela deve saber que não há salvação, excepto com o temor e obediência a DEUS, evitando tudo o que provoca a Sua ira.

Vimos como a morte chegou à tal jovem temente, que passou a vida na piedade, ensinando as outras mulheres. DEUS colocou nos corações das pessoas o amor para com ela e todos lembravam-se dela com saudades.

Que dizer da morte de uma mulher que passou a vida a transgredir? Será que as pessoas lembrar-se-ão com todo amor e elogios? Não. E os exemplos de Abu Lahab e das mulheres de Nuh e Lut, e de muitas outras que seguem os seus passos são claros.

Devemos pedir Tauba agora, e não quando entrarmos na agonia da morte. Devemos imaginar o dia em que deixaremos este mundo e os nossos olhos deitarão lágrimas perante a separação com os nossos familiares, o coração despedaçando-se com remorsos pelos erros e pecados que praticamos, e pelas oportunidades de prática de bem que desperdiçamos.

Nesse dia não poderemos voltar atrás!

وَمَا تَوْفِيقِي إِلَّا بِاللَّهِ عَلَيْهِ تَوَكَّلْتُ وَإِلَيْهِ أُنِيبُ

F I M

FICHA TÉCNICA

Título: A Mulher no Isslam - Volume II

Autor: Sheikh Aminuddin Mohamad

Edição: Instituto Islâmico Hamza - Matota

Fotolito, Impressão e Acabamento: Académica, Lda.

Tiragem: 10.000 Exemplares

Ano: Abril 2002

Número de Registo: 2065/RLINLD/2002

República de Moçambique

**AUMENTE O SEU CONHECIMENTO
LEIA AS NOSSAS PUBLICAÇÕES**

- 1 — Mohammad (S.A.W.) - O Mensageiro do Deus
- 2 — Duás e Rituais
- 3 — História do Al-Quran e regras de Tajwid
- 4 — Juzz Ammá e Alf-Lam-Mim com tradução em Português
- 5 — Dez Capítulos de Al-Quran com tradução em Português
- 6 — Os Pilares da Fé
- 7 — A Demolidora dos Prazeres
- 8 — Umra, Haj e Ziyárat
- 9 — Duás de Haj, Umra e Ziyarát
- 10 — Manual Isslâmico com Khutbas
- 11 — Histórias Seleccionadas do Al-Quran Vol.1
- 12 — A Mulher no Isslam Vol.1 e Vol.2

Brevemente será publicada a seguinte obra:

— Histórias Seleccionadas do Al-Quran Vol.2

Estas e outras publicações poderão ser adquiridas nos seguintes locais em Maputo:

BIBLIOTECA FIUZUL ISLAM

(Junto ao Masjid de Malhangalene)

C.Postal, 1999 - Telef./Fax: 416107

BIBLIOTECA DO MASJID HAMZA

(Cidade da Matola)

Telef.: 720583 - Matola

C. Postal, 60 - Maputo

BIBLIOTECA DO MASJID ANUARIL ISLAM

(Xipamanine)